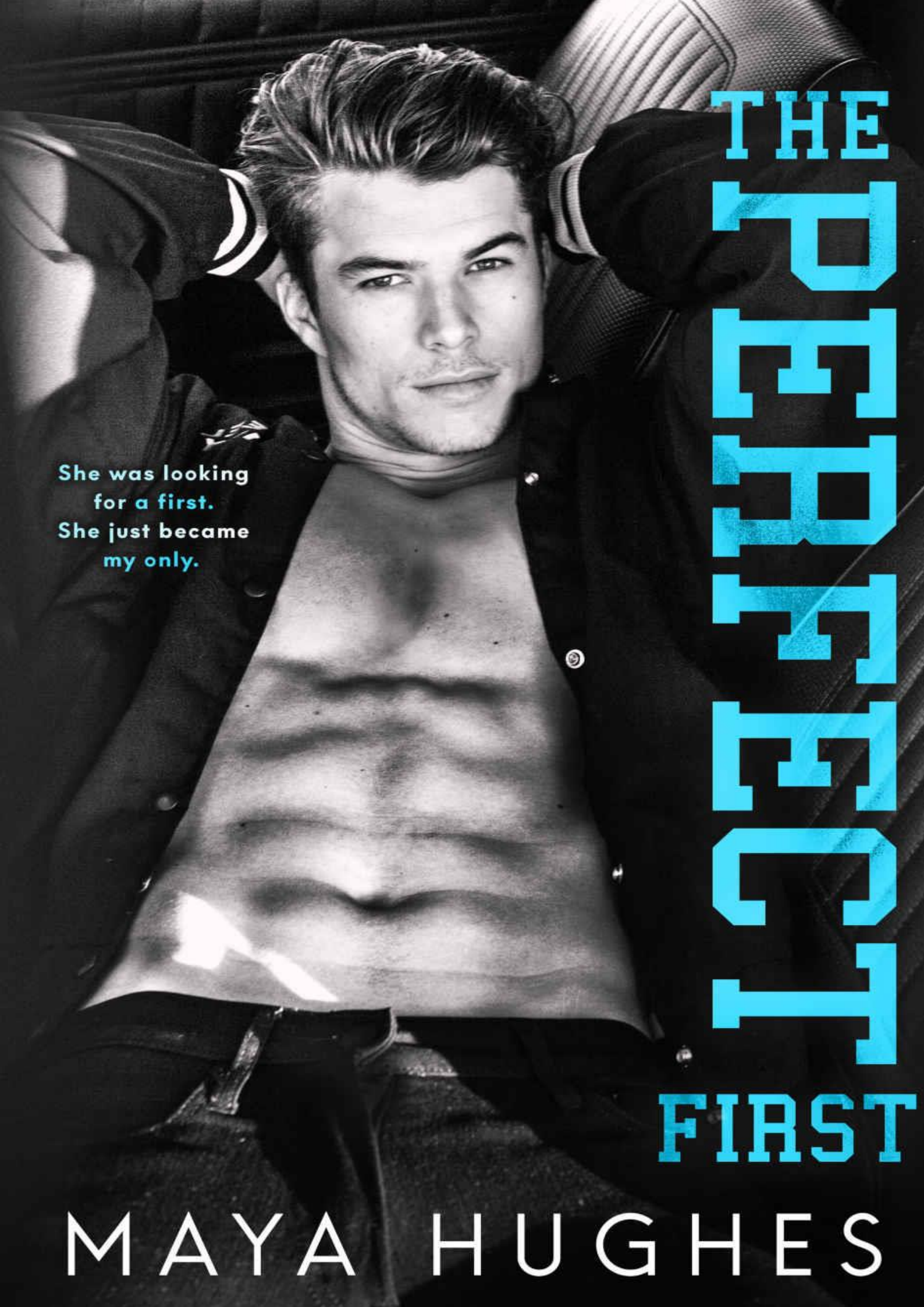
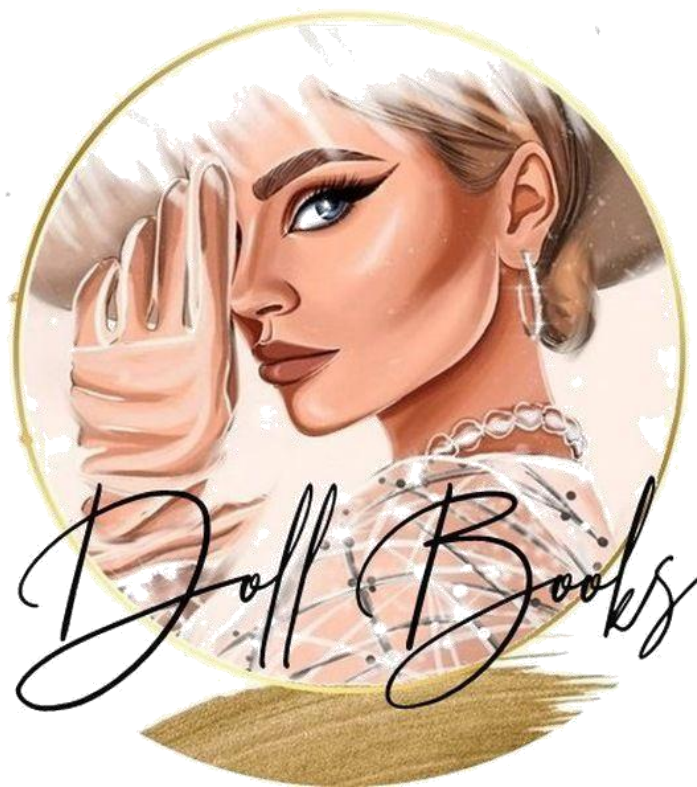




She was looking
for a first.
She just became
my only.

THE ONLY FIRST

MAYA HUGHES



TRADUÇÃO: PATRICIA
REVISÃO INICIAL: ANA
REVISÃO FINAL: TAVINE
LEITURA FINAL: KAROLINE
CONFERENCIA: DENISE, IRIS & LORELAI
FORMATAÇÃO: IRIS

THE PERFECT FIRST

MAYA HUGHES

"Quanto tempo você dura na cama?" Essas foram suas primeiras palavras para mim, seguidas rapidamente por: "E quão grande você diria que é?"

Perséfone Alexandre. Gênia da matemática. Amante de blazers. A única garota que conheço que pode fazer as tranças da Heidi parecerem sexy como o inferno. E ela está em uma missão. Perder a virgindade até o final do semestre.

Entrei em sua sessão de entrevista para candidatos em potencial (quem é que faz isso?) E vi direto pela sua fachada de durona. Ela tem uma lista de desejos a realizar, como se só tivesse meses de vida. Decidi ser seu guia em todos os seus desejos, exceto um. Alguém tem que mantê-la longe de problemas. Eu tenho uma regra, sem sexo. Nós até apertamos as mãos a favor disso.

Vou ajudá-la a encontrar o cara certo para o trabalho. Alguém como ela não precisa de alguém como eu e minha enorme ... bagagem, pela primeira vez.

Bebendo em um bar. **Ok.**

Festejando a noite toda. **Duplo Ok.**

Nadar pelada. **Triplo Ok.**

Ela é diferente de qualquer pessoa que eu já tenha conhecido. As paredes que eu coloquei em volta do meu coração estão caindo aos pedaços a cada toque que incendeia minha alma.

Eu sou o primeiro a quebrar as regras. Um beijo eletrizante muda tudo e de repente eu não quero ser apenas o primeiro dela, quero ser o único. Mas o plano dela foi escrito antes de eu entrar em cena e agora estou determinado a fazê-la reescrever seu futuro comigo.

Para quem já desejou ser forte o suficiente para mudar o seu futuro

1

REECE

O respingo gelado do Gatorade tomou conta de mim. Inclinei a cabeça para trás, pulverizando sobre todos que ainda estavam de pé ao longo da margem do campo. Se eu tinha que lidar com a limpeza dessa coisa grudenta, todos os outros também teriam. Riachos dele correu pelas minhas costas, encharcando minha camisa e almofadas. Essa porcaria era uma merda para tirar do equipamento, mas caramba, era bom ganhar.

Agarrando as ombreiras de LJ, passei meu braço em volta do seu pescoço e o sacudi. Seu cabelo castanho estava todo emaranhado e espetado com o suor. Ele era o nosso tight end¹, meu companheiro de quarto, e um dos caras mais frio na equipe. Talvez Keyton seja mais tranquilo, e que foi provavelmente por isso que eu arranquei aquele touchdown² do seu aperto. Se um cara relaxa não consegue pegar a intensidade do jogo.

— Um destes dias suas apostas não vão se pagar, mas porra, é incrível quando o fazem. — LJ bateu com o punho no meu peito, mas seus lábios se curvaram em um sorriso. Sua sobrancelha com uma cicatriz reta se levantou.

Eu sorri e balancei meu cabelo, pulverizando chuva, suor e Gatorade em cima dele. Ele me empurrou para trás antes de correr para comemorar com o resto da equipe. Ombreiras e capacetes colidiram um com o outro. Braços voaram para o ar. Os fãs Fulton U pularam nas arquibancadas, sacudindo o chão sob meus pés. Eu me deleito com seus aplausos e cantos, me virando e olhando para todas as pessoas, levantando o braço para todos os que tinham ficado junto com a gente durante a chuva. O barulho ficou ainda mais alto, enchendo o estádio. Eu pensei que depois do que aconteceu na offseason³, as coisas no campo tinham mudado, mas ganhar fez com que todos esquecessem essa merda.

¹ O Tight End (TE) é uma posição ofensiva do futebol americano. O TE às vezes é o último homem na linha ofensiva.

² Touchdown é uma pontuação do futebol americano e do futebol canadense. Ela vale 6 pontos e é conseguido com o jogador cruzando a linha de gol sem ser obstruído.

³ Significa algo como “fora de temporada”. No caso dos atletas, fora de temporada das competições.

Meu corpo cantarolou com a eletricidade e adrenalina da multidão e a vitória. Nós não estávamos nem no meio da temporada e já se falava de um campeonato.

Gostaria de saber como o meu pai podia andar longe disso. É o que me faz me sentir vivo, e eu não estava desistindo de nada. Eu vivi por estes momentos.

— Número 6, baby! — Nix também conhecido como - *Phoenix* - meu outro companheiro de quarto, QB⁴ da equipe, e meu melhor amigo, gritou no meu ouvido, quase me derrubando. Seus olhos azuis brilhantes, os mesmos olhos que deixam as mulheres loucas, praticamente iluminou o lugar. Meninas em cima da arquibancada gritaram nossos nomes. Suas bochechas avermelhadas sempre ganham esse tipo de atenção fora do campo.

— Prometa que vai deixar alguém pegar um passe pelo menos uma vez nesta temporada. — Ele bateu as ombreiras contra nas minhas costas.

— É o que se ganha por passar a bola para alguém, sendo ele muito lento, o que não é minha culpa. — Eu dei de ombros. Envolvendo meus dedos com mais força ao redor da máscara do meu capacete, puxei o colarinho da camisa para fora da minha pele. Hora de um banho e uma festa.

A multidão de companheiros de equipe, treinadores, jornalistas e funcionários nos cercaram quando entramos no túnel. Ombreiras, capacetes e demais equipamentos bateram nas paredes de concreto e o ruído ricocheteou no espaço pequeno. Depois de uma vitória, era quase ensurdecedor.

Nix abriu a porta do vestiário. LJ saltou para nós com seus braços em torno de nossos ombros.

— Conferência de imprensa em primeiro lugar. — O treinador Saunders agarrou-me e Nix por nossas camisas, derrubando LJ. Seu cabelo grisalho fazia ele parecer um político, mas ele preferia ter um bebê do que se aproximar de um. Enquanto alguns ex-profissionais se deixaram levar, ele não o tinha. Ele sempre correu junto com a gente, principalmente para manter a putaria no mínimo. Se ele ainda poderia nos acompanhar, não tínhamos desculpas. Ele odiava tudo fora dos jogos e prática. Seu rosto sempre parecia que estava indo para o pelotão

⁴ Quarterback.

de fuzilamento, mas seu olhar atual foi reservado para LJ. Eu não tinha ideia do que ele tinha feito para merecer isso, mas eu estava feliz que não era eu a pessoa receber esse olhar.

— Para o chuveiro, Lewis.

LJ não tinha que ser mandado duas vezes e correu para dentro do vestiário. Ninguém sabia o que ele tinha feito para irritar o treinador, mas, porra, ele tinha feito um trabalho fenomenal. Se olhares pudessem matar, LJ estaria morto e enterrado há meses. Foi muito tenso entre os dois desde o início da temporada, e LJ não iria desistir da negação de nos dizer o porquê.

— Posso tomar um banho rápido em primeiro lugar? — As pontas dos meus dedos roçaram a alça de metal. Fãs cantando eu poderia lidar. Repórteres insistentes empurrando microfones na minha cara? Não é minha ideia de diversão. As perguntas invasivas da última primavera e o julgamento em seus olhos tinham picado depois de tantos anos vendo apenas o lado adorado da mídia. A reação tinha sido como um chute a gol para as bolas.

O treinador ignorou o meu pedido, nos empurrando para o lado e no corredor. — Vamos acabar logo com isso.

Puxando na frente da minha camisa senti a secagem lenta e a umidade grudada na minha pele.

— Não se preocupe, eles ainda vão achar que você é bonito. — Nix sussurrou em meu ouvido quando ele bagunçou meu cabelo grudento com as mãos grandes. Ele fez uma careta e as limpou em suas calças. — Nojento, cara.

— Isso é o que você recebe.

O treinador abriu a porta. Os flashes me cegaram temporariamente conforme nos sentamos atrás da mesa frágil no pequeno palco na frente dos repórteres. Isso era algo que eu precisava me acostumar. Manchas dançavam na frente dos meus olhos. Mordi o interior das bochechas para manter meu rosto neutro. O treinador deu um tapa em sua cartilha e apontou um dedo carnudo para a primeira repórter.

A mulher se levantou e olhou diretamente para mim.

— Reece, como se sente, adicionando outro touchdown da vitória para suas estatísticas? — Ela manteve os olhos em mim com a caneta

posicionada acima do seu bloco de notas. A sala inteira estava pendurada em cada palavra minha. A tensão em meus ombros aliviou e eu rodei essa merda.

Inclinei-me para o microfone. — Me sinto muito bem, e eu estarei feliz com ele em todos os jogos daqui até o campeonato.

— E quanto a roubar o passe de seu próprio companheiro de equipe? — Um cara encostado na parede na parte de trás gritou a pergunta.

A cabeça de todo mundo se virou para ele.

— Keyton estava perfeitamente alinhado para a interceptação. Você contornou o campo e agarrou-o em suas mãos.

— Quem é você, seu pai? — Os cantos de minha boca correram para baixo. — Se ele tivesse sido mais rápido ele teria chegado. Fim da história. — Keyton não era exatamente o melhor sob pressão. Eu tinha feito um favor a todos com esse obstáculo.

— Como seus companheiros de equipe se sentem sobre o drama em torno de você no final da temporada passada?

Eu olhei para o repórter presunçoso. Este era o quarto jogo da temporada e não ouvi nem uma palavra sobre a offseason. Talvez por isso eu tinha chegado embalado em uma falsa sensação de segurança. — Eu não fiz nada de errado, e se alguém tem algo a dizer sobre isso, eles podem ir se f... — O microfone foi golpeado para fora da mesa e o treinador se virou para mim, em seguida, agarrou meu braço.

— Phoenix, termine aqui, — Ele rosnou por cima do ombro.

Os flashes reiniciaram quando passamos e os gritos nos seguiram para o corredor quando a porta se fechou atrás de mim.

— Meu escritório, agora. — Ele gritou, em seguida, se afastou.

Abrindo e fechando os punhos, eu o segui como uma criança que está sendo enviada para o escritório do diretor. Ele abriu a porta e saiu do caminho para me deixar entrar. Essa merda estava na ponta da minha língua, mas eu queria manter minhas bolas ligadas ao meu corpo, então eu decidi manter esse sentimento em segredo.

Ele bateu a porta atrás dele, sacudindo o vidro. — Eu estou doente e cansado de suas besteiras exibicionistas. Eu pensei que depois da última temporada você poderia ter um pouco mais de humildade.

Depois da temporada passada, eu tinha uma aversão saudável com o sexo oposto e ainda mais segurança de que na minha carreira profissional esse é o meu primeiro e único foco. — Nós estamos ganhando jogos, não estamos? — Eu sentei em uma das cadeiras em frente de sua mesa. *Divirta-se esfregando esta coisa grudenta quando eu sair. Deveria ter deixado eu tomar banho primeiro.*

— Ganhar não é tudo o que importa. — Ele jogou a cartilha sobre a mesa. Os papéis que estavam em torno sopraram para trás e uma foto emoldurada de uma menina com tranças caiu no chão. Eu peguei. A menina parecia estranhamente familiar, mas ele nunca falou sobre ter uma filha antes. Coloquei de volta em sua mesa.

— Tenho certeza que o seu salário e os meus projetos de perspectivas falam de forma diferente. — Me inclinei para trás na cadeira e cruzei as pernas na altura do tornozelo.

Ele virou de costas para mim e apoiou as mãos atrás da cabeça, bloqueando os dedos. O grande anel de ouro do campeonato na mão direita brilhava à luz.

Eu me atirei para a frente. — E eu tenho certeza que você teve que fazer um monte para conseguir esse anel.

Virando-se, ele olhou para mim. — Eu não estava lá fora no campo sozinho, e nem você. Keyton estava lá para esse passe. Ele o tinha e você quase nos custou o jogo.

— Mas eu não fiz. — E eu não tinha toda a temporada.

— Se você quiser fazê-lo no Prós....

Eu fechei meus lábios e olhei para o teto.

Ele deu um passo à frente, para a direita em minha linha de visão. — Se você quiser fazer os Prós e realmente ter uma carreira depois, você precisa limpar essa atitude. Ninguém quer trabalhar com um exibido, e se não trabalhar em conjunto, nenhuma equipe lá fora vai querer lidar com você. Eu lido, porque você ganha jogos, mas quando se trata da

NFL⁵, eles têm prima donnas⁶ maiores que podem dar voltas em torno de você.

Os músculos do meu pescoço se contraíram e meus olhos se estreitaram. Eu gostaria de ver alguém tentar passar por mim.

— Você é um grande jogador, não me interprete mal, mas há muito mais, quando se trata de fazer isso a longo prazo. Essa deveria ter sido a jogada de Keyton e você sabe disso.

Cruzando os braços sobre o peito, eu olhei para ele, tentando abrir um buraco através do seu cabelo. Talvez poderia ter sido a jogada de Keyton, talvez ele teria deixado cair. Ele tinha quatro em cada dez passes completos sob pressão, e eu não ia deixar que ele parasse a equipe de chegar ao campeonato.

— Eu quero que você fale com alguém.

— Eu não estou falando com um psiquiatra.

Ele virou a cabeça e levantou uma sobrancelha. — Eu não estava falando de um terapeuta, mas talvez você deva ver um. Estou falando de alguém para ajudá-lo a lidar com a mídia, alguém para ajudá-lo a aprender a pelo menos parecer gracioso na frente de uma sala cheia de repórteres.

O treinador se sentou em sua mesa, colocou os óculos e começou a digitar em seu computador, clicando o mouse de vez em quando. O ponteiro do segundos do relógio de seu escritório marcava cada vez mais alto. Talvez eu não deveria ter feito o que eu fiz, mas eu não ia deixar ninguém entrar no meu caminho quando se tratava de conseguir o que eu queria, nem mesmo o meu próprio companheiro de equipe. Esta era a minha vez de brilhar, para mostrar para os batedores que tipo de jogador que eu poderia ser... mas talvez aprender a suavizar as coisas um pouco não seria ruim.

— A carreira profissional média é de três anos, dois para receptores meia boca, mas se você for uma escolha na primeira rodada, que vai até nove. Não faça uma equipe ter dúvidas sobre você por causa de sua atitude. — Ele estendeu um pedaço de papel com tinta azul rabiscado nele.

⁵ É a National Football League, liga esportiva profissional de futebol americano dos Estados Unidos

⁶ Pejorativamente, significa pessoa temperamental (ou cheia de pose, difícil de agradar).

Eu não ia ser um covarde.

Eu não iria embora até que estivesse pronto.

Eu não ia acabar como meu pai.

— Tudo bem, vou encontrar com ele.

— Ela. — O treinador olhou por cima dos óculos. — E eu não estava lhe dando uma escolha.

Eu sai de seu escritório e fui para o vestiário. Parecia que eu tinha perdido a celebração. Ombreiras, capacetes e garrafas estavam espalhados pelo chão.

Keyton saiu dos chuveiros com uma toalha enrolada na cintura e outra no pescoço. Ele a correu sobre seu cabelo, tentando secar seus fios castanhos. Ele sempre o manteve curto, como as crianças ricas que costumavam me provocar no ensino médio. Mas ele não era como eles. Keyton havia se transferido dois anos antes, um cara quieto que estava principalmente preso a si mesmo. Ele passou andando.

— Escuta, cara, eu não vi você lá fora, ou eu não teria ido para a bola. — Eu estendi minha mão.

Ele olhou para mim, seus dedos apertando a toalha. Houve um clarão em seus olhos, o mesmo tipo que eu tinha visto quando os caras têm seu ponto de ebulição. Ele era apenas dois centímetros menor do que eu, mas quando as pessoas têm esse olhar, eles podem ser imprevisíveis.

— Sim, você teria. — Em seguida, o olhar se foi, soprando direto, passando como uma pena ao vento. Ele sorriu e apertou a minha mão, me batendo no ombro. — Não se preocupe com isso. Eu vou bater em você na próxima.

Eu sorri de volta para ele. — Eu tenho certeza que você vai. — Sem *chance*.

Correndo para o chuveiro, eu me lavo. Esfregando minha pele para tirar os restos da bebida grudada fora de mim, então em seguida volto para o vestiário. Eu me sequei e sentei na frente do meu armário. Meu olhar disparou até o banco, e olhei debaixo dele. Minha frequência cardíaca pegou. *Que diabos?*

Pulando para cima, abri meu armário e fico congelado. O sangue drenado para fora do meu rosto. O fundo do meu armário estava vazio. Finalmente capaz de formar palavras, eu gritei: — Onde diabos estão os meus tênis?

— Seus tênis? — Nix sentou ao meu lado com seu cabelo hippie e um sorriso de comedor de merda.

— Não brinca comigo! Eles são de uma edição limitada Adidas. — O par vintage que tinha comprado durante o verão. Os mesmos que eu implorei aos meus pais, mas eles tinham negado uma e outra vez, quando todo mundo na equipe tinha um par no nono ano. Como filho de um ex-jogador profissional, eu tinha um alvo crescendo nas minhas costas. As expectativas foram muito altas não apenas pela forma como eu jogava, mas também pela forma como vivíamos.

— Você é pior que uma garota, cara. — Colocando a mão ao redor de sua boca, ele enfrentou o resto da sala. — Alguém entregue os tênis antes que ele desmaie.

Berkley passeou fora do box do chuveiro com um sorriso largo mostrando suas covinhas imbecis. Seu cabelo preto pingava água em todos os lugares, porque ele se recusava a usar uma toalha, apenas para balançá-los durante a secagem no ar.

— Você fez isso, não é? — Eu apontei para ele como uma velha bruxa do mal pronto para transformá-lo em um sapo.

— O que? Você quis dizer esses de tamanho 45 que estavam mais uma vez em cima das minhas roupas? — Berk agarrou o par de tênis impecável de cima dos armários atrás de mim e empurrou-os em meu peito.

Recuperando-me do ataque do linebacker, eu embalava essas belezas com listras vermelhas e brancas nos meus braços. — Você acha que eu estou colocando eles em qualquer lugar agora?

— Da próxima vez que você colocar seus tênis na minha roupa, eles irão tomar um banho de Gatorade, assim como você. — Ele deslizou seus pés em seus tênis surrados e maltratados, que já não tinham qualquer cor visível que não seja cinza, assim como os que eu usei no último semestre do ensino médio. Não era que nós não tínhamos dinheiro, mas o meu pai só tinha jogado profissionalmente por alguns anos e depois disso, as coisas não foram fáceis. Se você não

conseguir um contrato gordo, você estava ferrado, para mim significava ser selecionado na primeira rodada ou fracassar.

— E eu vou raspar suas sobrancelhas enquanto você dorme. Eu não vou colocá-los no banco sujo.

— Mas você vai sentar sua bunda nele? Você tem algumas questões prioritárias. — Ele balançou a cabeça, molhando todos ao redor como um cão após uma chuva torrencial, e botou uma camisa.

— Só porque você usou o mesmo par de tênis desde o primeiro ano não significa que alguns de nós gosta de parecer que tiramos do lixo.

— Eles são confortáveis. — Ele deu de ombros e agarrou sua bolsa. — Você voltou para o Brothel?

Eu me encolhi e abotoei meus jeans. — Você não pode simplesmente dizer casa? — O termo era uma sobra do nome da casa de fraternidade que tinha sido antes de serem expulsos campus e nos mudarmos. Theta Beta Sigma, também conhecido como The Bed Shakers Brothel⁷.

Havíamos passado o último ano desinfetando o local, encontrando preservativos amontoados em lugares que não tinha que estar. O nome pegou após os inquilinos anteriores saírem e o Brothel nasceu, gostando ou não. Não ajudou que nossa equipe foi os Trojan. Os Trojan da universidade Fulton, ou os Trojan FU como era muitas vezes gritado no estádio, o volume sempre chegando a um ponto ensurdecador. Ser conhecido como um *homem puta*⁸ não tinha sido um grande negócio, e eu aprendi de uma maneira dura que não era fácil apagar um conceito preconcebido de alguém sobre você, uma vez que está se estabeleceu.

— Nossa casa tem uma reputação a defender. — Ele sorriu, se divertindo com o pensamento da quase constante atenção que recebeu dentro e fora do campo. — Mas você está certo, talvez você deva apenas se enfiar em um buraco na biblioteca para estudar os novos passes enviados pelo treinador.

— Não há nenhum novo passe necessário, apenas pegar a bola para mim. — Eu me virei, peguei minha bolsa, e segui para fora. Havia pessoas penduradas em torno das saídas como sempre.

⁷ O Brothel dos Sacudidores de Camas

⁸ Referência ao antigo nome da casa em que eles moram.

As meninas que esperavam em torno após os jogos sempre ficam ansiosas, às vezes muito ansiosas. Eu tinha visto mais do que alguns caras se queimar ao longo dos últimos três anos. Última vítima: eu.

— Ei, Reece.

Sorria e acene. Isso era mais seguro. Não quer dizer que eu era um monge, eu só não quero bater em tudo que se move, especialmente não agora, e nunca sem ter certeza de que ela saiba que eu não tinha relacionamentos e eu com certeza não ia ser ticket refeição de ninguém.

Havia pedaços de papel dobrados sob meu para-brisas, bem ao lado uma calcinha de renda rosa brilhante com um número de celular rabiscado nela. *Cara, eu espero que essa não esteja usada.* Pelo menos era melhor do que a temporada anterior: malditas roupas de bebês e mamadeiras. A rapidez de como a notícia se espalhou. Celeste tinha deixado a escola, mas o boato ainda estava agitado sob os bilhetes e high fives.

Abrindo meu porta-malas, peguei meu raspador de gelo e joguei os papéis e a calcinha fora do meu carro. Os números escritos nos papéis foram dissolvidos assim atingiu o solo úmido.

Eu ri e entrei no carro. Se as coisas eram assim na faculdade, eu percebi que os profissionais devem estar lidando com insanidades. Papai tinha perdido a cabeça por se casar antes dele sequer ser selecionado, não que a mamãe não fosse incrível. Eles eram embarçosamente nojentos no amor, mas porra ele ficou de fora. Então, novamente, ele teve mais do que futebol indo para ele. Ele se formou na faculdade com grandes qualificações e tinha assumido o negócio do meu avô.

Meu péssimo 2.3 do GPA não iria me garantir nada além de um lugar em uma grande loja. Ser profissional era minha chance, e eu não iria desperdiçar.

Passei pelo campus para entregar um papel antes de dirigir para o Brothel, e a festa já tinha começado quando cheguei. Essas festas tinham morrido por um tempo, mas estavam em pleno vigor agora. Estacionando ao redor do quarteirão, sentei no carro e coloquei minha outra face de jogo. Eu poderia ser o Reece que tinha sido antes. Eu precisava ser.

Neve lamacenta e gelo picado rangia sob os meus tênis. O maldito sal na calçada ia estragar os sapatos. Toques de mão e colisões de peito

vieram em meu caminho, as pessoas andando de um lado para o outro, passando de casa em casa procurando a melhor festa que pudessem entrar. Líderes de torcida foram chamadas das casas ao nosso redor. Eu acenei por cima do ombro para todas as pessoas penduradas em suas varandas me recebendo em casa.

Subindo os degraus, abri a porta já rachada. O baixo da música vibrou no chão. Bati a porta quando fechei e um mar de cabeças virou.

Apoioado contra ela, eu me preparei para o ataque dos foliões, já mais do que algumas bebidas na cabeça, me encheu com a sua apreciação, ou seja, em bebidas e abraços de irmãos. As lâmpadas normais que tínhamos trocado por luzes de festa deu a casa um brilho de clube.

Cerveja e álcool, suor e meninas, perfumes e loções com cheiro de frutas estavam tão pesado no ar que eu podia sentir o gosto. Enquanto outros caras lutaram para impedir que suas festas se tornassem um festival de salsicha, nós nunca tivemos qualquer dificuldade para preencher o lugar com as mulheres. A reputação do Brothel tornava difícil mantê-las fora, especialmente quando os Trojan que estavam no interior faziam parte do time mais vitorioso na história FU.

Festas literalmente apareciam do nada. Barris de cerveja na porta da frente, copos plásticos vermelhos entregues às centenas. Certa vez, nós tínhamos trancado a porta durante um fim de semana de jogo e quando chegamos em casa a janela da frente foi quebrada, a trava fechadura na porta quebrada, e dentro uma festa de embriaguez completa. Às vezes nós temos que ceder à corrente do oceano, e nós não queríamos ter que pagar por novas janelas e fechaduras depois de cada jogo.

O piso de madeira iam ser uma merda para limpar, mas demos esse trabalho para LJ e Berk desde que eram juniores. Cartazes de filmes pendurados nas paredes. *Die Hard*, *Terminator*, *Kill Bill*, e, claro, *Rocky*. Os dois sofás e a cadeira na sala foram empurrados contra a parede dos fundos para tentar protegê-los dos danos da festa. Não era que eles eram bons ou qualquer coisa; nós apenas não sentíamos vontade de sentar no chão nos próximos seis meses até a formatura.

Berk e LJ assumiram seu lugar na mesa de ping-pong na sala de jantar, e eles gritaram e acenaram para mim. Nix mantinha a corte na cozinha enquanto Keyton e alguns dos outros caras da equipe ficavam na sala de estar com os copos nunca vazios de cerveja em suas mãos.

Eu estendi meus braços na minha frente, acenando para cima e para baixo.

— Quem está pronto para ir para a porra do campeonato? — Eu coloquei minhas mãos em volta da minha boca para a última palavra, todo mundo gritou, e uma chuva de cerveja começou. Eu precisava mudar estes tênis ou eles iriam ficar encharcado.

Tocar esta parte sempre foi fácil, e eu não tinha feito nada que eu precisasse esconder. Eu precisava mostrar-lhes que não havia uma razão para eu estar envergonhado — logo depois que eu tirei meus tênis no andar de cima. Mais toques de mão foram distribuídos por pessoas esperando na escada, na fila para o banheiro. Felizmente, eu tinha meu próprio banheiro. Destrancando minha porta, eu deslizei para dentro. Nós tínhamos aprendido da maneira mais difícil a trancar os nossos quartos durante uma festa ou você veria que coisas estavam faltando, ou pior, as pessoas transando na sua cama.

Uma pilha amarrotada de roupas estava no centro da minha cama, a mesma pilha que migrou para o meu colchão e de volta para o chão, uma vez que estava suja novamente. Havia um cordão de luz que minha irmã tinha colocado quando ela veio “*ajudar*” na mudança, se por “*ajuda*” ela queria dizer me enganar e tentar fugir para uma festa no campus.

Minha mesa estava empilhada com livros, e vários papéis foram empurrados entre as páginas. Com práticas de dois treinos ao dia, eu não tinha começado toda a organização antes que o semestre começasse.

Eu coloquei meus tênis junto com a pequena coleção que eu tinha acumulado ao longo dos últimos anos. Eu não estava entrando em brigas com mais ninguém, pensando que eles eram melhores do eu por causa de um par de tênis de merda, nunca mais.

Eu troquei por um par velho que era perfeito para acidentes de festa e corri de volta para baixo. Mãos deslizaram em volta da minha cintura e no meu bolso de trás. Alguém bateu um copo de plástico vermelho na minha mão. Era bom estar no auge.

2

SEPH

— Você me aprovou vindo aqui. — Meu violino estava no sofá, oscilando na borda da almofada. Eu andei na sala de estar. Conversar com ele no meu quarto parecia que eu estava sendo enterrada em um caixão. As paredes começaram a se fechar e eu mal conseguia respirar. Nosso apartamento era um estudo em opostos. Minha caneca de café estava ao lado da cafeteira que eu havia comprado, *Be Happy* estava rabiscado na frente em um roteiro bobo.

— Eu disse sim porque o Dr. Huntsman estava lecionando aí e você disse que concordou em examinar seus estudos. Agora, o dr. Mickelson está de volta a Harvard.

À exceção de duas molduras rosa com fotos de Alexa, minha companheira de quarto, não havia muita personalidade no lugar. Nós ficamos presas juntas durante os últimos setenta e três dias, não que eu estava contando. Seus outros amigos estavam todos estudando no exterior durante o semestre, um fato que ela me disse, pelo menos, trinta vezes desde que tínhamos ido morar juntas, como um lembrete de que não havia nenhuma maneira no inferno que ela teria me escolhido como uma companheira de quarto de outra forma.

— Eu me comprometi a estudar aqui. Você sempre me ensinou a seguir com meus compromissos. — Não que eu já tivesse tido uma escolha.

Os pratos de Alexa estavam tentando sair da pia enquanto falávamos. Eu jurei uma destas manhãs de que eu acordaria e algo sairia das profundezas dessa bagunça e enrolaria seus tentáculos viscosos em volta do meu pescoço e tentaria me arrastar pelo ralo.

Peguei uma roupa íntima usada dela com as pontas de dois dedos e a atirei em cima da pilha crescente na extremidade do sofá. Suas roupas estavam sobre quase todas as superfícies do apartamento. Listras de esmaltes correram pelo braço do sofá que tinha vindo com o apartamento, mas perder meu depósito de segurança era a menor das minhas preocupações naquele momento.

— Você está sendo irracional, Persephone.

Eu me encolhi. Meus ombros praticamente entupiram meus ouvidos. Ninguém me chamava de Persephone, exceto meus pais, meus professores e tutores... o que significava que todos me chamam de Persephone. Eu poderia dizer que meus amigos me chamavam de Seph, mas então eu precisaria de alguns amigos, não é?

— Eu mal vou ter dois anos aqui. Não creio que isso vai jogar meu futuro para fora do caminho.

— Mickelson é o melhor de seu campo. Ele poderia ter notificado a todos que ele voltaria para Harvard mais cedo.

Eu tinha certeza de que estava no topo de sua lista quando retornar de sua licença depois que sua esposa morreu.

— Este ainda é um ótimo programa. Vou terminar a minha licenciatura e então poderemos falar sobre estudar mais. Há tempo.

— Não se você quer ser excepcional. — O som de estalo da sua mandíbula quando ele estava excepcionalmente irritado enviou um arrepio na minha espinha.

Eu massageava meu ombro com a mão livre. — É uma escola da Ivy League, pai.

— Você sabe que a escola teve o maior percentual de vencedores medalha Fields⁹ na última década?

— Harvard, — Eu murmurei ao mesmo tempo que ele disse isso. O prêmio de matemática cobiçado era tudo que ele tinha falado por tanto tempo quanto eu poderia lembrar, desde que eu tinha cinco anos.

— Sim, eu sei. — Eu estava sentada na beirada da cadeira como se ele estivesse lá pairando sobre mim. Embora ele estava me ensinando a partir de algumas centenas de milhas de distância, eu ainda não conseguia afastar a sensação de que seus sapatos cuidadosamente engraxados estavam sendo pressionado com mais força para o centro do meu peito.

⁹ Trata-se de uma medalha concedida para pessoas que fizeram contribuições relevantes para as ciências matemáticas. Também conhecida como "Medalha Internacional de Descobrimientos Proeminentes em Matemática", a Medalha Fields é concedida a cada quatro anos, no Congresso Internacional da União Internacional de Matemática (IMU), a dois, três ou quatro matemáticos, normalmente com até 40 anos de idade. Para muitos, é a maior honra que um matemático pode receber, sendo comparada com um "Prêmio Nobel".

— Você será a mais jovem vencedora.

— Eu vou fazer tudo em meu poder para vencer, se você deixar eu me formar em Fulton em primeiro lugar

— Estou feliz que você disse isso. Tenho falado com os seus conselheiros.

Isso não é proibido? Eu tinha dezoito anos agora; ele não deveria ser capaz de falar com eles sobre mim. — Eles não têm um registro completo de todos os cursos da faculdade e exames que você já fez. — Houve uma fatia de censura em sua voz. — Portanto, parece que você vai ser capaz de formar um ano antes do que previsto.

O sangue foi drenado do meu rosto. Era outubro. Eu só tinha estado na Filadélfia há dois meses, mal tinha conseguido viver sozinha, e ele já estava tentando me levar de volta para Boston em menos de sete meses. O quarto nadou na minha frente e eu me inclinei contra o braço da cadeira.

— Por favor, pai.

Sua zombaria descontente veio alta e clara. — Nós não dedicamos nossas vidas, sacrificando tudo para que você pudesse jogar fora o seu futuro. Você vai ser a mais jovem vencedora da medalha Fields. — Houve uma finalidade às suas palavras, a mesma que havia quando ele me disse, em termos inequívocos, que eu não estaria frequentando a escola pública. Ou quando ele disse que não, eu não poderia ter uma festa do pijama com uma menina da vizinhança que eu tinha conseguido fazer amizade durante o curto período de tempo que eu fui autorizada a brincar no nosso bloco. Ou quando ele me disse que o violino já não importava e que era para eu não tocar mais.

Talvez meus pais deveriam ter verificado comigo primeiro sobre o que eu queria fazer. A porta do apartamento se abriu e Alexa entrou. Ela era uma bola de energia ruiva. O verde era acentuado em tudo o que ela usava e combinavam com seus olhos. Hoje, foi uma boina esmeralda que reteve seus cachos. Ela parecia uma princesa de desenho animado. Pena que ela foi escalada como minha vilã muito real.

— Você está certo. Eu sinto muito. — Eu arrastei meus dedos pelo cabelo e apertei a parte de trás do meu pescoço.

— Este é um tempo valioso. Registros estão sendo quebrados por todos os lados e você será deixada na poeira se continuar adiando as coisas.

Talvez eu não queria ser a graduada mais nova de Harvard a ganhar uma medalha Fields.

Talvez eu não queria o equivalente a um Prêmio Nobel de matemática.

Talvez eu só queria ser normal um pouco, mas essas discussões sempre levaram a conversas ainda mais desconfortáveis e dolorosas.

— Eu já comprei o seu bilhete de Ação de Graças. Sua mãe está ansiosa para vê-la. — Não ele. Nunca ele.

— Posso falar com ela? Eu queria perguntar sobre uma coisa. — Um pouco de conselho maternal sobre como fazer amigos, uma palestra estimulante como aquela quando ela me levou para o parque em nossa vizinhança antes que o papai decidisse se misturar com aquelas crianças. Você sabe, as crianças normais, que corriam ao redor, ralavam seus joelhos, e faziam tortas de lama. Aparentemente, isso não me fornece quaisquer benefícios intelectuais adicionais, por isso não foi permitido. Não é como se brincar fosse algo que as crianças gostassem de fazer. Era quase como se ele nunca tivesse sido uma criança. Talvez ele tivesse saltado do ventre como ele estava agora, totalmente crescido e frio.

Eu olhava pela janela para as crianças do bairro montando suas bicicletas, jogando tag, ou apenas perseguindo um ao outro com um pau nos gramados, enquanto eu estava aprendendo a fórmula quadrática. Que criança de seis anos de idade não amaria isso?

— Ela está fazendo o jantar e eu prefiro não a perturbar. Você sabe o quão rápido ela pode se desviar. Ela queimou as batatas na semana passada...

Como se um telefonema de sua filha não valesse a pena o jantar estar na mesa um pouco mais tarde do que exatamente na hora. Eu mordi de volta as palavras. — Claro. Vou tentar novamente outra hora.

— Temos reuniões para você quando estiver aqui durante o intervalo. Esteja preparada.

Meus dedos apertados ao redor do celular. — Estou ansiosa por isso. — Não importa quantas vezes eu disse não, era como se minhas palavras fossem apenas sugestões, ou pior, aborrecimentos.

— Adeus, Persephone.

— Adeus, pai. — Eu terminei a chamada e coloquei o celular no balcão mesmo que eu sentisse vontade de jogá-lo pelo quarto.

— Então, você não é apenas um androide com estranhos? É com a sua família também. — O sorriso de Alexa era como aquelas meninas nos filmes, as mal intencionadas, que governavam a escola com um punho de ferro. Talvez fosse por isso que todos os seus amigos tinham corrido para outros países assim que tiveram a chance. Oh, que sortudos.

Deixei escapar uma respiração profunda com os meus dentes juntos. — Oi, Alexa. — Virando, eu mantive meu rosto neutro. Os companheiros de quarto da faculdade supostamente não eram amigos que você tinha para o resto da vida? As pessoas que você chamaria para estar em seu casamento ou um padrinho para seus filhos?

Ela se jogou no sofá, quase derrubando o meu violino no chão.

Eu mergulhei para o instrumento e agarrei meu arco, que ficou no meio do caminho preso sob sua bunda.

— Dan está vindo daqui a pouco, então por que você não corre para o seu quarto e se tranca? Não quero que você fique exposta a qualquer um dos meus maus hábitos. — Ela sacudiu os dedos para mim, nem mesmo olhando para cima a partir de seu celular. Eu fui dispensada.

Não era assim que as coisas deveriam ser. Faculdade era para ser o maior momento da minha vida, a chance de fazer amigos para a vida toda. Mas pessoas que sobraram na loteria da habitação para uma adição de última hora, provavelmente, não eram o melhor material de amigo.

— Eu não me importo. Ele parece muito legal.

Ela bufou, olhou para cima, e revirou os olhos. — Ele não está interessado. — Sua risada era como unhas em um quadro, seu olhar treinado no celular.

Fiquei ali com violino e arco debaixo do meu braço, minhas mãos abrindo e fechando na minha frente antes de desistir, arrumei meu instrumento, e fui para meu quarto. Por que isso era tão difícil? Por que eu não podia simplesmente dizer algo para ela? *Alexa, você é uma cadela e não faria mal nenhum se você pudesse ser um pouco mais agradável. Por que você não vai para o seu quarto quando você está com um cara de novo?*

O namorado dela era uma presença constante em torno do apartamento, e suas escapadas sexuais tornou-se minha trilha sonora de dormir ao longo dos últimos dois meses. O monstro de olhos verdes feio elevou sua cabeça mais de uma vez durante aqueles momentos. Era tão fácil para ela, para eles, inferno, para todos fazerem conexões.

O pequeno vaso de plantas no peitoril da minha janela era a única cor em toda a sala, violetas que eu peguei onde elas foram descartadas sob um banco no campus. Eles tinham nos dado para celebrar a nova orientação estudantil. A planta solitária, e terra derrubada no chão, era a única coisa que eu tinha conseguido para personalizar meu quarto. Foi a primeira coisa nova que eu havia adicionado ao meu quarto, que era diferente de livros.

Olhei para o lugar gritante. Paredes brancas, edredom branco jogado sobre minha cama, tudo arrumado na minha mesa, nada fora do lugar. Pegando uma pilha de blocos com código de cores, joguei-os no ar. Houve uma chuva de arco íris ao meu redor enquanto eles se agitavam no chão.

Apertando minhas mãos, eu resisti à vontade de pegá-los. No dia seguinte, eu iria comprar algo colorido. Eu não ligo para o que era, mas havia uma nova proibição de qualquer coisa branca, cinza, bege, ou preto. Chega de neutro. Era hora para as cores. Era hora de ser ousada.

Eu sentei na frente do meu laptop e conectei ao portal do aluno. Navegando para o fórum de discussão, eu verifiquei as diferentes linhas de assunto. *Tutores necessário. Grupos de estudo. Itens perdidos.* Depois, havia a seção mais pessoal. Às vezes as pessoas iam postar sobre alguém que tinha visto na quadra e queria encontrar de novo.

Raiva por meu pai e Alexa – e eu – fervia em minhas veias. Talvez houvesse uma maneira mais fácil, algo que iria matar alguns pássaros com uma pedra. Eu poderia fazer algo completamente fora do personagem, já que ficar no personagem não me fez nenhum favor. Eu

precisava ser proativa. Se eu quisesse finalmente começar a viver, eu precisava dar um salto na minha vida.

Ao clicar no link para o namoro, eu abri um novo tópico anônimo. Amigos necessário. Meu dedo encravado na tecla de backspace. Quão estúpido isso soou? Patético. Ir grande ou ir para casa, Seph. De preferência grande, porque ir para casa como exatamente a mesma pessoa que eu tinha deixado seria além deprimente.

A porta da frente do apartamento abriu e o grito do Alexa indicou que seu namorado, Dan, tinha chegado.

Seus passos pesados no corredor foram acompanhados pelos sons deles arranhando um ao outro. Eu me preparei. Em poucos minutos eles geralmente estariam batendo contra a parede como se estivessem no meio de um apagão e seus corpos iriam fornecer a eco localização para escapar do prédio.

— Ei, Seph! — Ele gritou ao passar pela minha porta aberta. Eu abaixei minha cabeça. A voz abafada de Alexa não escondeu seu descontentamento. Ele era a única pessoa que me chamava de Seph.

Com meus dedos prontos em cima do teclado, os sons de Dan e de Alexa soaram através da madeira fina de sua porta. Dei um pulo e fechei a minha. Bati minha cabeça contra ela e, em seguida, olhei para a tela do computador.

Dan e Alexa foram de volta naquele cavalo, montando-o até o seu último suspiro. Fechar a porta não tinha ajudado. Se fez qualquer coisa, a madeira estava conduzindo o som direto no meu cérebro. Me afastando da porta, caminhei de volta para o meu computador.

A solidão que me atingia quando eu estava em torno de pessoas era pior, de alguma forma, do que quando eu estava sozinha. Quando havia outras pessoas na vizinhança, meus pulmões queimavam como se eu estivesse me afogando na frente deles e ninguém se importava. Eu não tinha ninguém, e eu estava cansada disso.

Esqueça amigos – eu queria mais. Eu queria agarrar este pequeno sopro de vida que eu tive, e eu poderia muito bem fazer isso, certo? Eu não iria começar pequeno e trabalhar o meu caminho, não havia tempo para isso.

Eu iria grande, iria tão grande que todo o resto pareceria minúsculo em comparação.

Tão grande que iria apagar o medo que eu tinha de nunca saber o que é se sentir livre.

Eu faria dessa primeira vez nunca ser esquecida.

Talvez se eu só fizesse isso, pulasse com os dois pés, eu poderia finalmente ter um gostinho do que eu estava procurando e as coisas mudariam. Ele não se seria tão assustador.

Respirando fundo, eu me sentei na cadeira.

Até o final deste semestre, eu não vou ser mais uma virgem.

Eu não tenho tempo para esperar encontrar alguém em um café ou seguir o protocolo “normal” para o namoro. Fazia dois meses e eu ainda não tinha feito um amigo ainda; como eu deveria encontrar um namorado? Não, isso estava fora. O relógio de contagem regressiva estava passando. Eu não tinha tempo para encontrar alguém e me apaixonar. Eu tinha sete meses de vida, a vida de um estudante universitário “normal”. Era agora ou nunca.

Olhando para a tela, eu digitei

Você gostaria de ser meu primeiro?

Eu fiz o meu post o mais claro possível. Procurando por um colega, de preferência um júnior ou sênior para me ajudar com a perda de minha virgindade. Um questionário completo e profundo seria necessário. Eu ia definir a hora, data e local para as entrevistas.

Os gemidos do quarto ao lado mandaram eu colocar meus fones de ouvido sem fio. Eu os liguei e olhei para a tela. Mozart ajudou a afogar o pornô acontecendo a poucos metros do meu quarto. Não era nem mesmo noite. Não era a noite quando as pessoas tinham relações sexuais? À noite, sob a cobertura da escuridão depois de uma garrafa de vinho?

Andei e olhei para a tela antes de puxar um bloco de notas para anotar meus prós e contras de fazer isso.

Perder a virgindade.

Prós:

Finalmente saber o que sexo é.

Desfrutar parte da experiência da faculdade/idade adulta.

Ir contra o que os meus pais querem.

Fazer algo em meus próprios termos.

Viver.

Contras:

Pode não corresponder às expectativas.

Pode pegar uma doença.

Pode engravidar.

Batendo o caderno sobre a mesa, eu olhava para ele. Os contras eram todas as coisas que eu poderia viver com ou que poderiam ser evitados por ser inteligente e usar proteção, e as prós eram boas demais para deixar passar. Com meus dedos acima da tecla enter, eu os enrolei de volta em um punho. Será que eu realmente quero fazer isso? Eu quero que este seja o jeito que de perder minha virgindade? Isso não me faz uma total perdedora?

Não era como eu tivesse muitas opções durante meu curto espaço de tempo, a não ser pedir aleatoriamente para os caras na rua. Pelo menos desta maneira tinha um processo de habilitação. Colocando meu dedo sobre a tecla enter, eu olhava para o que eu tinha escrito. Era provavelmente algo desesperado e insano, e provavelmente ninguém iria responder.

Uma mão pousou no meu ombro e eu pulei, inadvertidamente, apertando a tecla. Pânico disparou em linha reta até a minha garganta como se tivesse engolido um inseto. A página recarregou e um grande *Enviado* piscou para mim. O que eu fiz? Tirando meus fones, girei na cadeira.

— Seu celular ficou tocando sem parar por tipo, dez minutos. — Um suado e ligeiramente ofegante Dan estava no meu quarto com um lençol enrolado na cintura. Ele balançou o celular para mim. Meu olhar estava trancado em seu peito nu. — Terra para Seph. — Ele acenou com a tela brilhante na frente do meu rosto.

— Desculpe. — Agarrei-o fora de sua mão, me atrapalhando e quase deixando o celular cair no chão.

— Está tudo bem. Alexa só fica irritada quando algo me distrai. — Ele deixou o quarto, fechando a porta atrás de si. Um pouquinho do lençol ficou preso na abertura da porta e saiu enquanto ele voltava para o quarto de Alexa.

Quando me inclinei na cadeira, ela deslizou para trás, batendo na mesa. Lentamente cai fora do meu torpor, balançando ao redor e olhando para o post que eu tinha acabado de colocar. Ele já tinha oitenta visualizações. Se eu pudesse vomitar, eu o faria. *Merda!* Não havia como voltar atrás agora. A hiperventilação teria que esperar até mais tarde.

Eu queria suar, ficar louca, enrolar os dedos dos pés depois do sexo, droga. Eu queria sentimentos intensos e finalmente deixar ir pelo menos uma vez. Isto foi uma coisa boa; não havia razão para um surto. Eu virei uma nova página no meu caderno. Isso não ia ser a minha única primeira vez. Antes de eu partir para uma vida de teoremas, bibliotecas velhas e empoeiradas, e as expectativas esmagadoras que ameaçavam me engolir toda, eu faria isso um ano eu nunca esqueceria, um que eu olhasse para trás quando o trem de carga da minha vida voasse pelos trilhos e eu não tinha voz ao seu destino. Este ia ser o ano de estreias perfeitas.

3

SEPH

Eu passei meus dedos em torno da caneca azul clara e segurei meu celular entre minha orelha e meu ombro. Uma trilha de vapor subiu do chocolate quente com mini marshmallows. Eu estava sendo absolutamente indulgente, e tentada a olhar por cima do ombro para o olhar de desaprovação do meu pai. Cheirava como brownies e Natal, bem, como eu imaginei que o Natal cheirava em filmes e vitrines em lojas, aconchegante e confortável, assim como este lugar.

Desde que eu estava em Uncommon Grounds¹⁰, o café não era muito longe do meu apartamento, e por um tempo, eu levei algum tempo para ler sobre o menu. Café preto era o meu padrão. Era o que eu fui treinada para beber. Meu pai sentiu que nunca houve tempo para as coisas frívolas como açúcar ou leite. Agora chega. Meu primeiro, *primeiro*.

Eu pedi uma bebida para cada hora que eu estaria lá e pedi para que me entregassem na hora. Percebi que isso me daria algo para fazer com minhas mãos enquanto eu encontrava possíveis... pretendentes? Encontros? Companheiros de foda? Eu não acho que eles inventaram uma palavra para exatamente o que isso era.

— Você já foi em algum encontro? — A voz melódica da tia de Sophie acalmou alguns dos meus nervos.

— Eu só estou aqui há dois meses. — Embora, eu esperasse ter mais do que um encontro em poucos minutos. Eu pensei que talvez eu deveria ter pedido um muffin ou uma fatia do bolo de café. Este lugar cheirava a uma padaria e um café tinha entrado em uma briga. Sentada na cabine, eu poderia ter enrolado e ido dormir, isto é, se eu não tivesse há cerca de vinte minutos de entrevistar candidatos para a minha desvirginização.

— E eu tenho certeza que seu pai tem o temporizador de contagem regressiva até que ele volte para a roda de hamster. — Eu podia imaginar seu rosto comprimido do outro lado da linha, com base em quão curtas e cortadas suas palavras eram. A irmã de minha mãe,

¹⁰ É o nome do campus.

minha tia Sophie, era uma influência terrível e uma desgraça, de acordo com o meu pai. Ela também era minha pessoa favorita no mundo.

— Não é uma roda de hamster. Há um monte de coisas que eu posso realizar se eu continuar no caminho que eles definiram para mim.

— Como morrer solteirona e só ficar cercada por homens cinquenta anos mais velho.

— Hey, alguns deles são talvez apenas vinte anos mais velho. — Eu puxei o celular para longe do meu ouvido, fechei os olhos, e depois espiei a tela antes de trazê-lo rapidamente de volta para ouvir.

— Escute, se você quiser fugir desse circo permanentemente, você sabe que eu tenho um sofá-cama com seu nome nele.

— Eu acho que seria mais como correr para o circo, pelo menos é o que a mãe diz.

— Só porque eu faço malabarismos não significa que eu sou uma palhaça.

— Não se esqueça do trapézio.

— Trapézio é um excelente treino, mocinha. Sua mãe é, na verdade, a pessoa que começou comigo em todas essas coisas bobas. — Apesar de ter quase cinquenta anos, ela foi muitas vezes confundida como a filha da minha mãe, e não sua irmã. Eu não sabia quem dizia mais sobre minha mãe ou tia Sophie.

— Ela fez? Eu não posso imaginar minha mãe se soltando assim.

— Sim, ela fez. Eu costumava chamá-la de selvagem. Minha louca irmã mais velha... — Sua voz soava distante como se estivesse em outro lugar, talvez há muito tempo atrás. Eu gostaria de poder ter conhecido minha mãe antes dela conhecer meu pai. Se ela fosse parecida com a tia Sophie, eu não conseguia nem imaginar como ela e meu pai tinha acabado juntos.

Limpando a garganta, minha tia rapidamente mudou de assunto.
— Como está a sua colega de quarto?

— Ainda a mesma. Ela é muito boa.

— Você não pode mentir para mim, garota. Ela é uma cadela colossal, não é?

— Nós ainda estamos começando a nos conhecer.

— Você não pode deixar as pessoas passarem em cima de você. Isso só te leva à se enfurecer com as coisas dentro de sua cabeça. Solte-se e tire essa vara fora do seu rabo.

— Tia Soph! — Eu fiz um balanço de como eu estava sentada na cabine de Borgonha e deixei minha espinha relaxar. Olhando em volta para todos os outros nas mesas e cabines ao meu redor, soltei meus ombros, deixando-os contornar um pouco. Minhas pernas fizeram um leve rangido contra o vinil enquanto eu me movia. *Por favor, não deixe ninguém pensar que eu estou aqui soltando pum.*

As pessoas se sentavam em mesas altas com seus laptops, fones de ouvido, cabos de energia e pilhas de blocos de anotações empilhados ao lado enquanto bebiam xícaras de café. Ninguém sequer percebeu que eu estava lá.

— Desculpe, você está certa. Eu tenho boca suja. Mas um dia desses você vai tirar, criança, e quando o fizer, só saiba que você não está sozinha, ok?

— OK.

— Eu vou tentar ir para o Natal deste ano, assim eu consigo ver você. Eu juro que eu vou estar no meu melhor comportamento.

Uma risada escapou dos meus lábios. — Da última vez que você disse isso, papai levou quase uma semana para se acalmar.

— Aqueles brownies estavam deliciosos.

O sino sobre a porta tilintou. Minha cabeça emergiu, e eu olhei por cima da cabine. Um grupo de pessoas entrou. Não, não para mim. Eu ainda tinha quase vinte minutos antes da hora que havia listado no meu post.

— Mamãe não parava de rir por quase 24 horas, nem mesmo em seu sono. — Aquela grande veia na testa do papai latejou por 3 dias inteiros. Foi o mais feliz que eu tinha visto a minha mãe em muito tempo.

— Estou feliz. Ela precisava de um tempo, mas eu juro, nenhum assado desta vez.

— Ou quaisquer outros comestíveis.

— Palavra de escoteiro. Ok, eu tenho uma aula de pintura para ir. Te amo muito. Sinto sua falta, falo com você depois.

— Falo com você mais tarde. Te amo.

Ela terminou a chamada. Eu coloquei o celular na mesa e endireitei os cartões na minha frente. Eu também tinha a minha lista de perguntas sobre o assento na cabine ao meu lado. Enxugando as mãos na calça de lã azul marinho, eu saltei no lugar antes de me parar. Respire fundo. Tudo vai ficar bem, e amanhã a esta hora, você pode não ser mais virgem. Avistei meu chapéu vermelho de tricô espreitando fora da minha bolsa. Rasguei as etiquetas antes de sair do apartamento. Meu batimento cardíaco acelerou um pouco. Minha primeira compra de algo ousado. Este foi o começo de algo novo para mim. Eu podia sentir isso.

O sino soou novamente quando a porta do café abriu. Minha cabeça se levantou e minha perna saltando congelou. O sol brilhou pela porta e uma figura estava ali. Ele era alto, mais alto do que qualquer um que tinha encontrado antes. Seus músculos eram evidentes mesmo sob o casaco. Ele fez uma pausa na entrada, movendo a cabeça de lado para o outro como se soubesse que as pessoas estariam olhando para trás, como se estivesse dando a todos a oportunidade de mergulhar na sua presença. Seu cabelo preto estava despenteado, como se tivesse passado os dedos por ele na caminhada ao longo de onde viera. A jaqueta servia perfeitamente, como se tivesse sido feita especificamente para seu corpo.

Olhei em volta. Eu não era a única que tinha notado ele entrar. Ele parecia familiar, mas eu não poderia lembrar de onde. Ele se inclinou para a frente, e eu pensei que ele estava indo amarrar seus tênis, mas em vez disso ele tirou uma folha molhada fora de seu tênis branco imaculado. Cabeças se viraram enquanto ele cruzava o café em direção a mim. Apertando os dedos com mais força ao redor dos blocos, eu me lembrei de respirar.

Ele olhou ao redor de novo e me viu. O verde em seus olhos era claro, mesmo do outro lado do café. Cabelo escuro com olhos assim não era uma combinação usual. Ele congelou e seus lábios ficaram espremidos. Com as mãos enfiadas nos bolsos, ele caminhou para mim

com um *Vamos acabar com isso* no olhar. Isso não era um bom presságio. Ele ficou ao lado do assento do outro lado da cabine, olhando para mim com expectativa.

Meu olhar percorreu seu rosto. Mandíbula quadrada. Dica de barba nas bochechas e queixo. Minha pele ficou corada. Ele tinha belos lábios. Como ele seria na minha boca? Corri meus dedos sobre o meu lábio inferior. Como seriam em outras partes de mim? Meu corpo respondeu e eu agradeci a Deus que eu usava um sutiã, camisa e blazer ou eu teria mostrado a ele várias pistas. Isso foi um bom sinal.

Ele limpou a garganta.

Pulando, eu deixei cair minha mão, e o calor em minhas bochechas se transformou em um lança chamas no meu pescoço. — Desculpe, sente-se. — Eu meio que parei no meu lugar na cabine e estendi a mão para o outro lado em frente a mim. A mesa escondeu minhas coxas e eu caí de volta para o assento macio.

Deslizando em frente a mim, ele abriu seu casaco e colocou o braço sobre as costas da cabine brilhante.

— Olá, muito bom conhecê-lo. Sou Seph. — Estendi minha mão sobre a mesa entre nós. O punho do meu blazer apertou enquanto subia pelo meu braço.

Suas sobrancelhas franziram juntas. — Seth? — Ele se inclinou, seus antebraços repousando sobre a borda da mesa. Ele não era nada como os caras do departamento de matemática. Eles ficavam em silêncio, às vezes desagradável, e nenhum deles fez meu estômago ricochetear dentro de mim como se estivesse tentando ganhar uma medalha de ouro em ginástica nos Jogos Olímpicos.

Eu abafei uma risadinha. Eu não rio. O som saiu como um grunhido afiado, e eu resisti à vontade de fechar os olhos e rastejar para baixo da mesa. Seja legal, Seph. Fique tranquila. — Não, Seph. É abreviação para Persephone.

Ele levantou uma sobrancelha.

— Deusa grega da primavera. Filha de Deméter e Zeus. Você sabe o que, não importa. Estou feliz que você concordou em se encontrar comigo hoje.

— Não é como se eu tivesse muita escolha. — Ele se inclinou para trás e correu os dedos ao longo do tampo da mesa, batendo em um ritmo casual.

Lambi meus lábios e os separei. Não é como se ele tivesse muita escolha? Alguém o colocou nisso? Tinha algo no meu post que o fez se sentir obrigado a vir? Eu não fui capaz de voltar e olhar depois de postar.. Balançando a cabeça, eu enfiei a mão para fora novamente. — Prazer em conhecê-lo...

Ele olhou para a minha mão e de volta para mim, deixando escapar um suspiro entediado. — Reece. Reece Michaels.

— Muito prazer em conhecê-lo, Reece. Eu sou Persephone Alexander. Eu tenho algumas perguntas, podemos começar, se você não se importar.

— Quanto mais rápido começarmos, mais rápido podemos terminar. — Ele olhou ao redor como se ele preferisse estar em qualquer lugar, menos lá.

Essas bolhas vertiginosas azedaram no meu estômago. Um garçom veio com as águas engarrafadas que eu tinha encomendado. Eu as arranjei em uma pirâmide no final da mesa.

— Gostaria de uma água? — Eu segurei uma para ele.

Ele me olhou como se eu estivesse lhe oferecendo uma substância ilícita, mas, em seguida, estendeu a mão. Seus dedos roçaram as costas das minhas mãos e faíscas de excitação correram através de mim. Puxando a garrafa fora do meu alcance, ele abriu e tomou um gole.

Minhas bochechas aqueceram e eu olhei para os meus cartões, lançando-os para frente para trás.

— Eu tenho um cartão com algumas informações para você preencher.

Deslizando-o sobre a mesa, eu segurava uma caneta para ele. Ele a tirou de mim, cuidando para que nossos dedos não se tocassem dessa vez. Eu estaria mentido se eu dissesse que não queria outro toque, apenas para testar se o primeiro tinha sido algo mais do que eletricidade estática. Ele preencheu os dados pessoais no cartão e entregou de volta para mim.

Olhei para ele. Ele tinha vinte e um. Seu aniversário chegando depois do Ano Novo. Boa relação altura/peso. Agarrando minha caneta, eu fiz a varredura sobre as perguntas que eu preparei para as reuniões.

— Vamos começar. — *Apenas arranque o Band-aid.* Limpando a garganta, eu bati as cartas na mesa. Algumas cabeças se viraram em nossa direção ao som agudo. — Quando você foi testado a última vez sobre doenças sexualmente transmissíveis?

Colocando a garrafa sobre a mesa, ele olhou para mim como se eu fosse uma equação que de repente ele estava interessado em descobrir. E então se foi. — No início da temporada. Atestado de saúde. — Ele olhou por cima do ombro, o tédio de volta, vazando por todos os poros. Uau. Eu pensei que os caras eram todos com essa coisa de sexo, mas parecia que ele estava sentado na sala de espera do consultório de um dentista.

— Quando você teve relações sexuais pela última vez?

Sua cabeça se volta para mim, seus olhos saltaram. — O quê? — Eu tinha toda sua atenção agora.

— Sexo? Quando foi a última vez que teve relações sexuais? — Eu bati minha caneta contra o cartão.

Ele gaguejou e olhou para mim. Seus olhos se estreitaram e ele apoiou os cotovelos sobre a mesa.

Eu arrastei meus cartões ordenadamente na minha direção, para longe dele.

— Sem comentários.

— Dadas as circunstâncias, é uma pergunta apropriada.

Os músculos do pescoço apertaram e seus lábios também. — Tudo bem, no início da temporada.

— Que temporada? — Eu olhei para cima da minha caneta. É uma forma estranha de colocar isso. — Como, no início do outono?

— Como a temporada de futebol.

As peças se encaixaram, corpo, a aparência, os olhares das outras pessoas ao redor cafeteria. — Você joga futebol. — Isso fazia sentido, e ele parecia ser a pessoa perfeita para o trabalho.

— Sim, eu jogo futebol.

— Quando a temporada começa?

Ele balançou a cabeça como se estivesse tentando limpar a neblina e olhou para mim como se eu tivesse começado a falar uma língua diferente. — Setembro.

— E... — Passei a mão ao longo da parte de trás do meu pescoço. — Quanto tempo você diria que durou?

Suas sobrancelhas enrugaram. — Não durou muito. Era uma coisa de uma noite. Eu não tenho relacionamentos.

Claro que não. Ele estava jogando no campo. Semeando sua aveia. Batendo o seu caminho através de tantos pontos possíveis. Com experiência. Excelente.

Limpei a garganta. — Não, eu não quis dizer quanto tempo você namorou a mulher. Eu quis dizer, quanto tempo durou o sexo?

A percussão constante sobre a mesa parou. — Você está falando sério?

Lambi meus lábios secos como o Saara. — É uma pergunta razoável. Quanto tempo durou?

— Eu não defini exatamente um cronometro, mas vamos apenas dizer que os dois tivemos a recompensa.

— Interessante. — Eu fiz uma outra nota no cartão.

— Estes são os tipos de perguntas que vão ser feitas para o projeto? — Ele tirou a tampa da água engarrafada.

O projeto? Empurrando à frente, eu fui para a próxima linha de um meu cartão e me encolhi um pouco. — Ok, isso pode parecer um pouco invasivo. — Limpei a garganta novamente. — Mas quão grande é o seu pênis? Comprimento é bom. Eu não preciso saber a circunferência, você sabe o perímetro.

Um fino spray de água de sua boca tomou conta de mim. — Que raio de pergunta é essa? Eu sei que você está tentando me colocar fora do jogo, mas puta merda, senhora.

4

REECE

Eu tinha ouvido a expressão ‘engolido minha língua’ e pensei que não era possível, mas a minha quase pulou da garganta quando as palavras “quão grande é seu pênis?” Saiu da sua boca. A água queimado em meus pulmões enquanto eu tossia, batendo a mão contra a mesa. Suas garrafas de água sacudiram e a colher na sua caneca tilintou contra a borda. Acompanhamento do comentário sobre não precisar saber o perímetro me deixou com falta de ar.

— Tenho certeza de que esta não é a maneira usual de fazer sexo, mas eu pensei que, dado ao anúncio, você iria querer me dar uma ideia de como seria o sexo com você.

A queimadura do mal tentando sufocar meus pulmões evaporou em um instante quando suas palavras foram registradas em meu cérebro. — Você acha que eu estou aqui por algum tipo de anúncio de sexo? Um anúncio sexo? Quem coloca um anúncio de sexo? — Essas foram apenas as primeiras três perguntas que eu poderia forçar a sair dos meus pulmões queimando da montanha de inquéritos acumulando na minha mente.

Seph parecia a bibliotecária-chefe em uma convenção de bibliotecárias. A coroa de trança, camisa de botão, e blazer, exatamente não gritavam, *estou procurando ficar com um estranho. Eu preciso colocar um anúncio.*

Ela deslizou um pedaço de papel dobrado sobre a mesa para mim. Olhei para ele, com um pouco de medo do encontraria. Quando o abri, meus olhos correram ao longo da página, devorando as palavras enquanto meu cérebro zumbia e oscilava à beira de fritura. Eu olhei do papel para ela e de volta para o papel.

— Você está fora de sua mente maldita? — Eu olhei para ela, realmente olhei. Ela era jovem. A coisa da trança enrolada na cabeça, ela não poderia ter mais de vinte.

— E você é mesmo maior de idade?

Ela apertou os lábios, em seguida, os puxou, mordendo-os. — Eu vou fazer dezenove em três meses.

Agora que eu sabia que ela não era menor de idade, eu a verifiquei. Ela era bonita. Cabelo castanho claro. Olhos castanhos claros. Eles corriam para baixo em suas cartas e de volta para mim. Belo corpo. Não havia nenhuma razão que ela precisava de um anúncio para o sexo. — Você está tentando colher órgãos dos caras ou algo assim? Você pode entrar em qualquer festa no campus e ficar com alguém se é isso que você quer.

Ela puxou os botões na parte da frente de sua camisa, o que só me chamou a atenção a essa área. Eu adicionei busto grande à minha lista mental de seus atributos positivos. Eu não poderia dizer o quão alta ela era, mas ela parecia que era mediana de onde eu estava sentado.

— Eu não estou muito envolvida na parte da festa. Eu achava que esta era a melhor maneira de encontrar candidatos adequados para este trabalho.

— Que trabalho?

Seus dedos correram ao longo do topo da pilha de cartões na frente dela e ela disse as palavras tão baixo que eu mal as ouvi. — Perder minha virgindade.

Porra. Uma virgem. Eu não achava que elas ainda existissem, uma vez que a faculdade começou. — Você quer perder a virgindade com um cara que está disposto a responder a um anúncio como este? — Bati o papel dobrado em cima da mesa. — Você vai se machucar. Ou morrer. Só um psicopata responderia este anúncio. — Ou alguém tão desesperado que eles não têm problemas de tirar vantagem de alguém como ela.

Ela olhou para mim. — Você respondeu.

— Não, eu pensei que eu estava vindo aqui para encontrar com uma especialista em mídia. Não há ninguém aqui que parece abafado o suficiente que não seja você, então achei que você era quem eu teria a reunião.

— Oh. — Decepção escorria de sua voz. — Desculpe, eu não percebi. Pedi às pessoas que chegassem às três. Pensei que fosse excepcionalmente pontual. Que você ganhou um ponto extra. — Ela apontou para as pequenas marcas na parte superior do meu cartão.

— Você está falando sério sobre isso. — Eu não conseguia entender por que alguém como ela estaria fazendo isso. Não era simplesmente

estúpido, era perigoso. Não que eu fosse a imagem honesta da moralidade, mas ela estava se pondo em problema além do que alguém como ela poderia lidar.

— Eu não iria brincar com algo tão sério. Eu tenho muito a realizar e tenho apenas até maio para fazer isso.

A porta para o café abriu de novo e olhei por cima do ombro. Uma mulher com aparência atormentada vestindo um terno entrou com pastas e mais pastas debaixo do braço. Agora, isso fez mais sentido. Eu tinha pensado que Seph parecia muito jovem, mas quem mais usava um blazer em um campus universitário quando não estavam indo para uma entrevista? Todos os outros em Uncommon Grounds tinha rolado para fora da cama, quer cinco minutos ou vinte ou duas horas atrás, e se estacionaram aqui. A mulher de quarenta e alguma coisa no olhar saltou da porta de mesa em mesa.

Inclinei-me perto de Seph, um terrível pensamento invadindo minha mente. — Você está morrendo ou algo assim? — Ela só tinha dezoito anos, parecia perfeitamente bem e saudável. *Merda!*

A mulher apareceu no final da cabine. — Reece?

Eu balancei a cabeça.

— Prazer em conhece-lo. Eu sou Rebecca. — Ela estendeu a mão. — Seu treinador marcou a reunião. Meu carro quebrou, sinto muito por isso. Vamos pegar uma mesa quando terminar aqui. — Seu sorriso largo diminuiu um pouco quando ela olhou para Seph com seus blocos e traje de negócios. — Você estava no meio de alguma coisa?

Eu apertei a mão dela. — Apenas me dê um minuto.

Rebecca estava ali, saltando de pé para pé.

Seph ainda não tinha respondido à minha pergunta. — Você está morrendo? — Eu abaixei minha cabeça e tentei pegar o seu olhar.

Ela mordeu o lábio, a plenitude carnuda presa entre os dentes.

— Você quer dizer literalmente ou metaforicamente, devido ao constrangimento?

— O primeiro. — Eu cobri a mão dela com a minha. Um ligeiro tremor passou por ela. Ela estava assustada como um novato correndo para fora do túnel pela primeira vez. Eu queria puxá-la para perto e

sussurrar em seu ouvido que ela ficaria bem. Uau! Fale sobre o lado surpreso. Isso era o que eu consegui por não transar desde o início da temporada. Estava me transformando em uma garota.

Ela olhou para mim. — Não mais do que qualquer um de nós. Eu sinto muito pela confusão. Vá em frente para a sua reunião. — Ela deslizou as mãos para fora do meu controle e fora da mesa, e as colocou no colo.

Eu queria tirá-la de lá, queria pegar as coisas dela e levá-la para fora desse estande onde ela iria entrevistar caras para perder sua virgindade. Essa foi uma frase que eu nunca pensei que diria antes. Ela ficou sentada imóvel, tentando colocar um rosto corajoso.

— Seph... — As palavras morreram em minha garganta. Eu não a conhecia. Por que eu sentia que precisava protegê-la a partir deste erro enorme?

— Eu vou ficar bem.

Eu só podia imaginar o que tinha acontecido no campus, quando ela postou esse anúncio. Seria partes iguais aparecendo para se embasbacar, talvez tirar sarro dela e das pessoas que estavam interessados. Estremeci com o pensamento dos caras que pode realmente aceitar a oferta. Meus dedos se apertaram ao redor da borda da mesa, ficando brancos. Balançando a cabeça, eu soltei meu aperto e deslizei para fora da cabine.

— Tem certeza que está bem? Só porque você colocou o anúncio não significa que você tem que passar por isso. Você não tem que fazer.

Ela endireitou os ombros e olhou para mim. Desta vez, seu olhar não vacilou. Todo o seu corpo transformado de tentar dobrar sobre si mesmo para eu quero dizer negócio. — Sim, eu quero. Eu me desculpo novamente. Desfrute de sua reunião. — Essa foi uma determinação assustadora e ela estava decidida na sua cabeça.

Rebecca tinha pegado uma mesa do outro lado da cafeteria, mas eu apontei para o outro diretamente atrás de Seph. Eu sentei de frente para a porta, e Rebecca sentou-se de frente para a direção que eu tinha mostrado antes.

— Está tudo bem? — Ela abriu uma de suas muitas pastas.

— Sim. Apenas houve uma confusão com quem eu estava me encontrando.

Alguns minutos depois, o primeiro cara entrou no café. O cara não podia sequer aparecer na hora certa? Rebecca me entregou dois pacotes de informação e eu ouvi metade do que ela estava dizendo sobre eles. Ela vasculhou sua bolsa, à procura de mais papéis.

Fiz contato visual com o cara que entrou. Ele me viu e congelou.

Talvez ele estivesse admirando meus tênis brancos brilhantes.

Talvez fosse a maneira que minhas mãos enrolava o pedaço de papel no meu aperto.

Ou talvez fosse o olhar maligno que lhe dei.

Nós nunca vamos ter certeza, mas seu olhar correu de mim para Seph na cabine em frente de mim. Dei-lhe um aceno de cabeça dura e apontei o dedo na direção da porta. Seus olhos se arregalaram e ele deu um passo hesitante mais perto.

Eu me levantei até a metade do meu assento e seus tênis guincharam no chão quando ele se virou e correu para a porta da frente. Um desfile de caras fizeram a sua abordagem em direção a Seph, mas eu encabecei todos eles no passe. Em um ponto, eu me desculpei, me levantei e sai para a fila de idiotas que havia se formado.

— Escute, sob nenhuma circunstância você deve entrar nesta loja procurando a garota do anúncio, vocês estão me ouvindo? Ela é a irmã de um dos meus companheiros de equipe. Ela colocou isso para lhe dar um tempo difícil. Se alguém a toca, você vai estar respondendo a toda a equipa de futebol. Vocês entenderam? — Eu cruzei os braços sobre o peito. Minha palavra era lei.

Os babacas que estavam fora olharam para mim e para a porta. — Por que alguém iria mesmo responder um anúncio como esse? Parecia bom demais para ser verdade e foi, provavelmente, um bilhete só de ida para acabar em uma operação policial com o rosto grudado em todos os noticiários.

Os coelhinhos assustados assentiram antes de fugir. Voltei para dentro.

O olhar esperançoso de Seph transformou-se em decepção de faces rosadas quando seu olhar pousou em mim. Eu deveria ficar ofendido?

Eu parei na sua mesa. — Não houve interessados?

— Ainda há tempo. Eu pensei que poderia haver alguns, mas a maioria dos caras vieram, deu uma olhada em mim, e correram de volta para fora. — Ela cruzou as mãos no colo, apertando os lábios como um professor da Escola Dominical.

— Talvez seja melhor assim. — Eu deixei minha mão em seu ombro. Meus dedos tocaram ao longo da pele exposta em seu pescoço, e seu pulso saltou sob as pontas.

Ela olhou para mim, seus lábios rosados brilhando ao sol poente entrando pelas janelas.

— Reece. — A voz de Rebecca cortou a ligação. — Temos mais algumas coisas para acertar.

Voltei para minha mesa e olhei os papéis que ela me deu ao mesmo tempo mantendo um olho na porta. O sino tilintava mais e mais. Toda vez, a minha pressão arterial disparava. Um cara passeou. Ele tinha estado em meu primeiro seminário no primeiro semestre. Seu nome dançou nas bordas da minha memória, mas eu nunca iria esquecer o rosto dele, principalmente por causa do sorriso arrogante que ele tinha me dado quando nossos primeiros papéis foram devolvidos, o seu com um belo, grande, circulado 98 e meu com um 75. Nós nunca andamos nos mesmos círculos, e seus sentimentos em relação a estudantes atletas foi alto e claro naquela época. Graham.

Ele entrou e nem sequer olhou na minha direção. Seu rosto se iluminou como uma criança no Natal quando viu Seph. Eu bati minhas mãos sobre a mesa.

Rebecca pulou e olhou para mim com os olhos arregalados. — Estamos quase terminando. Vou dar um relatório completo para o seu treinador sobre o quão grande você foi sobre tudo isso.

Sentei-me no banco durante a tentativa de visão de raio x através de seu corpo e o assento em frente a ela para ver exatamente o que eles estavam falando.

— ...e uma vez que você for capaz de dar uma boa resposta a estas questões básicas, isso realmente irá ajudá-lo com a manipulação da imprensa no futuro. — Ela olhou para mim com expectativa.

Eu concordei e estampeei um sorriso. — Muito obrigado por sua ajuda. Eu vou passar por cima de tudo, assim que eu chegar em casa.

— Perfeito. — Ela recolheu todas as coisas dela e colocou as pastas de volta em sua bolsa. Lancei lhe um sorriso tenso e levantei do assento. Quando me aproximei da mesa, Graham levantou-se e apertou a mão de Seph. Ela olhou para ele como se tivesse apenas inventado os cartões. Não aquele cara. Ele é um babaca pomposo. A porta se fechou atrás dele e aquele sino estúpido finalmente parou.

— Como isso esta indo?

Ela saltou e sua cabeça se levantou quando minha sombra caiu sobre ela.

— Foi tudo bem. Não é a recepção que eu esperava, mas eu sou nova em tudo isso.

— Você acha que encontrou sua pessoa?

Suas sobrancelhas franziram para baixo um pouco e ela concordou. — Eu acho que sim, mas eu preciso de confirmação final da minha lista de prós e contras.

Ela estava indo dormir com Graham. Por que isso me irrita? Eu mal conhecia o cara. Eu não sabia, mas ela poderia estar cobrindo o fato de que ela estava morrendo como naquele filme que minha irmã me fez assistir a alguns verões atrás. Depois ela chorou por cerca de dois dias seguidos.

Graham não era o tipo cara com quem Seph deveria ter a primeira vez. Ele provavelmente retiraria um transferidor para se certificar que tem os ângulos certos, embora, na verdade, o pouco que tinha visto dela, talvez essa era a sua coisa.

Para com isso. Não é da sua conta. Enfiei as mãos nos bolsos. — Tenha um bom dia, então. E eu espero que você obtenha exatamente o que você está procurando.

— Eu acho que posso. — Ela sorriu para mim, o primeiro real que eu tinha visto no pouco tempo que eu passei em sua presença. Era o tipo que vem de forma profunda, como na manhã de Natal ou marcar o seu primeiro touchdown.

Sacudindo minha mão em sua direção em um aceno, caminhei para fora do café. A placa Uncommon Grounds com duas xícaras de café transbordando brilhou em cima.

Do lado de fora, eu esperei para ver se havia qualquer retardatário à espreita. Nenhum, mas eu ainda assisti ela sair. Ela colocou seu lenço cinza na gola do casaco bege e puxou um chapéu vermelho sobre as orelhas.

O que diabos eu estava fazendo? Eu tentei salvá-la de si mesma, mas ela sempre poderia colocar outro anúncio, ou talvez tomar o meu conselho e apenas ir a uma festa para transar. *Não é o seu negócio, Reece.* Estes foram os tipos de complicações que me mantiveram longe de qualquer coisa parecida com um relacionamento. Ficar envolvido com alguém era um bilhete só de ida para matar seus sonhos, e que não era para mim. Não por um tiro longo.

5

SEPH

As coisas não saíram como o planejado. Por alguma razão eu tinha imaginado uma fila de caras no quarteirão e tinha pensado que seria um pesadelo resolver isso. Em vez disso, foi pior. Duas horas jogando chocolates quentes para dentro com um entrevistado acidental e apenas um outro candidato, o único real.

Graham era bom. Eu tinha visto ele no edifício de matemática, mas nunca parei para falar, assim como eu nunca parei para falar com ninguém. Ele tinha um sorriso fácil, mãos macias e um aperto de mão suave, mas firme. Cabelo castanho claro como meus próprios e olhos cor de mel que faziam dele o cara mais bonito no departamento, com certeza. Ele provavelmente seria um grande primeiro parceiro, levaria o seu tempo, sem apressar as coisas, mas eu continuava voltando a minha acidental entrevista.

Reece. Ele entrou no ambiente e todo o lugar foi iluminado por ele. Ele não era o tipo de sentar e deixar que as coisas venham a ele; ele vai atrás das coisas que queria. Sua confiança irradiava fora dele. Quando ele colocou a mão no meu ombro, meu interior ficou louco. Meus níveis de dopamina devem ter saído fora dos gráficos. Aqueles não eram sentimentos que você tinha todos os dias, bem, não eu, de qualquer maneira. O mais próximo que eu cheguei foi quando recebi a minha carta de aceitação de Fulton. Isso foi muito pior porque ele não parecia interessado no que eu tinha oferecido.

Graham era a escolha segura. Ele tinha respondido ao anúncio. Ele tinha olhos bondosos e uma personalidade agradável. Ele até disse que estaria voltando para Boston depois de se formar, de modo que, se alguma coisa progredisse para além de uma vez, eu ainda podia vê-lo quando me mudasse. Ele era a escolha lógica.

Mas Reece... era lá o lugar onde meus pensamentos continuavam à deriva enquanto eu estava fora da biblioteca, depois mais de uma vez no meu apartamento. Ter sexo com ele iria colocar uma interpretação muito diferente sobre as coisas. *Não fique à frente de si mesma. Ele não está interessado. Concentre-se no assunto em questão.* Por que eu não podia simplesmente dizer algo para Alexa? Pela mesma razão que eu não poderia dizer algo para os meus pais.

Passos de bebê. Não foi um fracasso total. Soprando em minhas mãos, eu procurei um lugar para obter algum alimento. Meu estômago foi uma confusão durante todo o dia. Agora que eu tinha rasgado o BandAid e sobrevivi, eu estava morrendo de fome. O cheiro forte de carne deliciosamente temperada flutuava passado meu nariz. Minha boca encheu de água. Seja lá o que era, eu precisava na minha barriga imediatamente.

Havia uma escadaria de pedra estreita que levava ao restaurante com uma placa pendurada decorada com remos no alto. *The Vault*. Eu tinha ouvido estudantes mencionar antes, mas eu nunca fui procura-lo. Empurrei a pesada porta de madeira e entrei no bar-restaurante do lado de fora do campus.

Dentro, um cara grande em uma jaqueta térmica apertada, com os braços cruzados sobre o peito me encarou. Recusando-me a recuar, encontrei o seu olhar e sorri.

— Oi. Eu queria ter algo para comer.

— Deixe-me ver o seu ID. — Ele jogou seus dedos para frente com a palma da mão para cima.

Eu me esforcei para pegar minha carteira na bolsa e tirei minha carteira de motorista. Eu tinha me dado conta que finalmente tinha dezoito anos e convenci meu pai que eu deveria tirá-la. Eu pensei que poderia precisar alugar um carro para todas as conferências que eu comparecesse, então seria útil.

— Você tem que ir embora às nove. É quando começamos a servir bebidas alcoólicas. — Ele deu um passo para trás para me deixar passar. O corredor forrado de tijolo estreito levou para o restaurante.

Olhei para o relógio. Era apenas seis. — Ok, eu tenho muito tempo. — O ombro do meu casaco raspou contra os blocos de pedra ásperas enquanto eu me pressionava contra a parede.

— E não se esconda nos banheiros. — Ele virou no segundo que passei por ele.

— Eu não faria isso.

Ele franziu os lábios, me olhou de cima para baixo, e assentiu. — Certo.

Enfiando um fio de cabelo atrás da minha orelha, eu entrei no restaurante e empurrei a segunda porta de vaivém. Garçons andavam de um lado para outro com bandejas. A maioria das mesas e cabines estavam vazias. Esta era a lacuna estranha entre almoço e jantar na faculdade, que parecia começar mais tarde do que em qualquer outro lugar. Alguém passou por mim enquanto eu estava puxando minhas luvas.

Uma mulher com um avental envolvido em torno de sua cintura apareceu. — Sente-se onde quiser. Alguém vai acabar em um segundo, e aqui está um menu. — Ela entregou um menu coberto por plástico e eu procurei um lugar para sentar.

Me sentei em uma mesa e fiquei olhando para as opções. Havia tantas coisas que eu nunca tinha sequer ouvido falar. Meu estômago roncou em muitas das descrições. *Queijo Bleu¹¹ em um hambúrguer? Como são as batatas fritas atômicas? Pode caber muitas coisas em um prato de batatas fritas?*

— Você sabe o que você quer pedir? — Eu suponho que este era a minha garçonete. Ela puxou um lápis e bloco de notas do bolso do avental, com o rosto vagamente familiar. A maioria das pessoas que trabalham aqui parecia estudantes universitários.

A minha última vez que comi fora, sem ninguém ficar olhando por cima do ombro para o que eu pedi foi com a tia Sophie e parecia ser a anos atrás. Eu tinha que comer em casa ou embalar lanches quando ia à biblioteca. — Eu vou querer uma Shirley Temple.

A mulher assentiu.

Eu levantei minha mão como uma criança na sala de aula. Ela olhou para mim. — Posso ter cerejas extras?

— Coisa certa. E para comer? — Ela se agachou ao lado da mesa, descansando a mão ao lado do menu.

— Eu realmente não tenho ideia. Tudo soa gostoso. O que você pediria?

— A Juicy Lucy com batatas fritas é impressionante. Essa é a minha coisa favorita no menu.

¹¹ Um tipo de queijo refinado.

Hambúrguer recheado com queijo com bacon. Minha boca encheu de água. — Vou querer um.

— Perfeito. Eu estarei de volta com sua bebida. — Ela levou o menu e saiu. Eu bati os dedos no meu colo.

Olhei ao redor do restaurante. Algumas pessoas estudavam. Um monte de gente com os amigos, conversando e rindo. Mesmo depois de me mudar para a faculdade, eu ainda estava do lado de fora. A solidão que eu tinha atribuído a meus pais, sendo educada em casa, e cercada apenas por adultos quando criança batia ainda mais forte quando eu estava cercada por pessoas da minha idade, quando eu passava por eles no campus ou me sentava ao lado deles em sala de aula eu permanecia invisível.

A garçonete voltou com a minha bebida, com cerejas extras incluídas. Mesmo aqui no restaurante, os amigos riam e brincavam. Casais flertavam e sorriram um para o outro. Eu arranquei uma cereja da minha bebida.

Sentei-me à mesa vazia com minha bolsa, meus livros, e um celular com não mais de dez contatos nele. Colocando a haste da cereja na minha boca, eu o amarrei em um nó – um dos muitos talentos inúteis que eu me entretinha quando criança. Eu precisava de algo para me distrair de todos os eventos de matemática computacional chato.

— Ei, você está me seguindo ou algo assim? — Uma sombra caiu sobre a minha mesa.

Olhando para cima, eu olhei para Graham. Um casal de rapazes passou.

— Eu estarei lá. — Ele gritou para eles.

— Não, definitivamente NÃO. Deve ser o caminho do café para cá, talvez a direção do vento ou algo assim. Geralmente as pessoas tem aversão de andar ao vento, que é por isso que, quando pequenas, crianças desaparecem, elas sempre procuram o vento em suas costas. Sinta-se livre para me parar sempre que isso ficar muito estranho. — Engoli em seco, esperando que o chão se abrisse e me engolissem. Talvez, eu tenha sorte e o campus estava em cima de um vulcão inativo ou uma boca infernal.

Ele riu. — É uma ótima informação se eu estou procurando por uma criança perdida. E eu realmente não achei que você me seguiu.

— Graham, você vem? — Alguém gritou da parte de trás do restaurante.

— Aqui está. — A garçonete estava de volta com o meu prato de comida.

— Eu vou deixar você ter a sua refeição. Foi bom conhecê-la hoje, Persephone.

Eu lutei contra a vontade de me encolher. — Foi bom conhecê-lo também.

Ele se afastou da mesa e desapareceu de vista. Meu estômago, que estava em nós segundos atrás, desdobrou completamente no segundo que olhei para o meu prato. Era uma pilha de roda da comida gordurosa, e eu mal podia esperar para mergulhar.

Mais cheia do que eu já estive em toda minha vida, eu voltei para o meu apartamento. Era como se a Mãe Natureza chegasse mais cedo para a mudança da estação do outono para o inverno e estivesse chateada. Por alguma razão, imaginei que Philly não seria tão fria nessa época do ano.

Abri a porta do meu apartamento. O silêncio me cumprimentou. Deixei escapar uma respiração profunda. Meus dedos coçavam por um momento sozinha. Correndo para o meu quarto, soltei minha bolsa e peguei meu estojo de debaixo da minha cama. Abri-o e levantei o meu arco e violino fora do forro de veludo.

Estando longe de meus pais, eu tinha antecipado ter mais tempo para tocar, mas a aversão de Alexa a instrumentos de corda era muito parecida com a do meu pai, o que significava que eu não tinha tocado em quase uma semana. Descansando a madeira envernizada no meu ombro, levantei o arco e deixei meus dedos dançarem sobre as cordas. Como a matemática, a música era uma saída que eu abraçaria desde o início.

Com a matemática, havia sempre uma resposta correta, sempre uma solução. Pode levar décadas para encontrar, mas estava lá. Com a música, era o oposto. Uma nota pode ser desligada, uma chave fora de sintonia, mas erros poderiam criar belas surpresas.

Uma vez meu pai percebeu que tinha uma chance melhor de bater recordes em matemática do que com o violino, minhas aulas foram abruptamente interrompidas. Engraçado, uma vez que não era o que eles queriam, que *ele* queria, eu pude finalmente encontrar a alegria nos meus dedos sobre as cordas, do arco na minha mão. Nos dias em que as coisas eram uma droga ou eu não conseguia descobrir um problema, eu tocava um pouco e a resposta sempre vinha até mim. Gentilmente eu colocaria o instrumento na minha cama e rabiscaria no meu caderno tudo o que meu cérebro tinha reunido enquanto eu me perdia nas notas.

Mas esta noite, não era matemática na minha mente. Não era um teorema complexo que faria a maioria das pessoas chorar. Era os caras que tinha sentado perto de mim naquela tarde.

Graham era atraente, parecia bom, e estava interessado. Ele era a escolha segura. Talvez fosse por isso que Reece continuava voltando para mim. Ele provavelmente iria dizer não; ele nem estava lá para responder ao anúncio de qualquer maneira. Fale sobre o embarço. Olhando para trás, naquela conversa agora, eu fiz o replay da cena cheia de bochechas vermelhas na minha cabeça. Eu lhe perguntei quão grande o seu pênis era. Isso deveria ser o suficiente para eu nunca mais querer ver seu rosto novamente, mas os pensamentos de seus olhos e lábios continuavam empurrando o seu caminho de volta para minha mente, empurrando os pensamentos sensatos à distância.

E se ele dissesse não, o que foi perdido? Eu definitivamente poderia pedir a Graham. A probabilidade da experiência ser aceitável era alta, bem, tão alta quanto qualquer coisa poderia ser quando a natureza humana estava envolvido. A porta da frente abriu e fechou. Eu desejei que Alexa fosse alguém com quem eu pudesse falar sobre isso, talvez fazer pipoca, tomar algumas bebidas, e conversar sobre isso enquanto pintava as unhas ou assistia a um filme e receber seus conselhos sobre o que devo fazer.

Eu sentei na beira da cama e peguei no meu cabelo. As tranças eram um velho hábito. Nos velhos filmes em preto e branco que meu pai assistia, a mulher sempre tinha tranças intrincadas, ou talvez eu tenha visto Heidi vezes demais. Eu tinha passado horas no meu quarto quando eu estava cansada de leitura ou não queria solucionar em outra equação, tinha me ensinado a fazer isso para que minha mãe não precisava mais.

Talvez por isso eu tenha abraçado tanto. Era algo que eu tinha feito para mim. Matemática, violino, tudo na minha vida foi impingido em mim por outra pessoa, mas minhas tranças idiotas e intrincadas eram todas minhas. Tirando os grampos, eu os deixei cair na pequena tigela de cerâmica na minha mesa, cada melodia era um ruído satisfatório com meu cabelo ficando mais pesado, caindo ao redor dos meus ombros. Enfiando os dedos através dele, eu escovei e olhei para mim mesma no espelho.

Os saltos de Alexa clicaram no chão. Olhei para minha porta aberta através do espelho atrás de mim, e ela apareceu na porta. — Eu tenho amigos vindo esta noite. — Sem outra palavra, ela colocou os dedos em torno da maçaneta da porta e fechou atrás dela. Sua mensagem era clara. Às vezes eu me sentia como se ela fosse a meia irmã do mal e eu a Cinderela. A coisa da trança provavelmente não ajudou.

Depois de vestir meu pijama, eu saí para a cozinha para pegar um suco, meu pequeno ato de desafio. No segundo em que meu pé bateu no chão na sala de estar, tudo ficou em silêncio. Eu podia sentir seus olhos em mim, perfurando minhas costas. Tomando meu tempo, peguei meu copo, enchei da caixa na geladeira, e caminhei de volta para o corredor.

O segundo que eu estava na sombra do corredor, eles voltaram à vida como se alguém tivesse apertar o botão de ativar o som. Eu tinha pensado que iria encontrar muito mais gentileza e cordialidade, uma vez que deixei minha casa, mas isso a minha própria ingenuidade. Eu estava pronta para lançar esse lado de mim mesma. Comece a fazer escolhas reais. Dar saltos reais. O que significava que havia apenas uma escolha possível.

6

REECE

O martelar da morte estava forte na minha cabeça. Nós não tínhamos um jogo até a semana seguinte, então Berk e LJ decidiram celebrar a nossa vitória mais uma vez, com doses. Eu abri minha porta, e os rangidos poderia muito bem ser pregos diretamente no meu cérebro. Eu apoiei minhas mãos na parede e desci os degraus.

Copos de plástico cobriam as escadas e o lugar cheirava a cerveja choca. Desagradável. Passei por cima de um dos caras da equipe que caiu nas escadas. Duas pessoas dormiam nos sofás. O treinador iria nos matar se nos atrasássemos para treinar às dez.

Fui até a cozinha e cuidadosamente abri o armário onde o ibuprofeno vivia. Sacudindo algumas pílulas, abri a torneira e segurei minha mão, enchendo-a com água. Soltando os comprimidos na minha boca, engoli.

Descansando minha cabeça no armário, eu gemi e desejei a morte. Isso era o que acontecia quando você não toma uma bebida por um tempo. Desde que a temporada começou, eu tinha uma ou duas, mas na noite anterior eu realmente fui em frente.

Talvez eu tentasse abafar os pensamentos do que uma possível virgem no campus poderia estar fazendo tentando finalmente perder sua virgindade. Por que eu ligo para o que ela estava fazendo? Se eu não tivesse sentado naquela cabine, seria o mais sábio e evitaria a coisa toda. Em vez disso, cada vez que meus pensamentos se aproximavam dela, eu tinha outra dose. Foi um inferno de várias doses, e agora meu cérebro estava chutando minha bunda por ser um maldito idiota.

Fechando os olhos, respirei através da dor quando o toque estridente do meu celular começou. Abri um olho e arrastei as cortinas acima da pia. Era quase de madrugada. Quem diabos ligaria tão cedo?

Eu tinha acabado de chegar ao final dos degraus quando meu celular disparou pela escada e eu perdi meu rosto por um centímetro. Minha mão disparou e eu peguei ele.

— Obrigado, Nix.

Ele virou dois dedos, bocejou e bateu com a porta.

O celular ficou vivo na minha mão. Eu apontei para a tela. — Olá?

Houve uma longa pausa. Puxei o celular para longe do meu rosto para ter certeza de que não tinha deixado cair a chamada.

— Reece Michaels?

— Sim. — Eu tinha pedido um empréstimo bancário? O tom legal e profissional do outro lado da linha me fez sentir como se eu pudesse ser chamado para uma entrevista em algum lugar.

— Eu sei que você provavelmente não se lembra de mim. Foi uma espécie de primeira interação estranha, e eu entendo completamente. — a maneira desconexa e apertada no jeito da fala a entregou completamente.

— Oi, Seph.

— Você se lembra de mim? — A voz dela disparou para o alto.

— Não é muito frequente você descobrir que faz parte de uma sessão sexo como alguém da próxima temporada de *The Bachelorette*¹².

— O quê?

— É um programa de TV. Esqueça isso. Então, você já atingiu sua meta?

Ela limpou a garganta. Eu podia imaginá-la puxando a bainha de sua camisa. — Não, e é algo que eu queria falar com você, se tiver algum tempo hoje?

O alívio que senti na sua resposta me pegou de surpresa. — Eu tenho treino às dez, mas eu posso encontrá-la ao meio dia.

— Você tem treino no sábado?

— Nós temos treino ou formação todos os dias quando não estamos jogando.

— Uau, isso é uma verdadeira dedicação. Meio dia está bom para mim. Encontrei um lugar incrível, poderíamos nos ver lá. — Ela falou o endereço de um dos lugares no campus onde todos foram pelo menos

¹² É um reality show norte-americano que mostra um jogo de namoro.

uma vez, como se fosse uma joia escondida que ela cortou através das videiras sobrecultivadas com um facão.

— Sim, eu conheço The Vault. Eu te vejo lá.

Berk rolou para fora do sofá, bateu no chão da sala de estar, e jogou um travesseiro em minha cabeça. Eu desviei e lamentei o movimento rápido.

— Cale a boca. — Foi um meio zumbi, meio gemido de ressaca.

— Estou falando alto demais para você? — Eu senti a dor ao levantar a minha voz. Valeu a pena ele se encolher. Eu joguei o travesseiro de volta e bateu na sua cabeça. Ele gemeu de novo, agarrou e empurrou para debaixo da cabeça no chão. Ele iria vomitar no treino.

Voltei lentamente para cima e deitei na cama com uma garrafa gigante de água. Eu defini o alarme para me acordar em poucas horas. Espero que até lá eu tenha dormido a maior parte, ou Berk não seria o único vomitar a campo.

Morte – praticamente era a única maneira que eu poderia descrever. Eu estava morrendo, se eu tivesse sorte. O suor não era apenas do treino que o treinador nos mandou fazer quando a metade da equipe tinha se arrastado para o campo cinco minutos atrasado. As lixeiras estrategicamente colocadas à margem foram salva-vidas; caso contrário, a equipe de paisagismo teria nos castrado por vomitar na grama bem cuidada.

Eu agarrei a frente das minhas ombreiras e as puxei sobre a cabeça.

— Lembre-me de nunca mais fazer isso de novo. — O tom verde de Berk não era tão ruim quanto quando ele tropeçou em campo, mas ainda não foi ótimo.

— Eu não fui o único a comemorar nossa vitória com uma dose para cada ponto. Eu estava perfeitamente bem com algumas cervejas e um pouco de música – você é quem tirou as doses.

Nix se sentou ao meu lado. Ele não tinha bebido muito, mas ele ainda parecia uma merda. Seu arremesso foi menos do que estelar, embora ainda fosse milhas à frente de qualquer outra pessoa na equipe.

Ele era natural, mas naquele momento ele poderia muito bem ter sido atropelado.

— Como está se sentindo? — Eu esguichei água em minha boca.

Ele arrastou suas mãos pelo rosto, esticando e massageando as bochechas com os dedos. — Eu perdi o pedágio para a viagem só de ida para o submundo?

— Quanto você teve na noite passada?

Ele balançou sua cabeça. — Não é isso. Meu pai me encurralou depois da coletiva de imprensa, após o jogo.

Eu chupei uma respiração afiada entre meus dentes. — Você deveria ter me contado. Eu teria encenado um sequestro ou algo assim.

Ele balançou sua cabeça. — Não teria ajudado. Ele é uma força imparável. Ele está indo para Londres no final do mês para o jogo que Philly e San Francisco estão jogando por lá.

O pai de Nix tinha se aposentado da NFL há dez anos e agora faz comentários esportivos.

Abri a porta do vestiário. — Pelo menos ele vai estar fora um pouco. — O silêncio dos pés, spray distante dos chuveiros e gemidos logo nos encontrou no segundo que entramos.

— Ele vai encontrar uma maneira de entrar em contato, não importa o quê. — Ele soltou suas ombreiras e pegou uma toalha.

— Você ouviu sobre essa garota que colocou o anúncio? — Berk passou uma toalha sobre a cabeça encharcada e deixou cair no seu armário.

Meu sangue se transformou em gelo, o suor escorrendo pelas minhas costas congelou em segundos. — Que anúncio?

— Uma garota colocou um anúncio de brincadeira tentando transar. — Ele pegou suas roupas de seu armário.

— Sério? — LJ caiu no banco ao lado dele.

— Sim, aparentemente, era algum estudante de psicologia tentando fazer um estudo de caso ou algo assim. Alguns caras disseram que apareceu e era uma garota com cartões e outras coisas.

Provavelmente tentando descobrir quem diabos estaria desesperado o suficiente para responder algo assim. — Ele se dirigiu para o chuveiro.

Se isso era o que todos pensavam que tinha acontecido, este era o melhor cenário. Isso significava que se ela tentasse novamente, os caras provavelmente ignorariam. Por que eu me importo tanto com isso? Por que a tentativa de impedi-la de fazer este erro ficava martelando na parte de trás da minha cabeça desde que eu saí daquela da cabine enquanto ela olhava para mim com seus grandes olhos caramelo?

Eu pulei no chuveiro, me sentindo menos como se fosse atropelado quando eu saí.

Com meu equipamento guardado no carro, andei as poucas quadras para encontrar Seph. Eu consegui manter minha mente fora dela desde a nossa ligação. Não foi muito difícil quando eu estava totalmente focado em não vomitar nas últimas horas.

Meu celular tocou no bolso de trás. Escorreguei para fora e respondi à chamada.

— Hey mãe.

— Não venha com *hey mãe* para mim. Você deveria vir neste fim de semana.

— O fim de semana ainda é curto. É apenas um sábado. Isso ainda deixa outros finais de semana onde eu poderia ir visitá-los.

— Sim, você diz isso, mas eu aposto que teria convenientemente esquecido quando eu ligasse amanhã à noite.

— Eu só deixei o treino e eu estou indo para o almoço.

— Como foi o treino?

— Bom. O treinador está nos fazendo trabalhar arduamente para garantir que o campeonato seja nosso este ano.

— Você tem jogado bem nesta temporada.

— Apenas bem? Você esteve assistindo aos jogos?

Ela riu. — Tudo bem, mais do que bem. Eu poderia fazer o seu pai trabalhar na porta da frente antes de você vir, no entanto.

Minhas sobrancelhas franziram. — Na porta da frente?

— Eu não tenho certeza se sua cabeça vai passar de tão grande.

— Eu só estou falando a verdade. — Esta foi a minha melhor época de todas, mais touchdowns e jardas do que qualquer época antes.

— E meu pai está no escritório?

Ela suspirou. — Claro. Ele vai estar em casa logo. Com quem você está indo almoçar?

— Alguém que eu conheci no outro dia.

— Uma menina?

— Ela é, de fato, do sexo feminino.

— Você está saindo com ela?

— Não, ela não é realmente do tipo de namoro.

Houve um som agudo vindo da parte de trás de sua garganta. — Eu sei sobre esses tipos de meninas. Eu me lembro bem delas de quando seu pai e eu estávamos juntos na faculdade.

— Ela definitivamente não é esse tipo de garota. Há algo em que ela precisa de ajuda e eu vou ver como posso fazer para ajudá-la. Ela é um pouco socialmente desajeitada.

— Ahhh, ela é uma nerd? Eu era uma nerd.

— Era?

Eu podia sentir seus olhos se estreitando através do celular.

— Foi assim que seu pai me encontrou, sentada debaixo de uma árvore na quadra quando ele bateu a bola no meu rosto.

— Limites, mãe. Eu não quero ouvir sobre suas atividades extracurriculares com o meu pai.

— Silêncio. Sei que tem um jogo na terça-feira, mas na próxima semana, nós gostaríamos que você aparecesse por aqui.

— Verei o que posso fazer.

— E traga a jovem que está almoçando com você, desde que disse que ela não é uma daquelas meninas.

— Neste ponto, mãe, eu nem tenho certeza se ela come, mas não é esse tipo de reunião. Eu vou falar com você mais tarde. Te amo, tchau.

Terminei a chamada antes que ela soltasse as luzes gigantes do teto e deslizasse em uma cadeira metálica para a mesa e começasse o interrogatório. A maioria das pessoas gostariam de ter os pais apaixonados como os meus eram. Às vezes, era um pouco constrangedor, mas ninguém poderia sentir o quanto eles se preocupavam com o outro. Isso assustou como o inferno.

Esse era o tipo de coisa em que você poderia se perder completamente, o tipo de coisa que poderia fazer você esquecer todos os planos e objetivos que tinha para si mesmo, onde você estava tão alegremente feliz, nada mais importava, até que acontecesse. Talvez não hoje ou em dez anos ou mesmo trinta, mas como você pode desistir de algo que você trabalhou toda a sua vida para não eventualmente, ser atingido na cara?

Pai trabalhou duro para meu avô. Ele o colocou em horas loucas às vezes e perdeu um bom pedaço de coisas de família por causa do trabalho. Não seria melhor fazer banco e, em seguida, se aposentar? Deixar tudo para trás e se concentrar em família? Pelo menos foi assim que eu vi.

Corri escada abaixo para o The Vault. Enrolei minha mão em torno da mão estendida de um dos seguranças, em seguida, batemos nossas costas e em seguida nossos ombros juntos. Ele soltou a minha mão.

— Não vejo você aqui há um tempo. — Ele sentou em seu banco na entrada.

Eu vinha bastante no The Vault antes. Tudo o que eu tinha que fazer era sentar e as mulheres viriam para mim, mas isso não era mais o meu foco.

— Vou me encontrar com alguém aqui. Talvez você tenha visto ela? Mais ou menos essa altura. — Eu segurei minha mão até meu ombro. — Provavelmente, vestida com um terno ou algo assim. Cabelo castanho claro, talvez todo trançado.

Suas sobrancelhas se levantaram. — Você está aqui para vê-la?

— Sim, você a viu?

— Ela chegou aqui há vinte minutos. Ela não é realmente o seu tipo. — Ele sorriu para mim e cruzou os braços sobre o peito, recostando-se no banco de madeira pressionado contra a parede.

Dei de ombros. — Eu falo com você mais tarde. — O que eu deveria dizer? Entrando no restaurante, eu fiz a varredura do ambiente. Algumas cabeças apareceram e as pessoas acenaram. Acenei para elas e caminhei ao redor do bar, avistando Seph. Ela estava estudando o menu a sua frente como se contivesse a cura para o câncer.

— Se você olhar para ele com mais força, você vai abrir um buraco.

Sua cabeça se levantou e ela sorriu para mim. — Você veio.

A forma como ela se iluminou quando me viu, eu não poderia ter parado o sorriso que se espalhou por todo o meu rosto nem se tivesse uma arma na minha cabeça. Entrar no campo com milhares de pessoas torcendo por mim não era perto de como ela me fez sentir - e isso significava problemas, razão pela qual dormir com ela era um bilhete só de ida para foder o meu futuro. Você não dorme com as meninas que olham para você assim e foge ileso. Basta olhar para o meu pai.

— Eu disse que viria. — Eu deslizei para o assento à sua frente. — O que parece bom?

— Tudo. Eu já experimentei três dos itens do menu, mas eu vou precisar correr ou algo assim se eu quiser experimentar o resto antes do dia de Ação de Graças e ainda caber em meu assento no avião. Eu não tenho muito tempo.

Havia aquelas palavras novamente. Encostei-me à mesa, usei o meu dedo para puxar para baixo a borda superior do menu, e segurei seu olhar. — Tem certeza de que não está morrendo?

7

SEPH

Eu odiava como a minha frequência cardíaca aumentou quando Reece apareceu na minha mesa. Odiava o formigamento na ponta dos meus dedos. Odiava a vertigem borbulhando e o quanto eu tinha esperado por este encontro. Eu escolhi a mesa perfeita com uma boa visão da porta, mas eu fiquei tão absorta no menu que eu não o tinha visto entrar. Essa foi uma maneira de manter minha mente longe dele – comida saborosa, deliciosa e gordurosa.

Seu sorriso transformou meu estômago em um bicarbonato de sódio e explosão de vinagre vulcânica. Eu estava sorrindo demais? O que eu estava vestindo estava bom? Eu tentei vir mais casual e abandonei o blazer para uma blusa azul claro e calça azul marinho.

— Não, eu não estou morrendo, mas eu só irei estar aqui por mais um ano e meio, se tiver sorte. Sete meses talvez, e geralmente a sorte não está do meu lado quando se trata de meus pais.

— Por que você teria que sair Fulton tão cedo? Você tem apenas dezoito anos. Você está se transferindo?

— Graduando.

— Aos dezoito anos?

Eu balancei a cabeça. — Bem, eu vou ter dezenove, mas sim, infelizmente, esse é o caso. — Isso era o que acontecia quando você começava em seu primeiro curso de faculdade, quando as crianças da sua idade tinham Álgebra I.

— Eu deveria saber que você era um desses gênios.

Meus ombros subiram e eu escondi minha cabeça por trás do menu. — Eu não sou um gênio. Einstein era um gênio. Eu sou apenas realmente boa em aprender coisas rapidamente. — Eu odiava esse rótulo desde que eu tinha entendido o que significava e que as pessoas de fora esperavam de um.

— Eu tenho certeza que é um gênio.

— Um gênio saberia que é uma má ideia colocar um anúncio para todo o campus para perder sua virgindade.

Ele se inclinou para trás e pegou seu menu. — Finalmente vendo o erro de seu caminho?

— Talvez, mas eu consegui um possível candidato.

Sua testa franziu. — Graham.

Deixei cair o menu. — Você o conhece? — Eu olhei para ele com atenção. Informações internas faria isso muito mais fácil.

— Tivemos algumas aulas juntos no primeiro ano. Ele é bom.

— Eu também acho.

Seus lábios se apertaram. — Então ele é o cara? — Por que sua voz soava assim? Eu não deveria escolher Graham se Reece me recusasse?

— Talvez. — Eu apertei meus lábios como se eu estava pronta para devorá-los. — A menos que haja outra pessoa preparada para a tarefa. Eu tenho um monte de coisas na minha lista, mas acho que isso é uma ótima maneira de dar o pontapé inicial. — Eu coloquei o menu para baixo e descansei minhas mãos em cima dele.

— Por que você está com tanta pressa? — Ele se inclinou mais perto, o cheiro de sabão e loção pós-braba flutuou do outro lado da mesa.

— Você era virgem aos dezoito anos?

— O que? — Seu rosto enrugou como se fosse a pergunta mais ridícula que já havia sido feita. — Não.

Eu levantei minhas sobrancelhas.

As rodas começaram a girar e o retrocesso começou. — Não que seja uma coisa ruim ainda ser um. Há toneladas de pessoas que ainda são virgens.

O garçom veio até a mesa com seu bloco de notas. — Vocês estão prontos para pedir?

— Ainda não, mas eu tenho uma pergunta. Quantos anos você tem? — Eu coloquei meus cotovelos na mesa e descansei o queixo sobre as mãos.

Ele soltou uma risadinha. — Eu tenho vinte e dois.

— E quando você perdeu a virgindade?

Os olhos de Reece e do garçom ficaram grandes e redondos. — Você não tem que responder a isso. — Reece tentou se livrar da pergunta. — Desculpe, ela não sai muito.

— É um tipo de pergunta perfeitamente normal para conhecer alguém.

— Então o que diabos você considera uma pergunta íntima? — Eu abri minha boca, mas ele balançou a cabeça e levantou o dedo. — Eu não quero saber. — Sua cabeça se virou para o garçom, que estava olhando para mim como um vento forte que o levaria embora. — Basta nos dar um segundo e depois vamos pedir. Obrigado.

O garçom balançou a cabeça lentamente e se afastou da mesa como estivesse coberta de cascavéis.

Reece se inclinou para frente. — O que há de errado com você? Você não pode simplesmente sair por aí perguntando as pessoas quando elas perderam a virgindade.

— Não é algo para se envergonhar. — Todo mundo parecia já ter feito isso. Eu certamente sou tratada com uma trilha sonora ininterrupta no meu apartamento.

— E se ele ainda é virgem? — Ele sussurrou entre os dentes, apontando na direção que o garçom recuou.

Olhei para as bochechas vermelhas brilhantes do cara. — Eu não tinha pensado nisso. Ponto válido.

— Você deve ser um barril de risadas quando sai com seus amigos. — Ele baixou o olhar para o menu, pegando-o.

Passei os dedos sobre o polegar e olhei para as minhas mãos. Golpe direto, Reece. — Eu não tenho nenhum amigo. — Isso foi uma realização esmagadora, poucos dias antes, e é ainda mais difícil agora. A faculdade foi um começo seriamente deprimente.

— Eu posso ver o porquê.

Eu não percebi que eu tinha feito um som, mas devo feito. Reece olhou para cima do menu e seus olhos se arregalaram. Ele começou a sacudir a cabeça imediatamente.

— Eu não quis dizer isso, não desse jeito, não como tivesse algo de errado com você. — Ele passou a mão pelo rosto. — Você realmente não tem amigos? Nenhum?

Recolhendo minha bolsa, eu pendurei a alça sobre a minha cabeça. — Isso foi um erro. Me desculpe, eu te fiz vir. Tenho certeza que você tem um monte de outras coisas que poderia estar fazendo agora. — Eu lutei para evitar que minha voz quebrasse. Por que dói tanto, como uma serra no meu peito? Eu nunca me senti assim em casa. Lampejos de luz cercada pela monotonia maçante era o que eu estava acostumada. Isso não.

Reece agarrou a minha mão, prendendo-a na a mesa. — Seph, espere. Eu não quis dizer isso assim. Foi a minha tentativa de uma piada e não funcionou. Eu realmente gostaria de almoçar com você. Por favor, não vá.

Seu pulso batia contra as costas da minha mão. Eu queria culpar a eletricidade estática pelas faíscas que dispararam pelo meu. Sempre que ele me tocava, era a mesma coisa. Eu arrastei meu olhar do tampo da mesa com a mão embaixo da dele.

Ele me olhou nos olhos. Sinceridade brilhou, sinceridade e preocupação. Seu polegar correu sobre o ponto na minha mão onde meu polegar encontrava o resto dos meus dedos, um movimento lento e constante, como você acariciaria um filhote de cachorro com medo para acalmá-lo.

Eu não queria sua piedade. Cai de volta na cadeira, lentamente levantei a alça da minha bolsa de volta sobre minha cabeça.

— Como você pode não tem amigos? É sério?

Dei de ombros.

— Amigos de casa? Colegial? Desde que você começou aqui?

Fiquei olhando para a mesa, correndo os dedos sobre a madeira. Ela tinha entalhes e alguns estavam lacados, dando a mesa um sentimento antigo, mas ainda nova.

— Fazer amigos é difícil quando você está estudando em casa, e não o tipo de ensino onde seus pais trabalham com outros pais para garantir que você ainda tenha experiências normais de infância. Eu estava estudando em casa sozinha. Os tutores foram trazidos. Não havia atividades extracurriculares que fossem puramente para a socialização. Uma vez que eu estava além do ensino médio, fiz aulas da faculdade. Minha mãe ou pai iam assistir comigo, sentados ao meu lado. — Eu olhei para ele. — É difícil fazer amigos quando você é quatro, cinco anos mais jovem do que todos os outros e seus pais estão ali. Quatro ou cinco anos não importam muito quando você está em seu 20 anos, mas quando você está com quatorze anos e todos os outros têm dezenove anos, que é uma grande diferença.

— Isso deve ter sido difícil. — O trem da pena tinha parado dentro da estação.

Dei de ombros. — Há coisas piores.

— Você não conseguiu sair com outras crianças da sua idade, nunca?

— Às vezes, minha mãe me levava para o parque. Ela me deixava jogar lá se meu pai estivesse viajando. Se eu terminasse o meu trabalho de forma rápida o suficiente, eu iria para o meu quarto, e eu tinha algumas bonecas que minha tia me deu. Isso era tudo.

— Droga, que saco. — Ele sentou-se em sua cadeira, olhando como se eu tivesse acabado de lhe dizer que eu estava trancada em um porão durante a maior parte da minha vida.

— Não se sinta mal por mim. Eu fiz um monte de coisas incríveis. Eu viajei o mundo com meus pais. Eles querem o que é melhor para mim.

— Mas você não conseguiu ter amigos ou sair com as crianças da sua idade.

O último show de sexo no meu apartamento veio correndo de volta para mim. — Estou aprendendo que talvez eu não quero sair com todo mundo da minha idade. Minha companheira de quarto é... — Eu procurei no meu cérebro para algo diferente de uma cadela. — Difícil, mas estou determinada a resolver tudo na minha lista, e eu não vou deixar que nada me pare.

— Diga-me mais sobre esta lista.

O garçom veio pegar nossos pedidos. Eu estava esperando provar estes por um tempo. — Fritadas de pimentão e queijo, cheeseburger bacon, e um milkshake.

A boca de Reece estava aberta, e ele e o garçom trocaram olhares.

— O quê? — Eu entreguei o menu.

— Dois peitos de frango grelhado, brócolis e aspargos em vez das batatas fritas, e uma água.

Eu levantei uma sobrancelha para ele quando ele entregou o menu.

— Eu já bati no meu corpo o suficiente neste fim de semana. Eu preciso tratá-lo bem. Diga-me o que mais está na sua lista.

Puxando meu bloco de notas para fora da bolsa, eu abri a página, embora já tivesse memorizado. — Você já sabe o número um na lista, mas eu também tenho: Comer sobremesa no jantar, ficar acordada a noite toda assistindo desenhos animados, nadar pelada, ir a uma festa de faculdade, ficar bêbada. — Eu passo algumas coisas. — É muito a ser feito e não muito tempo para fazer isso.

— Por que você sente que tem que fazer tudo isso em sete meses? Você tem o resto de sua vida para fazer essas coisas.

— O amanhã nunca está garantido. Nós não temos nenhuma ideia do que o futuro trará, então porque não viver a vida ao máximo enquanto eu posso? No final do ano escolar, o meu pai provavelmente vai mexer os pauzinhos para me colocar em um programa de doutorado em Harvard.

— Você não parece feliz com isso.

— Eu ficaria, se fosse em meus próprios termos. Matemática sempre fez sentido para mim. Muito mais do que as pessoas, a matemática clica no meu cérebro. Mas, ir lá é o que ele quer, e não tenho dúvida de que quando eu estiver morando em casa ou apenas há alguns minutos, minha vida vai voltar a ser como era antes. — Meu estômago azedou.

— Ela não precisa ser.

Eu pressionei meus lábios e uma exalação afiada saiu pelo meu nariz. — Você nunca conheceu meu pai.

— Tudo bem, você tem sete meses. Isso não significa que você precisa viver tudo agora, neste fim de semana. Você pode ter seu tempo. — Seu olhar já não tinha uma pitada de pena. Havia um tom sério em sua voz.

— E se eu não quiser? — Eu estava esperando toda a minha vida para alguma coisa, qualquer coisa acontecesse, e eu estava cansada de deixar as coisas passarem por mim.

Seus músculos do antebraço relaxaram.

— Isto é sobre o sexo, não é? — E então a clareza de sua hesitação foi despejada sobre a minha cabeça como um balde de água gelada. O nó no estômago se transformou em leite coalhado. — Não é que você acha que eu deveria esperar, você simplesmente não quer que seja você.

— Não! — Ele gritou e estendeu a mão para mim. Sua mão cobriu a minha, embora eu tenha tentado tirá-la da mesa para o meu colo.

— Seph, não é nada disso. Claro que eu gostaria de dormir com você, desmachar essas tranças loucas e correr os dedos pelo seu cabelo enquanto eu... — Ele limpou a garganta. — Vamos apenas dizer que eu pensei sobre isso. — Ele puxou a mão para trás e se sentou reto. — Há um monte de caras que gostaria de dormir com você, provavelmente o suficiente para que você se assustasse, mas isso não significa que você iria querer dormir com eles. Sua primeira vez deve ser especial. Você não deve apressar as coisas.

— Estatisticamente, a maioria das mulheres têm primeiras experiências horríveis. É dor, sangue e constrangimento. Quero arrancar esse Band-aid fora.

— Talvez seja assim porque as pessoas topam de cabeça. Só porque é assim para um grande número de mulheres, isso não significa que você precisa forçar ser assim com você. Se você está com a pessoa certa, será incrível.

— E você acha que Graham não é essa pessoa.

— Você pode encontrar melhor.

— Mas você não quer fazer isso.

— Você pode definitivamente encontrar melhor.

— Então você é ruim de cama? — Eu levantei uma sobrancelha. Isso seria decepcionante, mas os estudos mostraram que homens que passam muito tempo na academia não são os mais generosos quando se trata de sexo.

— Se houvesse um salão de sexo da fama, eu seria o primeiro induzido, mas eu não sou um cara de relacionamento. Eu não sou um cara de carinho após o sexo e ficar enrolado no sofá. Esse é o tipo de cara que você precisa.

— Então, onde posso encontrar um desses? Devo colocar um anúncio para isso?

— Quer parar com os anúncios! — Ele jogou as mãos para cima.

O garçom voltou com nossos pratos e os deslizou na nossa frente. O bacon e queijo escorriam para fora do pão. Era gorduroso, de carne, e confuso, tudo o que eu nunca conseguira ser antes.

Empurrando as mangas, eu inalei o salgado calor e temperado que subia para fora do prato. Eu estava pronta para casar com este hambúrguer.

— Se eu não colocar um anúncio, como é que eu vou encontrar alguém? Distribuir panfletos no pátio? — Peguei o sanduíche e levei-o à minha boca. O hambúrguer suculento parecia melhor do que qualquer coisa que eu já tinha comido antes. Eu afundei meus dentes nele e fechei os olhos. Meus pés dançaram no chão e eu balancei a cabeça de um lado para o outro, saboreando o gosto em minha boca. Tão bom. Nunca houve um hambúrguer mais delicioso.

Abri os olhos e Reece estava olhando para mim com um olhar engraçado em seu rosto, uma florzinha de brócolis suspensas no ar no final do seu garfo, equilibrada na frente de seus lábios. Seus dentes afundaram em seu lábio inferior.

— O que? Tenho alguma coisa no meu rosto? — Eu cobri minha boca com uma mão.

Seu olhar disparou da minha boca para os olhos. Ele deixou cair o garfo. — Não, quero dizer sim. Você tem algo em seu rosto. — Ele apontou para um ponto no lado boca.

Peguei meu guardanapo e limpei o local. Verificando o tecido, eu não vi nada sobre ele. — Eu peguei?

Ele limpou a garganta e voltou para a sua refeição incrivelmente sensata. — Você entendeu.

Eu acabei com o hambúrguer juntamente com a metade das batatas fritas e milkshake. Sentando na cabine, eu descansei minha cabeça contra a parte de trás do estofado e segurei meu estômago. Eu estava explodindo pelas costuras. — Eu acho que foi um erro.

— Veja. — Ele roubou um queijo frito do meu prato e apontou para mim. — O que eu lhe disse? Isto é o que acontece quando você apressa as coisas.

— Não é possível devorar o sexo como você faz com a comida.

— Você ficaria surpresa. — Ele murmurou.

— Então você é um mulherengo?

— Eu não sou um mulherengo. Um mulherengo teria puxado você para um armário de vassouras e te pegado sem pensar duas vezes, mas ser um atleta no campus durante algumas temporadas vencedoras me deu muitas oportunidades para entreter o sexo oposto.

— Um pequeno mulherengo, então? — Eu sorri para ele e empurrei meu prato.

— Talvez um pouco. — Ele levantou o polegar e o indicador quase uma polegada de distância.

— Para me certificar de que eu não acabe me explodindo em indulgências, sexo ou outra forma, talvez eu poderia usar um guia, alguém para me ajudar a navegar no mundo do excesso, sem me matar.

Ele correu uns espargos através do queijo derretido no meu barco de batatas fritas e empurrou-o na boca. Com a cabeça inclinada para o lado, ele olhou nos meus olhos. A mesma carga que tinha disparado através de mim quando ele entrou no café acendeu novamente. — Eu vou ajudá-la a completar a sua lista com uma condição.

— Sim, o que você quiser. — Sentei-me de frente, quase estremeando com a metade de uma vaca amontoada em meu estômago.

Ele bateu os aspargos em sua boca. — Nada de sexo.

Eu afundei como um balão vazio. Isso era como levar uma criança em uma história doce e só deixá-la comprar chiclete de hortelã. Os hormônios que estavam correndo em volta dele teriam que se empurrar de volta para sua caixa. Percorrendo pelas minhas opções, eu senti como se nenhuma delas fosse boa.

Ele me mostraria, talvez me apresentasse a algumas pessoas fora do departamento de matemática. Eu sempre poderia atropelar os caras para ter a sua opinião, já que meu radar quando se tratava de sexo oposto estava fora de sintonia. Ele veio aqui depois do treino, quando ele não precisava, e maldito seja ele é bonito de se ver. Eu poderia manter as coisas platônicas entre nós. Eu podia.

Enxugando as mãos no guardanapo no meu colo, eu segurei um para ele. — Combinado.

Apertamos as mãos. Ele pagou a conta. Será que isso tornou-se um encontro? Dane-se, eu estou contando isso. Primeiro encontro! E daí que ele não sabia disso. Eu sabia. Minha dança interna continuou enquanto caminhávamos para fora.

Eu abotoei meu casaco. O nervosismo estava enrolado no meu estômago como uma cobra pronta para atacar. — Quando começamos?

8

REECE

Dizer sim para ser guru na vida de Seph foi um erro. Eu vou admitir isso. Provavelmente o maior desde que comprei aquele par de Air Jordan que eram um tamanho muito pequeno, porque era o único par saiu e eu quase me alejei, ou a última vez que flertei com relacionamento no ano passado.

Seph andou como se nada pudesse ficar em seu caminho. Literalmente, as pessoas pularam fora do caminho enquanto ela falava, seus olhos focados em mim. Agarrei seus ombros para impedi-la de bater em um poste de luz. Conhecendo-a, ela provavelmente iria derrubá-lo e continuar caminhando. Talvez fosse o jeito que ela não tinha filtro e deixou escapar coisas que poderiam fazer Berk corar. Talvez fosse o quão triste ela parecia me dizendo sobre ser educada em casa e nunca ter amigos. Ou talvez fosse o modo que ela absolutamente acabou com aquele hambúrguer como se ela pudesse ir cabeça de cabeça com Nix em um concurso de quem come mais rápido. Eu não tinha certeza por que, mas eu disse que sim.

Fazia dois dias desde a nosso encontro no The Vault. Eu chequei a sua lista e tentei descobrir quais itens eu poderia ajudar e qual eu provavelmente deveria ficar longe. Nadar pelada era um grande erro, não. Seph nua? De jeito nenhum. Seph vestida era bonita o suficiente; Seph nua pode me fazer esquecer a minha parte do acordo. Um traje de banho era ruim o suficiente. Quando eu disse a ela para trazer um, eu esperava que seria uma peça única como os vovôs costumavam usar na nossa piscina comunitária.

O frio, o ar não-muito-inverno cortou em linha reta através do meu casaco. Droga, eu pensei que depois de passar toda a minha vida na área, invernos não seriam ruim. De pé à margem com a neve cobrindo o chão em uma camisa de manga curta e calças apertadas, meu foco estaria no jogo, e não nos cristais de gelo que se formavam em meus cílios. Agora, porém, andando pela rua, era como se alguém estivesse colocando pingentes de gelo nas minhas costas.

Seph caiu no passo ao meu lado.

— Tem certeza de que quer começar hoje? Quando você está começando um novo hábito, estudos têm mostrado...

Parei e ela bateu no meu braço. Me virei para ela. — Por que tudo começa a ser uma linha de interrogatório com você?

Seus lábios se separaram e ela ergueu o dedo indicador no ar como aquele garoto na escola primária. Você sabe – aquele garoto que apenas tinha que deixar o professor saber que ele esqueceu de atribuir a classe qualquer lição de casa antes de tocar o sinal.

— Pare. — Eu agarrei meus dedos juntos na frente de seu rosto. — Se você quer minha ajuda, nós estaremos fazendo as coisas do meu jeito. — Virando a esquina, eu comecei a andar em direção ao nosso destino.

— Você não pode simplesmente me dizer para trazer minha roupa de banho e, em seguida, não me dizer para onde estamos indo. — Seus passos clicaram atrás de mim e ela correu para recuperar o atraso.

— Nós estamos indo para uma fogueira. Onde você acha que estamos indo?

— Bom ponto, mas ainda assim. Eu gostaria de saber um pouco mais sobre o que esperar para que eu possa me preparar.

— Como você pode nadar bem?

— Eu estudei sobre isso. — Ela mordeu o lábio inferior e olhou para seus pés.

— Então, não muito bem.

— Correto. — Ela correu para me acompanhar. — Mas a natação não estava na minha lista.

— Nadar pelada estava, e você não sabe nadar.

— Quem precisa aprender a nadar quando eu estou apenas tentando ficar nua? — Ela soltou um grito exasperado e algumas pessoas na calçada viram-se para nos olhar.

Ela abaixou a cabeça em seu ombro, e eu mal contive o riso.

— Você sabe como deixar uma impressão.

— Cale a boca. — Ela empurrou contra o meu ombro.

Parando em frente à porta, eu abri. Ela recuou e esticou o pescoço, olhando para as letras em cima. — O ginásio?

— Você pensou que nós estávamos indo para uma ilha tropical? Eles têm uma piscina interna.

— Eles têm? — Ela piscou os olhos como se ela não estivesse cem por cento certa que eu não estava trepando com ela.

— Quanto do campus você realmente explorou?

Ela olhou para mim, piscando repetidamente como seus olhos estivessem me respondendo em código Morse.

— Exatamente. Vamos. — Eu abri a porta e ela se abaixou sob o meu braço com as mãos envolvidas em torno de sua bolsa, apertando-a com tanta força que os nós de seus dedos estavam brancos.

Enfiei minha ID do campus através do scanner e atravessei a catraca. Ela bateu levemente seus bolsos, puxou a ID para fora, me imitou e correu diretamente para a barra de metal em frente à entrada. Todo o seu corpo quase dobrado ao meio na cintura. Fiz o meu melhor para não rir.

— Você tem que fazer isso mais devagar. Às vezes, há falhas na catraca. Espere a luz passar de vermelha para a verde.

Sua cabeça disparou e suas bochechas queimaram em um vermelho brilhante. Ela olhou para o cartão novamente, deslizou completamente, e esperou a luz. Empurrando a barra com a mão, ela passou e me seguiu.

— Essas coisas são complicadas. — Ela resmungou, deslizando a ID de volta em seu bolso.

— Elas com certeza podem ser. — O canto da minha boca se levantou quando ela olhou para mim.

Seus olhos se estreitaram e ela soltou um pequeno grunhido.

Apontei para a porta do outro lado do corredor. — O vestiário é ali.

Me troquei no vestiário dos rapazes e sai para a água. Não havia uma tonelada de pessoas lá. A maioria dos estudantes provavelmente não estavam querendo um mergulho em uma terça-feira de inverno.

A porta para a piscina se abriu, e eu teria pensado que havia um poltergeist¹³ no edifício se o azul claro de sua toalha não tivesse saído pela porta.

Eu coloquei minhas mãos sobre minha boca. — A natação envolve realmente entrar na água. — A porta se fechou por um instante, em seguida, abriu novamente.

A toalha dela estava enrolada em volta do seu corpo como seu chinelo batendo contra o azulejo em um ritmo constante e seu olhar disparou para a piscina. Ela mordiscou o polegar, seus olhos treinados sobre a água. De pé no banco, eu agarrei a borda de sua toalha.

— Você não pode usar isso na água.

Seu olhar estalou de volta para o meu e ela balançou a cabeça. Como se fosse a sua única tábua de salvação, ela lentamente deixou a toalha cair fora de seu corpo.

Meu apreço anterior de seu corpo foi extremamente inadequado. Seu olhar bibliotecário estava escondendo curvas que poderiam inviabilizar um trem. A peça de roupa preta não era o da moda, estilo me olhe, e talvez fosse por isso era mais difícil desviar o olhar. O maiô vovó estava condenado, ainda estava bem colado à pele macia.

Ajude-a, não a desosse. Limpando a garganta, tirei a toalha dela e a guiei para a piscina. Sentamos na borda, com os pés na água.

— Quando você disse que não sabia nadar muito bem, o que você quer dizer?

— Eu estudei muito. — Ela olhou para a água, mordendo o lábio inferior. Seus pés chutaram na frente dela, cortando a água.

— Então, esta é mais uma coisa confortável? Não se preocupe, eu tenho você. — Me empurrando para fora da borda, eu cai na água. Chegando ao lado de suas pernas, eu limpei meus olhos. — Podemos começar devagar e você estará fazendo voltas em um momento.

Seu aperto de morte na beira da piscina deveria ser o suficiente para quebrar o azulejo. Ela virou e se abaixou na água como se fosse ácido. Seus ombros balançavam acima da água. As tranças vieram a

¹³ Poltergeist, também chamado por alguns parapsicólogos como Psicocinesia Recorrente Espontânea, é um tipo de evento paranormal que se manifesta em um ambiente no qual existem ocorrências físicas, tais quais, chuva de pedras, movimentação, aparecimento e desaparecimento de objetos, sons, pirogenia, luzes, entre outras.

calhar como seu cabelo estava torcido e amarrado em cima de sua cabeça. Uma gota de água correu pela longa encosta de seu pescoço antes de desaparecer na água.

Eu nadei ao lado dela, balançando a cabeça. — Pegue minha mão, nós vamos fazer um tour.

Ela olhou por cima do ombro e virou lentamente, mantendo as mãos na borda. Seus olhos corriam para todos os cantos da piscina e ela deslizou a mão na minha. Com uma força que eu não poderia ter imaginado, ela me agarrou, e eu juro que meus ossos gemiam.

— Fique calma, Seph. Eu preciso dessa mão para jogar e, você sabe, digitar e comer.

Sua cabeça se levantou e seus olhos pousaram nos meus. Ela não abriu um sorriso, nem mesmo um levantar de lábios, mas ela afrouxou seu aperto. Eu nos empurrei fora da parede. Ela colocou a outra mão em meu braço.

— Ei, Reece, vá em frente! — Alguém gritou da outra extremidade da piscina.

Virei-me, soltando a mão dela e batendo meus pés, saindo da água e pegando a bola de futebol. O cara estendeu os braços e eu joguei de volta. Ela pousou solidamente, batendo no peito com um baque. Como eu disse a Nix, eu poderia ter sido um QB.

O cara levantou o braço para trás para jogar novamente, então seu braço de lançamento baixou lentamente. — Ela está bem?

Eu virei ao redor. Uma figura em forma de Seph desapareceu na água. As pontas dos dedos deslizaram pela superfície. Nadando tão rápido quanto eu podia com ela batendo e agitando os braços, eu empurrei minhas mãos debaixo deles e puxei sua cabeça para fora da água, segurando seu corpo contra o meu peito enquanto eu a rebocava para a borda.

Ela tossiu e cuspiu. *Porra.* Eu me chutei por ser tão descuidado. *Ei, deixe-me ajuda-la Seph, ajudá-la com o afogamento, aparentemente.* Apoiando as mãos na borda da piscina, ela se jogou sobre os azulejos azuis e brancos. Eu a levantei pela sua bunda, e ela deslizou para cima. Algumas pessoas se aproximaram, se agachando ao seu redor.

Eu pulei para fora da piscina e me ajoelhei ao lado dela.

Ela estava de lado, com os dedos espalmados contra os azulejos. Um tremor a atravessou e ela fechou os olhos. Isso foi totalmente minha culpa e eu me senti como um idiota classe A. Eu nunca a teria deixado se eu soubesse que ela não conseguia nem mesmo boiar na água.

— Seph, você está bem?

Balançando a cabeça, ela rolou de costas e seus olhos se abriram. Seu olhar pingou em torno de todas as pessoas que se aglomeraram ao seu redor e ela sentou-se em linha reta.

— Estou bem. Obrigada a todos por sua preocupação, mas estou bem.

Ela tossiu algumas vezes e pulou do chão, correndo para o vestiário.

— Merda.

— Você a conhece? — Alguém perguntou.

— Sim, eu deveria estar ajudando-a a se sentir confortável na água. — Eu bati minha mão contra a água e um forte spray de água me atingiu.

— Talvez deva se ater apenas ao campo, Reece. — Alguém riu, e todos se afastaram.

Correndo para o vestiário, peguei minhas roupas. Me troquei como Clark Kent e estacionei em frente a saída do vestiário feminino. Algumas pessoas saíram, me olhando enquanto eu tentava dar uma olhada pela porta rachada. Eu olhei a hora acho que pela centésima vez. Existe outra saída? Será que ela quer voltar para a água? Depois do que pareceu uma hora, ela finalmente saiu.

Ela abriu a porta com sua bolsa debaixo do braço e seu cabelo em duas tranças penduradas sobre os ombros. As extremidades úmidas formavam pequenas manchas molhadas na parte frontal do casaco.

Alívio tomou conta de mim. — Seph!

Ela pulou e quase deixou cair sua bolsa. Seu olhar estalou com o meu e ela agarrou uma pequena mecha de cabelo que tinha caído na frente de seus olhos. Ela olhou para o cabelo como um aluno rebelde que tinha saído de linha.

— Você esperou. — Ela não tinha um tom esperançoso ou animado. Sua voz era plana e distante, nada como o nervosismo e ansiedade de mais cedo.

— Claro. Escute, eu realmente sinto muito sobre o que aconteceu lá atrás. Por alguma razão quando disse que tinha estudado natação, eu não sabia que isso significava que o seu nível de natação não era nadando em tudo.

— É um nível bastante abrangente de não nadar. — Ela enfiou aquele pedaço caído de cabelo atrás da orelha.

— Agora eu sei. Podemos nos ater à natação em águas rasas até que você esteja mais confortável.

— Isso provavelmente não é uma boa ideia. — Seu olhar correu para a porta da frente como se estivesse pronta para fugir a qualquer momento.

A porta do vestiário abriu atrás dela. A menina saiu e parou ao lado de Seph. — Ei, eu vi o que aconteceu lá fora. Você está bem?

Um rubor escarlate subiu no pescoço de Seph. Ela estava se tornando mais uma beterraba humano a cada segundo.

Eu apertei a parte de trás do meu pescoço.

— Obrigada por sua preocupação. Eu estou bem. — Seu sorriso era tão plástico que eu praticamente podia sentir o cheiro.

A menina saiu, e Seph olhou para o chão entre nós.

— Nós podemos tentar outra vez.

— Eu vou deixar você saber. — Ela não olhou para mim. Seus olhos estavam firmemente treinados nos meus tênis. Ainda bem que eu os mantinha limpos, assim ela não tinha que olhar para uma abominação profana como os que Berk usava. — Eu tenho que ir. Vejo você mais tarde. Tchau.

Foi tudo praticamente uma palavra, e então ela se foi.

Quando entrei no meu carro, um ping alto veio do meu celular.

Nix: Ouvi dizer que você quase matou alguém na piscina hoje.

Notícias correm rápido. Como se eu não já me sentisse mal.

Eu: Ela está bem. Nenhum dano, nenhuma falta.

Nix: Isso não é o que eu ouvi.

Berk: Ouvimos que você tentou apalpá-la enquanto fazia massagem cardíaca!

Eu: Não há um emoji para lhe dizer o quão estúpido que é isso.

LJ: Vocês estão bem com Marisa vindo hoje à noite?

LJ e sua completamente platônica, mas sempre ao redor melhor amiga se juntaram desde que chegaram a Fulton U.

Nix: Não tem problema. Eu tenho que jantar com meu pai esta noite, por isso, se alguém quiser me atropelar com o meu carro, sintam-se à vontade.

Eu: Você quer dizer o novo Mercedes S Class que seus pais compraram para você durante o verão? Aquele? Se eu fizer, posso ficar com o carro?

O pai de Nix jogou profissionalmente por muito mais tempo do que o meu pai e sua família tinha colhido os frutos, não apenas no dinheiro que ele fez, mas também os endossos e contratos pós-temporada.

Nix: Tudo vem com um preço.

Eu: Eu não me importo se Marisa aparecer, mas pelo amor de Deus não a deixe cozinhar nada. Nem mesmo pipoca.

Mal conseguimos tirar o cheiro da última vez que ela decidiu colocar um saco no microondas.

LJ: Ela não é tão ruim assim.

Berk: Estou surpreso que não temos úlceras de seu Spaghetti Surpresa.

Eu: A surpresa estava rolando no chão, orando pela morte uma hora depois de comer.

LJ: Ela está tentando!

Nix: Matar a gente.

Berk: E ter relações sexuais com os nossos cadáveres!

Eu: O que nós fizemos para ela?

LJ: CHEGA! Deixe-a em paz. Esqueça o que eu perguntei, eu vou para o apartamento dela. Sua companheira de quarto faz bebidas melhores de qualquer maneira.

Nix: Sensível, sensível.

Cheguei em casa, e parecia que eu estava tentando superar minha culpa.

A música de Nix soou em seu quarto atrás da porta fechada. Eu não tinha ideia de como ele estudava com aquela batida alta, mas mesmo assim, ele ainda me deu uma surra no departamento de notas.

Jogando minhas roupas molhadas e toalha na pilha de roupas no canto do meu quarto, eu puxei o celular de volta para fora.

Eu: Seph, eu realmente sinto muito por hoje. É completamente minha culpa e eu assumo toda a responsabilidade.

Seu balão de fala pouco apareceu e desapareceu por três minutos sólidos.

Seph: Está tudo bem. Eu agradeço sua tentativa, mas eu vou encontrar uma maneira de lidar com isso sozinha.

Ela fazer isso sozinha era uma má ideia, não que eu tivesse me mostrado melhor em mantê-la longe de problemas. *Por que isso me incomoda tanto?* Eu me perguntava. Eu tentei fingir ser uma espécie de grande proteção fraternal, mas irmãos mais velhos não pensam sobre suas irmãs como eu tinha pensado nela quando ela exibiu o traje de banho e deixou cair a toalha.

9

SEPH

O velho edifício de matemática me abrigou em seu abraço mofado de madeira e pedra. Eu estava sonhando com minhas aulas desde que saí do ginásio, como se a morte estivesse atrás de mim. Todos os vestígios de cloro foram lavado fora do meu cabelo dias atrás, mas levaria um tempo para eu viver abaixo do constrangimento de ter minha vida passando diante dos meus olhos minutos após mergulhar meus dedos dos pés na piscina quente e turva.

O olhar coletivo de todos ao meu redor ao lado da piscina quase incendiara a minha pele. Eu era uma completa idiota, uma idiota por pensar que Reece estaria lá para segurar minhas mãos. Ele se sentiu mal por mim e eu obriguei a me ajudar, mas eu precisava fazer isso sozinha. O rótulo de gênio picou um pouco mais quando a minha falta de habilidades para a vida me esmagou na cabeça e quase me afogou em segundos.

Eu gostaria de dizer que eu não chorei quando voltei ao apartamento, mas as grossas lágrimas que encharcaram meu travesseiro iam me chamar de mentirosa. Por que alguma coisa a ver com outras pessoas fora de uma sala de aula tem que ser tão difícil? Por que meus pais não me ensinaram a nadar? Por que eu me deixei ficar tão tonta com o pensamento de Reece me ensinar a nadar? Por que eu não tinha tomado nenhuma precaução? Em vez disso eu saltei de cabeça e recebi as recompensas para aquele ato de exploração.

Nunca tinha amaldiçoado a memória mais precisa. Cada detalhe excruciante foi vividamente mantido, desde o momento em que saí do vestiário para o chão de azulejos azul e branco ao redor da piscina para o meu olhar varrendo o corpo musculoso e bronzeado de Reece sentado à beira da piscina.

Seu olhar pousou em mim e arrepios estouraram por todo meu corpo. Houve um brilho em seus olhos e depois desapareceu. Eu queria pensar que vi algo lá, mas era só a minha mente pregando peças em mim. Eu queria que ele me quisesse e tivesse a mesma sensação ofegante quando nossos olhos se encontraram, mas isso era uma ilusão.

Havia uma repetição vívida do segundo em que minha cabeça caiu sob a água, os olhares nos rostos de todos quando eu finalmente reapareci, o olhar frenético de Reece quando ele me arrastou para fora da piscina.

Seus olhares tinham queimado o cabelo na parte de trás do meu pescoço enquanto eu ia para o vestiário.

— Sra. Alexander?

Minha cabeça se levantou. — Professor Huntsman, desculpe. Você poderia repetir?

— Isso é altamente incomum, mas dado o seu talento, eu já conversei com o chefe das faculdades de graduação. Você estaria interessada em ensinar um curso durante o verão? Há um programa que temos para diplomados do ensino médio que começam no outono. Nós poderíamos usar alguém como você. — Olhos bondosos do Professor Huntsman brilharam com o tipo de cuidado que você encontra em um shopping na época do Natal.

— Como eu? — Eu enfiei meu polegar em meu esterno quando minha voz subiu uma oitava.

O canto dos olhos enrugou ainda mais, e suas sobrancelhas brancas e brilhantes caíram baixo. — Eu vi você nas sessões de revisão com seus colegas. Você faz um trabalho maravilhoso em ajudá-los, mesmo nas sessões em que você não está atribuída a participar. — Ele riu.

Corri minhas mãos sobre a página de notas ordenadamente impressas na minha frente. As sessões a que ele se referia eram aquelas onde me escondia quando eu fui expulsa do meu apartamento. Sentada na aula de matemática era uma segunda casa para mim, e ouvir coisas que eu aprendi quando eu tinha dez anos não me aborreceu. Me fascinou ver como os professores explicaram as teorias e assistir a todos ao meu redor enquanto as peças se encaixaram. Essa faísca em seus olhos fez valer a pena, ainda mais se alguém não entendeu e eu tinha que desafiar a minha própria maneira de pensar para ajuda-los a compreender os conceitos.

— Eu adoraria, mas eu não tenho certeza se vou estar aqui após o final do próximo semestre. — Soltando minhas mãos no meu colo, eu peguei a minha unha do polegar.

Ele fez um ruído que soou meio caminho entre um estrangulamento e um latido.

— O que você quer dizer? Você acabou de chegar aqui. — Seu rosto caiu como se eu tivesse acabado de lhe dizer que ele tinha perdido o último voo para Aruba. Eu odiava decepcioná-lo. Ele se inclinou para trás desde que eu cheguei para obter as exceções que eu precisava para alguns cursos e para ter certeza de que eu estava indo bem, e eu queria ficar.

— Meu pai está falando com Harvard sobre eles me aceitarem em seu programa de doutorado mais cedo.

Seus olhos se arregalaram e ele baixou a mão para o desktop. — Por que você não me contou? Mantivemos as coisas como elas são para você por causa de quão convincente a sua aplicação era. Você mencionou querer desacelerar e aproveitar a experiência da faculdade. — Ele arrastou papéis em torno de sua mesa.

Eu atirei para frente no meu lugar. — Eu disse. Eu definitivamente disse, mas eu não tenho certeza se eu tenho muita escolha no assunto. — Meu peito apertou.

— Minha querida, você é uma adulta. Você sempre tem uma escolha. — Seus olhos bondosos falaram sobre o quão pouco ele sabia sobre a minha vida. Havia escolhas, e escolhas. Eu nunca tinha recebido muitas de qualquer maneira, e foi um reflexo acompanhar o que foi perguntado: o que eu desejo e o que foi exigido de mim.

Nossa reunião terminou com a promessa de que iria pensar em terminar o meu doutorado aqui. Andando pelo campus, eu verifiquei o tempo. Por que eu não poderia ser uma daquelas pessoas corajosas que não ligam para o que alguém pensava? O tipo de pessoa que poderia estar no meio de uma sala lotada e não quer fugir? Eu simplesmente não podia, no entanto. Isso iria chamar mais atenção para mim. Às vezes eu me sentia como um animal na floresta que se tornava maior para assustar predadores. Melhor isso do que é tentar se adaptar e descobrir se alguém realmente gostava de mim como eu realmente era.

Meu celular tocou no bolso, e uma bola de medo se formou no meu estômago. Meu pai era o único que me ligava, e parecia que ele tinha a capacidade de sentir uma ponta de hesitação acadêmica há mais de 500 milhas de distância. Eu respirei fundo e tentei desdobrar o crescente nó no meu estômago. Dando uma olhada, deslizei meu dedo na tela.

— Olá?

— Oi, Seph. É Graham. Do café. — Sua voz era alta, mais brilhante, como se ele devesse trabalhar em uma loja do malte nos anos 50.

— Sim, claro que me lembro. — Eu segurei o meu dedo no meu ouvido e saí do caminho de tijolos, cortando o chão coberto de folhas.

— Como você está?

— Eu estou bem, ótima. Acabei de sair de uma reunião no departamento de matemática. — Enfiei minha mão debaixo do braço e apertei o celular em meu ouvido. Nós tínhamos trocado números no café. Foi rude da minha parte não ter ligado para ele, especialmente depois dele ser o único a responder meu anúncio. Reece falou que apenas um psicopata faria, mas Graham parecia longe de ser um psicopata. Ele foi muito certinho, demais para meu desgosto.

— Então, você está livre agora.

— Livre para quê? — O lampejo de interesse estava lá. Talvez eu devesse escolher Graham.

— Há uma exposição no museu de arte que eu queria ver. Você gostaria de ir?

E o lampejo foi encharcado com um galão de água. O cenário de sonho dele, me convidando para andar na parte de trás de sua moto ou me esgueirar em um armazém abandonado de uma rave me deixando encolhida e morta. Ainda assim, ou era museu com Graham ou voltar para o meu apartamento. — O museu seria ótimo.

— Incrível, eu vou buscá-la. — Ele terminou a chamada.

Puxei o celular de volta do meu rosto e me assustei. Me buscar onde? Onde é que ele acha que eu estava? Um toque suave no meu ombro parou minha confusão. Virando-me, eu vi um Graham sorridente olhando para mim.

— Eu estava saindo da aula. — Ele apontou para o prédio de Inglês atrás dele. — E vi você andando.

— Você me deixou completamente confusa.

— Eu pensei que seria uma agradável surpresa. — Ele sorriu largamente.

Eu esperei que as borboletas ligassem seus motores. Parecia que elas estavam tímidas, talvez ainda embrulhadas em seus casulos. — Você realmente quer ir para o museu?

— Se você estiver pronta para isso. — Ele era doce, agradável, exatamente o tipo de cara que eu provavelmente deveria estar procurando, alguém da minha própria velocidade.

— Claro, vamos lá. — Então, por que eu me sinto como se eu estivesse indo para uma viagem de campo de classe, não a coisa mais próxima que eu já tive de um encontro em toda a minha vida. Isso foi mais do mesmo, mas eu o segui, no entanto.

Nós andamos pelo campus, nossos ombros bateram quando passamos por outras pessoas sobre as passarelas. Eu puxei meu chapéu mais para baixo. A adição de malha vermelha para meu guarda-roupa me fazia sentir como se eu estivesse andando com meu cabelo em chamas, mas eu percebi que iria me acostumar com isso eventualmente.

— Você conhece ele?

Eu segui o olhar de Graham e meus olhos se encontraram com os de Reece. Deixando os meus voltarem para o chão, eu empurrei minhas mãos em meus bolsos e peguei meu ritmo. — Nos esbarramos no campus antes, mas é isso.

Graham me alcançou. — Ele está te encarando como se você tivesse roubado algo dele.

— Deve ser o chapéu. Está chamando muita atenção para mim. — Olhando por cima do meu ombro, eu olhei para Reece. Ele estava no centro de um grupo de rapazes, provavelmente, seus amigos, ou pelo menos companheiros de equipe. Um deles jogou a cabeça para trás e riu. O som fez o seu caminho em toda a extensão do pátio. Eles estavam rindo de mim?

— É um chapéu agradável. — Ele olhou para mim, os olhos suaves e gentis. O cavalheiro perfeito.

— Obrigada. — Fomos para o museu, em seguida, pegamos alguns sanduíches do café no caminho de volta ao campus, e tudo que eu

poderia fazer o tempo todo que eu estava com ele foi pensar em como isso foi exatamente igual a tudo o que eu sempre fiz. Ele era exatamente o tipo de cara com quem eu deveria estar. Ele disse todas as coisas certas, sabia todas as informações corretas, mas de alguma forma quando se tratava de colocar a última peça do quebra-cabeça no lugar, ele não se encaixava.

Eu estava de volta à estaca zero.

Sem amigos.

Sem encontros.

Sem sexo.

Abri a porta do meu apartamento, e fui recebida por Alexa praticamente montando seu namorado no sofá da sala de estar.

— Você poderia bater. — Ela jogou o cabelo e cuspiu as palavras por cima do ombro.

— É o meu apartamento também. — Eu disse sob a minha respiração.

— Ei, Seph. — Dan acenou por cima do ombro enquanto eu marchei para fora da sala até corredor para o meu quarto. Como um cara legal como ele acabou com uma vadia atômica? Eu supus que isso funcionasse nos dois sentidos – como a minha mãe acabou com o meu pai? Relações mudam as pessoas, parecia. Eles faziam com que as pessoas fizessem coisas loucas que normalmente não fariam e tolerar coisas que qualquer um do lado de fora pensaria que eles eram loucos por aguentar isso.

Fechando a porta, vi o meu estojo no canto. Abri o fecho e levantei o corpo de madeira suave. Virando a fechadura da minha porta, eu voltei para a cama e peguei o arco. A madeira aquecida ao meu toque, e as cordas de metal fresco pressionaram contra os dedos. Minha ansiedade do dia e preocupação com o que estava à frente caiu no fundo da minha mente quando comecei a tocar, correndo o arco pelo metal amarrado.

Talvez fosse porque tocar me relaxa.

Talvez fosse porque eu amava tocar, e talvez fosse também por causa do quanto Alexa odiava. Corri meu arco de um lado para o outro, tentando algo novo, a minha própria versão sobre uma canção que eu

ouvi no café com Graham. Hozier “Take Me to Church” vibrou o seu caminho através dos meus ossos. Eu queria alguém para olhar para mim do jeito que ele cantava, como se não houvesse outro lugar onde ele poderia encontrar a paz, mas na minha presença.

Uma batida forte na porta trouxe um sorriso aos meus lábios. Abrindo os olhos, olhei para fora da janela do meu quarto. Isso significa que eu tinha prazer no volume da voz de Alexa vindo do corredor? Ou a forma como Dan disse a ela que parecia bom para relaxar? Eu estava cansada de ser agradável, quieta e pequena. Eu estava cansada de ser eu, e a única maneira de mudar isso era para parar de ter medo do que eu queria.

10

REECE

Eu corri para a zona final com a bola debaixo do meu braço. Deixando cair, eu esperei o apito do árbitro e caminhei em direção do banco. Um monte de colegas de equipe se chocou contra mim. A dança de comemoração que geralmente costumava seguir simplesmente não estava lá para mim. Corri para fora do campo e sentei no banco.

Jogos em casa são sempre ensurdecadores. Geralmente, isso tornava cada ponto muito mais doce, mas esta noite eu tinha outras coisas em minha mente – a mesma coisa que estava em minha mente durante os treinos e as sessões de levantamento de peso. Enquanto deveria ter me concentrado em estudar e ter certeza que minhas notas estavam, onde elas precisavam estar, eu estava preocupado com um pequeno peixe que tinha quase se afogado.

Quando olhei para cima, todo mundo estava me olhando como se tivesse crescido outra cabeça. — O quê? — Eu olhei para eles. Agarrando minha garrafa de água, eu joguei água em minha boca. Bati minha garrafa, e os dez pares de olhos em mim voltaram para o campo.

A maneira como Seph me agarrou enquanto eu a ajudava até a borda da piscina passou pela minha mente. Eu poderia ter matado ela. Quando ela disse que tinha estudado, eu pensei que ela queria dizer que ela não sabia nadar bem ou não tinha nadado por um tempo e não estava confortável, não que ela não pudesse se manter acima da água. E, claro, ela não gostaria de admitir algo assim, revelando algo que ela não poderia fazer bem.

Quase uma semana depois e eu não tinha ouvido falar dela. Ela estava ocupada com aulas? Ela e Graham já estavam juntos? Talvez ela não quisesse mais falar comigo, agora que ela tinha conseguido o que queria dele. Talvez eu não pudesse tirá-la da minha mente, porque ela se afastou de mim, ou talvez fosse porque eu mentalmente a tenha deixado fora dos limites e disse que sob nenhuma circunstância eu iria dormir com ela, fruta proibida ou coisa assim.

Toda a sua congestão reprimida me fez querer descascar tudo para fora dela, desfazer suas tranças ridículas, e deixá-la ir absolutamente selvagem. Houve uma raia selvagem lá embaixo. Eu poderia dizer. É

como *beijo você como um governante e sento no seu colo*, esse tipo de coisa. *Basta parar de pensar nela*. Os segundos passavam no campo.

— O que há com você, cara? — LJ sentou ao meu lado no banco. Ele estava andando muito no banco estes dias.

— Coisas.

— Coisas que te deixaram distrair da décima vitória nesta temporada e os olheiros estão nas arquibancadas.

Eu me virei e olhei para cima. Na maioria das vezes olheiros apenas assistiam fitas. Muito raramente chegavam nos jogos, mas eles sempre foram fáceis de detectar. Olhares de aço e fadiga do guerreiro da estrada foram brindes.

— Então eles estão. — Meu coração disparou e minha perna saltou para cima e para baixo.

O relógio chegou a zero e todos estavam fora do banco e no campo, mas eu não fui o último desta vez. Eu voltei para o vestiário depois de ter cumprimentado Nix por conseguir mais uma vitória com passes assassinos. O pai dele deve estar muito orgulhoso que seu filho certamente vai ser uma escolha de primeira rodada. Ele era praticamente um bloqueio. O meu não esteve em um jogo desde que eu comecei a jogar na faculdade.

O treinador me alcançou no túnel. Puxando minhas ombreiras, eu nos levei em direção ao vestiário.

— Eu vejo que o consultor de mídia funcionou. — Ele me deu um tapinha nas costas. — Grande trabalho não se exibindo lá fora. Os olheiros adoram esse tipo de coisa.

Mantendo a boca fechada, eu balancei a cabeça com ele ainda em meus calcanhares.

— Vamos para a coletiva de imprensa. — Ele bateu as mãos sobre os meus ombros e praticamente me levou para a sala cheia de flashes da câmera e um pequeno grupo de repórteres. Suas perguntas eram as mesmas que foram feitas um milhão de vezes. Normalmente, isso era um conforto – ninguém gosta de uma bola curva, mas hoje eu só queria sair de lá.

De volta à casa, as coisas estavam em pleno andamento. Eu mal fiz uma aparição, indo direto para o meu quarto. Manter as aparências não

importava mais para mim. Suas opiniões sobre mim valiam menos que nada. Era quase pior que todos aparecessem nas festas quando achavam que as acusações eram verdadeiras. Se eu fosse tão idiota, por que alguém iria querer estar perto de mim? O futebol era a droga e eu era a seringa de celebridades. Eles estavam prontos para me usar e me jogar de lado assim que minha utilidade se fosse.

Abrindo a porta, eu pulei, observando a figura descansando no sofá enfiado no canto do meu quarto. Mesmo depois de uma vitória, parecia que eu não era o único que não tinha vontade de festas.

— Eu sabia que não devíamos ter feito você o mestre chave. — Eu me joguei no sofá ao lado LJ.

— Eu trouxe cervejas. — Ele estendeu uma garrafa gelada. Condensação corria pela lateral do vidro. — O que se passa contigo? Você está todo sombrio e mal humorado.

— Não estou. — Eu agarrei a cerveja dele, derramando um pouco no meu colo.

— Certo, definitivamente não agindo como uma garota temperamental.

— Eu não sou temperamental. Eu só tenho um monte de coisa na minha mente.

— Como o quase afogamento daquela menina.

Arrastando os dedos pelo meu cabelo, eu tomei um gole de cerveja. — Ela está perfeitamente bem agora. O jogo de hoje foi apenas mais do mesmo. Nada para ficar muito animado.

— Pelo menos você tem que jogar. O treinador tem isso para mim com uma vingança.

— O que aconteceu? Vocês dois estavam bem e você começou quase todos os jogos, mas agora ele puxa no segundo em que você espirra errado.

Ele olhou pela minha janela, pegando o rótulo na sua cerveja. — Ele não é um grande fã meu agora.

— Eu sei, é por isso que eu disse isso. Será que você quis atropelar o cachorro dele ou algo assim?

— Antes fosse isso, mas com ele tendo raiva de mim, parece que minhas chances do profissional estão diminuindo cada vez mais a cada jogo.

— Você tem fita de outras temporadas. Qualquer um pode ver que tipo de jogador você é.

Ele encolheu os ombros.

— Onde está sua sombra?

Ele levantou a cabeça e franziu a testa. — Marisa? Ela está saindo com sua colega de quarto esta noite.

— Ahhh, isso é triste. Elas não te convidaram para a noite das meninas? Você terá que pintar as unhas sozinho.

— Ha ha ha.

Minha porta se abriu. Estava na ponta da minha língua para dizer aos foliões para sair, mas, em seguida, Nix invadiu como se ele estivesse pronto para colocar fogo no chão. Chutando a porta atrás dele, ele tirou as mãos dos bolsos. Andou na frente do meu armário como se ele estivesse tentando usar uma ranhura no chão. Ele saiu logo após o jogo para ir para a casa de seu pai. Seus sapatos pretos tinham um brilhante esmalte espelho, e o longo casaco de caxemira preta, calças pretas e luvas que ele usava o fazia parecer um cara em uma revista.

Ele desabotoou o casaco e o jogou no chão.

— Acho que o jantar correu bem.

Sua cabeça se levantou e ele olhou para nós. — Se por 'bem' você quer dizer um acidente de trem, então sim, ele correu perfeitamente.

— Ele não está satisfeito com a temporada? — LJ apoiou os cotovelos nas coxas.

— As expectativas da família são uma merda, — Nix resmungou. — E a ameaça de cabelo rosa ao lado chamou a polícia novamente.

Nós todos gememos.

— Pelo menos foi a polícia do campus, desta vez, não a da cidade. — Ele apertou seu ombro, massageando-o.

— Sua casa é onde a diversão vai morrer. — Eu olhei pela minha janela para a casa do outro lado da rua. Eles eram praticamente o nosso inimigo, desde o dia em que nos mudamos.

— Você está com sorte, eu vim preparado. — LJ se inclinou sobre o braço do sofá e tirou outra cerveja.

Estiquei o pescoço. — Quantas cervejas você tem aí?

— Eu nunca vou te dizer.

Ele deslizou a tampa fechada no cooler que levou para o no meu quarto.

— Temos que ganhar o campeonato. — Nix agarrou a cerveja da mão de LJ.

— Que diabos você acha que estamos tentando fazer?

— Você não entende. — Ele passou as mãos pelo cabelo e tomou um longo gole da garrafa. — Seu pai não é assim? Ele nunca foi uma força implacável empurrando você para jogar, não importa o quê? — Ele olhou para mim, incrédulo.

— Meu pai nem sequer me deixou tentar entrar para a equipe no ensino médio.

— O quê? — LJ e Nix tanto gritaram ao mesmo tempo.

— Eu tive que fazer isso pelas costas dele. Não foi até o meu nome aparecer no jornal por um touchdown de setenta jardas – o mais longo na história do colégio, que ele percebeu. — Passar o equipamento pela janela do meu quarto dia após dia para treinar não foi divertido, mas meu pai foi rigoroso sobre não jogar. Parte de mim se perguntava se era porque ele não achava que eu não iria conseguir ou se ele estava preocupado que eu iria superá-lo.

— Ele não queria que você jogasse? Por quê? — LJ encostou-se no braço do sofá.

— Nós nunca realmente fomos além do 'não' dessa conversa. Ele desistiu quando eu tinha três anos, meu irmão tinha cinco anos, e minha irmã tinha acabado de nascer. Disse que ele sentia muita saudade de nós e era muito difícil para a mamãe ter que cuidar de nós três sozinha.

— É muito mais fácil quando você pode pagar por uma babá. Eu deveria saber, porque isso é o que meu pai fazia, quando ele não estava me fazendo treinar por horas, todos os dias na offseason.

— As famílias são perturbadoras às vezes, homem. — LJ tamborilou os dedos contra o lado da garrafa coberta de condensação.

— E você? Não há expectativas da família, agora que os profissionais estão bem na esquina?

Nix e eu viramos para LJ. Ele encolheu os ombros. — Na verdade não. Minha mãe está feliz, se eu estou feliz. Meu pai ainda não acredita que eu cheguei tão longe. Você os viu nos jogos. Eles olham para mim como se houvesse algum engano, não que esta temporada esteja apagando qualquer uma de suas dúvidas. — Ele passou a mão pela borda do gargalo da garrafa.

— O treinador está definitivamente procurando por você nesta temporada. Você atropelou seu cachorro?

Peguei um travesseiro do sofá e joguei em Nix. — Eu perguntei a mesma coisa.

LJ pegou o rótulo de sua cerveja. — Você tem que prometer que não vai contar a ninguém.

Nix e eu trocamos um olhar e nos inclinamos para frente.

Ele respirou fundo e afundou novamente no sofá. — Eu não atropelei o cachorro dele, mas eu o estraguei em um nível pessoal.

Nix moveu a mão em um círculo, pedindo para que ele continuasse

— Você sabe como as pessoas ficam quando a família está envolvida.

Confusão rodou na minha cabeça. Família... que inferno?

— Ela vai me matar se descobrir que eu disse. — Ele olhou para a garrafa.

— Você pode simplesmente dizer? — Nix se sentou na beira da minha cama.

— É sobre o treinador e Marisa.

Nix me lançou um olhar. — O treinador está batendo sua melhor amiga?

A cabeça de LJ se levantou. — O que? Não! Isso é nojento. — Seu rosto enrugado em uma máscara de horror. — Ela é sua filha.

— Uau. O que?! Ela é filha dele? — A foto em sua mesa. Eu sabia que ela parecia familiar.

Ele assentiu. — Filha distante. Quando ela começou aqui, eles não se falavam há cinco anos.

— Por que ele tem isso para você?

— Ela é minha melhor amiga.

— E?

— A condição para que ela não precise arranjar um emprego para pagar sua mensalidade é jantares semanais em sua casa desde o início do semestre. Ela não queria ir. Eu não quero que ela tenha que sair da faculdade, então me ofereci para ir com ela. Eles têm sido desconfortáveis, para dizer o mínimo. — Seus lábios beliscou juntos.

— Você tem tido jantares semanais com o treinador.

— E Marisa.

— O que diabos vocês três falam?

— Nada. É literalmente como duas horas de silêncio. Eu prefiro ter brotos de bambu empurrado sob minhas unhas.

— Mas por que o treinador está jogando isso em você?

Os ombros de LJ levantou e caiu para trás ainda mais baixo. — Eu a conheço desde que tínhamos seis anos. Ela não vai falar com ele, mas ela fala comigo. Ele recebe duas horas de jantares silenciosos. Eu provavelmente sou sortudo por ele não ter tentado me matar durante o treino. Ele só está determinado a torpedear minha carreira, é tudo.

Fale sobre serem surpreendido.

— Droga, esta merda crescente não é brincadeira. — Nix se recostou contra a parede, apoiando a cabeça sobre as mãos entrelaçadas.

— Mesmo quando você tenta manter as coisas simples e fáceis, a merda sempre encontra uma maneira. É como Jurassic Park, mas com efeitos especiais piores. — LJ riu de sua própria piada e inclinou para trás sua cerveja.

— É apenas mais alguns meses e tudo isso vai embora para você. Pronto para ser convocado? — Nix rolou a garrafa entre as mãos, os olhos concentrados no topo da cerveja como se ela estivesse a mil milhas de distância.

— Eu estou pronto desde o primeiro ano. E você? Menino de ouro, finalmente, seguindo os passos de seu pai? — Eu arremessei uma meia em sua cabeça.

Ele entrando no rascunho era uma conclusão inevitável para praticamente toda a população da Costa Leste.

Sua boca se torceu e ele olhou para o teto. — Claro. — Empurrando contra os braços da cadeira, ele se levantou e pegou a garrafa vazia. — Eu tenho um trabalho de conclusão de curso para terminar, e também posso começar com isso. E você? Como as aulas estão indo?

Eu peguei minha garrafa e a joguei entre as mãos, o som vazio e oco saindo do topo a cada lance. — Elas estão bem. Não é como eu precisasse delas assim que for convocado.

— É sempre bom ter um plano de backup.

— Como pular direto para comentar em vez de jogar profissionalmente? Nós não temos todas as conexões que você tem.

Nix atirou um pedaço de papel diretamente na minha cabeça. — Comece a trabalhar, cara de bunda. — Ele abriu a porta e desapareceu no mar de pessoas andando no corredor.

Joguei a minha garrafa na lixeira. LJ estava na minha janela com o celular pressionado contra sua orelha.

— Ris, se você não quer ir, não vá. Ele não pode forçá-la a passar tempo com ele. Você sabe que eu apoiarei você, não importa o quê. — Ele passou os dedos pelos cabelos, seu reflexo mostrando toda a preocupação que atravessa seu rosto.

Se isso era sobre o pai dela, LJ estava assinando seu próprio acordo de não-esboço, mas as pessoas fazem coisas estúpidas quando

se tratava de pessoas que amavam. É por isso que eu estava ficando tão longe de qualquer coisa que possa me distrair, eu poderia muito bem ter estado em um sistema solar diferente.

Ele saiu do meu quarto. Eu tranquei a porta e agarrei meus fones de ouvido com cancelamento de ruído para bloquear a voz alta de Berk carregando a música e toda a comoção lá embaixo.

Olhando para um dos meus trabalhos, eu reli a mesma frase três vezes. Fechei meu laptop e bati os dedos sobre o metal quente. Peguei meu celular e o coloquei virado para baixo. Pulando da cadeira, eu corri minhas mãos pelo meu cabelo e comecei a andar pelo quarto. *Ela disse que está bem. Ela disse que não quer minha ajuda. Ela vai ter que descobrir as coisas por conta própria de qualquer maneira. Apenas deixe ir.*

Ela provavelmente já dormiu com Graham. Claro, eu achava que ele era um idiota, mas ele não parece ser um cara mau. Ela é mais inteligente do que ele, e ele provavelmente ficaria impressionado com o cérebro dela.

Mas eu precisava ter certeza de que ela estava bem. Se ele a machucasse, eu quebraria seu nariz. Peguei o celular da mesa e bati em seu nome, ao lado da foto que eu secretamente tirei na última vez que a tinha visto. Ela estava com um chapéu vermelho brilhante, que de alguma forma entrava em choque com tudo o resto que ela usava. Duas tranças espinha de peixe saíram debaixo do chapéu e deitaram sobre os ombros.

Meu dedo pairou sobre o botão verde na tela.

11

SEPH

— Se essa atitude é o que eu recebo por permitir que você vá para a Filadélfia, por que não posso ver se a comissão aceitaria você depois que o semestre terminasse, e não na primavera?

Bile subiu na minha garganta. — Não, você está certo, pai. Eu sinto muito.

Seu som de desagrado trouxe de volta memórias das impressões digitais machucados na base do meu pescoço. Eu esfreguei a mão na minha pele. Eles se foram agora, não estavam lá há anos, mas às vezes essas memórias antigas me inundavam e tornavam difícil de respirar.

— Vou decidir quando você voltar para o feriado de Ação de Graças.

Lágrimas brotaram nos meus olhos. Discutir só iria cimentar a ideia em sua cabeça. Deixei escapar uma respiração para manter o tremor da minha voz. — Vejo você então. — Terminando a chamada, sentei na minha cama, olhando para o celular.

Houve uma batida suave na minha porta. Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ela se abriu.

— Persephone, Dan está vindo e vamos assistir a um filme. — Seu sorriso de plástico era tão grande que eu estava surpresa que suas bochechas não racharam. Talvez esta era à sua maneira de fazer as pazes. Depois do meu Concerto de Violino e vencer todas as performances, ela foi menos agressiva. Talvez se levantar por mim mesma em meu próprio caminho tenha mudado as coisas.

— Parece bom. Estou cansada de olhar para estas provas de qualquer maneira. — Eu fechei meus livros. Quando eu estiquei meus braços acima da cabeça, minha coluna estalou. Pressionei meus dedos na parte de baixo das costas, dando-lhe um bom alongamento. Todo o trabalho e nenhuma brincadeira fez Seph ainda mais entediante do que já era.

O sorriso dela caiu. — Isso não foi o que eu quis dizer.

— Por que mais você mencionaria que vai assistir a um filme? — Levantei da cadeira e caminhei para mais perto dela na porta.

— Porque eu quero que você saia.

Olhei para a moldura da porta, para o balde de sangue de porco. Claro que era isso que ela queria. Por que alguém iria querer ficar perto de mim? Inferno, Reece tinha quase me deixado afogar na piscina. As pessoas fingiram que não estava lá ou queriam que eu fosse embora. A menos que eu era um Gênio Indomável em uma sala de aula velha e empoeirada, ninguém me queria por perto. Talvez fazia sentido apenas seguir com o plano de meu pai. Não é como se eu tivesse uma vida social agitada de qualquer maneira. Aquele nó duro no meu estômago cresceu e eu precisava de um pouco de ar fresco. *Tanto para virar uma nova folha.*

Batendo meus lábios, eu assenti. — Certo, eu vou para uma caminhada. — Eu agarrei o meu casaco largo das costas da minha porta.

— Faça uma bem longa. — Ela acenou e fechou a porta atrás dela.

Coloquei meu casaco e enfiei a mão no bolso. Meus dedos enrolaram em torno do pedaço de papel dobrado. *Devo chamar Graham?* Parecia que ele estaria pronto para a minha oferta.

Saindo do apartamento e do lado de fora, abri e olhei para a lista ordenadamente impressa. Nenhum deles foi verificado. Nem um pouco mais perto de meu objetivo.

Segurando na minha mão, eu olhei para ela de novo, realmente olhei para ela. Era uma lista de coisas que eu fiz... por quê? Então, eu podia sentir como se eu tivesse um pouco de controle sobre a minha vida. A lista de coisas que iria irritar meus pais, talvez me fazer um pouco mais como a minha tia Sophie. Foi estúpido sequer tentar.

Eu não poderia nem mesmo me rebelar corretamente. Como você se rebela quando a pessoa que você está se rebelando nem sequer sabe que está fazendo isso? E quem diabos faz uma lista para se rebelar? Era como desenhar uma revolução. A rebelião era para ser confusa, e de alguma forma eu consegui não enfrentar qualquer coisa diferente do que comprar um chapéu vermelho estúpido, mas também para ter o fim mais chato de uma rebelião de todos os tempos. Eu fiz uma bolinha e joguei o papel em uma lata de lixo em frente ao prédio.

Eu dei dois passos antes de uma mão enrolar no meu braço, apertando meu cotovelo. Gritando, eu girei e bati minha mão na cabeça do agarrador o mais forte quanto eu pude. Sua mão caiu do meu braço e ele embalou seu rosto.

Vi os tênis azuis brilhantes com listras brancas e a cabeça inconfundível de cabelos pretos, e minhas mãos subiram para a minha boca. — Reece? Oh Deus, eu sinto muito. Pensei que fosse um ladrão ou algo assim.

— Sim, eu entendi. — Ele esfregou a mão sobre o rosto, as luzes da rua pegando os tons profundos de seus olhos quando ele moveu sua mandíbula de lado a lado. — Isso é um bom balanço do que você tem aí.

— O que você está fazendo aqui? — Eu olhei para o edifício. Ele estava visitando alguém?

— Eu vim procurar por você.

— Eu? — Eu apontei meus dedos enluvados para o centro do meu peito.

— Você diz isso como se fosse um choque total.

— Depois de como deixamos coisas na piscina, eu acho que é um choque garantido. — *Não volte a jogar novamente, de pé no meio da calçada como um cervo prestes a ser atropelado por um caminhão.*

— Eu sinto muito. Eu fui um idiota. É um hábito que às vezes caio. E você deixou cair isso. — Ele ergueu o pedaço de papel amassado — minha lista.

— Não, eu não deixei. Eu joguei fora.

A expressão de dor passou pelo rosto dele. — Não faça isso porque eu estraguei tudo.

— Não é porque você estragou tudo. Era uma lista estúpida para começar. — Corri meus dedos pela lista. — Sobremesa para o jantar? O que eu tenho, cinco anos? — Eu fui jogá-la na lata de lixo, mas ele pegou minha mão. Seus dedos deslizaram ao longo da separação entre o meu casaco e as luvas, aterrissando direito sobre o ponto de pulsação do meu pulso. Meu sangue bateu em minhas veias, correndo para a superfície e aquecendo minha pele.

Ele arrancou o papel da minha mão e enfiou no bolso. — Não faça isso. Onde você vai?

— Fui banida do meu apartamento de novo, então eu estava indo ver um filme.

— Eu gosto de filmes.

— Você não vai gostar deste.

— Tente-me. — Ele sorriu para mim como um cara que nunca tinha perdido uma aposta em sua vida.

Peguei meu celular e olhei para os horários de cinemas próximos. Essa era a melhor maneira de matar o tempo. Havia um novo filme indie Francês passando no multiplex, uma tiragem limitada por apenas alguns dias. *Isso deve ser bom.* Eu sorri de volta para ele e selecionei dois assentos.

— Isso não faz qualquer sentido. — Ele se inclinou e sussurrou em meu ouvido, o ar de seus lábios roçando meu pescoço.

Concentre-se, Seph. Eu respirei e trouxe o mata mosquitos para as borboletas. — É sobre a crise existencial de saber que você vai morrer.

— Mas todo mundo sabe que eles vão morrer. — Ele segurou a balde gigante de pipoca para mim.

— Há uma diferença entre saber e morrer. — Enfie a mão no balde que Reece tinha comprado e empurrei a amanteigada e bem salgada pipoca em minha boca. Eu tinha abandonado há muito tempo um único núcleo de cada vez.

Um estrondo do teatro ao lado sacudiu nossos lugares.

Sua cabeça se levantou, ansiosamente olhando para a parede.

Olhei para as outras pessoas na sala: todos os casais. Pares de assentos ocupados pontilhavam as fileiras. Havia menos de dez pessoas. À medida que o filme se arrastava, a distância entre as cabeças desaparecia. Estiquei o pescoço e olhei para trás. Os três casais em cinco fileiras atrás de nós estavam todos em vários estágios de explorar amígdalas um do outro.

Recostando-me em meu assento, olhei para Reece. Seu rosto era uma máscara de confusão, mas ele estava suportando o filme, suportando porque eu tinha escolhido.

Houve um grande barulho de aplausos da plateia na sala ao lado de nós. Eu olhei para a parede. Era provavelmente um dos novos filmes de super-heróis. Eu nunca tinha visto nenhum deles. Pelo menos com esses filmes, era esperado que você ficasse um pouco perdido. Ali, eu provavelmente era a única sem saber o que estava acontecendo. Outro lugar onde piadas iria direto para minha cabeça.

Recostando-me no meu lugar, enfiei a mão dentro do balde. O tempo parou quando nossas mãos se roçaram. A dele completamente envolvida na minha. A fricção grosseira de seus dedos na parte de trás da minha mão enviou faíscas através do meu braço. Eu precisava de um mata mosquitos maior.

Eu puxei minha mão para trás, ao mesmo tempo em que ele a pegou. Ele entregou todo o balde e eu estava pronta para ser dispensada no cinema. Piscando rapidamente, eu coloquei um punhado de pipoca na minha boca, não provando um único grão. Eu não poderia nem mesmo assistir a um filme com alguém sem assustá-lo.

A pouca luz de seu celular encheu seu colo. Ele pressionou o botão na lateral e colocou de volta no bolso. Ninguém a nossa volta parecia notar.

Ele enfiou os braços em seu casaco e meu estômago despencou. Ele definitivamente estava me abandonando. Meu coração acelerou e os velhos sentimentos de assistir as outras crianças andando em suas bicicletas e me deixando em sua poeira subiram à superfície.

Cobrindo o nosso braço compartilhado com o braço, ele sussurrou em meu ouvido. — Vamos lá.

Empurrando para trás, eu olhei para ele, com os olhos arregalados. — O filme não terminou ainda.

— Então? Vamos. — Ele ergueu o queixo, inclinando a cabeça para trás em direção à saída. Seus olhos brilhavam com o desafio.

Aperte o botão de ouro. Peguei o balde de pipoca e o segui para fora. A luz fraca do corredor do cinema me fez sentir como se eu fosse uma vampira que tinha saído ao meio-dia. — Para onde estamos indo? — Eu sussurrei, tentando acompanhá-lo.

— Você vai ver. — Ele agarrou minha mão. — Apresse-se. — Pipoca voou para fora do balde quando ele me puxou.

Olhei para os diferentes nomes iluminados em LEDs vermelhos acima de cada sala. Ele caminhou até o posto de vendas no final do corredor. Tomando o balde de minhas mãos, ele o entregou para o cara. — Podemos reabastecer? A minha namorada deixou cair quando estávamos indo ver o filme.

O cara assentiu e se virou para encher o balde.

Meus olhos se arregalaram e eu olhei para ele. Reece piscou e colocou o dedo embaixo do meu queixo, fechando minha boca escancarada.

Com um balde recém reabastecido, Reece me guiou de volta para o corredor. Mais pessoas fluíram do outro lado, vindo do átrio. Sua mão me guiou na parte baixa das minhas costas. Toda vez que eu diminuí o ritmo, ele acrescentou um pouco mais de pressão para me manter andando.

— Mas a saída é por aqui. — Estiquei o pescoço em direção às portas duplas de aço atrás de nós.

— Eu sei. — Disse ele com a boca meio de lado.

Ele pegou a pipoca e pressionou sua outra mão com mais força nas minhas costas. Quando ele me puxou contra seu lado, meu ombro esfregou contra seu peito. Olhei para ele. Seus olhos verdes dispararam para frente e para trás antes de me conduzir para o fluxo de tráfego, voltando para a sala onde todo mundo estava entrando.

— Este não é nossa sala. — Meus olhos se arregalaram. Alguém ia ver. Alguém ia descobrir que estávamos indo para a sala errada.

— Shh. Ninguém vai saber. Eu estava morrendo de vontade de ver este filme e parecia que você estava prestes a morrer de tédio no outro, então eu improvisei uma das coisas em sua lista.

Nós viramos no fim da passagem estreita que dava para a sala. — Qual?

Seu ombro roçou no meu peito e ele falou do lado de sua boca novamente. — Quebrar a lei. — Seus lábios se curvaram em um sorriso.

Eu olhei para a frente enquanto ele me levava para uma linha meio vazio de assentos.

— E se alguém descobrir? — Eu me virei, quase gritando em seu peito no segundo em que minha bunda bateu no assento.

— Então vamos embora.

— E se eles chamarem a segurança?

— Então vamos embora. — Ele se sentou no assento e assumiu as funções de explorar a pipoca.

Minha perna saltou para cima e para baixo e me empoleirei na beira da cadeira, pronta para um funcionário chegar a qualquer momento e nos tirar da sala. Talvez nos fazer caminhar até o lobby gritando que éramos ladrões. Adrenalina bombeava através de minhas veias e eu estava pronta para alguém aparecer com uma lanterna brilhando em nos nossos olhos e a polícia se aproximando logo depois. As luzes se apagaram, sinalizando o início das prévias.

Reece chegou perto do meu ombro e me puxou completamente de volta para o meu lugar. — Relaxe, ninguém está vindo atrás de nós.

Sentei, os músculos tensos do meu corpo relaxando lentamente, e meus olhos já não estavam mais treinados na entrada da sala, agora focados na tela. Os prévias foram passadas. Franquias de filmes que eu nunca tinha ouvido falar com seu quinto ou sexto filme.

As luzes se apagaram ainda mais e a tela se encheu com mais ação e cor do que eu tinha visto desde que tentei a minha mão na química. Cada explosões, brincadeiras espetaculares me colocaram na tela

De vez em quando, eu inclinava e fazia uma pergunta a Reece. Ele também estava envolvido no filme, mas ele nunca me calou ou me lançou um daqueles olhares, - se você me fizer outra pergunta, eu estarei forçando você a escrever o teorema de Pitágoras mil vezes. Ou talvez fosse apenas o meu pai.

Eu apertei minha mão no braço de Reece durante a última batalha, onde o bandido reformado se sacrificou pelo herói. Enxugando a lágrima do meu olho com a palma da minha mão, eu olhei para Reece. Ele olhou para mim com uma expressão estranha em seu rosto.

Todo mundo a nossa volta irrompeu em aplausos e houve até alguns assobios quando os créditos passaram na tela. Nós nos levantamos dos lugares e saímos junto com todos os outros.

— Isso foi melhor do que eu pensava. — O lugar irradiava com uma energia divertida. Todo mundo ao redor de nós falou sobre o que a cena do bônus final significava, falando os nomes dos personagens que eu nunca tinha ouvido antes.

— E você tem que checar alguma coisa de sua lista. — Seu sorriso me fez esquecer meu nome. Eu queria sentir essas linhas de riso contra a minha pele, queria levantar a cabeça de seu peito quando nós dois estivéssemos ambos cobertos de suor e fazer com que ele pressionasse um beijo na minha testa.

— O que você acha marcarmos dessa vez? — Malícia vazou no seu sorriso, e eu não pude segurar o meu.

— Para onde, meu corruptor?

12

REECE

A música do clube balançou a calçada. Pessoas entravam pelas portas. Um segurança estava na frente, verificando identidades e distribuindo pulseiras.

— Eu não tenho vinte e um. — Ela cravou os calcanhares no chão.

Agarrando a mão dela, eu a arrastei para mais perto. — Eu sei. Basta seguir minha liderança.

— Ele vai saber que eu não sou velha o suficiente. — Ela falou com os dentes cerrados e tentou apertar a minha mão.

— Ele não vai. — Eu puxei-a junto.

Andei até a frente da linha. Quando o segurança me viu, sua mão disparou. Eu apertei e batemos os ombros quando ele disse, — Ei, cara, não vejo você há um tempo.

Quando ele colocou a mão no meu ombro, minha cabeça mergulhada. Sim, a festa perde seu brilho quando você acabar com dois olhos negros na parte da manhã. — Estive ocupado matando esta temporada.

— Bons tênis. — Ele apontou para o meu tênis listrado azul e branco da Adidas.

— Obrigado, comprei há algumas semanas. Ouça, eu tenho uma repórter esportiva aqui comigo, mas ela esqueceu sua identidade no hotel. Ela está fazendo uma história sobre mim para Sports Illustrated. Você acha que pode deixá-la entrar? Se não, podemos voltar e pegar, é apenas uma dor na bunda. Eu só achei que você pudesse ser capaz de me ajudar.

Olhei por cima do meu ombro e rezei para que Seph não tivesse se refugiado no trânsito tentando escapar. Ele a olhou de cima a baixo. Casaco de cashmere preto, lenço habilmente escondido na gola. Calças escuras e calçado fino. Cabelos em tranças intrincadas enrolada na cabeça escondida sob o chapéu vermelho. Sua meticulosidade entupida trabalhou a nosso favor.

Eu apertei sua mão para impedi-la de se contorcer e soltar antes que ele visse.

Seus lábios se apertaram e ele acenou com a cabeça, levantando a corda. — Não é problema homem. Cabeça para dentro.

Estendi meu braço, deixando Seph ir primeiro. Ela acenou para o segurança, mas estava praticamente vibrando fora de sua pele.

A porta se fechou atrás de nós e ela agarrou meu braço. — Eu não posso acreditar que funcionou! — Ela pulou cima e para baixo com nervosismo irradiando dela.

— Você tem que vender, isso é tudo.

— Você é um artista cheio de besteira. — Seu elogio me acertou no queixo como um cotovelo acidental que não era para machucar, mas doeu.

Nós andamos para dentro, e ela desabotoou o casaco.

Eu deveria ter de saber que haveria um tecido de lã embaixo.

Ela puxou-o e o colocou sobre o braço como se tivesse acabado de entrar em um restaurante à procura do casaco. Berk pulou e acenou os braços do outro extremo. Ter mais de 1,83m tinha suas vantagens.

— Você fez isso. — Ele apertou meu ombro. — E esta deve ser a evasiva Seph. Reece nos disse muito sobre você.

O olhar de Seph saltou dele para o meu.

— Todas as coisas boas, é claro. Eu pedi algumas cervejas, e há uma rodada de tiros vindo.

— Você não aprendeu a lição depois da semana passada?

— Quem eu? — Ele sorriu e entregou as bebidas quando o barman deslizou para o bar ao lado dele.

Seph segurou o vidro entre dois dedos como se fosse uma fralda suja. Ela se inclinou contra o meu ombro. — Tem um cheiro terrível.

— É a bebida – a maior parte dela não tem um gosto muito bom. — Eu levantei o copo. — Você nunca bebeu antes?

Ela lambeu os lábios cheios e rosados. — Eu tive um pouco de vinho em alguns misturadores de departamento de matemática. Os bartenders simplesmente assumem que todos lá são estudantes de graduação.

— Eu posso garantir que isso não é nada como aquele vinho.

Berk virou com dois tiros em sua mão, em seguida, entregou um para LJ. — Saúde! — Nós brindamos e todos beberam suas bebidas em um gole. A forte picada do álcool disparou direto na minha garganta. Um era mais do que suficiente para mim esta noite. Nós estaríamos viajando no dia seguinte para o próximo jogo, e eu não estaria sentado em um ônibus por cinco horas com a minha cabeça em um saco plástico.

Seph olhou para o copo vazio, inspecionando-o. Nenhuma reclamação ou tosse dela.

— Você está bem? — Eu disse em seu ouvido.

Ela olhou para mim e lambeu os lábios como se ela ainda estava tentando decidir, testando o soco dele em seu estômago e o sabor em seus lábios. — Podemos ter outro? Ou talvez algo com cerejas?

— Claro que sim. — Berk deixou cair outra dose em sua mão e virou-se para pedir uma bebida ao bartender.

LJ e eu paramos atrás e vimos os dois tomar a bebida. — Qual é o seu negócio? Ela ainda não está mais chateada depois que você quase a deixou se afogar?

Eu empurrei meu cotovelo em seu estômago. — Ela está aqui, não está?

Depois ela tomou mais duas doses e metade de uma bebida vermelha brilhante, tirei a próxima da mão dela e a coloquei de volta no balcão.

— Espere! — Ela gritou, agarrando a cereja flutuando em seu copo e colocando-a em sua boca.

Berkley girou com uma bebida rosa e vermelha em sua mão, segurando a para ela. — Não estrague a diversão dela!

— Pretty. — Ela agarrou a mistura gelada, doce com a haste da cereja saindo entre os lábios.

Eu tirei do alcance dela e bati em seu peito. A mistura congelada espirrou em sua camisa.

— Vamos lá, cara. — Ele resmungou, limpando a bagunça.

— Não vamos mandá-la para o hospital na primeira noite em que ela começa a beber.

Ela riu de um lado para o outro e arrancou a haste agora atada entre os dentes.

Berk, LJ, e eu trocamos um olhar.

A boca de LJ estava aberta. — Você acabou de fazer isso com sua língua?

Os olhos de Seph se arregalaram e ela balançou a cabeça. — Levei um pouco mais do tempo habitual, porque a haste era muito curta. Por quê?

Berk passou os braços em volta dos ombros dela. — Você é uma lenda maldita, Seph.

Meu cérebro gaguejou e as faíscas provavelmente estavam voando dentro do meu crânio. Agarrando um cobertor mental, eu sufoquei as chamas crescentes geradas por mim imaginando o que mais ela poderia fazer com a língua.

A música subiu um nível, e ela se virou para as pessoas na pista de dança. — Eu ouvi essa música antes. — A felicidade irradiava enquanto ela pronunciava algumas das palavras.

— Você quer dançar? — Eu apontei para o mar de corpos além da área de bar.

— Dançar. — Ela disse a palavra como se estivesse testando, algo em uma língua estrangeira que ela não tinha ouvido antes. Olhando para mim, ela balançou a cabeça. — Deixe-me tirar isso embora.

Seus dedos caíram para os botões de seu blazer, que tinha de ser insanamente quente no clube lotado. Cotoveladas de couro e tudo mais, ela deu de ombros e estendeu a mão para LJ. Ela sorriu e agradeceu quando ele pegou. LJ deixou cair sobre o banco do bar ao seu lado.

Olhando por cima do ombro, seus dedos foram direto para os botões da blusa. Berk e os olhos de LJ saltaram e minha mão voou para a dela.

— O que você está fazendo?

Ela olhou para mim e de volta para a minha mão. — Tirando a minha camisa. — Ela disse como se fosse totalmente óbvio que alguém como ela estaria se despindo no meio de um bar. Quando ela abriu completamente, houve alívio coletivo de que ela estava usando mais uma camada e não tinha perdido a cabeça. Provavelmente ela tinha em outro blazer de lã debaixo de sua camisa na velocidade que estávamos indo.

— Vamos. — Ela agarrou a minha mão, impulsionada pela coragem líquida, e me puxou para fora atrás dela. Ela ficou na ponta dos pés, tentando espreitar por cima da multidão. Ela parecia uma suricata curiosa até que ela realmente pulou algumas vezes; em seguida, ela apenas fez um olhar adorável. Ela procurou o local perfeito. Não havia muito espaço, mas ela finalmente encontrou algo que ela estava feliz. O reconhecimento iluminou os olhos das pessoas enquanto eu passava. Mais do que algumas mãos roçaram minhas costas. *É este um mercado de carne ou um clube? É a mesma coisa, eu acho.*

Não foi até que paramos que percebi o que ela tinha visto. Sob aquela a lã grossa, Seph usava uma camisa branca, do tipo com tiras de super skinny subindo por cima dos ombros. Que se agarrava a seu torso, o que só me fez querer dar uma olhada mais de perto.

Suas mãos subiram por cima da cabeça como qualquer boa garota. Sacudindo o quadril e movendo seu corpo, ela continuou com a batida da música. Eu definitivamente não teria pensado que alguém como ela teria esses movimentos.

A lacuna que nós criamos se fechava à medida que mais pessoas encheram a pista de dança. Alguém empurrou minhas costas e eu segurei Seph para nos impedir de cair. Meus dedos correram ao longo de sua cintura, atingindo o espaço entre a camisa e o cós de sua calça quando ela levantou as mãos no ar novamente. Sua pele era suave como a seda.

— Esta é uma música incrível. — Seu sorriso era contagiante. Ela dança como alguém que já esteve em clubes antes.

— Você é uma ótima dançarina.

— Eu assisti a alguns tutoriais para ter certeza de que, se alguma vez eu tivesse a chance, eu não faria papel de boba.

— Você é uma aprendiz rápida.

— Em tudo, menos natação. — Ela apoiou as mãos no meu peito e sua língua saiu, correndo ao longo de seus lábios. As luzes do clube fluíram sobre nós. Elas eram fortes o suficiente para brilhar através da camisa, e eu tive uma visão completa de seu sutiã rosa pálido por baixo. Era uma provocação que tornava difícil desviar o olhar, o que significava que havia provavelmente outros rapazes que também estavam tendo dificuldades de desviar os olhos. Estiquei o pescoço para as outras pessoas dançando em torno de nós.

— Tem certeza de que não deseja pegar o seu casaco? Você não está com frio?

— Frio? Está muito quente aqui. — Ela levantou os braços e passou os dedos pelos cabelos. A trança intrincada que parecia ser um acessório para ela lentamente se desfez com cada batida. Ela não era apenas bonita, ela era deslumbrante.

Quando terminou, ondas de cabelo caíram em cascata sobre os ombros, muito mais do que eu teria pensado a partir do estilo. Berk apareceu ao nosso lado.

— Eu tenho outra bebida para você. — Ele entregou para Seph antes que eu pudesse impedi-lo. Ela dançou longe de mim enquanto ela envolvia seus lábios ao redor do pequeno canudo preto, e Berk bloqueou meu caminho. — Deixe que ela tenha sua diversão. — Ele ficou na minha frente.

— Sim, deixe que eu tenha minha diversão. — Ela apareceu por cima do ombro, se equilibrando na ponta dos pés.

— Ela vai ficar bem. Eu vou cuidar dela, — Berk chamou.

— Isso é exatamente com o que eu estou preocupado. — Tentando não me deixar ficar muito envolvido no que ela poderia estar fazendo e sabendo que Berk nunca deixaria nada de ruim acontecer com ela, dei a ela algum espaço para deixar a música levá-la onde quer ela queria ir. Esticando meu pescoço, eu a mantinha na minha linha de visão. Cabeças se viraram e pessoas a observavam; como não podiam?

A música ficou cada vez mais alta até que eu mal podia ouvir meus próprios pensamentos. Berk e Seph se voltaram para mim, e nós nos encontramos no meio. Ela balançou a cabeça de um lado para o outro, fazendo seu cabelo voar a cada movimento.

O suor deixava sua pele brilhar e a parte de cima grudava em seu corpo, tornando ainda mais difícil não olhar.

— Vamos pegar um pouco de água. — Eu deslizei meu braço em volta dos ombros e a guiei de volta para o bar.

— Isso é incrível. Estou me divertindo muito. — Ela estava praticamente saltando para cima e para baixo com a felicidade que só vem de estar super bêbada. Pedi duas garrafas de água e entreguei uma para ela. Ela abriu a tampa e tomou tudo no que parecia ser um só gole.

Riachos de água escorriam pelos lados de seu rosto. Ela limpou a boca com as costas da mão.

— Quão bêbada você está agora? — Eu gritei ao lado o rosto em seu ouvido.

— Eu não estou bêbada. — Ela gritou de volta.

Puxando para trás, eu olhei para ela. Pele corada. Olhos caídos. Ela estava indo tomar um drink com Berk, que colocou seus braços ao redor dos ombros de duas mulheres no bar.

— Se você não está sentindo isso agora, vai te atingir como um caminhão mais tarde.

— Estou falando sério. Eu me sinto bem, talvez um zumbido – é assim que as pessoas chamam, certo? Mas eu não estou bêbada. — Ela ficou orgulhosamente com as mãos no quadril como se ela fosse uma super heroína porque bebida não a atingiu.

Girando em torno dela, corri minhas mãos sobre suas costas, levantando sua camisa pela bainha.

Ela se contorceu para fora do meu controle. Chicoteando com os olhos arregalados, ela passou as mãos ao longo onde eu a toquei. — O que você está fazendo? — Ela bateu nas minhas mãos.

— Procurando o seu painel de controle. Ninguém jamais bebeu com Berkley e o deixou debaixo da mesa, então eu vou com você sendo

um androide incrivelmente realista. Isso explicaria tanto. — Eu agarrei meu queixo entre o polegar e o indicador, olhando-a de cima a baixo.

Ela estendeu os braços para os lados, quase como um varal de roupas, uma menina andando em saltos bambos. — Desculpe! — Ela gritou, o que se transformou em uma risada. Lentamente, ela tocou o dedo indicador no nariz e depois outro. Cada gesto empurrou um pouco os cantos da minha boca, e eu mordi o interior da minha bochecha para não rir quando eu cruzei os braços sobre o peito.

— Diga o alfabeto de trás para frente. — Seus olhos corriam até o teto e ela mastigou seus lábios. — Está vendo? — Eu peguei minha bebida.

— ZYXWVUTS... — As pessoas no bar se viraram e ficaram boquiabertas quando ela recitou cada letra. — ...BA.

Meus olhos se estreitaram. — Bem. Ela vai atingir você na parte da manhã. — Eu tomei um gole da minha cerveja.

Ela apertou sua garrafa de água, me pulverizando com uma fina corrente de água. O frio era um alívio bem vindo do calor sufocante dentro do clube embora estivesse quase congelando lá fora.

— Hey! — Peguei a garrafa dela e disparei alguns de volta. A garrafa pulverizou por todo o seu corpo com muito mais força do que eu pretendia, cobrindo seu rosto.

Ela engasgou, cobrindo-se com o braço. A água escorria de sua pele.

Eu cerrei os dentes e respirei fundo. Merda. Eu provavelmente iria dar um pontapé nas porcas.

Ela deixou cair o braço e me encarou com a boca aberta. — Seu idiota! — Seu rosto chocado mudou rapidamente para um sorriso e eu podia respirar novamente. A maioria das meninas teriam se assustado com água em seu rosto estragando sua maquiagem ou cabelo, mas ela não se importava. Agora ela estava na vingança. Nós lutamos com a garrafa, cada um ficando um pouco mais úmido antes de eu deixá-la arrancar de mim.

Ela segurou na frente dela ameaçadoramente. — É melhor você ficar contente por eu estar com sede. — Ela apertou os restos de garrafa em sua boca, derramando ainda mais água em si mesma.

Sem pensar, eu estendi a mão e limpei o líquido escorrendo de seu queixo, esfregando-o com meu polegar. A ponta do meu dedo roçou seu lábio inferior. Meu coração colidiu com as costelas. O mundo congelou. As pessoas na pista de dança desapareceram. Nada existia, exceto pelo meu polegar e seu lábio liso e cheio. Sua língua disparou para fora, quase roçando meu polegar, e eu juro que meu pau saltou como um sargento que foi chamado. Eu queria que ela envolvesse aqueles lábios em volta do meu polegar. Eu queria provar esses lábios e ainda mais dela. Uma fome que eu nunca tinha sentido antes bateu no meu estômago. Eu queria provar tudo dela.

Ela olhou para mim e inclinou a cabeça para o lado como se estivesse tentando descobrir o que diabos eu estava fazendo. *Entre na fila, Seph.*

— Precisamos de mais doses. — LJ tropeçou nela e eu deixei cair a minha mão.

Ela riu e pegou o copo de suas mãos. As profundezas do problema que eu estava me metendo ainda não foram calculadas.

13

SEPH

Levantando os braços sobre minha cabeça, eu bocejei e me sentei na cama. Além da minha boca parecer com um prato sujo, eu pensei que a manhã depois de uma noite fora seria mais difícil. Em filmes e programas de TV, as pessoas estavam sempre como os mortos-vivos andando pela manhã depois de beber, mas talvez fosse apenas um exagero. Girei minhas pernas para o lado da cama e bati em uma protuberância – uma protuberância resmungando.

Empurrando meus pés para trás, eu espreitei para baixo com os joelhos contra o peito. No meu chão, o pedaço recuou com o cobertor cobrindo o rosto. Reece baixou a cabeça em um dos meus travesseiros e puxou o cobertor um pouco para baixo.

Mordendo meu lábio, eu olhei para mim mesma. Eu estava completamente vestida e em minha cama. Por que eu estava ainda vestindo as roupas que eu tinha saído? Eu nunca fui para a cama sem colocar meu pijama.

Ele virou e abriu um de seus olhos. — Como está se sentindo? — Ele colocou as mãos atrás da cabeça. Os músculos de seus braços se agruparam, mostrando a definição de sua dedicação ao ginásio. Eu me perguntava como iria me sentir com em volta de mim... Pare de se preparar para outra decepção. Ele é um amigo.

— Bom dia. — Eu empurrei o meu cobertor o resto do caminho e olhei para mim. — Eu ainda estou em minhas roupas de ontem. — Meu top estava aberto na parte inferior onde Berkley tinha desabotoado os quatro botões de baixo e amarrado quando eu tinha pedido uma reforma no clube. Era o melhor que ele podia fazer. Minha camisa estava amontoada debaixo o meu sutiã.

— Eu sei. É por isso que estou aqui.

— Você está aqui porque eu ainda estou em minhas roupas? — Eu franzi minhas sobrancelhas.

— Não, o fato de você não mudar suas roupas antes de adormecer me fez acreditar que você estaria em um mundo de dor na parte da

manhã, e ninguém estava em casa quando eu deixei você. Eu não queria abandoná-la aqui com sua primeira ressaca.

Minhas lembranças da noite anterior foram cristalinas. Reece me fez entrar em um táxi depois de LJ e Berkley não tentaram me parar de subir ao palco com o DJ para dançar. Esse foi o tipo de coisa que as pessoas deveriam fazer quando saíam para beber, certo? Coisas embaraçosas que seus amigos iriam lhe dizer pela manhã?

— Por que você não queria que eu dançasse no palco? — Eu coloquei minhas mãos em meu quadril.

O olhar de Reece caiu para o meu estômago. Um leve arrepio me percorreu, não por causa do meu estômago agora exposto, mas por causa do chiado na minha pele quando seu olhar passou pelo meu corpo. Eu queria agarrá-lo, colocar minhas pernas ao redor de seu quadril, e empurrar essas boxers para baixo de sua bunda, em seguida, convencê-lo de que ele estava mais do que preparado para o trabalho. Talvez eu estivesse bêbada. Alcool fazia as pessoas deixarem cair suas inibições como calcinha ao redor dos tornozelos.

— Eu me lembro de chegar em casa e depois... nada. — Passei meus dedos, bem, tentei passar os dedos pelo meu cabelo. Minha trança tinha se transformado em um emaranhado no topo da minha cabeça.

— Você estava falando e era normal durante todo o tempo que estávamos no caminho daqui. Você trançou seu cabelo, falando sobre a sua coordenação mão-olho. Você me dizia que não estava bêbada e não se preocupando, mas eu pensei em te acompanhar para casa como um cavalheiro, especialmente desde que eu estou trabalhando como seu guia.

— Nós entramos no elevador. Você destrancou a porta da frente e me disse que estava bem para eu ir e, em seguida, se enrolou em uma bola no chão bem em frente à porta aberta. Eu estou falando a verdade. Tentei acordá-la por uns bons dez minutos antes de trazê-la aqui. — Ele se sentou, seu largo e musculoso corpo lentamente se revelando debaixo da minha manta branca acolchoada. — Não foi difícil descobrir qual o quarto era seu, então eu coloquei você na cama.

Meus sapatos foram jogados ao lado da porta. Eu nunca teria feito isso.

— Eu devo ter estado super sonolenta.

— Mais como super bêbada.

Me arrastando para a ponta da minha cama, eu coloquei meus pés no chão. A madeira fria e dura enviou um arrepio pelo meu corpo.

— Quantas vezes eu tenho que te dizer? Eu não estava bêbada, e eu estou bem agora. — Eu fiz um balanço da minha condição. Além de um pouco de boca seca, não havia nada acontecendo em meu corpo que não parecesse normal.

Ele me olhou como se eu fosse a maior mentirosa que ele já conheceu.

Quando me levantei em linha reta, o quarto inteiro balançou. Meu estômago revirou e eu fechei minha boca com força. A sensação passou e eu engoli contra a espessura na minha garganta. — Veja, eu estou totalmente bem.

— Estou feliz. Eu não queria que sua primeira noite fora e bebendo acabasse com você acordando coberta do seu próprio vômito. Confie em mim, estive lá – não é divertido. — Ele se levantou, deixando o cobertor cair longe de seu corpo. Em nada além de boxers, ele estava no meu quarto.

Minha boca ficou molhada, mas não foi porque Reece estava lá seminu com essa coisa V que eu pensava que só existia em cartazes de filmes, mergulhando perigosamente baixo em direção a uma parte dele que eu tinha pensado demais. Batendo a mão sobre minha boca, eu corri para o banheiro e vomitei tudo o que eu já tinha comido ou pensava em comer. Minha cabeça e o banheiro tornaram-se um em uma comunhão de pesar violento e orações para a morte.

Sentada no chão ao lado do vaso sanitário, eu descansei minha cabeça na borda de porcelana da pia. Um copo de água apareceu na frente do meu rosto, segurado pelo prenúncio de minha ruína.

— Parece que você poderia gostar isso, estômago de ferro.

Olhando para ele, peguei a sua oferta e tomei um gole, tentando limpar o gosto da minha boca. Ele estendeu a mão. Enfiei minha na sua e me levantei.

— Você precisa vomitar um pouco mais?

Eu segurei a mão contra o meu estômago. O caldeirão de agitação se foi, substituído por um vazio estranho e silêncio. — Não sobrou nada.

— Bom, então podemos tomar café da manhã.

O pensamento de comida me mandou de volta para o banheiro.

Uma sombra da porta pairava sobre mim do meu lugar agachada no chão. Graças a Deus eu limpei no fim de semana. Se a minha guerra fria com Alexa tivesse continuado, eu estaria emaranhada em sua bola de pelos de milhas de comprimento agora.

— Eu não quero dizer que eu te avisei.

Eu bati minha mão atrás de mim, levantando um dedo. — Se você falar isso, eu juro, eu vou passar o resto do meu tempo aqui destruindo cada par de tênis que você possui.

— Isso é mal. Por que você diria algo assim? — Sua voz subiu uma oitava como se eu tivesse ameaçado um animal de estimação ou uma criança.

— Uma garota tem que fazer o que uma garota quer. — De pé, eu me olhei no espelho. Morte. Eu parecia como nova namorada do Grim Reaper.

— Vou pegar um pouco de café. — Ele desapareceu da porta e caminhou para a cozinha. A definição de cada músculo refletida de volta para mim no espelho. Ele dormiu no meu chão durante toda a noite para se certificar de que eu estava bem. Se ele não tivesse recusado toda a minha proposta, eu poderia pensar que ele gostava de mim, mas isso só iria complicar as coisas. Ele iria para onde quer que pessoas do futebol fosse, e eu estaria voltando para Boston.

A porta à minha frente se abriu e o emaranhado que era Alexa saiu de seu quarto. Minhas mãos apertaram ao redor da borda da pia enquanto ela tropeçava em direção a mim. Inclinando-me, eu lavei meu rosto e agarrei meu enxaguante bucal para enxaguar novamente.

— Você tem que levar uma eternidade? — Ela estava na porta, realmente batendo o pé. Com os braços cruzados sobre o peito, ela olhou para mim como se eu fosse uma faxineira que atrasasse.

— Eu vou estar pronta em um segundo. — Eu peguei a toalha e passei por cima do meu rosto.

Ela soltou um bufo. — Por que você não pode simplesmente fazer tudo isso quando eu terminar?

— Estou quase terminando.

— Honestamente, as coisas que eu aturo.

— Eu moro aqui também.

Seus olhos se arregalaram. — O que?

— Ela disse, ela mora aqui também. — Reece apareceu atrás dela e Alexa virou e gritou. Seus olhos dispararam do peito e boxers de Reece para mim e de volta para ele. Sua boca abriu e fechou.

Erguendo o queixo na direção do corredor, ele estendeu a caneca para mim. — Eu fiz com creme e açúcar. Termine isso e eu vou levá-la para o café da manhã como um deleite depois de nossa noite maravilhosa. — Ele jogou um sorriso que poderia ter derretido a calcinha de uma freira.

Deixei escapar um ruído que soou como uma risada. Eu já tinha sorrido antes? Então suas palavras se registraram. Meu rosto se encolheu. Seus olhos se arregalaram e ele acenou para Alexa enquanto movia as sobrancelhas para cima e para baixo.

— Oh, sim, totalmente – uma noite você não vai esquecer tão cedo.
— Eu me encolhi por dentro como não soava sexy.

Um ruído agudo saiu de sua boca e ele me entregou o café.

Passando por ela, eu o segui de volta pelo corredor. Eu podia sentir seu olhar em nós o caminho todo. A porta se abriu novamente e Dan saiu. — Ei, Seph. — Ele passou e deu uma segunda olhada. — Ei, Reece.

— Oi. — Reece acenou, me puxando atrás no meu quarto e fechou a porta.

— Você conhece Dan?

— Não.

Reece era apenas alguém que as pessoas sabiam de... — Você viu seu rosto? — Eu sussurrei, envolvendo minhas mãos em torno da caneca quente. Meu olhar de choque espelhara Dan, quando a fresta da

porta ficou menor e menor. Fiquei parada lá olhando para a tinta branca, querendo ver o olhar em seus rostos enquanto eles tentavam descobrir por que Reece estava aqui. O número de cabeças que tinha virado a noite anterior, quando as pessoas o viam confirmou o que eu já sabia: ele era um grande homem no campus e não havia nenhuma razão para ter que estar comigo.

— Por que você deixa ela falar com você desse jeito?

Eu me virei e Reece estava muito mais perto do que eu esperava. Minha caneca colidiu contra seu peito. Eu recuei, mas não havia nenhum lugar para ir, minha bunda batendo na porta e fazendo ela tremer no quadro.

— Como o quê?

Ele chegou ainda mais perto. As costas dos meus dedos pressionaram contra o peito dele. Seus batimentos cardíacos martelaram contra eles.

— Como uma cadela total. — Seus olhos perfuraram os meus.

— Ela é... — Eu dei de ombros. — Alexa.

— Ela é uma idiota e eu não gosto dela falando com você assim. — A raiva irradiava dele e ele olhou para a porta por cima do meu ombro como se tivesse visão de raio laser.

Levantando uma mão, eu segurei sua bochecha. — Calma, está tudo bem. — Eu corri meu polegar sobre sua bochecha. — Sim, ela é uma cadela, e sim, eu deveria me defender mais, mas às vezes é apenas mais fácil ceder. — Meus ombros caíram e eu abaixei minha mão.

Ele a pegou antes que eu pudesse puxá-la e segurou lá, sua mão segurando a parte de trás da minha. — Você não pode deixar as pessoas passarem por cima de você, Seph. Você acha que é mais fácil dessa maneira, mas não é. Nunca deixe alguém te tratar pior do que você merece ser tratada. — Seu olhar trancado com o meu assim era algo que ele não queria apenas que eu ouvisse, mas realmente soubesse.

Eu balancei a cabeça e ele deu um passo para mais perto, batendo na minha mão. O café derramou sobre a borda da caneca e ele assobiou, recuando.

— Desculpe. — Corri para o lado e coloquei o copo para baixo em meu armário. Abrindo a gaveta de cima, peguei a primeira coisa que eu vi e usei para limpar o seu peito.

— Está tudo bem. É minha culpa. Não é como se eu não soubesse que você estava segurando. — Ele cobriu a minha mão com a sua e puxou o tecido para fora do meu controle. Todo o sangue foi drenado do meu rosto enquanto ele segurava no ar.

Por favor, não a calcinha que acabei de comprar. Por favor, não a de renda azul. Foi a minha primeira incursão em cores excitantes e brilhantes além do meu chapéu. Eu me lancei para ela, mas ele a segurou acima de sua cabeça.

— Dê-me de volta. — Eu agarrei-a, pulando na ponta dos pés para alcançar.

— Minha, minha, minha, Persephone, olhe para você dando um passeio no lado selvagem. — Ele olhou para a calcinha pendurada em seus dedos no ar.

Eu pulei tão alto quanto eu podia e peguei a borda do tecido entre os dedos. O braço de Reece veio ao meu redor e envolveu minha cintura. Sua mão deslizou sob o meu top e caiu sobre a pele nua na parte baixa das costas. Meu estômago, exposto do meu topo subindo, caiu contra o dele. Nossas lutas pararam. A acústica do quarto mudou ou foi o meu coração batendo como um tambor em uma banda? Olhamos nos olhos um do outro.

Uma corrente pulsou entre nós. Seu outro braço caiu e a calcinha azul foi esquecida. Ele levantou a mão e correu ao longo da nuca exposta de meu pescoço. Meus dedos afundaram na suavidade de sua pele, pressionando em seu peito firme e musculoso.

Minha língua saiu e correu ao longo dos meus lábios. Havia muitos pontos de contato entre nós para eu pensar direito e não o suficiente para satisfazer o novo desejo que eu tinha desenvolvido ao longo das últimas duas semanas. Ele só seria saciado pela única coisa que ele me disse que eu não podia ter. Ele.

14

REECE

Normalmente, depois que uma garota acabava de vomitar suas tripas para fora, eu não queria estar nem perto dela, e muito menos a boca, mas Seph nunca fora apenas uma garota. Além disso, ela cheirava hortelã fresco agora. Meus dedos estavam abertos sobre suas costas e seu corpo estava pressionado contra o meu.

Eu esperava que o meio ereção que eu estava ostentando pudesse ser atribuído à manhã e não a assustar. Mas, caramba, como você coloca a sua calcinha de renda azul na mão de um cara e não espera que ele reaja? Em qualquer outra pessoa, eu teria pensado que era uma técnica de sedução, mas com ela eu não tinha dúvida de que ela não tinha percebido o que ela estava fazendo – o que ela sempre fazia quando estava perto de mim: inocentemente me tentando das piores maneiras, as maneiras que me fazem querer dizer: Dane-se, eu não me importo que a sua primeira vez deve ser com alguém lento e suave com pétalas de rosa e essas merdas.

Alguém bateu bruscamente na porta e abriu, como se fosse o lugar deles para entrar. Seph pulou para trás, quebrando a conexão entre nós.

— Ei, Reece. — Sua colega de quarto puta estava na porta com o braço correndo para cima da moldura de madeira, inclinando-se contra ela como se fosse um poste de striper. — Ei, Seph. — Ela mal olhou em sua direção. — Dan e eu estávamos indo tomar um café da manhã e pensei que talvez vocês dois gostariam de ir junto. — Seus olhos percorriam todo o meu corpo como se eu fosse um bife e ela estava babando como um cão.

— Você está me convidando para café da manhã? — Seph olhou para ela como se ela tivesse entrado no local com um enorme cheque da Publishers Clearing House¹⁴ e disse a ela tinha ganho alguma coisa.

— Eu pensei que seria bom para nós passarmos algum tempo juntas. Quase nunca fazemos isso. — A insinceridade escorria de cada palavra dela.

¹⁴ É uma empresa de marketing direto que comercializa assinaturas de mercadorias e revistas com sorteios e jogos baseados em prêmios.

Peguei minha calça jeans da cadeira de Seph e coloquei-a. Abotoando-a, eu me virei. Isso não mudou o olhar faminto nos olhos de Alexa. Eu já fui cobiçado antes – inferno, já fui agarrado – mas isso me deixou desconfortável, especialmente na frente de Seph. Peguei minha camisa da mesa e a joguei.

— Vai ficar para a próxima. Vou levá-la para fora e quero ela só para mim. — Eu agarrei sapatos de Seph e os joguei para ela. Ela os pegou e colocou.

Empurrando Alexa para fora da porta com o meu corpo, eu empurrei meus pés em meu tênis, metade para dentro, metade para fora, esmagando as costas e nem mesmo amarrando. Os cadarços arrastaram no chão, mas eu não me importava. Eu precisava tirar Seph de lá. Agarrei a mão dela e saí para a sala de estar.

Sua companheira de quarto continuava tentando descobrir onde estávamos indo. Eu entreguei o casaco de Seph e peguei o meu, então nós descemos e saímos do prédio.

— Eu ainda estou em minhas roupas da noite passada — Disse ela no segundo em que o ar frio de novembro nos atingiu.

— Achei que você preferia roupas do dia anterior do que ficar sentada com ela durante café da manhã. — Eu empurrei meu polegar na direção de seu apartamento.

— Você estava certo. — Seph enfiou o chapéu. Um pouco de estática do tecido tinha levantado o cabelo sobre os ombros.

Eu ri e virei ela em minha direção. — Parece que você colocou seu dedo em uma tomada elétrica. — Passando minhas mãos ao longo de seu cabelo até seu pescoço, tentei controlar tudo.

— Isso é o que acontece quando você me apressa para fora em roupas da noite passada. — Ela olhou, mas seus lábios contavam uma história diferente. Então seus olhos brilharam. — Espere, eu estou de volta super cedo de manhã e eu estou vestindo as mesmas roupas – esta é uma caminhada da vergonha? Estou fazendo a minha primeira caminhada da vergonha? — Ela olhou para cima e para baixo da calçada como se esperasse que uma faixa se abrisse com parabéns.

— Geralmente não funciona assim. Normalmente, você está andando sozinha para casa, e não é só depois de dormir. — Eu enfiei minhas mãos em meus bolsos.

Ela colocou as mãos nos bolsos dela. Seus lábios se apertaram e os Jogos Olímpicos de cálculo mental estavam acontecendo em sua cabeça.

— Então, nós estamos fazendo uma dupla caminhada da vergonha.
— Ela passou seu braço no meu e me puxou de brincadeira em sua direção.

Quando ela coloca assim, quem poderia discordar? — Claro, eu vou dar uma. Outra coisa saiu da sua lista, então?

Ela assentiu com a cabeça. — Algo de novo é adicionado a cada dia. Coisas que eu nem sabia que existiam são adicionadas a cada vez que eu me viro. Isso é muito para ser feito em seis meses.

Eu pensei que era sete meses, não que isso importasse. Ela iria embora. Eu iria embora. *Não fique muito apegado. Não fique muito envolvido.*

Caminhamos por duas quadras antes do meu nome ser gritado atrás de nós. Olhando por cima do ombro, eu vi sua colega de quarto correndo pela calçada com o namorado atrás dela.

— Você costuma ter esse efeito sobre as pessoas? — Seph olhou para trás.

— Infelizmente. Algumas pessoas estão sempre procurando o que podem extrair para fora de mim. Eu sei onde nós podemos ir. — Guiando-a ao redor do quarteirão, eu pedi um táxi no meu celular e nos escondemos até que ele parou no meio-fio. Saltando para dentro como se estivéssemos em uma missão de fuga, eu disse ao motorista para onde ir.

O leve cheiro de cerveja misturado com copiosos suprimentos de limpeza me atingiu quando abri a porta. Lar Doce Lar. Como um pombo retornando ao galinheiro, entrei no Brothel.

Berk descia os degraus escadas quando eu fechei a porta. Ele protegeu os olhos da luz de manhã e assobiou para mim como um vampiro.

— Bom dia, Berkley. — A voz de Seph cortou o ar, e Berk segurou os lados de sua cabeça.

— Como diabos você está de pé agora? — Ele gemeu e bateu com o ombro na parede no caminho para a cozinha.

— Noite passada bateu um pouco duro em você. — Ela caminhou até ele e colocou o braço em volta da cintura, tomando um de seus braços e colocando-o por cima do ombro, ajudando-lhe o resto do caminho. Sua cabeça se levantou e ele olhou para ela como se fosse uma alienígena que tinha pousado em nossa sala de estar.

Um pequeno clarão brilhou no meu peito quando ela colocou as mãos sobre ele. Balançando a cabeça, eu deixei ir e tirei meu casaco. Este é Berk que estamos falando. Sim, mas também é Seph.

Um estrondo veio do andar de cima. LJ atingiu o topo da escada como se tivesse sido lançado de um canhão.

— Que diabos? — Ele se sentou no degrau mais alto e desceu de bunda.

— Eu disse para os dois irem devagar.

Ele inclinou a cabeça e olhou para mim, lentamente se levantando quando chegou no último degrau. — Risa me matar.

— Ela está assando para você de novo? — Eu me inclinei contra o corrimão.

— Ela não é tão ruim assim. — Seu estômago fez um barulho como um cruzamento entre um pântano borbulhante e um transformador lobisomem. Ele pulou do degrau e correu para o banheiro no andar de baixo, batendo a porta atrás de si.

Seph levou Berk para a cozinha, onde se apoiou no balcão.

— Pelo menos eu não sou a única que vomitou. — A voz doce de Seph tirou um gemido de Berk, bem como um de LJ através da porta fechada.

— Faça-a parar. Faça-a parar. — Berk inclinou-se para a cintura e balançou a testa e para trás e para frente no balcão.

— Relaxa, eu estou fazendo o café da manhã. Vai ajudá-lo a se recuperar. — Eu me afastei do corrimão e atravessei a sala de estar.

A porta do banheiro se abriu e LJ saiu. — Alguém disse café da manhã?

— Você não acabou de vomitar?

— Exatamente, então agora meu estômago está vazio. — Ele olhou para mim, balançando a cabeça como todo mundo soubesse quão famosas as pessoas ficaram depois de um sólido vômito de três minutos.

— Você vai ajudar? — Eu olhei para Seph.

Seu sorriso se iluminou e ela balançou a cabeça. — Antes você pode me fazer um favor? Tanto quanto eu gostei da nossa caminhada da vergonha...

Os olhos de LJ se arregalaram como um personagem de desenho animado atrás dela.

— Você tem algo que eu possa usar? — Ela puxou a bainha de sua agora enrugada e amarrotada blusa.

— Claro, eu posso encontrar algo para você. Vamos lá para cima. — Eu a guiei em direção aos degraus.

LJ murmurou, *que o inferno?* E eu acenei, virando minha cabeça para encará-la quando ela olhou para mim.

Os degraus rangeram pela de madeira irregular. A cabeça de LJ caiu tão baixo quando ele nos viu subir os degraus que tropeçou e quase caiu de cara. É o que ele consegue por ser um idiota.

— É este aqui. — Eu abri a porta do meu quarto e a deixei entrar. A pilha de roupas na minha cama ainda estava lá, a mesa bagunçada ainda coberta de livros e papéis. Eu me encolhi com o quão diferente era de seu lugar intocado. Meu arsenal de armas Nerf caiu no chão quando a porta bateu na parede.

— O que é aquilo?

— Nada. — Eu os chutei sob uma pilha de roupa suja. O sofá no canto segurava meu equipamento e ainda mais roupas.

Ela provavelmente estava com medo de algo sair de lá.

— Uau. — Lentamente girando em um círculo, seu olhar varreu tudo.

— Desculpe, eu não estava esperando ninguém. — Eu peguei uma braçada de roupa suja e joguei no meu armário, jogando em cima do meu tênis.

— Não limpe por causa de mim. Eu só estava pensando o quanto isso parece um quarto de faculdade real. Você tem até a coisa do calendário de garotas nuas.

Corri para o outro lado do quarto e o tirei da parede. Ele deslizou diretamente para debaixo da minha cama. — Berk pregou como uma piada em mim.

— Não se sinta constrangido. Ela era muito bonita.

Ela não é tão bonita quanto você.

Seph sentou na minha cama, saltando algumas vezes com os braços atrás dela, apoiando-se. O aviso tocando na minha cabeça poderia muito bem ter sido um megafone. Eu deveria ter lhe entregado um calção e uma camiseta no corredor e apontado para o banheiro. Tê-la no meu quarto, na minha cama – era um passo muito longe, uma tentação muito difícil de resistir.

— Deixe-me pegar algo para você se trocar. — Me virei e puxei minha gaveta do meio. — Não há muitas coisas que servem. — Eu levantei a grande bola de roupas e as empurrei para o lado.

— Você tem uma escova?

— Não, mas eu tenho um pente. Ele deve estar em algum lugar na minha cama, talvez. — Assim que ela saísse, eu estava limpando este lugar.

Debaixo do emaranhado de suéteres, camisetas e calças havia uma camisa dobrada. Estava na parte inferior com dois de meus velhos suéteres da escola que foram misturados com as minhas roupas quando o semestre começou.

— Não vai parecer o melhor, mas aqui está o que eu tenho. — Eu me virei e as roupas escorregaram dos meus dedos. Recuperando, eu as peguei no ar e fiquei lá congelado.

O cabelo de Seph caiu em ondas ao redor de seu rosto, mais do que eu esperava, como no clube, mas agora eu podia ver todos os tons de castanho claro e escuro. Ela passou os dedos entre os fios.

Deixei as roupas na frente da minha calça, esperando que eu não tivesse feito um buraco nela.

Ela olhou para mim com o sol brilhando através da minha janela e iluminando seu cabelo como um halo. — Eles parecem perfeitos. — Ela fez movimentos de agarrar com os dedos.

Tropeçando como se minhas pernas tivessem adormecido, cheguei mais perto, até que eu estava ao lado dela.

— Você está bem? A bebida está batendo em você agora? — Ela pegou o pente ao seu lado e passou por seu cabelo. Inclinando a cabeça para um lado, ela abordou as extremidades, tirando nos emaranhados.

Limpei a garganta. — Não, eu estou bem. — Arrumando as roupas na cama ao lado dela, eu assisti seus dedos trabalhando, liberando o último nó de seu cabelo. — Você quer ajuda?

Seus olhos se iluminaram e ela sorriu. — Certo. Eu não sei porque eu ainda faço isso. Como um assassino de tempo, eu acho. — Virando as costas para mim, ela penteou a frente de seu cabelo.

Meus dedos tremiam. Flexionando-os, eu respirei fundo. Segui junto com seu trabalho, desenrolando a última trança na parte de trás de sua cabeça. Seus fios sedosos macios roçaram minhas mãos. Passei meus dedos ao longo de seu couro cabeludo, passando através de sua pele.

Sua cabeça caiu para trás e ela soltou um gemido. — Oh, isso é bom. — Seu gemido baixo poderia muito bem ter sido ela envolvendo seus dedos ao redor do meu pau e me puxando para a frente.

Eu fiz isso de novo, deixando meus dedos explorar seu cabelo, massageando o couro cabeludo. Seus pequenos sons de apreço tinham o sangue pulsando em minhas veias.

— Reece, apresse-se! Meu estômago está roncando. — Berk chamou do andar de baixo.

Sua cabeça se levantou e ela olhou para mim por cima do ombro com os olhos arregalados. Nosso momento passou, e eu estava chutando minha própria bunda por dizer não para ser seu primeiro. Na minha cabeça, essa foi a escolha certa – a honrada – não que eu tinha sido particularmente honrado ao longo da minha vida, mas condenado se eu não quisesse ser esse cara para ela.

— Então comece a fazer você mesmo. — Eu gritei de volta para ele. Saindo da cama, eu coloquei as roupas em seu colo. — Eu te encontro lá embaixo. — Eu olhei para ela da porta enquanto ela penteava o resto de seu cabelo. — Bacon e ovos está bom para você? Podemos ter alguns bagels lá também.

— O que você fizer, eu tenho certeza que vai ser perfeito.

Balançando a cabeça, fechei a porta atrás de mim e parei do lado de fora. Minha cabeça se encostou na porta. Eu não queria nada mais do que correr de volta para dentro, rasgar a roupa dela, e me enterrar dentro dela até o único nome que ela lembrasse fosse o meu. E foi exatamente por isso que eu precisava mover a minha bunda para o andar de baixo e parar de pensar no fato de que Seph iria ficar nua no meu quarto nos próximos minutos, sobre como o cabelo dela era suave em minhas mãos. Eu poderia me imaginar envolvendo o meu dedo em torno dele antes de arrastá-lo pelo pescoço exposto, ainda suada depois de dar a ela o orgasmo mais explosivo de sua vida.

Corri escada abaixo. *Pare de pensar nisso.* Eu daria a ela outras primeiras vezes, o máximo que eu pudesse, porque se eu lhe der muito, eu não seria capaz de me impedir de nunca querer parar.

15

SEPH

A contenção de Reece estava me matando. Se ele fosse mais um cavaleiro, eu poderia ficar no meio de seu quarto nua até que ele fizesse algo a respeito. Ele continuou dizendo que a minha primeira vez deve ser especial. Não havia dúvida em minha mente de que ele poderia ser o único a torná-la mais do que especial – o único a torná-la perfeita.

Seu quarto era o típico estereótipo: cartazes de filmes, pilhas de roupas em todos os lugares, e muito mais tênis do que eu imaginava, tudo bem alinhado em fileiras dentro do armário, que estava com a porta aberta.

Tirando minhas roupas, eu tremi quando o ar frio varreu minha pele. Peguei a roupa que ele pegou para mim. Elas eram, provavelmente, as únicas roupas em todo o seu quarto que foram dobradas. E não, eu não cheirei as roupas como uma stalker - ok, talvez sim, mas só um pouco. Elas cheiravam a grama recém-cortada, como alguém que passava a maior parte de seu tempo fora na natureza, suando, trabalhando em algo que amava.

Eu dobrei minhas roupas velhas e as empilhei na cama. Colocando a camisa, eu me olhei no espelho e imaginei por apenas um segundo eu era sua namorada rolando para fora da cama e vestindo suas roupas.

A calça de moletom exigiu um pouco de manobra para deixar o cordão apertado o suficiente e as barras enroladas, mas consegui que funcionasse. Com minhas roupas debaixo do braço, eu peguei meus sapatos no chão. Eles pendiam dos meus dedos enquanto eu descia as escadas. As vozes da cozinha se filtraram sobre o rangido dos degraus.

— No quarto dela no chão? — A voz de Berk me parou no caminho.

— Por que é tão difícil de acreditar?

Me inclinei contra o corrimão, certificando-me de que não podiam me ver.

— Alguma vez você já teve uma festa do pijama platônica?

— Claro, muitas vezes.

— Deixe-me reformular. Desde os doze anos de idade, você já teve uma festa de pijama platônica?

Houve um silêncio e, em seguida, mais panelas soando e a torneira da cozinha sendo ligada.

— Isso foi o que eu pensei. Então, qual é o problema? Ela é gostosa, pode segurar sua bebida como um chefe, como é que você ainda não transou com ela de sete maneiras diferentes até o domingo?

Certo, Berk?! Pelo menos havia alguém na equipe Reece transando com Seph. Espere, Berk acha que eu sou gostosa?

— Eu não estou falando sobre isso com você. — A voz do Reece era apertada e cortada. Panelas e frigideiras bateram juntas.

— Por que não? Eu conto a todos vocês quando eu consigo pegar alguma coisa. — Berk falou como se estivesse mastigando alguma coisa, abafado com um sorriso por trás dele.

Olhei através das cavilhas de madeira do corrimão e estiquei meu pescoço.

— Mesmo quando peço para você não contar. — LJ empurrou os ombros de Berk.

— Só porque Marisa tem suas bolas.

— Você não saberia se importar com alguém se lhe desse um tapa rosto.

— Certo, LJ, é por isso que você está correndo atrás dela e colocando sua carreira em risco. Você está jogando o jogo longo.

— Tudo tem que ser sobre sexo? Ela é minha amiga, e tem sido minha amiga desde muito antes de te conhecer.

— Então você não vai se importar se eu perguntar a ela. Sua bunda é estelar e seu peito é ainda melhor.

LJ saltou da sua cadeira tão rapidamente que ele era apenas um borrão. Ele bateu Berk contra a geladeira. A coisa toda sacudiu e uma caixa de cereal tombou, atingindo-o na cabeça. Berk levantou as mãos em sinal de rendição.

— Não chegue perto dela. — LJ enfiou as mãos, que ainda estavam em punhos na camisa de Berk, contra seu peito.

— Apenas amigos, né? — Berk deu outra mordida do pedaço de pão na mão.

— Posso ouvir também? — O sussurro acentuado fez cócegas nos cabelos do lado do meu pescoço.

Eu pulei e gritei. Segurando minha mão contra o meu peito, eu virei. Nix sentou-se no degrau ao meu lado, esfregando as mãos sobre os olhos e girando os ombros. Minhas bochechas estavam prontas para entrar em combustão espontânea. Fui pega. Minha boca aberta e fechada como um peixe em terra. — Eu não queria escutar. Eu só não queria interromper.

— Não se preocupe com isso. — Ele bocejou e esticou os braços sobre a cabeça.

Reece apareceu ao lado de meu lugar nos degraus com uma bandeja nas mãos. — Você vem para ajudar ou você está fazendo como o resto deles? — Ele fez um gesto para os caras com a panela, manteiga chiando apetitosamente nela.

— Eu vou ajudar. — Aproveitando a minha chance de escapar, eu pulei dos degraus. Os olhos de todos estavam em mim e eu esperava que as chamas não os queimassem muito quando meu rosto incendiou. Colocando minhas roupas no sofá, eu o segui até a cozinha.

— Você quer fazer os ovos? Eu vou fazer o bacon.

— Ovos sobre ele. — Eu saudei e abri o pacote de vinte e quatro.

Nix veio atrás de mim e ligou a máquina de café. Ele pegou uma caneca do armário e empurrou-a sob o fluxo.

— Onde estava na noite passada? — Berk deu outra mordida em seu pão.

— Eu me encontrei com um amigo.

— Um amigo que precisava de ajuda com uma entrega de pau.

Uma risada saiu da minha boca antes que eu pudesse impedi-la. Todo mundo ao meu redor congelou, e o único som era o bacon crepitante na panela na frente de Reece.

Dei de ombros. — O que? Foi engraçado. — Quebrei um ovo em uma tigela, eu mantive minha cabeça baixa.

— Como se eu precisasse de outro motivo para gostar de você, Seph. — Berk riu atrás de mim. — Ela gosta de piadas sujas também. Diga-me, Seph, porque um cara de sorte não te arrebentou ainda?

— Provavelmente porque eles sabem que nunca poderiam corresponder à quantidade ridícula de pesquisa que ela fez em todas as possibilidades e eventualidades na vida. Ela é uma enciclopédia ambulante do conhecimento humano.

Era isso o que eu tinha feito? Eu tinha assustado todo mundo, assustado Reece porque ele estava com medo de não se comparar?

Eu quebrei todos os ovos e os mexi com um garfo. Ligando o queimador, acrescentei mais manteiga na panela e esperei que derretesse.

Os caras bateram e deram cambalhotas pela cozinha em seus estupores de ressaca. Misturar os ovos delicadamente, levei-os dentro e fora do calor para me certificar de que eles não iriam cozinhar muito rapidamente e queimar. Eu estava ombro a ombro com Reece, mas ele sentiu os quilômetros de distância. Mais uma vez eu me senti como uma observadora de espaço tentando se encaixar.

— Você está quieta. O que foi? — Ele abaixou a cabeça, tentando chamar minha atenção.

— Meu estômago não está se sentindo muito bem. Eu acho que os ovos mexidos foi uma má escolha. — A mistura uma vez irregular tinha virado fofa e não estava realmente transformando meu estômago, mas era uma desculpa melhor do que 'Estou preocupada que eu posso ter te assustado demais para nunca tentar nada comigo.'

Ele olhou de mim para o pote. — Deixe-me assumir. Você pega o bacon. O sal vai ser bom para você.

Balançando a cabeça, fui até a panela cheia de tiras estaladiças. Eu roubei um pedaço do prato coberto com uma toalha de papel e fechei os olhos no segundo que atingiu meu paladar. Era como música tocando na minha boca.

— Não é justo, Seph está roubando bacon. — A cadeira de Berk derrapou no chão da cozinha.

— Você tem cinco anos? — Nix encostou-se ao balcão com sua caneca em uma mão, lendo um jornal dobrado.

— O que você tem, cinquenta? Quem lê o jornal?

A cabeça de Nix disparou. — Há um monte de boas informações aqui, a seção financeira e esportes também. Melhor do que zonear na frente de uma tela.

A cabeça de LJ apareceu através da rolagem de seu celular. — Eu me sinto pessoalmente atacado.

Berk e Reece riram. Reece deu um passo atrás do fogão e chegou perto de mim. Seu peito pressionou contra minhas costas enquanto ele abriu o armário do meu lado e tirou alguns pratos. Meu coração acelerou e eu me segurei, então eu não tentei me esfregar nele como uma gata no cio. Ele cheirava tão bem. Mesmo depois de uma noite dormida no meu chão, ele cheirava o ar livre e seu próprio aroma especial.

Duas semanas depois, nós pegamos a sobremesa para o jantar com bolinhos de uma padaria perto do campus, Bread & Butter. Eu precisava encontrar esse lugar ontem. Chocolate, baunilha, red velvet. Eu dei uma mordida em cada um. *Muito gostoso*. O café da manhã para o jantar era uma torrada francesa em um restaurante aberto a noite toda, e – o melhor de tudo – um jantar no café da manhã, que era uma pizza de calabresa fria. Quem sabia que o gosto era tão bom? Nosso tempo juntos ficou mais frequente. Eu não pensava duas vezes antes de ligar ou mandar mensagens para ele.

Ele era meu amigo e o resto dos caras, e isso me assustou, porque todos aqueles sentimentos que eu tinha tentado enterrar quando ele veio continuavam borbulhando. O que aconteceria quando terminasse? Eu perderia não só ele, mas os outros únicos amigos que eu tinha até agora.

Reece agarrou a parte de trás do meu casaco enquanto eu abria a porta do bar. A luz bruxuleante de neon parecia ter saído direto dos filmes. Ele me puxou para trás e eu escorreguei, batendo em seu peito.

— O que você está fazendo?

— Eu quero entrar aqui.

— Isso parece com um bar que você quer sair?

Estiquei o pescoço e olhou para a placa. — Sim.

Ele bateu a mão contra a testa. — Você não vai aí. Por que não vamos voltar ao The Vault?

— Já estive lá. Quanto da cidade você realmente explorou?

Seus lábios se apertaram quando eu deixei cair as palavras que ele me deu antes de nosso desastre de aula de natação de volta para ele. Deixando escapar o suspiro de um homem de mil anos de idade, ele sacudiu a cabeça. — Tudo bem, mas se eu disser que precisamos sair, temos que sair.

— Sim, chefe. — Eu o saudei e abri a porta. A mistura de cerveja e bebida flutuava sobre nós. Eu entrei. Havia cabines e mesas, e o bar à direita tinha muitas garrafas atrás do balcão. Ao contrário de The Vault, elas não foram iluminadas nas prateleiras de vidro, e a música tocando era mais antiga.

Reece manteve uma mão no cotovelo do meu casaco como se ele tivesse que me apressar para fora a qualquer momento, como se ele fosse meu segurança do Serviço Secreto.

Havia mesas de bilhar nos fundos, com pouca iluminação sobre cada superfície coberta de feltro verde. O barman atrás do bar se virou para nós com a mão dentro de um copo alto, correndo uma toalha sobre ele.

Girei para caminhar em direção a ele e Reece puxou mais apertado, me guiando em direção às cabines.

— O que você pensa que está fazendo? — Ele perguntou.

— Eu ia pegar um menu.

Sua mão escorregou para as minhas costas, os dedos a centímetros da minha bunda. Eu nunca amaldiçoei tanto a lã grossa do meu casaco. — Por que você não pede para ele nos chutar?

— Eu fiz isso no clube que fomos.

— Como meu amigo ali que olhou para você como se estivesse inspecionando um saco de pão em busca de mofo e deixou um pedaço questionável passar.

Reece me guiou em direção às mesas de bilhar. Passei a mão ao longo do feltro. — Quer jogar? — Olhei para as paredes e para as varas.

— Talvez devêssemos encontrar outro lugar para você mostrar o seu lado selvagem, Wild Child¹⁵. — Seu olhar correu em torno do lugar.

Eu respirei fundo. Wild Child. Tia Sophie tinha chamado a mamãe de Wild One no passado. Pareceu apropriado.

— Está tudo bem aqui. Já nos deparamos com algum problema até agora? — Eu me inclinei, olhando sob a mesa para os bastões na mesa.

— Maneira de azarar. — Ele murmurou baixinho.

— Se você quer a mesa, você pode sempre jogar por ela. Vou até te emprestar a minha dica de sorte. — Um cara com uma tatuagem de dragão no pescoço estendeu um taco de bilhar.

Reece sacudiu a cabeça com tanta força que parecia que ele poderia torcer seu pescoço.

Meus dedos estavam a centímetros da madeira longa e fina quando ele me puxou de volta.

— O que você está fazendo? — Ele sussurrou em meu ouvido.

— Eu estou indo jogar. — Isso era exatamente como um filme. Eles eram tubarões de piscina. Nós não estávamos jogando por dinheiro, então, o que importava?

Suas sobrancelhas mergulharam e ele se inclinou mais perto. Por que ele tem que cheirar tão bem? Eu queria me esfregar contra ele como uma gata, ronronando minha apreciação por sua preocupação, mas eu também queria impressioná-lo.

— Alguma vez você já jogou bilhar?

— Eu estudei muito. É tudo o ângulo e inércia. Eu tenho isto. — Quão difícil poderia ser? Corri o giz sobre a ponta do taco de bilhar enquanto os outros caras colocavam as bolas em um triângulo.

Reece estava atrás de mim, à beira de um banco, parecendo pronto para a ação ao primeiro sinal de problemas.

¹⁵ Significa criança selvagem.

— O que você acha de fazermos isso ser interessante? — Nariz torto sorriu para seu amigo e se virou para mim.

Minhas sobrancelhas franziram e eu mordi meu lábio inferior. Olhando por cima do meu ombro, eu vi Reece sacudir a cabeça um pouco com os olhos arregalados.

Voltei para os caras na minha frente. — O que você tem em mente?

REECE

Parado no meio da barra com as mãos em concha sobre o meu pau, vestindo nada além de minhas botas, meias e boxers, eu encarei um buraco na parte de trás da cabeça de Seph.

Suas bolas listradas estavam espalhadas ao redor da mesa de sinuca como crianças abandonadas. O volume na barra aumentou à medida que mais pessoas entraram, e nosso jogo atraiu ainda mais atenção do que um jogo normal, porque, você sabe, o cara quase nu em pé ao lado da mesa, ou seja, eu. Seu oponente afundou a bola oito na caçapa lateral.

Suavemente tirando meus sapatos, eu puxei as minhas meias e as coloquei na pilha das minhas roupas em um banquinho de bar. Obrigado, porra, eu usava uma camiseta embaixo do meu moletom ou eu teria que escolher entre deixar meus sapatos ou minha boxer para trás.

Seph olhou para mim com uma expressão de dor.

Belisquei meus lábios e a observei vir do outro lado da mesa como um filhote de cachorro com o rabo entre as pernas.

O cara que ela jogou contra pegou minha pilha de roupas. — Obrigado por isso. Jogo legal. Volte a qualquer hora. — Ele e seu amigo riram e a levou para quem sabe onde. Provavelmente a lixeira em volta.

— Ângulo e inércia, hein? — Eu cruzei os braços sobre o peito. Na frente de um bar cheio de gente não era exatamente minha ideia de diversão.

— Isso foi um pouco mais difícil do que eu esperava.

— Não brinca, Wild Child.

— Pelo menos você ainda tem o seu casaco? — Ela o segurou com um sorriso vencedor.

Agarrei-o para fora de seu alcance e joguei meus braços nele. — Agora eu só tenho minha cueca batendo no vento.

— Ela é fofa. É o Pikachu?

— Todo o resto estava sujo — Eu resmunguei sob a minha respiração. Os corpos enchendo o bar tiraram da brisa fria passando pelas minhas pernas. Algumas pessoas levantaram a cabeça e olharam para minha boxer amarela e azul. Eu estava tentado a ficar na mesa de bilhar e deixar todo mundo dar uma boa olhada. Eu tinha certeza de que a especialista em mídia do nosso treinador iria estourar um vaso sanguíneo se isso acabasse nos jornais.

Olhei para a minha direita e balancei a cabeça para o olhar de dor de Seph. Eu quase me senti mal por ela, se eu não pudesse ver sua luta interna com as pequenas linhas de riso em seu rosto tenso a cada dois segundos.

— Sinto muito, ok. Deixe-me pagar uma bebida. — Ela passou seu braço no meu e me puxou para o bar. Jogando cotovelos como se estivesse no campo comigo, ela fez um pequeno buraco. Pessoas se viraram e olharam para ela então me viram - tudo de mim - e saíram do caminho. Parecia tudo o que você tinha que fazer para conseguir uma vaga em um bar lotado era aparecer em de cueca e casaco. Ou talvez eles só sabiam que eu realmente precisava de uma bebida com o jeito que me parecia

— Isso vai demorar muito mais do que uma bebida para compensar. Aqueles eram os meus jeans favoritos. — Eu apontei volta para a pilha de roupas em cima da mesa entre os dois tubarões de piscina.

— Oh, não. — Seus olhos se arregalaram, preocupação gravada no fundo de seu rosto. — Você quer que eu tente recuperá-lo?

Eu agarrei o braço dela quando ela se virou, procurando os caras. — Então você quer tentar o dobro ou nada? Não, obrigado – gostaria que pelo menos um de nós saísse daqui com a dignidade intacta.

— Ninguém está nem olhando para você.

— Eu estava falando de você. Você foi espancada lá.

Ela se inclinou, acenando com o dedo para chamar a atenção do barman. Eu cobri seu dedo estendido com a minha mão e empurrei-o para baixo, contra o bar.

Quando ela olhou por cima do ombro, as sobrancelhas franziram. — Estou pedindo algumas bebidas.

— O que você vai fazer quando ele pedir para ver o seu ID? — Eu sussurrei em seu ouvido.

— Vou dizer a ele que eu deixei no carro. — Ela mordeu o lábio inferior.

— Suas habilidades de mentir precisam de um pouco mais de aperfeiçoamento. Fique de lado e deixe o adulto lidar com isso.

— O adulto em cueca do Pikachu — Ela murmurou, mas se afastou para o lado para me deixar pedir algo para beber.

Eu pedi, certificando-me de ter uma cereja na mesma. Virando, eu me inclinei contra o bar, descansando as costas contra o trilho.

— Se tivesse sido uma competição de xadrez, eu teria chutado sua bunda. — Seu cérebro provavelmente explodiria sob a pressão de não ganhar em alguma coisa.

— Por que não estou surpreso? — O baque atrás de mim sinalizou a chegada de nossas bebidas. Ela entregou uma nota de vinte e eu coloquei no bar. O barman olhou com desconfiança e deslizou lentamente a cerveja e Tequila Sunrise - com cerejas extras - na minha direção. Equilibrando os dois em uma mão, eu a peguei pelo braço e a guiei para longe do bar. Vimos algumas pessoas saindo e entramos na cabine vazia.

— Eu não costumo chupar muito em nada.

— Linguagem tão rude, Seph. E nenhuma merda. A maneira que sua veia inchou durante todo o jogo teria sido quase cativante se eu não fosse a pessoa que estava perdendo as roupas com cada bola perdida.

Sua mão subiu para sua testa. — Eu não tenho uma veia inchada.

Tomei um gole da minha cerveja. — Nunca disse que era em sua testa.

Ela fez uma careta para mim e tomou um gole de sua bebida. Seu rosto estremeceu, em seguida, mudou para algo mais contemplativo. — Isso não é ruim.

— Isso não é o que seu rosto disse um segundo atrás.

— É um novo sabor. Me surpreendeu, eu acho. — Ela tomou outro gole. Era como se seus cálculos mentais dos sabores e sentimentos embalados no pequeno copo estivessem sendo classificados pelo milésimo de segundo.

— Há muitas coisas novas lá fora para você experimentar. — *Como eu.*

Ela arrancou uma cereja de sua bebida, e meu olhar estava fixo em cada movimento dela. Completamente alheia a mim, ela enfiou a haste em sua boca e seu queixo moveu para frente e para trás. Seus lábios franzidos e ela se inclinou para a música.

Erguendo os dedos, ela puxou a haste com um nó duplo. *Foda-me. Quero dizer, não me foder, mas porra.*

A noite avançava com mais algumas bebidas, iluminação escura e música de fundo. Tinha todos os ingredientes de uma noite que tive tantas vezes antes, mas desta vez foi diferente.

Os olhos de Seph se arregalaram e ela deixou o pequeno canudo preto cair dos lábios. Eles brilhavam à luz baixa. Eu queria passar meu polegar na parte de baixo, saboreá-lo. Balançando a cabeça, eu tentei afastar esses pensamentos.

— Eu amo essa música. Nós podemos dançar? — Ela estava fora da cabine e em pé, me puxando para fora da minha cadeira antes de dizer a última palavra.

Nós fomos lá. Ela se movia como se não conseguisse o suficiente de cada nota, como uma pessoa que estava trancada e só recentemente descobriu a energia bruta de uma batida motriz e uma melodia contagiante. Ela segurou minhas mãos, levantando-as no ar enquanto ela dançava ao redor, desinibida como se ela raramente estivesse em qualquer outro lugar. Ela não se importava que estivesse dançando com um cara de cueca, nem sequer pareceu notar os olhares estranhos que ambos atraímos; ela estava viva e feliz. Eu não pude deixar de sentir que estava sendo incluído em alguma coisa especial, como se estivesse com alguém especial.

Talvez fossem as bebidas que davam a ela uma desculpa para ser um pouco mais corajosa ou talvez o fato de que ninguém ali nos conhecia, mas ela dançava como se ninguém estivesse olhando. O surto de ciúme queimou brilhantemente e eu a puxei para perto.

A música mudou, a melodia da dança substituído por algo mais lento.

As mãos dela enrolaram ao redor do meu pescoço. — Eu me diverti hoje à noite.

— Claro que sim. Estou aqui apenas de cueca e casaco como uma garota aparecendo para surpreender seu namorado.

Ela jogou a cabeça para trás e riu, expondo mais de seu pescoço, as longas linhas suaves do mesmo e a forma como sua pele corada brilhava. A falta das calças que era totalmente evidente para mim com ela em meus braços. Isso também significava que não havia nada para manter o tesão furtivo que estava tentando se formar e me envergonhar. Enxugando as lágrimas de seus olhos, ela colocou a mão para trás ao longo do meu pescoço.

— Você vai segurar isso contra mim para sempre, não é?

Eu apertei todos os meus músculos para impedir o meu pau de responder a essa pergunta com uma batida no corpo dela.

— Você está tão tenso. — Ela correu os dedos ao longo da parte de trás do meu pescoço.

Isso não estava ajudando. Estava tão longe de ajudar, ela poderia muito bem ter me incendiado.

— Me desculpe, eu te fiz ficar de fora depois de ter perdido todas as suas roupas. — Seus dedos brincaram com o cabelo na parte de trás do meu pescoço.

Meus braços se apertaram ao redor dela, correndo pequenos círculos ao longo de suas costas com meus polegares, a mesma pele que senti sob as pontas dos meus dedos naquela manhã no meu quarto.

— Nada demais. É como se estivesse usando sunga.

— Obrigado por ter vindo comigo. — Ela olhou nos meus olhos como se eu tivesse pendurado a lua e as estrelas tomando uma bebida com ela.

— Você nunca tem que me agradecer. — Os lábios dela brilhava sob as luzes que brilhavam atrás do bar. Mais pessoas se mudaram para a pista de dança, e eu usei isso como uma desculpa para segurá-la com mais força.

— Mesmo quando eu perder suas roupas.

— Especialmente. Pense nas histórias épicas eu vou ser capaz de contar sobre esse tempo, Seph foi contra tubarões de bilhar e eu perdi das minhas roupas. — Eu sorri e engoli em seco. O meu pomo de adão subiu e desceu. Eu nunca quis beijar alguém mais do que eu queria naquele momento, de pé no meio de uma pista de dança lotada em nada além da minha cueca do Pikachu, dançando com uma mulher que era diferente de qualquer pessoa que eu já conheci. Ela tinha ficado totalmente e completamente debaixo da minha pele, eu não sabia como eu existia antes de conhecê-la.

Seus lábios se separaram. Meu coração bateu no meu peito como punhos em um saco de pancadas, cada baque fazendo a ponte entre nós.

— Reece?

— Sim.

Num piscar de olhos, seus lábios estavam nos meus. Eu apertei minhas mãos em volta da sua cintura e corri uma por suas costas, pressionando-a com mais força contra meu peito. Ela tinha gosto de Sunrise Tequila e uma doçura que fez minha cabeça nadar. Ela abriu a boca, lábios entreabertos, e eu nunca fui de deixar uma oportunidade inexplorada.

Cada parte de mim queria envolvê-la, queria fazer deste um beijo especial, fazer cada toque que ela desejasse, porque eu estava lentamente me tornando um viciado e eu não queria ser o único. Algumas semanas antes, eu teria sido capaz de resistir a ela. Voltar atrás não seria um esforço hercúleo, mas agora eu não poderia fazer isso. Não dessa vez. Eu não era tão forte.

Suas mãos estavam no meu cabelo, me puxando ainda mais perto, explorando minha boca com a língua quando eu a levantei do chão. A música mudou novamente e mais pessoas lotaram a pequena pista de dança.

Eu a coloquei no chão e nos separamos. Ofegando com o meu pulso batendo em minhas veias, eu olhei em seus olhos. Ela olhou nos meus, chocada como se eu tivesse acabado de cair uma bomba no centro da pista de dança.

— Acho que eu deveria ir.

16

REECE

— Normalmente, você quer sair no início da manhã, mas é muito frio para isso. — Eu soltei minha linha e houve uma queda suave quando a isca de pesca atingiu a água. O beijo foi tudo que eu conseguia pensar desde aquela noite. Ela tinha me evitado durante a última semana, ou eu que a evitei?

Não falar um com o outro por tanto tempo pareceu estranho e constrangedor depois de entrar em um ritmo fácil de se ver ou conversar todos os dias.

Eu senti falta de suas perguntas que muitas vezes deixavam os caras doidos de tanto rir, e como ela se iluminava sempre que tentava algo novo. Eu senti falta de vê-la.

Eu senti falta dela. Fazendo a chamada sob o disfarce de um outro primeiro tinha sido meu para testar as águas, para ver se eu tinha fodido as coisas de forma permanente ou se poderiam ser reparadas.

Seus pés chutaram para frente e para trás na pequena ponte não muito longe da casa dos meus pais, e ela brincava com o carretel antes de soltá-lo como eu mostrei. Ela observava cada movimento que eu fazia e me fez repetir cerca de quinze vezes para se certificar que ela faria tudo certo.

Com seu elenco de linha, ela esfregou seu queixo contra o ombro. — Eu não achei que você me ligaria depois da nossa aventura no bar.

O beijo. O beijo que de alguma forma tinha levado qualquer outro beijo que eu já tive e me fez esquecer cada lábio além do dela? Era essa a aventura que ela estava falando?

Cascalho rangia quando um carro roncou pela estrada. Salvo pelo carro, ou então eu pensei. Meu rosto caiu quando a placa reveladora cruzou a borda da colina diante da ponte. Olhando para a margem do riacho cerca de dez metros abaixo de nós e meu carro a três metros de distância, eu sabia que não havia como nos esconder. Eu joguei o capuz do meu moletom e rezei por um milagre, como talvez o motorista ter cegueira temporária.

— Alguém está vindo? Será que vamos ser presos? — A voz de Seph subiu tão alto que provavelmente havia cães uivando ao longe. Soltando a vara, ela se preparou na beira da ponte.

— Pior.

Peguei as mãos de Seph, que se apertaram contra a grade como se ela estivesse prestes a passar todo o Fugitivo¹⁶ em mim e dar o salto para o riacho, em seguida, correr pela água como houvesse cães atrás dela.

A caminhonete parou bem no meio da ponte. — Você realmente acha que um capuz ia me impedir de saber que era você? — Aquela voz que eu conhecia tão bem veio pela janela aberta do lado do passageiro.

— Eu esperava. — Empurrando o meu capuz para trás, balancei minhas pernas para o outro lado da grade. A pequena bola de medo no meu estômago cresceu. Eu estava na merda. Olhando para Seph, eu empurrei minha cabeça em direção a caminhonete.

Seu rosto caiu quando eu estivesse andando para a forca.

— Você tem sorte de eu estar aqui, e não seu pai. Como você tirou as varas do galpão sem ninguém ver você?

— Eu tenho os meus caminhos. — Eu segurei meu braço e pressionei contra a costas de Seph para firmá-la quando ela se aproximou do lado da caminhonete.

Minha mãe colocou o veículo no estacionamento e se inclinou sobre o banco do passageiro, enfiando a mão para fora da janela. — Eu sou Maria, a mãe de Reece. E você é?

— Seph. — Sua voz saiu como um cruzamento entre um grito e uma exalação de alívio.

— Reece a trouxe por todo o caminho até aqui para pescar?

— Ele fez, eu sempre quis pescar, então ele foi legal o suficiente para me trazer.

¹⁶ Um filme norte-americano de 1993 baseado na série de televisão homônima criada por Roy Huggins. Na história, depois do Dr. Richard Kimble ser erroneamente condenado pelo assassinato da esposa, ele escapa da prisão e é declarado um fugitivo.

— Você odeia pescar. — O riso na voz da mãe combinava com a carranca profunda no meu rosto. — Espere até seu pai ouvir sobre isso.

— Eu já pesquei antes.

Seph olhou para mim, e ela descobriu meu ângulo.

— Não pense que você está fugindo sem ir jantar em casa, e você precisa limpar esses ganchos antes que seu pai os veja.

Droga, fuga limpa dificultada pela mãe. Isso deve ser divertido.

SEPH

Nós paramos na casa dos pais de Reece, e havia três carros na garagem da casa de dois andares de tijolos vermelhos. Havia persianas azuis de madeira em ambos os lados das janelas de frente para a rua, e uma porta vermelha brilhante que fazia parecer que algo tirado de um cartão Hallmark.

Havia luzes de Natal coloridas penduradas ao longo das calhas e todo o telhado, mesmo que ainda não fosse o dia de ação de graças. Personagens infláveis de desenhos animados em gorros acenavam para a frente e para trás na brisa suave de inverno.

Reece desligou o carro. Suas mãos apertaram em torno do volante. — Esteja preparada. Minha mãe vai bombardeá-la com perguntas. Você não tem que responder. Minha irmã provavelmente vai querer que você ensine como trançar o cabelo dela como o seu.

— E o seu pai? — Meu estômago deu um nó. Se ele fosse como o meu, provavelmente seria melhor se eu apenas esperasse no carro.

— Ele vai gostar de você, já que você não sabe nada sobre futebol.

Sua mãe veio até a porta da frente e acenou para nós.

Ele soltou o volante e saiu do carro. Peguei minha bolsa do chão e ele correu ao redor da frente do veículo, abrindo a porta para mim. — Se ela perguntar se você é minha namorada, apenas diga a ela... — Ele olhou por cima do ombro. Voltando-se para mim, lambeu os lábios, sua respiração saindo em pequenas baforadas. — Apenas diga a ela que as coisas são novas e não estamos colocando um rótulo. — Ele olhou para a casa.

— Desculpe ter feito você me trazer aqui.

— Eu convidei você, lembra? Vamos comer alguma coisa, minha irmã vai tirar sarro de mim, mamãe e papai vão tentar esconder as suas sessões de mini saque de todos, e eles vão falhar. Esse é o resumo básico de como as coisas vão acontecer. Esteja preparada.

Eu balancei a cabeça. De alguma forma, isso era mais assustador do que todas as outras estreias: o primeiro jantar em família. Eu tinha ido em misturadores de departamento de matemática, até mesmo alguns pequenos jantares nas casas dos professores, e eu, claro, jantei com meus próprios pais, mas que poderia muito bem ter sido com estranhos por quanto tempo a conversa estava sendo feita. Normalmente, era meu pai falando comigo e me dizendo o que eu errei naquele dia.

Isso era algo totalmente diferente.

— Vamos. — Reece estendeu o braço com as varas de pescar nele e me soltou primeiro. Sua outra mão se estabeleceu na parte inferior das minhas costas, e os sentimentos quentes que atravessaram meu corpo pareciam se depositar ali mesmo no meu rosto. Nosso beijo na pista de dança foi melhor do que eu poderia imaginar.

Não foi o meu primeiro beijo. Meu primeiro beijo foi realmente algo que eu já fiz. Não há necessidade de incluir isso na minha lista. Foi em um museu durante a noite com outros adolescentes. Eu implorei a mamãe para me levar e ela convenceu meu pai a nos deixar ir.

Fingindo que estava indo verificar o esqueleto de Tiranossauro Rex, eu escapei com um menino que sorria para mim cada vez que eu olhava para ele durante a visita. Eu voltei para o meu saco de dormir limpando a baba do meu rosto.

Talvez eu não devesse ter contado esse.

— Seph, eu estou tão feliz em conhecê-la. — Sua mãe colocou os braços em volta de mim como se fôssemos amigas se encontrando. Ela me balançou para frente e para trás antes de me soltar e recuar para que pudéssemos entrar na casa.

O calor lá dentro não era apenas do clima. Havia quadros nas paredes, e cada criança tinha uma moldura com onze pequenos recortes ovais que envolviam uma maior. As pequenas ovais foram preenchidas com as suas fotos em diferentes idades, e a maior oval era de sua formatura do ensino médio. As fotos cobriam todo o espaço disponível nas paredes, risos e felicidade enchendo todos os cantos.

— Leve-os para a despensa. — Disse sua mãe, sem sequer olhar para ele. Ela segurou minhas mãos nas dela. Elas eram quentes e macias e me fizeram lembrar da minha mãe, mas seus gestos não foram sufocados e retidos.

— Você é a primeira garota que eu fui capaz de convencer Reece trazer em casa.

— Eu não acho que ele é o tipo de cara que *traz meninas para casa da mamãe*. — Eu me encolhi. Esta era sua mãe, o que eu estava dizendo? — Quero dizer... — Minha boca abriu e fechou, tentando e não conseguindo entender as palavras, quaisquer palavras para empurrar o que eu disse de volta em minha boca.

— Ah, sim, meu filho, o homem das mulheres. Eles podem ser assim até encontrar a pessoa certa. — Ela olhou para mim como se eu fosse essa pessoa.

— Querida, por que o Reece está na garagem com as minhas varas?

O barítono profundo atrás de mim fez os cabelos na parte de trás do meu pescoço se levantar. Ele ia ficar puto. Eu me preparei.

Ele andou em volta de mim e colocou a mão em torno de parte de trás do pescoço da mãe de Reece. Eu me encolhi, meu pescoço dolorido. Em vez de apertar com força, porém, ele gentilmente a trouxe para perto e apertou os lábios contra o lado de sua cabeça.

— Você sabe, Reece, sempre se metendo em problemas. — Ela sorriu para ele, como não houvesse mais ninguém no mundo.

— E quem é essa? — Seu olhar se voltou para mim. Em vez de estreitamento, seus olhos estavam abertos e acolhedores, assim como Maria.

— Eu sou Persephone-Seph. — Eu coloquei minha mão para fora.

Sua mão envolveu a minha e ele cobriu com a outra. — Prazer em conhecê-la, Seph. Eu sou John. — Suas mãos estavam quentes, mas ásperas, os calos nos dedos e palmas das mãos esfregando contra a minha pele. Ele parecia muito com Reece com os mesmos olhos verdes e cabelo escuro.

— Ela é amiga de Reece, que ele levou para pescar. — Maria deu a ele um olhar compreensivo.

John soltou um assobio. — Pescar, hein?

Ela assentiu com a cabeça.

— Bem, isso diz muito. — Ele olhou para ela e para mim. — O que você sabe sobre futebol, Seph?

Eu enruguei meu nariz e abaixei minha cabeça. — Não muito. Desculpa. Reece mencionou que você jogou, mas eu não posso nem fingir saber muito sobre qualquer coisa que ele diz quando se trata de futebol.

— Não se preocupe com isso. Maria era exatamente da mesma maneira quando eu a conheci. — Ele passou o braço em torno do ombro dela e a segurou mais perto.

— Você vai pegá-lo por osmose, quer queira ou não. — Ela riu. — É melhor você entrar na cozinha. Essa torta não vai assar sozinha. — Ela bateu na bunda de John, nem um pouco envergonhada, e empurrou-o para a cozinha. — Ele faz a mais deliciosa torta de chocolate que eu já tive na minha vida. — Seu rosto estava radiante de orgulho e amoroso quando disse isso.

Eu engoli as emoções apertando minha garganta. Era assim como as famílias deveriam ser? Por alguma razão, era mais fácil pensar que era apenas o caso em programas de TV e filmes.

— As varas estão no lugar. O que eu perdi? — Reece veio por trás de mim. Ele olhou de seus pais para mim e suas sobrancelhas franziram. — O que há de errado? — Ele colocou seu braço em volta do meu ombro como seu pai tinha feito a sua mãe. Seu polegar correu ao longo do meu braço, um movimento reconfortante que só fez piorar. Isso dura apenas seis meses, no máximo. Ele estava indo para os profissionais e não tinha interesse em uma namorada.

— Nada. Estou bem. Sua mãe estava me contando sobre a torta de chocolate do seu pai. — Parecia que eu estava empurrando as palavras através de um canudo de coquetel. Eu ampliei meu sorriso e segurei meu braço na direção de seus pais.

— Ninguém me disse que torta de chocolate estava na mesa.

— Se eu soubesse que era tudo o que precisava para você vir para casa, eu teria seu pai fazendo isso a cada semana. — Maria e John desapareceram na cozinha.

Reece se virou para mim. — Tem certeza que está bem?

Acenei para ele. A porta da frente abriu e uma figura a mesma altura que Reece entrou.

— Mamãe disse para trazer o meu traseiro aqui. Eu pensei que era apenas por causa da torta. — Ele puxou Reece em um grande abraço.

— Deveria saber que ela daria a volta nos vagões e ligaria para você. Seph, este é meu irmão Ethan. Ethan, Seph. — Ele passou o braço em torno do ombro de seu irmão e o sacudiu.

Ethan estendeu a mão para mim, mas o gesto não cobriu a surpresa em seus olhos. Tirando o chapéu que ele usava, seus olhos passaram de mim para Reece e voltaram. — Prazer em conhecê-la, Seph.

Nós saímos na sala de estar. Tentei oferecer minha ajuda na cozinha, mas fui rapidamente interrompida pelos pais de Reece. Sua irmã me perguntou sobre as tranças, e eu tentei mostrar a ela o melhor que pude. Parecia estranho fazer isso em outra pessoa, tipo de como eu tinha imaginado que seria uma irmã mais nova.

Todos nos sentamos para comer e a refeição foi a melhor comida caseira que eu tive em muito tempo.

Estendendo a mão para entregar o prato de tortas para sua irmã, minha mão bateu contra um copo de vinho. A queda foi em câmera lenta, pelo menos na minha mente. O líquido vermelho espirrou para fora, espalhando por toda a toalha branca.

Meu estômago caiu e eu pulei, derrubando minha cadeira. Agarrando meu guardanapo, eu limpei o derramamento. — Eu sinto muito. Eu sinto muito. — Eu repeti as palavras uma e outra vez enquanto o medo arranhava meu intestino.

A vez que eu tinha derrubado um copo de vinho e ele quebrou no chão na casa de meus pais, eu fui repreendida por uma hora inteira com meu pai quase empurrando meu rosto para o derramamento como um animal desobediente, que nunca seria capaz de fazer nada direito.

Mesmo que eu peguei o copo e esfreguei o derramamento, o local continuou crescendo, e as pontadas de lágrimas coçava meus olhos. — Se você tem algum club soda, eu posso tirá-lo. Vou tirá-lo, eu juro.

Ninguém se moveu. Todos ficaram parados, olhando para mim.

Eu vacilei quando Reece cobriu minha mão com a sua. Ele deslizou até meu braço e ele me obrigou a parar a minha tentativa frenética de limpeza. — Seph, está tudo bem. Pare.

Olhei por cima do meu ombro para ele. A preocupação se estabeleceu profundamente em seus olhos. Olhei em volta da mesa para todos os outros.

— Querida, está tudo bem. Nada para se preocupar. Essa coisa foi branqueada ao inferno e voltou, estou surpresa que não tenha caído até agora. Realmente, não se preocupe com isso. — O sorriso gentil de sua mãe quase me quebrou.

Engolindo o nó na garganta, tentei enfiar a humilhação para baixo. Reece endireitou minha cadeira.

— Se vocês me dão licença, eu preciso usar o banheiro. — Eu fugi da mesa e sai para o banheiro no corredor, embora o que eu realmente queria fazer fosse sair correndo para fora da porta da frente.

Olhando para mim mesma no espelho, eu abaixei minha cabeça, descansando minhas mãos no lado da pia. Houve uma batida suave na porta.

— Seph, sou eu. — A voz do Reece filtrou através da madeira.

Eu abri a porta aberta. — Eu sinto muito. Diga a seus pais vou arrumar a toalha ou substituí-la, e que eu sinto muito por arruinar o jantar. — A beira da histeria que eu havia vencido correndo água fria sobre meus pulsos estava de volta com uma vingança e poderia ter conseguido mais alguns amigos. — Eles estão realmente chateados?

Ele empurrou a porta e entrou, fechando-a atrás dele. Envolvendo suas mãos em torno de meus braços, ele me segurou perto. — Eu estou lhe dizendo, não surte. Ninguém se importa com isso.

Eu descansei minha cabeça contra seu peito. Ele cheirava a noz-moscada e chocolate, como o Natal, como o tipo de férias que eu sempre esperava ter. Risos vieram do outro lado da porta. Meus músculos ficaram tensos. Eu quase perdi, inferno, eu poderia dizer com segurança que eu tinha perdido. Sua família deve ter pensado que eu era louca.

— Eles não estão rindo de você. Eles provavelmente estão rindo do novo corte de cabelo de Ethan. Ele estava usando aquele chapéu por uma razão.

Deixando ele de lado, eu mastigava meu lábio inferior.

— Leve o tempo que você precisar aqui. Saia quando estiver pronta, mas só saiba que eles todos vão estar falando sobre você, enquanto você estiver aqui e se perguntando que tipo de problemas intestinais você tem que a prendeu aqui por tanto tempo. — Ele sorriu e saiu pela porta.

Olhando para mim mesma no espelho, eu me dei o melhor discurso de motivação que pude nas circunstâncias. — Talvez um meteoro perdido a leve para fora no caminho de volta lá. — Respirando fundo, eu abri a porta e caminhei de volta para a cozinha, devagar o suficiente para que um evento astrológico imprevisto poderia me colocar para fora da minha miséria. Infelizmente, eu fiz o caminho para a sala de jantar totalmente intacta.

Quando cheguei lá, todo mundo estava terminando sua torta. Reece ajudou seu irmão recolher os pratos e os levou para a cozinha. Eu voltei para a porta.

— Seph, nós salvamos um pedaço de torta para você. — Maria acenou para mim e deu um tapinha no assento ao lado dela.

— Você não precisava fazer isso. — Eu contornei a mesa.

— Claro que sim. A torta do John é algo que ninguém deve perder. — Ela se inclinou perto como se isso fosse um segredo entre nós, um segredo entre amigas. — Como você acha que ele me fez sair com ele?

Sentei-me ao lado dela e dei a minha primeira mordida na torta. O sabor rico e profundo de chocolate me fez sentir como eu estivesse dando voltas em uma caneca gigante de chocolate quente.

— Agora você pode ver porque eu casei com ele?

— Sim? Quem poderia recusar uma torta como essa?

Reece saiu com um copo de leite. — Isso torna ainda melhor. — Nossos dedos roçaram uns contra os outros quando ele me passou o copo, e ele não puxou para trás neste momento. Ele não sacudiu a mão e colocou essa distância entre nós. Todos os olhares e toques que eu

tinha tentado me impedir profundamente de pensar, tudo veio correndo para a frente ao mesmo tempo.

Eu caí em algo que eu não poderia descrever. A coisa que eu pensei que poderia ser explicada pela ciência e bioquímica tinha me pego de surpresa. Foi uma reação química. Meu corpo estava tomando todas estas novas experiências e anexando níveis loucos de hormônios para elas, fazendo-me sentir assim. Reações químicas ou não, eu não consegui tirar Reece Michaels da minha cabeça.

17

REECE

O rugido da multidão era uma memória distante no momento em que eu desci o túnel em direção ao vestiário lotado. Minhas mãos ainda doíam daquela última captura do jogo. Nix tinha um inferno de um braço. Ele bombardeou quase sessenta metros de distância, e o calor nele tinha feito minhas mãos coçarem.

Todos riram e aplaudiram a nossa vitória, suas vozes saltando do bloco de cimento e concreto. Os fãs sorrateiramente entraram na área e pararam os caras para tirar fotos. Os flashes dispararam quando vinte pessoas seguraram seus celulares. Eu me afastei. Os grandes sorrisos, a excitação irradiando de cada pessoa à minha volta – eu geralmente estava bem no meio dela, mas hoje eu recuei.

Estávamos mais perto do que qualquer equipe tinha estado do campeonato nacional em quase dez temporadas, mas essa não era a situação que tornou difícil dormir nas últimas noites.

Seph tinha que estar no seu apartamento agora. Ela disse que iria assistir ao jogo, mas isso não significava que ela estava acima dizendo isso só para me fazer sentir melhor ou ter alguma ideia do que aconteceu. Havia apenas dois jogos restantes na temporada. Eu a queria nas arquibancadas me assistindo no campo.

Eu queria que ela me visse na linha de cinquenta jardas com milhares de olhos dos fãs em mim, matando-o correndo através de defensores como se fossem recortes de papelão. Uma pequena parte de mim queria que ela ficasse orgulhosa. Qualquer um que falasse com ela poderia dizer dentro de um minuto ela não era como qualquer outra pessoa. Sua mente trabalhava de forma misteriosa e brilhante, embora ela fosse uma merda em jogar sinuca. Eu não queria que ela pensasse que eu era apenas mais um atleta idiota.

Era uma coisa estúpida para se preocupar.

Nós nos vemos sobre a lista dela. Coisas que eu tomei para concedido, ela adorou e ficou olhando com entusiasmo com os olhos arregalados. Observando-a vencer seus medos, respirando fundo antes de ir para lá e me fazer ver tudo de uma maneira diferente.

Neste ponto, eu provavelmente estava ansioso para algumas das suas primeiras vezes porque eu não podia esperar para ver como ela reagiria. Não estava lá, fazendo isso com ela, porque ela não tinha. Estes eram mais do que marcas de verificação em uma lista e passando pelas moções.

Ela sempre seria alguém com um lugar especial no meu coração, isto é, nas minhas memórias. A contagem regressiva que pairava sobre nossas cabeças tornava cada primeira vez ainda mais especial. Isso me fez querer torná-las especiais, para que ela não se esqueça de mim.

Hoje à noite, outra linha de sua lista estava sendo riscada, uma que eu não tinha certeza se eu estava preparado. Eu balancei para cima e para baixo nas pontas dos meus pés, apertando as mãos, tentando afastar os nervos.

— Onde você está indo? — O treinador chamou atrás de mim.

— Me trocar? — Minha mão envolveu a maçaneta da porta.

— Nós temos uma conferência de imprensa para ir.

Os planos que eu tinha colocado em movimento estavam finalmente prontos. Meu estômago se apertou e eu queria avançar a próxima hora entre agora e quando eu bati na sua porta. Esta noite mudaria tudo, mas isso era o que eu precisava fazer. Eu estava lutando contra o que estava construindo entre nós por tanto tempo, e eu não podia mais fazer isso.

Eu poderia fazer isso por ela, principalmente porque o pensamento de alguém ser seu primeiro me faz querer quebrar alguma coisa, mas o que aconteceria depois disso? Eu balancei a cabeça. Eu me preocuparia com isso mais tarde.

— Você pode fazer esta sem mim? — Meu olhar disparou em direção à porta do vestiário.

O treinador olhou para mim como se eu tivesse perguntado se ele iria me dar um soco no pau.

— Sem você? Você está fora de si. Cada oportunidade na frente da imprensa é mais uma oportunidade para ajudar você a se preparar e ajudar a construir o nome de Fulton. Coloque sua bunda lá. — Ele colocou a mão firmemente no centro das minhas costas e me deu um pequeno empurrão. Velho safado. Ele estava certo, no entanto.

Tomando meu lugar na frente das câmeras para mostrar que eu não era a merda que todos tinham tentado me pintar no final da temporada passada, mostrar que eu poderia ser um jogador da equipe foi um aumento no meu número de escolhas.

Sentado na frente dos repórteres, minha perna saltava para cima e para baixo debaixo da mesa. Ficou de pé somente na conferência de imprensa. Era o que acontecia quando você estava apenas alguns jogos do campeonato nacional. Câmaras alinhada na parede traseira. Repórteres com credenciais de imprensa pendurado em torno de seus pescoços tinham blocos de anotações em suas mãos. Todos os olhos estavam focados em nós atrás da mesa na frente pontilhada com microfones.

Nix olhou para mim com as sobrancelhas abaixadas. Seu olhar caiu para minhas mãos nas minhas coxas, apertando-as para me dar paciência para passar por esta coisa. Nix tinha jogado a bola. Eu a peguei. Fim.

A última pergunta foi respondida e eu pulei da minha cadeira, quase derrubando-a. Eu a enfiei de volta para debaixo da mesa e me dirigi para o vestiário, tirando minha camisa antes mesmo de entrar. Agarrando uma toalha, eu não parei até que eu pisei sob o jato quente do chuveiro, estabelecendo um novo recorde de velocidade para o mais rápido conhecido pelo homem.

De volta ao meu armário, eu amarrei meu tênis e sentei no banco, à espera de Nix. Verificando o tempo, eu arrumei tudo na minha bolsa. Nix saiu do chuveiro alguns minutos mais tarde.

— Por que você está tão feliz? — Berk olhou para Nix, seu rosto uma máscara de suspeita.

O estalo da toalha voou na frente do meu rosto.

— Acabamos de ganhar um jogo - não é o suficiente?

— Você sempre parece o mesmo, ganhando ou perdendo, como se você estivesse pagando uma dívida ou algo assim, mas ultimamente você está todo sorridente.

Eu não tinha tempo para isso. Eu descobriria o que diabos estava acontecendo com Nix mais tarde.

— Qual é a pressa? — Berk olhou para mim com grandes olhos zombeteiros.

Olhei para Nix. — Está tudo pronto?

— Sim, está tudo pronto. Não se preocupe com nada, e me chame, se você tiver quaisquer problemas.

— O que está pronto? — O olhar de Berk correu de mim para Nix.

— Nada para você se preocupar. — Peguei minha bolsa.

— Desde quando guardamos segredos?

— Sim, Reece. Vimos a conferência de imprensa – parece que alguém está ansioso para sair daqui hoje. Eu me pergunto por quê. — LJ bateu o dedo contra seu queixo.

— Cala boca.

Quando finalmente cheguei ao prédio dela, eu esperei o elevador mais lento do mundo me levar ao seu andar antes que fosse a hora de eu cobrar o Seguro Social. Enfiei as mãos nos bolsos e balancei para frente e para trás em meus calcanhares. As portas finalmente se abriram e eu corri para fora.

Enxugando as mãos no meu jeans, eu respirei fundo. Levantando a mão para bater em sua porta, eu parei quando abriu antes que eu tocasse.

Uma Alexa de cara azeda saiu, quase correndo para dentro de mim. — Ela está tocando há meia hora e isso está me deixando louca.

Tocando o quê? Seph era uma jogadora secreta? Eu podia imaginá-la encolhida em seu quarto com o controlador tentando terminar cada rodada o mais perfeitamente possível.

Alexa bufou, querendo claramente minha atenção ou simpatia. Como se eu me importasse com qualquer coisa que a irritasse. Antes que eu pudesse dizer uma palavra, ela se virou, lançando seu cabelo no meu rosto, e saiu para o elevador.

Fiquei olhando para ela. Como no inferno Seph aguentava ser sua companheira de quarto por tanto tempo? Entrando no apartamento, fechei a porta atrás de mim. Os sons que eu atribui a alguém tocando

música clássica no corredor não estavam vindo dos altos falantes depois de tudo. Eles estavam vindo do quarto de Seph.

Toda vez que eu pensava que tinha uma pérola sobre ela, ela mudava as coisas. Aparentemente, ela era uma musicista também. Eu jurava que ela tinha mais talento em seu dedo mindinho do que a maioria das pessoas tinha em todo o seu corpo. Como eu não sabia disso sobre ela? Como ela não falou disso antes?

A melodia clássica era igual a partes familiares e totalmente novas. As notas eram bonitas, num crescente que me deu arrepios. Enquanto ouvia mais, eu reconheci a letras flutuando na minha cabeça. Ela pegou e transformou isso em algo diferente. Ela possuiu isso.

Abrindo a porta do quarto devagar, eu entrei. Ela estava de frente para a janela, mas seus olhos estavam fechados. Seus dedos voaram pelas cordas. O balanço de seu corpo ao ritmo da música era hipnotizante.

Vê-la assim acrescentou outra coisa para a montanha crescente de que a fazia diferente de qualquer pessoa que eu já tivesse conhecido antes. Seu cabelo estava em um estilo intrincadamente trançado diferente. Era sua própria coroa; ela era como algo real desabando no meio de tanta normalidade.

Seus dedos voaram mais rápido sobre as cordas quando a música alcançou o seu auge, e os cabelos na parte de trás do meu pescoço se levantaram. *Eu poderia passar os próximos cinquenta anos com esta menina e eu ainda estaria aprendendo mais sobre ela.* Esse pensamento enviou um choque pelo meu corpo. Ela terminou a peça e eu olhava para ela, em transe. Esse era o tipo de coisa que eu não deveria ter pensado. Eu queria dizer que isso me fez repensar os meus planos para a noite, mas como raízes brotaram dos meus pés, eu não conseguia tirar os olhos dela. Eu poderia assisti-la para sempre, poderia tê-la deixado me mostrar mais de quem ela era e desmascarado as camadas que ela usava como um escudo.

Ela arrastou o arco sobre as cordas, mexendo os dedos e criando um vibrato na nota final.

— Isso foi inacreditável. — Bati palmas depois do meu desempenho privado.

Ela saltou em minhas palavras e girou. Sua mão apertou contra o peito, mas ela lentamente relaxou e um sorriso se espalhou em seu

rosto, o mesmo tipo que mantinha os pensamentos dela eclipsando todos os outros.

— Como é que você entrou aqui? — Ela colocou o violino na cama ao meu lado, lançando aberto o estojo.

— A sua colega de quarto estava saindo e ela me deixar entrar.

— Mais como sair apressadamente.

— Mais ou menos.

— Ela me pediu para parar e eu lhe disse que terminaria em trinta minutos. — Seu sorriso travesso fez o meu peito inchar com orgulho. — Eu me sinto mal por sujeitá-la a isso.

— Para a música mais bonita que eu já ouvi? — Eu podia ouvi-la durante todo o dia todos os dias.

Ela abaixou a cabeça e guardou o arco no estojo. — Você não precisa dizer isso para me fazer sentir melhor.

— Quem está fazendo isso? Isso foi incrível, e eu nem gosto de música clássica.

— Para o ouvido destreinado, talvez, mas o meu dedilhado era descuidado.

Eu deixei aquele deslizar. — Você não estava sujeitando ninguém a nada. As pessoas deveriam estar pagando para você tocar para elas.

Ela me deu o tipo de sorriso condescendente que você dá a um garotinho antes acariciá-lo na cabeça e dizer-lhe para correr.

Atingindo mais, eu cobri a mão dela com a minha enquanto fechava o estojo. — Sério, eu não estou soprando fumaça. — Meu polegar corria ao longo da parte de trás da sua mão, sua pele tão suave sob o meu toque calejado. Um arrepio se propagou através de minha pele, do tipo que só acontecia quando eu estava perto dela, do tipo que me mantinha acordado durante a noite revivendo o beijo no bar e o roçar dela contra mim na pista de dança.

Seus lábios se separaram e ela olhou nos meus olhos. Suas pupilas dilatadas e todo seu corpo ficou imóvel. Ela limpou a garganta e puxou sua mão para fora da minha. — Você fez uma grande partida. — Ela se sentou na cama com o estojo do violino entre nós.

— Você assistiu? — Eu olhei para ela.

— Eu disse que iria. Eu não quebro promessas. — Ela olhou para mim como se a pergunta fosse dolorosa. — Eu tentei ler o máximo que eu pude sobre as regras e tudo, mas eu acho que você vai ter que explicar as coisas para mim.

— Isso eu definitivamente posso fazer, mas não agora. Eu tenho uma surpresa para você.

Seus olhos brilhavam de excitação. — Que tipo de surpresa? — Eu praticamente podia vê-la esfregando as mãos. Uma parte de mim se perguntou se eu era uma diversão temporária para ela. Ela tocava violino. Ela estava se formando na faculdade aos dezenove anos. Ela era um gênio da matemática se dirigindo para o seu doutorado. Eu corro através de um campo e pego uma bola – mais rápido do que a maioria, sim, mas um movimento errado e minha carreira estava acabava.

Uma vez que a emoção de sua lista acabasse, ela ainda tem um uso para mim? Eu estava passando por cima da minha cabeça com ela da pior maneira, do tipo que me torcia em nós e fazia com que fosse difícil dormir ou se concentrar em outra coisa que não seja quando eu a veria em seguida.

— A lista de surpresa.

Ela pegou o casaco. Eu segurei e ela deslizou os braços para dentro, sorrindo para mim por cima do ombro. Seus lábios estavam tão perto do meu. O sabor e a sensação deles foram gravados na minha alma.

Deslizando minha mão para a dela, eu a levei para fora de seu apartamento. Abri a porta do lado do passageiro para ela, em seguida, corri para o meu lado. O motor ronronou e eu puxei para o tráfego, indo em direção ao nosso destino.

— O que se passa contigo? Você ganhou o jogo, certo? Eu não sei muito sobre futebol, mas eu posso ler as partituras.

Minhas mãos apertaram o volante. — Você está certa. Nós ganhamos.

— Então por que você está tão quieto? — Ela olhou para mim, tentando chamar minha atenção.

Porque eu quero te beijar novamente. Eu quero fazer mais do que beijá-la novamente, e eu quero que esta noite seja especial. Eu não quero foder tudo e fazer você se arrepender. — Nenhuma razão.

Ela colocou a mão no meu braço. Seus dedos apertaram e massagearam o local. — Você não precisa continuar me dando coisas da lista. Podemos assistir a um filme ou pegar algo para comer.

— Você vai adorar. Como você sabe que eu não estou fazendo isso para me entreter? — Dei-lhe um sorriso tenso e voltei meus olhos para a estrada. Se eu não tivesse cuidado, me distrairia e bateria o carro. Meu corpo cantarolou na expectativa de chegar à onde estávamos indo assim como acontece antes de um jogo.

Ela colocou a mão no colo.

— Estamos quase lá. Como você se sente sobre a tentativa de experimentar a piscina de novo?

Suas sobrancelhas franziram junto com o nariz em seu rosto que revelava confusão. — Eu não trouxe roupa.

Meu sorriso era real agora, e eu não poderia ter segurado nem se eu quisesse. — Oh eu sei.

18

SEPH

Nós paramos na esquina de uma casa e quando Reece desligou os faróis, eu olhei para ele. Ele colocou aquele sorriso diabólico e saiu.

Tomando minha mão na sua, ele caminhou pela calçada em direção a uma casa de três andares no estilo colonial branco. Em vez de caminhar até a porta da frente, ele caminhou pela calçada até o portão lateral. Quando ele pulou a cerca, meu coração saltou em minha garganta.

— Pule. — Ele estendeu os braços para me ajudar.

— E se formos pegos? — Olhei por cima do ombro.

— Não é esse o ponto?

Eu engoli seco. Respirando fundo, eu agarrei o topo da cerca. Meus pés escorregaram na madeira, mas eu achei um sulco para enfiar meu pé dentro e, entre isso e seus braços, eu fiz isso de novo. Nós tropeçamos para frente, e eu agarrei seu casaco quando minha bochecha bateu em seu ombro. Quando eu olhei para ele, nossos lábios estavam a centímetros de distante.

Lambi o meu e ele se endireitou, levando-me com ele.

— Vamos. — Ele pegou minha mão e me puxou para o lado da casa. Espiando por cima do meu ombro, eu olhava para a segurança do carro, imaginando a pena mínima de prisão por invasão de domicílio.

Na parte de trás da casa havia uma bela e cintilante piscina azul. Vapor subia para fora da superfície da água; aquecida. Luzes azuis espalhadas pelos lados e no fundo davam aparência de um oásis de verão em pleno inverno.

— O que você está fazendo aqui?

— Nadar pelado em sua lista, lembra? — Ele se sentou em uma das espreguiçadeiras e tirou suas botas.

— Você não pode estar falando sério. — Eu sussurrei.

— Mortalmente sério. — Ele abriu seu casaco e puxou sua camisa por cima da sua cabeça. Os músculos de seu estômago se apertou quando o ar gelado os atingiu. Ele virou as costas para mim, a vasta extensão me fazendo querer correr minhas mãos sobre ele.

Sua calça jeans desceu junto com a cueca. Eu girei em meus calcanhares, tentando não pensar sobre a sua bunda tonificada. E, oh, que bunda. Uma gota de água quente atingiu o rosto, o que rapidamente se transformou em um banho de água fria como o ar congelante a resfriou. O som agudo dele batendo na água foi a única coisa que ouvi sobre o estrondo do meu coração.

— Eu vou virar de costas. Fique nua, Wild Child. Onde estou tem apenas um metro e quarenta de profundidade. Siga para este fim e você vai ficar bem.

Nossa última vez em uma piscina piscou de volta para mim, mas desta vez era diferente. Ele estava diferente, e não havia nenhuma dúvida em minha mente que eu estaria segura dessa vez.

Olhando para ele, eu respirei estremecendo. Eu olhei em volta para a alta cerca de madeira branca em torno dos lados da piscina. Além disso, havia árvores altas que revestem a borda da propriedade, até onde eu podia ver. Muitas das casas no caminho tinham suas luzes apagadas. Não houve nenhum outro som além de nós por um tempo.

— Estou me virando e cobrindo meus olhos. — Ele girou na água e fez um grande show para trazer as mãos para o rosto.

Meus dedos trêmulos deslizaram pelos botões do meu casaco três vezes antes de eu finalmente desfazer o primeiro. A partir daí, as coisas foram mais rápidas. Eu tirei o casaco. Desabotoei a camisa. Abrir o zíper da calça e hesitei antes de deixar minha calcinha a vista. Chutando meus sapatos, eu pulei em todo o concreto ao redor da piscina e me abaixei na água. O vento frio me forçou a atacar mais rapidamente, o frio contra os nervos. Um formigamento se espalhou por todo o meu corpo enquanto a água aquecida lambia meu peito.

Ele se virou e as gotas de água se agarravam a seus cílios.

Ele nadou mais perto de mim. O tilintar lírico de seu corpo cortando a água revirava meu estômago. Seu olhar mergulhou até as taças roxas do meu sutiã. — Isso é trapaça, mas vou permitir. — Seu dedo se arrastou ao longo da minha clavícula, passando sob a alça do meu sutiã. Arrepios subiram pelos meus braços e eu mordi meu lábio

inferior. — Você sabe que vai ter que se vestir sem sutiã agora. — Seus lábios se transformaram em um sorriso do gato de Cheshire. Ele nos levou até minhas costas baterem na parede da piscina.

Meu rosto caiu. — Porcaria.

— Eu não posso dizer que estou reclamando sobre isso. — Afastando-se da parede, ele nadou em direção ao centro da piscina. Eu levantei minha mão, estendendo para ele. Eu o queria de volta na minha frente, tão perto que eu pudesse sentir seu cheiro de banho tomado até mesmo sobre o cloro da piscina.

Meu coração se acomodou em um ritmo normal depois de vinte minutos na água. Nada iria me agarrar do fundo do poço. Jogamos uma versão sussurrada de Marco Polo. Tivemos uma corrida até a beira da piscina, mantendo a parte rasa. Nossa risada ricocheteou nas paredes e a nossa volta e todos os vestígios de medo relacionado ao afogamento foi embora, mas toda a parte de estar nua com um estranho ainda estava muito presente.

— Não deveríamos ir logo? E se eles chegam em casa? — Eu olhei para as janelas escuras da casa de três andares a alguns passos de distância. Havia uma casa de um andar perto de onde tínhamos a roupa. Era, provavelmente, maior que a casa de várias pessoas.

— E se eles chegarem? — Ele nadou mais perto. A água com crista sobre suas costas e ombros. Ele me enjaudou entre seus braços e os degraus.

A parte de trás dos meus joelhos bateu no concreto e minha bunda atingiu o plano do degrau. — Você vai ter um monte de explicações a dar sobre o porquê você está aqui nu.

Ele se aproximou, seu quadril fazendo contato com as minhas pernas. Eu relaxei, deixando o fluxo suave e da água separar minhas coxas, ou talvez isso fosse tudo de mim. Eu fui realmente muito boa em não espreitar embaixo da água o que exatamente o Reece estava empacotando, mas isso não significava que eu não tinha um vislumbre ou dois.

Eu me inclinei para trás nos degraus, apoiando os cotovelos no que estava mais alto e perto.

Ele sorriu largamente e se aproximou mais. Suas mãos estavam um pouco acima dos meus ombros, roçando contra a minha pele, e não era apenas suas mãos que estavam se dando a conhecer.

Contra o tecido molhado da minha calcinha, houve o empurrão insistente de um instrumento perigoso. Incapaz de parar, o meu olhar disparou para baixo. Suas coxas musculosas esfregaram contra a pele sensível entre as minhas pernas. Eu peguei meu lábio entre meus dentes. A pressão e a mordida aguda no meu lábio foram o suficiente para me impedir de envolver minhas pernas em volta dele e puxá-lo para a frente.

A única coisa que eu queria desde o início estava tão perto. Ele mudou seu corpo contra o meu. O cutucão de sua cabeça contra meu núcleo quente e ardente quase me fez gemer. Por que ele estava me torturando? Eu podia sentir o quanto ele queria isso; não podia? Meu clitóris pulsava com cada escova de seu pênis contra mim. Eu mordi de volta um gemido que ameaçava escapar da minha boca.

— Há algo que eu preciso te dizer. — O movimento suave da água era agonia quando entregamos nossos corpos para ela.

— O que?

Seus lábios estavam a centímetros dos meus, cheios e macios. Ele era igual em partes de masculinidade e carinho que me fez quase sair da minha pele. Meu corpo estava em chamas para ele e eu queria que ele me devorasse. Eu sabia que ele faria com que minha primeira vez fosse inesquecível.

— Eu acho que eu ouvi um carro parar na garagem.

Minha cabeça disparou e eu fui a frente, quase dando cabeçadas nele. — Oh meu deus! — Bati minhas mãos sobre minha boca. *E se eles me ouvissem?*

Saindo da piscina, corri em direção às minhas roupas. Ele estava certo, como diabos eu ia colocar tudo isso com a minha calcinha molhada? Sopros de respiração congelada flutuava na frente do meu rosto.

Reece pegou tudo em seus braços. A água no chão instantaneamente se transformou em gelo e nós patinamos ao longo do concreto ao redor da piscina. Em vez de voltar e apressar-se para a entrada da garagem, ele virou à direita, para a porta da casa da piscina.

Eu agarrei seu pulso e tentei puxá-lo de volta. — Nós não podemos entrar aí.

— Onde mais devemos ir? — Ele me puxou para a porta. Sua mão estava na maçaneta e girou. O clique da abertura do trinco elevou minha frequência cardíaca. Sem alarme. Nenhuma sirene. Corri para dentro e ele fechou a porta atrás de nós.

— Eu não posso acreditar que fizemos isso. — Eu empurrei contra seu ombro enquanto ele olhava para fora da porta.

Ele se virou e me encarou. A água escorria dele e os respingos no chão foram os únicos sons sobre nossa respiração.

— Nós vamos ser presos. — Meu pai iria me socorrer e me mandar de volta para Boston antes que eu pudesse piscar.

— Nós não vamos ser presos. — Ele deixou cair as roupas na cadeira ao lado da porta. — Nós ficaremos bem. Ninguém nem acendeu as luzes da casa.

Passando por mim, ele caminhou mais para dentro da casa da piscina. Peguei minhas roupas da pilha. Havia uma pequena porta no final do corredor, talvez um armário de roupas de cama. Eu gostaria de encontrar uma toalha para que eu pudesse me secar, em seguida, sair de lá. Abrindo-o, suspirei de alívio com a visão das toalhas empilhadas ordenadamente. Eu peguei uma, planejando dobrá-la quando eu terminasse, para que ninguém soubesse.

Eu pulei ao som agudo de uma rolha sendo puxado. — Você está bebendo o vinho deles? — Minha boca estava aberta.

Reece estava atrás do balcão e colocando o saca-rolhas para baixo.

— Está aqui. — Ele deu de ombros e serviu dois copos.

Ele realmente perdeu a cabeça. Eu tinha ouvido falar de pessoas em situações de alto estresse agindo estranhamente, mas esse era outro nível de insanidade. Não querendo escorrer ainda mais água em tudo e o medo mortal de ser pega por invasão, arrombamento e roubo me mandou correndo de volta para minhas roupas.

— Eu não posso acreditar que você está fazendo isso. Você vai nos entregar. E se alguma coisa acontece e você ser preso? Que tal jogar nesta temporada? Eles poderiam expulsá-lo da equipe.

Tentando minimizar o meu vazamento de água, eu virei de costas para Reece e alcancei atrás de mim para soltar meu sutiã. Normalmente, se despir na frente dele teria me enviado em uma espiral de ansiedade, mas eu já estava lá com a coisa toda do roubo e arrombamento. Sacudindo a toalha, eu me sequei. — De todas as coisas insanas e irresponsáveis, — Eu resmunguei sob a minha respiração.

Um par de lábios pressionou contra meu ombro e arrepios que nada tinham a ver com o frio se espalhou ao longo de todo o meu corpo. O frio do lado de fora foi substituído por um rubor aquecido que percorreu toda a minha pele. Seu peito nu pressionou contra minhas costas, a definição de seus músculos se imprimindo em mim, e a batida de seu pau roçando contra a minha bunda fez minha cabeça nadar.

— Nós não vamos ser pegos porque somos convidados.

Olhei para ele por cima do meu ombro. — Convidados?

Ele plantou um beijo na minha pele exposta, cruzando a linha não escrita que ele desenhou entre nós e eu redesenhei depois do nosso beijo, a mesma que tinha ficado tão fraca que poderia muito bem ter sido pintada com tinta invisível. — Esta é a casa de Nix. O pai dele está longe e ele me deu uma chave.

Eu me virei, minha nudez completamente esquecida. — Você está brincando comigo? Você quase me deu um ataque cardíaco. — Eu o empurrei com as duas mãos, mas ele não se mexeu. Ele era uma parede sólida de músculos deliciosos.

Seu olhar caiu para o meu peito, mais especificamente para os meus seios, e a insanidade temporária foi apagada. Eu levantei minhas mãos para me cobrir, mas ele pegou meu braço. — Não faça isso, Wild Child.

Uma emoção corria por mim sempre que ele me chamava assim. Tinha começado como uma brincadeira, mas quanto mais ele dizia isso, mais eu sentia como se qualquer coisa pudesse ser possível, como eu tinha em mim para ser um pouco selvagem e louca às vezes. Seus dedos correram ao longo do meu pulso. Sangue batia em minhas veias como um motor a jato pronto para decolar.

— Não se esconda de mim.

— Eu não estou.

Como se houvesse um ímã anexado aos meus olhos, meu olhar caiu para a parte dele que eu só tinha visto através da água e senti contra mim. Eu não era a única nua. Desta vez, seu pênis estava pronto para ser visto de perto. Meu pulso disparou sob seu domínio suave no meu pulso.

O ar saiu dos meus pulmões e eu olhei para ele, boquiaberta como se eu tivesse acabado de ser apresentada a uma nova maravilha do mundo moderno. Apesar de todas as palavras de cinco dólares que eu conhecia, havia apenas uma palavra que eu poderia reunir. — Uau.

— Porra, você sabe como fazer um homem se sentir apreciado. — Ele sorriu enquanto a outra mão deslizava ao longo do meu braço, cada célula do meu corpo consciente do que estava acontecendo, o que eu queria que acontecesse desde que ele entrou no café e sentou-se à minha frente.

Minhas bochechas aqueceram, mas eu não tentei me cobrir. Ele se curvou e pegou algo da mesa do café a um passo de distância.

O copo de vinho branco na mão pegou a luz que entrava pelas cortinas transparentes em frente às janelas da piscina. — Nix recomendou algumas garrafas da adega de seu pai. Você quer um pouco? — Ele estendeu o copo. O líquido claro rodou contra os lados em seu movimento.

Eu balancei a cabeça. Minha voz teria sido uma tremenda bagunça se eu tivesse tentado falar alguma coisa. Eu poderia usar um pouco de coragem líquida, uma vinha inteira cheia, mas um copo serviria.

— Bom. — Ele sorriu e deu um passo mais perto. Mergulhando dois dedos no copo, ele os puxou para fora, pingando com vinho, e correu sobre o meu peito. Entre o vale dos meus seios, ele pintou uma linha com os dedos antes de limpá-la com a língua.

Meus ombros tremiam. Deixei escapar um suspiro trêmulo quando o vinho se acumulou em pequenas gotículas atravessando minha pele.

— Eu nunca tive esse tipo de vinho antes, mas eu quero muito mais. Você quer mais? — Sua voz se aprofundou, sua luta pelo controle de tudo era muito real. Meus mamilos apertaram quase dolorosamente. Eu precisava de sua boca em mim.

Mordendo meu lábio, eu assenti. Mechas do meu cabelo molhado sacudiram para a frente, arrastando água pelo meu corpo.

Mergulhando os dedos no copo novamente ele molhou o topo do meu seio. Seus lábios atacaram o local, em seguida, passou a língua ao longo da minha pele. Sua paciência só foi compensada pela sua capacidade de provocar.

Parecia que o copo estava quase vazio quando seus lábios finalmente fizeram contato com meus mamilos tensos. Cada nervo do meu corpo estava centrado naqueles picos, e a maneira como a língua e os dentes trabalhavam em uníssono me levaram a um limite que eu nunca havia experimentado antes.

— Você me perdoa?

Eu pisquei duas vezes, minha raiva anterior evaporando como o vinho deixado na minha pele.

— Perdoar pelo que? — Minhas palavras eram instáveis no máximo, quando ele pousou o copo e passou as mãos sobre meus mamilos, rolando-os entre os dedos e enviando choques através do meu corpo para minha boceta. Eu apertei minhas coxas juntas, tentando aliviar a pressão.

— Mentir para você. — Suas palavras foram tensas.

— Com uma condição. — Minhas palavras eram um sussurro ofegante.

— Diga. — Seus lábios estavam a centímetros de distância. Tudo isso e nós ainda não tínhamos tido um beijo adequado, no entanto, não que houvesse qualquer coisa adequada sobre invadir a casa da piscina de alguém para ficar nus juntos.

— Leve-me para a cama. — Eu enrolei meus braços ao redor do pescoço dele e o puxei para perto. Meu corpo estava a um passo de distância de ser engolido pelas chamas, e ele estava segurando a caixa de fósforos. Eu me preparei para ele recuar ou mudar de ideia, para me dizer isso foi um erro ou dizer que eu merecia coisa melhor.

Em vez disso, ele preencheu a lacuna em um instante, e eu consumi seus lábios como um preso apresentado a sua última refeição. Ele tinha gosto de vinho e cloro.

Momentaneamente quebrando o beijo, ele dobrou os joelhos e me pegou em seus braços. — Eu pensei que você nunca pediria.

19

REECE

Ela era a coisa mais linda que eu já vi. Mais do que qualquer vitória no campo, qualquer edição limitada Adidas, ela tinha tantas coisas, e eu não conseguia nem acreditar que ela estava lá comigo. *Leve-me para a cama* tinha que ser as palavras mais doces já ditas. A carga emocional delas era quase mais do que eu poderia segurar, então eu me concentrei na mecânica: levantando-a em meus braços e beijando-a enquanto ela se contorcia, apertando as coxas na minha espera.

Nix tinha me dado pleno acesso à casa da piscina. Eu tinha me preparado com antecedência, certificando-me de que teríamos tudo o que precisávamos. Empurrando a porta do quarto, entrei com Seph em meus braços. Seus lábios salpicaram meu pescoço e ombro com beijos, beijos doces como um toque dos deuses.

Em pé na frente da cama, eu a coloquei no chão em seus pés. Ela olhou para mim, a confusão brilhando em seus olhos, mesmo na luz baixa.

— Eu não quero que você vá para a cama com essa roupa molhada. — Eu dei um passo para trás e olhei para o triângulo roxo de tecido cobrindo sua boceta. O calor dela tornava difícil pensar de novo na piscina, tornava difícil evitar que tirasse a calcinha e a tomasse na água límpida e azul.

Sua garganta saltou e ela engoliu em seco. Eu praticamente podia ouvir o gole dos desenhos animados. Ajoelhando-me, eu passei minhas mãos sobre as curvas suaves de seu quadril. Meus dedos mergulharam abaixo da cintura e eu apertei sua bunda.

Ela subiu na ponta dos pés. Eu olhei para ela através do vale de seus seios. Seus olhos estavam cheios com o tipo de confiança que teria me deixado de joelhos, se eu não estivesse lá.

Movendo minhas mãos para baixo, eu empurrei o cóis da sua calcinha, rolando para baixo sobre minhas mãos. Como se eu fosse meu próprio torturador, eu puxei para baixo de suas pernas um centímetro de cada vez, meus olhos ficando bem familiarizado com a forma de seu

corpo, o cheiro dela. A calcinha caiu livre a partir da curva de seu traseiro e desceu por suas coxas, juntando-se a seus pés.

Ela correu os dedos pelo meu cabelo, as unhas roçando ao longo do meu couro cabeludo. Eu gemia com o prazer pulsante percorrendo meu corpo. Meu pau bateu contra o meu estômago entre as minhas pernas abertas. Descansando minhas mãos ao longo das costas de suas coxas, eu cutuquei suas costas até seus joelhos baterem na cama.

Sentando-se com um salto, ela estendeu a mão para mim. Eu fui para ela como uma mariposa para a chama, o fogo em mim ardendo de desejo. — Podemos ir devagar. — Eu tentei manter a tensão na minha voz. Minha necessidade de fazer isso especial e ir devagar guerreava com a minha necessidade de estar dentro dela.

— Eu tenho andado devagar toda a minha vida. Contida, calculista, metódica. Eu quero sentir você, e isso parece mais certo do que qualquer coisa que eu já fiz na minha vida. — Ela se inclinou para trás, com os braços por trás do meu pescoço me trazendo com ela.

Nossos corpos estavam nivelados um contra o outro em cima da colcha. Meu pau aninhava-se no ápice de suas coxas, e a umidade que cobria a cabeça do meu pau não era da piscina. Minha boca encheu de água para sentir o gosto dela. Eu queria o segundo para apenas uma coisa, mas eu poderia exercitar um pouco de paciência.

Mudando meu quadril para trás, eu afundei mais na cama. Eu dei um beijo contra seu estômago, circulando seu umbigo. Ela estremeceu debaixo de mim.

— Pegue os travesseiros e coloque-os debaixo da sua cabeça. — Eu continuei indo em direção a parte dela que eu precisava ser devidamente apresentado como o primeiro.

Com uma pergunta em seus olhos, ela agarrou os travesseiros do topo da cama e enfiou dois debaixo da cabeça, apoiando-se para que eu pudesse vê-la e para que ela pudesse me ver.

Eu deixei cair um beijo no pequeno pedaço de cabelo bem acima de seu clitóris e ela respirou fundo.

— Isto não estava na sua lista, mas eu pensei em improvisar. — Estabelecendo meu peito na cama, eu a abri. Rosa e brilhante, ela estava pronta para minha boca. — Você está pronta?

Ela respirou fundo e assentiu com a cabeça.

Preocupação passou por mim. *Eu estou indo muito rápido?* — Você quer que eu pare?

Se ela balançasse a cabeça mais rápido, ela teria um efeito chicote. Eu não consegui segurar o meu sorriso. Abrindo-a mais, eu lavei seu clitóris com a ponta da minha língua.

As mãos dela saltaram para a minha cabeça, apertando no meu cabelo. Olhei para cima e seu olhar estava fixo no meu, não querendo perder um momento. Nenhum de nós queria.

Eu me delicieei com a sua doçura, impulsionado a tirar o máximo possível de seus gritos e gemidos. Eu a vi me observando. Eu não precisava ser informado que essa era sua primeira vez; eu senti e vi em seus olhos. O olhar confuso e sonhador superou todos os outros que eu tinha visto antes. Meu pau esticado contra o edredom, cada movimento torturava porque não era onde eu queria estar, precisava estar. Enquanto eu chupava seu clitóris na minha boca, suas coxas tremiam, e seu aperto no meu cabelo ia me deixar careca.

Suas costas arquearam para fora da cama e seus olhos se fecharam quando ela jogou a cabeça para trás. Seu apertou ficou mais forte.

Eu gentilmente beijei o interior de sua coxa e coloquei a mão em seu pulso. — Você vai me deixar careca.

— Venha aqui. — Disse ela, ofegante. Seu peito subia e descia, e ela não largou do meu cabelo.

Subindo pela cama, eu fiz como minha senhora mandou. Seus braços se estabeleceram no meu pescoço com as mãos correndo ao longo dos meus ombros.

— Que tal fazer de novo? — Eu descansei minha testa contra a dela.

— Talvez mais tarde. — O canto da boca dela levantou.

Ela levantou as pernas e as colocou ao redor do meu quadril. Meu pau deslizou entre os lábios de sua vagina, correndo ao longo deles, reunindo mais de sua essência e cutucando sua abertura. Seus dedos passaram pelas minhas costas e ela gemeu quando minha cabeça bateu contra seu clitóris.

Um momento de clareza passou pela minha cabeça e eu me movi para o lado, pegando o pacote de preservativos que eu tinha escondido na mesa de cabeceira. Rasgando a embalagem no que tinha que ser o tempo recorde, mudei meu quadril e rolei o preservativo.

Soltando minha testa contra a dela, olhei em seus olhos. — Você tem certeza disso?

Suas mãos subiram para os lados do meu rosto, seu calor se instalando profundamente em minha pele. O castanho claro de seus olhos era como caramelo derretido. Correndo o polegar sobre meu lábio inferior, ela fechou os olhos e abriu os lábios.

Fechei a lacuna de espaço entre nós. Nossas línguas imitavam a suave rocha de nossos quadris, e seus calcanhares cavaram mais fundo contra a minha bunda. Este não era como o beijo na piscina. Não era brincalhão e provocante. Este era cru e carnal com uma luxúria desamparada que ameaçava consumi-la, e eu era a única cura.

20

SEPH

Meu corpo estava em chamas. O peso de seu pau descansando contra o meu clitóris fez minhas coxas tremerem ao redor de seu corpo.

Eu queria tudo dele.

Eu precisava de tudo dele.

As histórias e estudos sobre primeiras vezes não importavam. Isso seria diferente porque éramos nós. Descendo entre nós, eu envolvi meus dedos em torno da cabeça do seu pau. A ponta grossa do cogumelo seria um desafio, mas eu estava pronta para isso. Um tremor sacudiu seu corpo e eu sorri contra seus lábios.

Eu não era a única pronta para sair da minha pele. Alinhando-o contra mim, eu levantei meu quadril e apertei minhas coxas ao redor dele de uma vez. Seu corpo balançou para a frente, não esperando meu ataque.

Ele mergulhou fundo em mim tão rapidamente, minhas costas arquearam para fora da cama e um aperto se estabeleceu ao redor do meu peito, nos meus pulmões, a queimadura afiada roubando meu fôlego. Eu mantive o meu braço em torno de suas costas, o outro estava preso entre nós.

Ele congelou e tentou puxar para trás. — Seph, o que você está fazendo? — Ele plantou as mãos na cama, mas eu segurei, movendo-me com ele. Puxando meu braço livre, eu envolvi mais forte em torno dele.

Eu apertei meus lábios entre meus dentes. O gosto metálico de sangue invadiu minha boca. Eu tinha mordido meu lábio tentando segurar o grito, sabendo que ele provavelmente iria cancelar a coisa toda. Relaxando minha boca, eu respirei através do alongamento, dor crua na minha boceta.

— Está tudo bem. — Eu enterrei minha cabeça em seu ombro.

— Não está bem, eu te machuquei. — Sua voz estava cheia de acusação, não para mim, mas para si mesmo.

Eu me agarrei a parte de trás do seu pescoço e passei os dedos pelo cabelo, silenciando-o. — Me dê um segundo. Vai ficar tudo bem. — Eu respirava através de minha boca e um pouco da queimadura desapareceu. Mudando, meu clitóris esfregou contra ele. Um lampejo do prazer de antes voltou provocando, com pequenos choques a cada turno que cancelavam a dor. Eu me movi novamente e a chama cresceu.

— Nós deveríamos ir devagar. — Ele passou a mão ao longo das minhas costas, o polegar áspero de seus dedos acariciando e me confortando. Isso trouxe lágrimas aos meus olhos. Por que não tinha mencionado isso nos jornais que eu li? Como você poderia querer algo com outra pessoa? Como eles poderiam segurar você perto e ajudá-la a descobrir todo um lado totalmente diferente de si mesmo?

— Você me conhece, sempre correndo para as coisas sem pensar nelas. — Eu coloquei minhas pernas mais altas em seu quadril e ele afundou ainda mais. Eu gemia em seu ombro novamente, meus dentes raspando em sua pele.

— Sim, soa exatamente como você. — Suas palavras foram cortadas e tensas. Seus músculos se apertaram como se estivesse pendurado pelo mais fino de fios.

Levantando minha bunda, eu rolei meu quadril, e mais de seu pênis deslizou para dentro de mim. Desta vez, minha respiração foi roubada por um prazer que pulsava a partir do topo da minha cabeça até as pontas dos meus dedos. — Você pode mover agora. — Eu enterrei meu quadril para ele, o prazer florescendo e crescendo a cada segundo que passava.

Sua cabeça foi para trás. Ele olhou nos meus olhos procurando por algum toque de mentira. — Você tem certeza?

Levantando-me, eu bati meu quadril contra ele em um impulso que me iluminou como uma árvore de Natal. Nós dois gememos e seus braços se fecharam em torno de mim com tanta força que eu mal podia respirar. Inclinando-me para trás, levei-o comigo, de volta para cima de mim na cama.

— Eu tenho certeza. — As palavras saíram como um sussurro abafado.

Apoiando seus braços em cada lado da minha cabeça, ele olhou nos meus olhos, me observando.

Meu levantamento de quadril parecia ser a resposta que ele estava procurando. Escovando meu cabelo para trás do meu rosto, ele empurrou seu quadril para frente, enterrando-se mais profundamente em mim. Minhas costas arquearam para fora da cama e eu gemi seu nome. Aparentemente, essa era a palavra mágica.

Seus impulsos lentos e medidos se transformaram com cada respiração e gemido arrancados dos meus lábios. Eu encontrei todos os movimentos e me agarrei a borda afiada do clímax que se aproximava de mim. Ele inclinou seu quadril e meu corpo disparou para a frente. Este não era um passeio agradável de um orgasmo; era a queda livre de um penhasco.

Minhas unhas arranharam as costas dele e eu gritei mais alto do que eu jamais imaginei ser possível. Seus impulsos ficaram errático e seu pau engrossou dentro de mim, esticando-me ao meu limite. Batendo a mão contra a cama ao meu lado, ele se preparou em seus braços, dirigindo-se em mim uma última vez. Seu pau pulsou dentro de mim, provocando outro orgasmo. Este era uma onda em câmera lenta, espalhando calor por todo o meu corpo. Eu desmoronei de volta na cama.

Descansando sua testa contra a minha, ele me encarou. Sua respiração combinava a minha. Meu sorriso estava tão grande que meu rosto doía, junto com outras partes de mim.

— Isso foi inesperado.

Incerteza nublou seus olhos e, se alguma coisa, o deixou ainda mais sexy. Ele estava preocupado. — Foi tudo bem? — Ele levantou seu quadril, libertando-se livre de mim. O ar frio da sala substituiu o calor de sua posse do meu corpo.

— Essa deveria ser a minha fala. — Eu escovei o cabelo para trás de cima das orelhas e passei a mão ao longo de sua bochecha. — Foi mais do que eu jamais poderia ter esperado.

Seu alívio era absoluto. Rolando para fora da cama, ele se livrou do preservativo e entrou o banheiro. Ele voltou com uma toalha.

Eu empurrei para cima em meus cotovelos. Seu joelho afundou na cama e ele arrastou o pano quente sobre a minha pele. Meu coração acelerou ao seu toque suave.

Ele limpou o marcador da minha primeira vez entre as minhas pernas e gentilmente me secou. Eu pisquei de volta as lágrimas em seu terno cuidado. Agora isso o enlouqueceria. Ele levou tudo de volta para o banheiro e voltou para a cama comigo, arrastando os lençóis de um lado.

Nós ficamos debaixo das cobertas e ele me segurou em seus braços. — Você tem certeza que está bem?

Passei meus dedos ao longo de seu peito musculoso. — Estou mais do que bem, Reece. Tem certeza que está tudo bem com Nix por estamos aqui?

— Ele é quem sugeriu quando eu estava tentando encontrar um lugar para um nadar tarde da noite sob as estrelas. Ele está totalmente bem com isso.

Bati minhas mãos sobre o meu rosto, o rubor de antes voltando, só que desta vez não era de liberação sexual. — Isso significa que ele sabe. — Como eu irei encará-lo novamente? *Hey, Nix, a sua cama do quarto de hóspedes é o local perfeito para uma transa.*

Reece tirou minhas mãos do meu rosto. As pontas das minhas orelhas tinham que estar em chamas.

— Eu não disse nada sobre a parte de nadar nua. Não se preocupe. — Pomo de Adão subia e descia. — Você me diria se não estivesse bem, certo?

— Pare de se preocupar. Estou bem melhor do que bem. Dolorida. — Seus músculos ficaram tensos — Mas isso é de se esperar. Tinha que haver uma primeira vez, e eu estou contente que foi com você.

Uma nuvem atravessou seus olhos e ele me puxou para mais perto, me abraçou mais forte, e manteve-se agarrado a mim como se eu fosse uma boia em um furacão.

— Qual o problema? — Perguntei em voz baixa.

Seus lábios fizeram cócegas meu ombro. — Nada. Vamos dormir um pouco. — Ele puxou os cobertores para cima.

Olhando para ele, eu engoli em seco. Coloquei a face mais valente que eu tinha, me abaixei entre nós e espalmei seu pau semiduro. — Nós temos o que?

Seu pescoço se apertou e ele respirou fundo entre os dentes. — Você está dolorida.

— Eu estou, mas isso não significa que eu não quero você. Eu acho que sei exatamente o que pode ajudar a me sentir muito melhor. — Apertei mais forte, bombeado minha mão para cima e para baixo em seu comprimento.

Ele me puxou para frente e capturou meus lábios em um beijo exigente, cobrindo minha mão com a sua e apertando o punho em torno dele.

— Você está brincando com fogo, wild child.

Lambi meus lábios. — Eu estou brincando com você.

— Eu sou seu trepa-trepa. Jogue com o conteúdo do seu coração. — Ele soltou minha mão e rolou, abrindo a gaveta da mesa de cabeceira. O pacote prateado pegou um pouco da luz de fora e meu clitóris latejou quando ele rasgou com os dentes.

— Você está pronto para isso? — Enfiei os cobertores para trás, mostrando-me completamente a ele.

Ele rolou o preservativo. — Essa deveria ser minha fala. — Ele sorriu e caiu, cobrindo-me com seu corpo. Rolando, eu montei em seu quadril, ele agarrou minha bunda e me puxou para a frente. Seu pau ficou ereto, descansando entre as minhas coxas.

Empurrando para a frente, eu levantei meus joelhos e me apoiei nele, abaixando-me lentamente. Fiquei olhando para onde estávamos unidos, observando mais de seu comprimento desaparecer dentro de mim enquanto apreciava a sensação dele engrossando dentro de mim e esfregando contra cada ponto de prazer que eu tinha.

Minha bunda finalmente atingiu suas coxas, e eu balançava para frente e para trás.

— Eu juro que você vai me matar. — Ele murmurou.

— Fico feliz em saber que eu sou um estudo rápido.

— Um pouco mais e você pode ser uma arma letal.

— Mas o que é um caminho a percorrer. — Usando todos os meus estudos a meu favor, movi meus quadris no sentido de um oito. Suas

mãos dispararam da minha bunda para os lençóis, agarrando-os em suas mãos e apertando os olhos fechados. Ele bateu a mão contra a cama e empurrou com tanta força para cima em mim que eu quase caí. O clímax bateu em mim como um trem de carga e os meus dedos cravaram em seu peito. Minhas coxas tremeram e minha boceta apertou em torno de seu pau enquanto ele crescia, o pulso de seu orgasmo desencadeando outro em mim.

Eu caí para frente, caindo sobre seu peito, meu coração batia tão forte que eu jurei que ele também podia ouvir.

— Veja, o que eu te disse? Você é uma mulher perigosa.

21

SEPH

A pequena escada de madeira estava cheia de pessoas. Berk e LJ estavam no meio do quintal coberto de neve usando botas de neve, shorts e jaquetas, e amontoados ao redor da churrasqueira que lançava fumaça no ar.

Cruzei os braços sobre o peito. Estar lá com apenas os caras era uma coisa, mas a casa parecia diferente com outras pessoas. Estes não eram estranhos em um clube ou um bar. Estas eram as pessoas em sua casa, seus outros amigos. Suas opiniões tinham que importar para ele também, certo? E se eles não gostarem de mim?

O volume aumentou à medida que mais pessoas entraram pela porta da frente. Eu estava cercada. Fiquei esperando que alguém aparecesse e dissesse que era hora de ir embora.

Reece levou um barril para fora da cozinha, e nos apoiamos no parapeito para deixar que ele e Nix passassem. Os cantos de sua boca se elevaram quando ele passou. — Nem pense em correr, Wild Child.

— Como você se envolveu em tudo isso? — A menina ao meu lado se inclinou e falou pelo canto da boca, levantando o queixo em direção ao quintal mergulhado em neve. Ela tinha olhos azuis brilhantes e cabelo preto encaracolado. — Reece está chantageando você com imagens impróprias? — Seus olhos brilhavam com malícia.

— Não, eu acho que nós estamos namorando. — Foi a primeira vez que eu disse essas palavras em voz alta. Era isso o que era? Ele era meu namorado? — É assim que LJ trouxe você aqui? Chantageando você com fotos?

Ela bufou em sua cerveja, pulverizando espuma por cima da borda do copo. — Não, a menos que sejam nossas fotos na banheira de quando tínhamos cinco anos. É bom para Reece. LJ disse que ele teve um ano difícil no ano passado. Você parece ser exatamente o tipo de pessoa que ele deveria estar namorando.

— Nós nos conhecemos há dois minutos. Como você sabe?

— Eu simplesmente sei. Eu sou Marisa, a melhor amiga de LJ, quer ele goste ou não.

— Seph, namorada do... Reece? — Minha voz subiu no final como se fosse uma pergunta.

Olhei para cima e o vi ajudando LJ a construir um muro de neve ao redor do barril. Essa é uma boa maneira de lidar com isso. Nós passamos todas as noites juntos desde aquela noite na casa da piscina. Normalmente ficamos na casa dele. Era uma chance para eu sair do meu apartamento, e sua casa era mais perto do campus de qualquer maneira. Nós tínhamos assistido filmes com os caras, feito jantar juntos, e adormecemos nos braços um do outro. Isso era ser uma espécie de namorada, certo? Ou talvez eu estivesse me adiantando. Mordi meu lábio inferior, pensando que eu não deveria ter dito isso até que lhe perguntasse.

— Você está indo para casa na Ação de Graças? — Ela tirou o cabelo do rosto. Enfiando as mãos nos bolsos, ela olhou para mim, esperando pela minha resposta.

O feriado era algo que a maioria das pessoas esperava, mas não eu. A onda de medo ao pensar em voltar para Boston ficou no fundo do meu estômago.

— Sim, eu vou embora amanhã.

Marisa segurou suas mãos ao redor de sua boca. — L! — Ela apontou para a cabeça, recolhendo o cabelo em sua mão. Seus cachos brilhantes caíram em todos os lugares.

Sua cabeça se levantou e ele revirou os olhos antes de puxar algo do punho e atirar como um estilingue. Sua mão disparou e ela agarrou o círculo azul claro no ar.

— Obrigada! — Ela gritou por cima do barulho da festa e música, colocando seu cabelo em um coque. — Está ficando quente, certo? Ou ele está colocando mais doses na minha bebida de novo?

— Não, está mais quente. — Eu puxei a minha camisa para longe do peito enquanto o suor escorria pelas minhas costas, mesmo em temperaturas congelantes. O calor do corpo das pessoas que saíam da casa para o quintal derreteu a neve ao nosso redor.

Meu celular vibrou no meu bolso. Depois de tirá-lo e olhar para a tela, eu o empurrei de volta no bolso. Ele podia ler meus pensamentos agora? O esmagamento de corpos se espalhando pelo pequeno espaço fez as temperaturas congelantes toleráveis.

— Onde está a banheira de água quente? Eu não posso acreditar que eles se livraram da coisa favorita dos fãs do Brothel. — Uma menina atrás de nós desceu as escadas, sua voz nasal me lembrando de Alexa. Eu tinha certeza de que eles seriam melhores amigos da cadela. Ela riu com uma menina de suéter rosa brilhante, abrindo caminho pela festa.

— O Brothel? — Eu murmurei para Marisa.

— Este lugar costumava pertencer a uma fraternidade, como LJ explicou. O apelido para ela era o Brothel. — Ela revirou os olhos. — Infelizmente, o nome ficou quando a fraternidade foi expulsa do campus por trote e os Trojan assumiram o controle. Provavelmente é a primeira vez que os Trojans reais ultrapassem em número o tipo de borracha usada escondida em torno do lugar. Você não acreditaria a desinfecção que eles tiveram que fazer quando se mudaram. — Ela acenou com os braços para cima na casa e sobre a multidão de pessoas andando por baixo. A de suéter rosa brilhante e a amiga foram direto para Reece e LJ.

— É estranho ser amiga dele quando ele recebe tanta... atenção? — Tinha que haver uma palavra melhor para ele, mas eu não tinha certeza do que era.

Seus lábios se fecharam e ela tomou outro gole de seu copo, acabando com o conteúdo. — Ele é um menino grande. Ele pode fazer o que quiser. — Havia uma ponta em sua voz, partes iguais de desinteresse, raiva e tristeza. — Vamos pegar outra bebida. Eu sei onde LJ mantém as coisas boas. — Ela pegou minha mão e me puxou junto com ela através da crescente festa. Pessoas entrava pelas portas como formigas em um pirulito.

Ela tirou a chave do quarto de LJ do bolso e me arrastou para dentro. Seu quarto era mais limpo que o de Reece – bem mais bonito do que costumava ser. A pilha de roupas que migraram em torno de seu quarto foram banidas com sucesso em suas gavetas, cuidadosamente dobradas. Havia fotos emolduradas na mesa de LJ, uma delas com o braço em torno Marisa e outra onde eles pareciam que estavam na escola primária.

Eu peguei. — São vocês dois?

Garrafas tilintaram uma contra a outra enquanto ela vasculhava o esconderijo bebida em seu armário.

— Somos nós. Eu ainda não posso acreditar que nós nos conhecemos desde que éramos tão pequenos. — Ela olhou pensativa para o quadro. — Ele é meu amigo mais antigo. — Ela disse mais para si do que para mim. Houve um baque no corredor. — De qualquer forma, deixe-me pegar o seu copo.

Com os nossos copos cheios até a borda com “as coisas boas”, como ela disse, voltamos para baixo. Havia ainda mais pessoas, e os níveis de volume e calor tinha aumentado exponencialmente.

A tela brilhante de seu celular iluminou seu rosto enquanto lutávamos com a multidão. — LJ disse que eles salvaram alguns hambúrgueres para nós, mas ele não será capaz de vencer a horda de saqueadores por muito mais tempo.

Nós abrimos caminho através do mar de pessoas. Um par de braços me envolveu e eu pulei, minha cabeça girando ao redor.

Reece sorriu para mim. Meu coração disparou ainda mais rápido e eu me segurei em seus braços enquanto todos lhe davam um amplo espaço para ir até os fundos da casa. — Você quase perdeu a comida. Achei que você tivesse ido embora. — Ele apertou seus braços em volta de mim.

— Marisa me levou lá em cima para pegar algumas das 'coisas boas.' — Eu fiz aspas no ar. O ar do inverno vindo da porta da cozinha aberta era um alívio bem-vindo da casa cheia.

— Você continua roubando sua bebida durante as festas e ele vai abrir uma conta. — Reece chamou de volta para Marisa.

— Ele nem vai sentir falta disso. Está muito ocupado entretendo os convidados. — Ela levantou o copo na direção dele na parte inferior dos degraus. A de suéter rosa e sua amiga haviam se unido a ele quando ele desligou a grelha.

— Finalmente! As pessoas estão tentando roubá-las. — Berk contornou a grelha quando a cabeça de LJ apareceu e seu olhar disparou para Marisa. Ele pulou das meninas como se elas fossem radioativas.

— Aqui está, minha senhora. Seu hambúrguer espera por você. — Berk nos entregou pratos com hambúrgueres cheios de queijo.

Meu estômago rosnou e rugiu. Mesmo durante a festa incrivelmente barulhenta, os olhos de todos se arregalaram com o despertar do kraken no meu estômago. Reece me soltou e eu dei uma mordida no hambúrguer suculento e delicioso, como um hambúrguer deve ser. Eu terminei em tempo recorde, deixando Berk para trás. Ele jogou seu hambúrguer no prato quando eu lambia o último pedaço de ketchup do meu polegar.

— Você realmente sabe como complexar um cara. — Ele pegou o recheio picante de dentro do pão de batata e o olhou como se ele o tivesse traído.

— Da próxima vez, eu vou deixar você ganhar.

— Não é o mesmo.

Eu fiz beicinho como uma criança encontrando apenas roupas debaixo da árvore de Natal. Suspirando, ele deu outra mordida.

— Só mais dois jogos nesta temporada, você está pronto? — LJ apertou o ombro de Reece.

Ele endureceu ao meu lado. — Eu estou pronto, mas meus pais estão chateados, eu vou sentir falta do dia de Ação de Graças. Pelo menos os hotéis geralmente são muito bons em ter comida suficiente em mãos para um grupo voraz de jogadores de futebol.

— Ação de Graças em Boston. — Berk resmungou.

— O jogo é em Boston? — Minha cabeça disparou e eu limpei minha boca com um guardanapo.

Os dedos de Reece amassaram a borda do prato de papel e ele trocou um olhar com Berk.

— Por que você não me disse que o jogo era em Boston? — Eu me virei para encará-lo. Berk correu quando Reece disparou um olhar intenso em sua figura em retirada.

Ele encolheu os ombros. — Não é grande coisa.

— Se não fosse grande coisa, você teria mencionado.

— Eu pensei que você iria ver isso na programação. Não é como se fosse um segredo de Estado ou qualquer coisa. — Ele deu de ombros, e eu senti uma pequena pontada. — Nós estamos lá para um jogo e voaremos no dia seguinte. Não é como se nós tivéssemos tempo para ver alguém ou encontrar com pessoas. — Ele tomou um gole do seu copo como se ele não bebesse há anos. O pomo de Adão dele balançou.

— Será que você não me disse para ter certeza de que eu não o convidasse para conhecer minha família?

— Não. — Era o não menos convincente da história dos nãos. Ele me perguntou se eu iria assistir seus outros jogos, mas ele não tinha mencionado esse. Eu pensei que ele imaginou que tinha acabado o dia de ação de graças e não queria colocar esse fardo extra sobre mim, mas agora parecia que ele não queria que eu percebesse que ele estava em Boston.

— Eu conheci a sua família. — Talvez eu estivesse errada. Nós não estávamos namorando. Nós estávamos dormindo juntos, matando nosso tempo até que ambos partíssemos. Eu sabia que era o caso, mas eu pensei que talvez as coisas tivessem mudado ao longo da última semana. A dor se espalhou, penetrando mais profundo em meu coração.

— Não foi planejado.

— Então, se sua mãe não tivesse nos visto na ponte, você não gostaria que eu a conhecesse? — A aceitação fácil de Maria e John e o resto da família parecia mais vaga. Eu provavelmente nunca os veria novamente.

— Você planejou conhecer meus pais? Você queria fazer sexo comigo, coloque um tique ao lado da linha em sua lista, e siga em frente. — Ele bateu com o alimento para baixo.

— As coisas mudaram.

— Sim, elas mudaram. — Ele arrastou as mãos pelos cabelos. — Você é um gênio, Seph. — Seus ombros caíram e ele olhou para mim.

— O que isso tem a ver com alguma coisa?

— Seus pais também são loucos inteligentes.

— Mais uma vez, por que isso faria você não querer se encontrar com eles?

— Porque eles vão ter apenas um olhar para mim e saber que sou um atleta nem um pouco perto do seu nível.

Alívio tomou conta de mim e os meus lábios se curvaram em um pequeno sorriso. — Você está nervoso? — A tristeza que irradiava dele sufocou esse alívio.

— Claro, quem não estaria? — Ele olhou para o chão.

Eu passei meus braços em torno dele e o apertei com mais força. Droga, ele com certeza sabia como se tornar ainda mais carinhoso e adorável. — Você não precisa se preocupar com isso. Eles vão amar você. — *Pelo menos minha mãe vai.* Engoli o nó na minha garganta.

Ele se afastou e olhou nos meus olhos, passando as juntas dos dedos ao longo do meu queixo. — Mesmo?

Eu respirei além do nó agitado. — Mesmo.

Eu voei para Boston com a passagem que meu pai me comprou. É claro que foi mais cedo. O silêncio estéril da minha casa não a fazia parecer a casa em que vivi. Parecia que eu era uma hóspede, mesmo depois de dois dias. Eu verifiquei a pontuação no meu celular. Eles estavam indo para o último trimestre. O jogo tinha começado tarde por causa do tempo. Houve uma pausa na neve, mas Reece chegaria mais de uma hora de atrasado.

— Persephone.

Coloquei minha mão debaixo da mesa e desliguei a tela para que a luz não me denunciasse.

— Sim pai.

Ele estava na porta do meu quarto como um prenúncio de más recordações. — O jantar estará pronto em vinte minutos. Você deveria se arrumar. — Ele me olhou de cima e a baixo, e eu tive que me impedir de me encolher. Eu mantive meu queixo levantado. Aparentemente, minhas meias-calças creme, saia azul e blusa creme não eram uma oferta inoperante. Eu estava pronta e me recompus durante a última hora. Meu cabelo estava trançado firmemente contra a cabeça em uma maneira que eu não fazia há algum tempo. Nunca um fio de cabelo fora do lugar ou pedaço de algodão solto, mas não importa o que eu fizesse,

ele iria encontrar uma razão para me diminuir, para tentar me fazer sentir pior.

— Obrigada por me avisar.

— A que horas seu amigo chegará? Nós não vamos jantar com chegadas tardias.

Por que eu queria que Reece viesse aqui e fosse submetido ao escrutínio fulminante do meu pai, sabendo que Reece já estava se sentindo inseguro? Porque nós não temos muito tempo. A cada minuto que passamos juntos era um minuto que eu queria segurar com as duas mãos, mas pelo tempo que o jogo terminasse e ele fizesse a coletiva de imprensa, provavelmente seria pelo menos mais uma hora até que ele chegasse.

Ele já estava nervoso por conhecer de meus pais; como ele se sentiria se ele entrasse e tivéssemos terminando o jantar de Ação de Graças depois que eu o convidei? Como se ele fosse um intruso invadindo. Eu não poderia fazer isso com ele após o quão incrível sua família foi sem aviso prévio.

Meu coração se apertou com a ideia de cancelar o convite tão tarde, mas era melhor que ele tivesse o dia de Ação de Graças no hotel com o resto da equipe, em vez de aparecer aqui, mesmo que eu estivesse ansiosa por sua visita para me manter em movimento desde que eu pisei no avião.

— Na verdade, ele não conseguirá. O evento dele ainda não acabou e ele não quer nos incomodar. — Não seria nada parecido com o que ele pensava que uma família de Ação de Graças deveria ser. Sua família, provavelmente, estava toda na cozinha, rindo e brincando. Eu teria sorte se conseguisse passar o jantar sem queimaduras de frio. O que eu estava pensando? Tão egoísta de querer vê-lo que eu o sujeitaria a isso? Eu estava tão acostumada a isso, eu tinha esquecido o que era realmente estar de volta em casa.

Os lábios do seu pai apertaram e os cantos viraram para baixo.

— Eu posso ir ajudar a mamãe. — Fechando meu livro, eu o coloquei na mesa de trabalho ao meu lado.

— Ela pode lidar com as coisas sozinha. Nós temos muito o que discutir durante a refeição. — Ele fechou a porta atrás dele como se ele estivesse trancado uma cela de prisão.

Ter ficado ausente por alguns meses me fez esquecer que a minha família não era nada como Reece? Que a minha não era uma versão da comédia de uma família, mas a casca fria de como um alienígena poderia pensar que uma família parecia?

Agarrando meu celular, eu mandei uma mensagem para Reece. A madeira dos degraus rangia sob os meus pés enquanto eu descia as escadas. A porta do escritório do meu pai estava fechada e eu fui na ponta dos pés para a cozinha. Mamãe estava na frente do fogão, esmagando batatas em uma panela.

— Mãe. — Toquei seu braço.

Ela saltou e virou. Seu sorriso para mim foi sempre verdadeiro, sempre presente, e às vezes era a única coisa que eu tinha para me agarrar e me aquecer.

— Veio me ajudar? — Ela me bateu com o quadril.

— Se você precisar.

— Eu tenho certeza que posso encontrar algo para você fazer. A que horas seu amigo está chegando? — Levantando a panela, ela gentilmente transferiu as batatas para uma tigela de servir.

Limpei a garganta. — Ele não poderá vir.

O rosto dela caiu. — Oh, que pena.

— Pode ser o melhor. Tia Sophie mencionou a vinda para o Natal. Ela já falou com você?

Ela congelou, espátula na mão, um pedaço de batata na ponta da mesma. — Não, eu não tenho notícias dela.

— É difícil superar o porteiro. — Olhei por cima do meu ombro.

Ela fez o mesmo e voltou para as batatas. — Você sabe como seu pai é, uma vez que ele coloca algo em sua cabeça.

— Como é que vocês dois se conheceram? Tia Sophie disse que você era um espírito livre como ela quando criança.

Suas bochechas coraram e ela largou a panela. Deixando escapar um suspiro, ela cobriu a tigela de purê de batatas com papel alumínio e abriu o forno. — Eu era. Seu pai era meu tutor na faculdade. Meus pais

estavam sempre tentando me acalmar. Eles sempre queriam que eu levasse meus estudos a sério para que eu pudesse encontrar um bom menino de faculdade, responsável e legal para casar.

— E aquele garoto era o papai?

— Não a princípio. Você pode cortar estes para a salada? — Ela colocou a tábua de corte e uma variedade de produtos hortícolas na minha frente. — Eu estava à beira do estágio acadêmico e ele era o meu tutor designado. Eu ainda estava arrastando sua tia para fora quase todas as noites. — O olhar distante em seus olhos não combinava com o tom brando em sua voz. Seus olhos brilhavam enquanto suas palavras contavam a história de uma menina cometendo todos os erros do livro.

— Então, como vocês terminaram juntos? — Os pimentões rangeram enquanto eu os cortava debaixo minha lâmina.

— Meu pai morreu de um ataque cardíaco, e eu entendi que vida era muito curta. Eu apenas diminui a velocidade. Eu não poderia, porque isso significaria enfrentar o que tinha acontecido. Mamãe me dizia que era um sinal, disse que eu precisava começar a levar as coisas a sério. — Ela limpou as mãos no avental. — Até a tia Sophie tentou me controlar, mas eu não ouvi.

— E então minha mãe morreu três meses depois. Foi quando eu soube que era um sinal. Eu era a única que a tia Sophie procurava. Eu era a irmã mais velha. Eu não tinha escolha. Seu pai me encontrou chorando na biblioteca tentando examinar os documentos de seguro de vida e outras coisas que eu precisava entender. Ele se sentou comigo e lidou com tudo. Ele estava tão seguro de si, o tipo de garoto quieto que meus pais teriam aprovado, então quando ele me convidou para sair, eu disse que sim. E o resto, como eles falam, é história.

— Você nunca me disse nada disso antes.

— Não há muito a dizer. Nós nos conhecemos na faculdade, casamos, e depois tivemos de você. — Ela beliscou minha bochecha.

— Você já se perguntou como sua vida seria se seus pais não tivessem morrido?

Ela parou na frente do forno com uma bandeja de pãezinhos. — Eu não tentei. — Balançando a cabeça, ela calmamente fechou a porta do forno e me deu um pequeno sorriso que não alcançou seus olhos.

Meus dedos apertaram ao redor do cabo da faca. — Você acha que eu deveria ir para Harvard? — Soltei um suspiro, mantendo minha voz baixa.

A colher com a qual ela estava mexia a panela de molho chocalhava contra a borda. — Você está pensando em ficar na Filadélfia? — Ela lançou um olhar por cima do ombro.

— Eu tenho tentando tomar uma decisão.

— Seu pai sabe?

Eu bufei e olhei para ela.

— Claro que não. — Ela limpou as mãos no avental. — Bem, você conhece sua mente melhor do que ninguém. — Inclinando-se, ela colocou os braços em volta de mim e me apertou como se fosse sua última chance. Eu me agarrei a ela com força, descansando minha cabeça em seu ombro.

Mamãe serviu vinho nos copos na frente dela.

A campainha tocou e minha cabeça disparou ao lado direito da mamãe. Meu celular, que estava no meu bolso, não tinha tocado desde que eu tinha vindo para baixo. Enviei uma oração silenciosa. *Por favor, me diga Reece recebeu a minha mensagem.* Talvez por alguém cujo carro havia quebrado a caminho de sua própria família calorosa no dia de Ação de Graças. *Só por favor que não seja Reece.*

22

REECE

De pé em sua porta, toquei a campainha. Os caras tinham pensado que eu era louco quando eu disse a eles onde eu estava indo, Reece Michaels puxando um *encontro com pais* sem uma arma apontada na sua cabeça, mas eles não tiveram que olhar em seus olhos quando ela descobriu que eu não tinha dito a ela que estaríamos apenas alguns quilômetros distante hoje. Era uma farpa direto ao coração. Eu teria que sugar meus medos por não estar à altura e fazer isso por ela.

Na viagem de ônibus para a cidade, eu senti como se estivesse fazendo um grande exame. O que eu deveria dizer aos pais de um gênio como Seph? Quantos segundos seriam necessários até eles percebessem que ela estava fora do meu alcance?

Meu nível de concentração durante o jogo foi uma merda absoluta, e o rosnado do treinador disparou direto pelo campo, em seu rosto um vermelho indutor de ataque cardíaco quando ele estava com as mãos no quadril.

Eu abaixei minha cabeça e corri para fora do campo.

Ele veio direto para mim e me agarrou pela minha máscara. Sacudindo as barras brancas na frente do meu rosto, ele bateu no topo do meu capacete. As vibrações passaram direto pelo meu crânio.

— Que diabos você está acontecendo aí? — Sua voz estava baixa e nível.

— Desculpe, treinador. — Eu deixei cair a bola de novo. Soltando a tira do meu capacete, eu o tirei da minha cabeça. O suor quente brigava com o ar gelado e eles brigavam nas pontas dos meus ouvidos.

— Você sabe quantos olheiros estão aqui observando você hoje à noite e você faz algo assim? — Ele apontou o dedo em direção ao campo onde eu tinha perdido toda a capacidade de executar.

— Muito.

— Você está certo que é muito. Você está doente ou algo assim? — A preocupação brilhava em seus olhos.

De pé no meio do campo com os olhos de milhares de fãs gritando e torcedores rivais em mim, olheiros fazendo anotações sobre cada movimento meu, eu não estava perturbado. No entanto, sabendo que eu estaria sentado na casa da família de Seph em menos de duas de horas significava que os picos de ansiedade não tinham parado.

Eu puxei a gola da minha camisa, mudando as ombreiras sobre os meus ombros, a pele recém-exposta se contraindo no clima frio. Eu mal podia esperar para os profissionais, onde as laterais estavam pontilhadas com canhões de calor para impedir que os jogadores congelassem suas bolas no inverno.

Fazia dois dias desde que eu tinha visto Seph. Como ela rapidamente se tornou alguém que eu estava ansioso para ver quase todos os dias? Nós tínhamos caído em uma rotina de encontros quase diários, mesmo sem perceber. Limpei minhas mãos sobre as pernas da minha calça e saltei no ar frio Boston. Minúsculas rajadas caíam do céu.

Eu teria que estar no meu melhor comportamento em sua casa, mas eu ainda a veria, e isso era bom o suficiente para me deixar bem até domingo, quando seu avião pousasse.

No instante em que coletiva de imprensa pós-jogo terminou, eu saí com minha camisa de botão, casaco e calça passada. Meus sapatos pretos estavam brilhantes e eu enfiei minhas mãos nos bolsos da calça, esperando a porta abrir.

Todas as outras portas na rua eram vermelhas, azuis, e algumas até mesmo amarelas. Guirlandas de decoração feitas de folhas de outono ou outras decorações sazonais pontilhavam cada uma, as persianas pintadas para combinar, ou às vezes cobertas de desenhos. A casa de Seph tinha persianas de madeira preta, sem caixas de flores ou guirlanda.

Dentro do meu bolso, eu passei meus dedos ao redor do presente que eu tinha comprado para ela. Não era Natal ainda, mas havia motivo para conseguir algo para alguém especial. Ela merecia isso, e ela precisava. Havia tantas maneiras que eu poderia dizer que ela não era como qualquer outra pessoa que eu já conheci. Ela precisava acreditar nisso.

A maçaneta girou e cabeça de Seph apareceu. Seus olhos se arregalaram e ela olhou por cima do ombro.

A felicidade que eu pensei que veria em seu rosto quando eu aparecesse não estava nem perto do olhar que ela me deu. Esta expressão beirava o medo. Pisando fora, ela puxou a porta atrás dela, deixando apenas um espaço

— O que você está fazendo aqui? Você não recebeu minha mensagem?

— Sim, eu vi. Você achou que eu era um frango ou algo assim? — Eu procurei seu rosto em busca de pistas sobre o que mudou entre ontem e hoje. — Eu queria passar o dia de Ação de Graças com você.

A tensão em seus ombros relaxou e os lábios se separaram.

— Persephone, quem é? — A voz veio de trás dela, em seguida, a porta se abriu totalmente.

Suas costas ficaram retas e ela respirou fundo. Ela lançou um olhar por cima do ombro e apertou seu queixo.

— Pai, este é Reece. — Suas palavras eram apertadas e quebradiças, como se pudesse quebrar a qualquer momento. — O amigo que convidei para jantar.

— Eu pensei que você disse que ele não conseguiria chegar a tempo.

— Seus planos mudaram. — Cada uma de suas palavras era como um curso cuidadosamente traçado. Ela voltou para dentro de casa, seu pai recuou, me dando espaço suficiente para entrar.

Entrei pela porta marrom escura da casa. Alguns dos alimentos já estava sobre a mesa. Olhei para Seph.

Sua cabeça caiu. — Desculpe, quando o jogo foi para a prorrogação, eu sabia que você estaria atrasado. Eu não queria que você se apressasse para chegar aqui. — Suas mãos estavam entrelaçadas na frente dela.

— Nós valorizamos muito a pontualidade nesta família. — O pai dela ficou atrás de Seph como um linebacker de duzentos quilos em busca de sangue.

— Peço desculpas por meu atraso. — Eu dei um passo para a frente e estendi a mão. — Eu sou Reece Michaels. Meu jogo terminou tarde.

Ele olhou para a minha mão como se eu tivesse lhe oferecido um sapato velho antes de sacudi-la de má vontade. — Dr. Alexander. Então você é um atleta?

— Sim, eu sou um jogador de futebol.

Eu não pensei que o conjunto profundo de sua carranca poderia ficar menor, mas então o fez. Ele parecia um dos Muppets rabugentos da varanda.

— Entendo.

Uma porta se abriu e uma mulher entrou pela porta entre a sala de estar e sala de jantar. Ela era uma versão mais antiga do Seph.

— Você deve ser Reece. É tão bom te conhecer. — Ela estendeu a mão e apertou a minha. — Eu sou Helen.

— Prazer em conhecê-la, Helen.

— Deixe-me pegar seu casaco.

Eu desabotoei e entreguei a ela. Ela guardou no armário ao lado da porta da frente. O tempo todo, Seph ficou lá com as mãos cruzadas na frente dela como se fosse uma cadete na escola de etiqueta.

Seu pai girou sobre os calcanhares e desapareceu da sala.

Só então Seph se reanimou, levantando a cabeça e olhando para mim.

— O próximo prato está quase pronto. Eu posso colocar um pouco em seu prato, se você quiser. — Sua mãe limpou as mãos no avental impecável enrolado na cintura.

— Eu tenho certeza que haverá comida suficiente chegando. O cheiro é maravilhoso.

As bochechas de Helen coraram e ela balançou a cabeça, voltando para a cozinha.

Peguei a mão de Seph e enfiei meus dedos nos dela, o calor suave de sua mão derreteu o frio do inverno que eu senti ao estar longe dela nos últimos dias. — O que se passa contigo? Você está bem? — Eu precisava absorver o máximo dela como eu podia, mas ela estava tão nervosa.

Seu olhar se lançou à porta aberta. — Quero me desculpar com antecedência. — Ela mordeu o lábio inferior.

— Pare, ou você não terá mais nada. — Passei meu polegar sobre o lábio dela. — Eu vou ficar bem. Quão ruim ele pode ficar?

— Persephone. — Seu pai chamou do outro quarto. Seu corpo inteiro ficou rígido e ela apertou minha mão antes de relaxar.

— Você está certo. Vamos chegar lá.

Sentamos à mesa e os ponteiros do relógio emitiam os únicos sons que não eram os talheres tinindo contra os pratos. Cada som foi amplificado pelo fato de ninguém falar. Cada limpeza da minha boca com o guardanapo de pano no meu colo parecia que eu estava quebrando vidro contra a parede.

Até eu pulei no som estridente do celular de alguém. Todo mundo parou.

Seu pai pegou o celular e empurrou a cadeira para trás. — Eu preciso atender isso.

— Arthur... — Sua mãe olhou para mim, seu pai lhe lançou um olhar, e ela se calou. *O que diabos está acontecendo?* Quando ele saiu da sala, parecia que o ar fluía novamente.

Seph e sua mãe já não eram tão cuidadosas com cada movimento e cada palavra. Um poço fundo se formou em meu estômago quando os pedaços do que estava acontecendo se encaixaram. Eu queria estar errado. *Por favor, deixe-me estar errado, porque se eu estiver certo, eu não vou ser capaz de me impedir de chutar o traseiro do Dr. Alexander.*

— Reece, conte-me mais sobre você. — Sua mãe se inclinou para frente.

— Eu sou um veterano e jogador de futebol.

— Ele está entrando no projeto. Ele será um jogador profissional, e ele tem sido fundamental para levar nossa equipe ao campeonato. — Orgulho de Seph fez meu coração inchar. Ela não tinha vergonha de mim. Ela estava orgulhosa, e eu não levei isso de ânimo leve.

— Há outras pessoas na equipe também. É um esforço de grupo. Todo mundo trabalhou muito para nos levar a esse ponto.

— É maravilhoso que todos estejam indo tão bem.

Meu celular vibrou no bolso. Tirei-o para fora para silenciá-lo.

— Quem é? — Seph se inclinou.

— É o meu pai. — Mudei-me para desligar o toque.

— Por favor, atenda à chamada. É o seu pai e é Ação de Graças. Tenho certeza que ele quer ter certeza que você está bem. — Helen me enxotou da mesa.

Eu sorri para ela e levantei da cadeira, entrando na sala de estar.

— Olá pai. Tudo bem?

— Como você está? — Era a pergunta que ele fazia depois de cada jogo. Ele saberia se ele visse algum.

— Estou bem.

— Não há batidas fortes por aí?

— Não, nenhuma. Mas deixei um passe.

— Por quê? O que aconteceu? Há algo de errado com suas mãos?
— Sua voz era parte preocupada, parte esperançosa.

— Eu tinha muita coisa na minha mente e minha cabeça não estava no jogo. Não é nada.

— É silencioso para um jantar de Ação de Graças em equipe.

— Eu não estou com a equipe. Estou na casa de Seph. — Olhando pela janela, vi mais rajadas de neve flutuarem para baixo, uma camada quase cobrindo o chão.

Ele fez um zumbido conhecido e satisfeito. — É sério.

— Ela me convidou e, como eu estava na cidade de qualquer maneira, teria sido rude recusar. — Algumas pessoas caminhavam pela rua e bateram na porta da casa em frente à casa de Seph. Alguém abriu a porta e puxou a outra pessoa em seus braços, suas risadas enchendo o ar. Eu queria segurar minhas mãos no calor do abraço delas. Um pouco diferente de como fui recebido na casa dos Alexander.

A chamada foi tranquila, o ruído de mamãe e Ethan discutindo sobre o próximo filme e o som da TV filtrando pelo do alto-falante. — Estou contente por você estar seguro. Vamos sentir sua falta hoje.

— Eu sinto saudades de vocês também.

Ele limpou a garganta. — Sua mãe quer falar com você.

— Deixa um pedaço de torta de chocolate para mim. — Disse, tentando pegá-lo antes que ele entregasse o celular. Não havia nenhuma maneira que mamãe, Ethan, ou Becca deixassem um pedaço de torta para mim.

Suas vozes abafadas e um som encheu meu ouvido, como se ele tivesse pressionado o celular contra seu peito.

— Você está com Seph na casa de seus pais! — O grito da minha mãe quase estourou meus tímpanos.

— Jesus, mãe. Eu acho que eles não ouviram você em toda a área de três estados.

— Aqui eu estava preocupada que você sentisse a nossa falta no dia de Ação de Graças, mas você está com Seph. Tenho certeza de que somos a última coisa que você pensa.

— Claro que sinto falta de vocês.

— Ahhh, que saudades de você também, mas isso não é o suficiente para me ajudar a poupar um pedaço da torta de chocolate, embora eu guarde um para Seph.

— Isso é maldade. — Eu ri e me virei, meus músculos tensos com a figura na porta.

— Agora você tem um incentivo para trazê-la de novo. Talvez ela partilhe o pedaço dela com você.

O pai de Seph me deu um olhar de desaprovação. Eu jurava que era a única expressão que ele tinha. — O próximo prato estará pronto em breve.

— Eu estarei lá, apenas desejando a minha família feliz dia de Ação de Graças.

Ele deu um breve aceno de cabeça e desapareceu da sala. Sr. Luz do Sol e Felicidade. Era uma maravilha que Seph pudesse falar com alguém. Se a mãe não estivesse por perto, Seph teria sido como aqueles macacos de laboratório criados sem afeição humana ou conforto.

— Vamos comer em breve, mamãe. Eu tenho que ir.

— Amo você docinho. Ótimo jogo. — Pelo menos a mãe verificou as contagens, apesar de não assistir aos jogos. — Vamos ver você em breve. — Sua voz disparou no final.

— Sim, eu vou ver vocês em breve. Amo vocês.

Terminando a ligação, eu voltei para a sala de jantar. Seph sentou-se com as costas tão retas e as pressionou rente à cadeira. Ela parecia muito com a primeira vez que a vi, sem nenhum cabelo fora do lugar.

Coloquei minha mão em seu ombro. Ela saltou e sua cabeça se levantou, os olhos suavizando quando ela me viu. Corri meu polegar sobre seu suéter de lã.

— Está tudo bem? — Perguntou ela.

— Claro. Meu pai estava me vigiando como sempre, e eles queriam me provocar sobre comer toda a torta de chocolate.

— É muito boa. — Ela tinha o olhar sonhador em seus olhos que todos temos ao lembrar do sabor rico e escuro.

— Ela disse que lhe pouparia um pedaço para a próxima vez que você aparecesse.

A cabeça de Seph recuou um pouco. — Eu irei novamente?

— Nós não estamos deixando um pedaço de torta não reclamado. Sim, nós vamos. — Eu cruzei meu ombro contra o dela e ela sorriu para mim. Erguendo a mão, eu enfiei meus dedos nos dela. Seu pulso pulou descontroladamente sob o meu toque.

A porta da cozinha se abriu e sua mãe entrou com dois pratos nas mãos cobertas de luva.

Seph soltou minha mão e jogou sua cadeira para trás. — Mãe, você deveria me deixar ajudá-la. — Ela pulou e agarrou um dos pratos da mão de sua mãe, deslizando a luva sobre a dela.

Levantei-me e movi as taças de vinho para lhe dar mais espaço para os pratos quentes.

— Há outros pratos para trazer.

— Como posso ajudar?

Sua mãe sorriu para mim e os cantos dos olhos dela enrugaram. Ela parecia muito com Seph. Além dos pequenos fios grisalhos em seu cabelo, não seria difícil imaginá-la como irmã mais velha de Seph.

— Você pode abrir as garrafas de vinho na mesa? Há um saca-rolhas no carrinho de barra no canto.

— Claro.

As duas desapareceram na cozinha e eu agarrei o saca-rolhas. Torcendo a rolha, abri a garrafa de vinho branco. Era um que eu tinha visto na adega dos pais de Nix, o que significava que não poderia ter sido barato. Abri a outra garrafa e coloquei as duas na mesa.

— Persephone é um talento excepcional.

Eu estremeci, os músculos do meu corpo se apertando. Ele era um vampiro em pânico ou algo assim? O que há com espreitar pessoas assim?

— Ela é. Eu nunca conheci ninguém como ela antes.

— E você nunca irá. Seu potencial de crescimento é acima e além do que ela já alcançou. — Ele levantou a garrafa de vinho e derramou um pouco na taça, girando ao redor.

— Eu diria que ela já realizou muito.

Ele me lançou um olhar por cima do vidro. — Ela pode fazer mais. Ela pode fazer melhor.

Meus dentes cerraram com força e minhas mãos apertaram nas costas da cadeira na minha frente. — Ela está sempre tentando o seu melhor. Eu nunca conheci ninguém que trabalha tão duro.

Ele fez um barulho no fundo de sua garganta.

A porta da cozinha se abriu e Seph e sua mãe entraram, parando por um segundo quando avistaram o pai dela e eu no nosso mini impasse.

Eu coloquei um sorriso no meu rosto. — Deixe-me ajudar com isso.

O pai dela não fez nenhum movimento para ajudar, apenas se sentou em sua cadeira na cabeceira da mesa e examinou cada movimento que todos na sala faziam. Uma vez que toda a comida saiu, Seph sentou ao meu lado e eu levei a mão debaixo da mesa, passando os dedos sobre as juntas dos seus.

— Estou feliz que você veio. — Ela colocou a mão em cima da minha.

— Estou feliz que você me convidou. — Mesmo que esteja lá apenas para causar interferência por um tempo. Sua hesitação em voltar para o dia de Ação de Graças e sobre voltar para Boston permanentemente fazia muito mais sentido agora. Ela não achou que eu não era bom o suficiente; ela estava com medo de seu pai idiota. A cada minuto que passava, ficou cada vez mais difícil segurar minha língua. Ele ainda era o pai dela, e nocauteá-lo no Dia de Ação de Graças, provavelmente, não era o que ela precisava naquele momento, mesmo que eu estivesse apenas tentando fazer isso.

Eu faria o que fosse necessário para provar a Seph que ela não precisa provar a ninguém, muito menos ao babaca pomposo no final da mesa. *Faça isso por Seph. Apenas passe por essa noite.*

23

SEPH

Eu ri e descansei minha mão no braço de Reece. Minha mãe lutou com o excessivamente grande prato de carne em fatias. Ele e eu nos levantamos de nossos assentos para ajudá-la, e minha mão bateu em um objeto bem na minha frente. O copo de vinho branco balançou na beirada e caiu sobre a mesa.

O vinho pulverizou tudo por todo os lados. Reece riu. — Wild Child ataca novamente.

Eu ri junto com ele; copos de vinho e eu tínhamos um histórico terrível. Em seguida, ele registrou que éramos os únicos rindo. Eu não estava na casa dos seus pais ou no Brothel. Eu estava em casa. Cada músculo do meu corpo apertou e eu me encolhi, pegando um guardanapo.

— Persephone Elizabeth Alexander, parece que esse tempo longe fez você descuidada. Você não pode ver a bagunça que você fez? Você convida este *amigo* - a palavra era um sorriso de escárnio com desdém pingando de seus lábios - e perdeu todo o senso de como você deve se comportar.

Ele apontou para o álcool na mesa de madeira escura como se eu tivesse pegado uma lata de tinta spray e a pintado. O ar despreocupado que tinha invadido a casa foi rapidamente reprimido. Eu tinha esquecido de onde estava.

— Pegue um pano. — Ele bateu a mão na mesa e os copos chacoalharam.

— Arthur, é... — Mamãe colocou a mão em seu ombro, mas ele a sacudiu.

As mãos de Reece enrolaram no colo dele. Sua mandíbula estava tão apertada, eu juro que ele quebraria um dente.

Passei a mão sobre a dele. — Está tudo bem. Eu já volto. — Pulando para cima do meu assento, eu corri para a cozinha e peguei um pano de debaixo da pia, juntamente com uma garrafa de spray desinfetante. Vozes levantadas vieram da sala. Eu dei dois passos

quando houve um estrondo muito alto os pratos no armário da porcelana sacudiram. Correndo de volta para a sala de jantar, eu vi que o assento de Reece estava vazio.

— Onde está Reece? — Minha cabeça virou para trás e para frente.

Minha mãe abriu a boca. Seus olhos dispararam para a porta da frente.

Meu pai estava na cabeceira da mesa com as mãos pressionadas na madeira. — Seu amigo precisava de um pouco de ar. — Ele disse *amigo* como poderia muito bem ter sido uma palavra suja e recostou-se na cadeira com tanta força que recuou um pé.

Deixei cair o frasco e o pano e sai correndo atrás dele.

— Persephone, volte aqui. — A voz do meu pai me seguiu quando eu corria para fora da casa, sem nem mesmo fechar a porta. A neve rangia sob os meus sapatos, e o ar gelado atravessava meu suéter. Passando os braços em volta de mim, eu olhei para a rua. O pânico subiu no meu peito, mal diminuindo quando eu o vi no meio do quarteirão.

Gritei seu nome.

Ele parou meio do passo. Suas mãos enfiadas nos bolsos, ele saiu sem o casaco. Virando-se, ele usava um olhar de miséria tão forte que eu poderia ver de longe. Era um que eu usava com frequência, crescendo em minha casa.

— O que aconteceu? Por que você foi embora? — Como se eu já não soubesse. Como eu não quisesse fugir pela rua silenciosa e gelada com ele.

Seu olhar voltou para minha casa. — Eu não conseguia respirar lá dentro. Eu precisava de um pouco de ar. — Sua mandíbula trabalhava horas extras, os músculos e os tendões juntando e relaxando.

— Meu pai pode ser um pouco maníaco por controle, às vezes.

— Isso é além do excesso de controle, Seph. — Ele apontou o dedo na direção da porta.

— É como ele é. Ele sempre foi assim. — Eu tremi. Pequenos flocos fluíam no ar em torno de nós; estávamos em um globo de neve com os pequenos pedaços de gelo suspensos dentro da nossa bolha.

— Isso não está certo. Ele não deve falar com você desse jeito. Ninguém deveria.

— Eu estou acostumada com isso. — Dando de ombros, eu passei minhas mãos sobre meus braços. — Vamos voltar para dentro. Você esqueceu seu casaco.

Seus sapatos rangiam nas manchas de gelo recém-formadas na calçada. — Você não deveria ter que se acostumar com isso. Isso não é como alguém que se preocupa com você fala. Vou pegar nossos casacos e podemos ir. — Ele agarrou minha mão, massageando seus dedos nas costas da minha.

— Eu não posso ir. Minha mãe ainda está lá dentro. Eu não passei muito tempo com ela nem mesmo conversei com ela desde que eu saí. — Papai vinha interferindo quase como se ele soubesse que isso iria me levaria de volta para vê-la, e funcionou. Abandoná-la com meu pai depois de sair sem aviso prévio, não – não, eu não poderia fazer isso com a minha mãe. — Esta é minha família.

— Persephone. — Tom de advertência de meu pai enviou outro arrepio através de mim e minhas costas ficaram eretas. Minha mão escorregou do aperto de Reece.

Reece olhou por cima do ombro. Suas mãos se juntaram na frente dele. — Vamos lá. Podemos encontrar um lugar para comer alguma coisa. Você pode pegar o ônibus da equipe de volta comigo, ou se o treinador não deixar, vamos pegar o trem ou alugarei um carro. Eu não me importo.

Ele pegou minha mão, mas eu puxei de volta. — Eu não posso ir. — Deixar a mãe era difícil o suficiente durante o ano letivo; Eu não podia abandoná-la, e ter o dia de Ação de Graças sozinha com ele.

— O inferno que você não pode. — Sua mão tocou as minhas, mas eu dei um pequeno passo. Mágoa brilhou em seus olhos. — Saí porque eu estava a uma fração de segundo de pular sobre aquela mesa e nocautear seu pai. Ele é um idiota.

— Persephone. — Olhei por cima do meu ombro. Meu pai estava no degrau da frente do nossa triplex com os braços sobre o peito. O olhar fixo em nós dois com seu olhar de desaprovação atordoado.

— Ele só quer o melhor para mim. — Era a mesma desculpa que eu tinha dito uma e outra vez nas noites em que chorei até dormir por causa dele.

— Ele é o motivo pelo qual você fez sua lista, o motivo pelo qual você sente que nunca é boa o suficiente. — Reece apontou um dedo com raiva por cima do meu ombro.

— Você não entende, Reece. — Ele não podia. Ele não podia saber quando ele tinha a família perfeita. — Nem todos temos uma família de comédias da Disney.

— Minha família tem seus problemas também, mas eu sei que eles estarão lá para mim.

— Todo mundo não entende o grupo engraçado, carinhoso que os ama, não importa o quê. Às vezes, coisas assim vêm com condições. — Ele tinha tanta sorte. Ele nem sequer percebeu isso. Esse tipo de família era uma em um milhão. Sim, minha família era diferente, mas cada família era. Eu queria ir com ele, queria dizer dane-se e sair sem meu casaco também, simplesmente pular em um táxi e ir para onde ele quisesse que eu fosse, mas eu não podia.

Ele balançou a cabeça, e a tristeza em seus olhos trouxe lágrimas aos meus. — Mas eles não deveriam.

— Isso nem sempre é assim. Sim, ir para Fulton foi minha parte de rebelião e assim foi a minha lista, mas essa vida nunca foi uma que eu pensava que eu seria capaz de escapar para sempre. Não é uma vida que eu quero escapar. Você também terá a chance de fotografar as estrelas, e... bem, essa é a minha. — A raiva borbulhava sob a superfície. Ele conseguiu fazer o que diabos ele queria e responder a ninguém. Nem todo mundo viveu esse tipo de vida. Alguns de nós tinha pessoas para proteger e expectativas a cumprir.

Ele olhou para o céu, um floco de neve caiu em sua bochecha, absorvendo seu calor e dissolvendo-se nele como eu queria. Eu queria correr para o abrigo de seus braços e nunca olhar para trás. Mais neve se acumulou em seus cílios e sua cabeça caiu, seu olhar fixo no meu.

Minha garganta se apertou com as emoções nadando em seus olhos. Renúncia? Desapontamento? Mágoa? Talvez um pouco de todas as três.

— Por favor, Reece, volte para dentro. Vai ficar tudo bem. — Nós não temos muito tempo. Eu queria passar esse tempo com ele, mesmo que fosse sob a nuvem de meu pai. Poderíamos salvar isso. Pai estaria em o seu escritório não muito tempo após a refeição e todos nós poderíamos relaxar um pouco. Já haviam passado dois dias sem Reece, e que era dois dias a mais. O que acontecia quando eu não o visse novamente? Meu peito se apertou, e era difícil respirar fundo com Reece na minha frente e o olhar opressivo do meu pai nas minhas costas. — Por favor. — Eu segurei com mais força a sua mão.

— Eu quero, mas sei o que vai acontecer se eu voltar lá. — Sua mandíbula apertada. — Eu não posso, Seph.

Eu balancei a cabeça, piscando minhas lágrimas. — Compreendo.

— Eu não acho que você possa. — Ele enfiou a mão no bolso. — Isto é para você. Eu pensei que eu ia guardar até o Natal, mas eu quero que você o tenha agora. — Com o punho acondicionada em torno do que quer que fosse, ele colocou na minha mão, seu toque quente derreteu um pouco o frio cortante. Ele me puxou contra ele como um toque final em pé sobre uma plataforma de trem.

Beijando o topo da minha cabeça, ele descansou sua bochecha lá por um segundo antes de me deixar. Eu o observei ir embora, o silêncio gritante da rua pontuado por meu nome sendo chamado a cada poucos segundos. Fiquei olhando para a rua até a figura de Reece desaparecer de vista.

— Persephone. — Eu agarrei a mão da minha mãe no meu ombro. — Vamos levá-la para dentro. — Ela colocou meu casaco sobre meus ombros e me virou em direção à casa. Reece tinha ido embora. Isso era o que eu queria, certo? Eu nem queria que ele viesse, então por que eu saí pela porta da frente e o persegui pelo quarteirão?

Dentro da casa, ela tirou o casaco e pendurou-o no armário ao lado onde o de Reece estava. Minhas narinas se alargaram e deixei escapar uma respiração lenta e profunda. *Controle-se. Acalme-se. Tudo vai dar certo. Sim, ele foi embora, tudo bem. Ele estava indo embora de qualquer maneira. Isso foi apenas um pouco mais cedo do que o esperado.*

— Vou pegar um pouco de chá para aquecê-la. — E então ela se foi como um fantasma em sua própria casa. As molduras perfeitamente retas cobriam as paredes, cada uma de nossa família parecendo um transplante triste da era vitoriana. Paredes brancas, carpete bege, móveis bege. As paredes da caixa estavam se fechando a cada segundo.

Ainda consigo respirar muito bem nesta prisão bege. Eu não preciso das distrações de qualquer maneira. Eu vou ficar bem.

— Estes são os tipos de amigos que você faz na escola? E você se pergunta por que nós queremos que você volte para casa. Você não é confiável para tomar decisões importantes. — Ele deve ter continuado falando, porque o zumbido de sua voz, e as farpas que ele lançava continuavam chegando, mas eu não podia ouvi-lo mais. Havia apenas o bater do meu pulso e as respirações superficiais que eu engoli.

Uma corrente fina deslizou para fora do aperto de morte que eu tinha sobre o que Reece havia passado para mim. Abrindo minha mão, eu olhava para a joia de prata. Um pingente circular estava no meio do emaranhado da corrente. Virando, eu respirei fundo e li as palavras: *Você é o suficiente.*

Elas bateram na minha cabeça, com tanta força que eu estava surpresa que consegui ficar em pé. E então eu fiz algo que nunca tinha feito antes. Saí enquanto meu pai estava no meio de uma de suas conversas. Eu peguei o casaco de Reece do armário e subi as escadas de dois em dois. Fechando a minha porta, sentei na beira da minha cama.

Com meus joelhos puxados até o peito, eu olhava pela janela. A neve estava pegando ainda mais agora. Ele estava quente? Ele conseguiu pegar um táxi? Eles seriam difíceis de encontrar em dia de Ação de Graças. Quanto tempo se passou até que ele deixar a cidade? Por que eu não fui com ele?

A batida suave na porta me tirou da minha espiral contemplativa. Mamãe enfiou a cabeça, segurando uma bandeja com um bule, leite e açúcar.

— Desculpe não ter chegado aqui mais cedo. Seu pai precisava de um pouco de calma. — Seu sorriso não alcançou seus olhos. Quase nunca aconteceu quando se tratava de alguma coisa a ver com o meu pai.

— Foi sempre assim, mamãe?

Ela colocou a bandeja na minha mesa e começou a fazer a xícara de chá. — Seu pai nunca foi um homem caloroso, mas homens brilhantes raramente são.

— Ele era assim quando você o conheceu?

Ela se virou, e desta vez o sorriso alcançou seus olhos, mas ainda estava cheio de tristeza nas bordas. — Ele era absolutamente incrível nas aulas. Ele parecia tão bem em seus blazers, e todas as garotas estavam apaixonadas por ele. — A colher tilintou do lado do copo. — Eu às vezes era uma criança selvagem, como sua tia Sophie. Todas as meninas queriam sua atenção, mas por alguma razão, ele me escolheu. É natural que a pessoa mude um pouco por alguém que gosta. — Ela estendeu a xícara de chá em um pires para mim.

— Mas se eles se importam com você, não querem que você seja quem você é?

Ela colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha, uma prova de quão cansada ela estava. Um fio de cabelo fora do lugar era uma violação maciça das expectativas da família Alexander. — Às vezes eles querem melhorar você. — Os cantos de seus lábios se levantaram, mas eu nem conseguia chama de sorriso. — Eu preciso ir limpar as escadas.

— Eu vou ajudar.

— Não, você desfrute do seu chá. Avise-me quando você terminar e eu posso vir buscar a bandeja.

Tomei um gole do chá quente escaldante. — Eu levo para baixo.

— Não, não faça isso. Eu venho buscar. Seu pai ainda está lá embaixo.

Ela reorganizou os itens na bandeja.

— Entendo. — Ah, então esta era a sua maneira de me dizer que eu efetivamente fui banida e que tinha que ficar no meu quarto. Era como quando eu era pequena e eles me enviavam para o quarto para me manter ocupada, com todos os livros e papéis, deixando meu violino trancado. Era a pior coisa que você poderia fazer para uma criança com uma mente hiperativa, prendê-las em um espaço sem lugar para gastar sua energia, nenhum lugar para a sua mente vagar ou fugir. Foi quando eu comecei a fazer tranças.

Ela fechou a porta, sussurrando baixinho, da mesma forma que ela sempre fazia tudo, nunca fazendo um som ou incomodando alguém.

Mesmo com o aquecimento ligado, meu quarto parecia mais frio do que nunca. Eu esperava ver minha respiração suspensa no ar na frente do meu rosto. Colocando meu chá para baixo, peguei o casaco de Reece

da beira da cama. Eu deveria ter saído. Por que eu fiquei? Eu não queria deixar minha mãe, sim, mas mais do que isso, estava obedecendo o que foi enraizado no meu cérebro, cauterizado durante anos de sempre fazer o que era esperado de mim. Ficar pelas costas deles – pelas costas do meu pai – era apenas fazer qualquer coisa que ia contra a visão dele que eu me tornaria era simplesmente fora de questão.

Colocando o casaco de Reece, eu deitei na minha cama, o cobertor acolchoado no topo fresco contra minha bochecha. Empurrei os braços para cima para que minhas mãos estivessem livres. Enfiando a minha mão no bolso, peguei seu presente.

Olhei para o pingente na palma da minha mão. O metal frio esquentou na minha mão e eu fechei meu punho ao redor, segurando-o na boca. Meus ombros tremiam e eu nem tentei piscar as lágrimas. Qual seria o sentido de partir meu coração? As palavras inscritas no pequeno círculo de prata foram aquelas que eu nunca acreditei, e eu não sabia se eu poderia agora. *Você é o suficiente*. Tão simples, apenas três pequenas palavras.

Era isso o que ele pensava de mim? Havia tantas coisas que eu sempre senti que estava faltando, tantas maneiras que eu nunca tinha medido. E se ele estivesse errado? E se eu não fosse e nunca seria? Esse medo era forte dentro de mim, mas havia também um pensamento menor no fundo da minha mente: e se ele estivesse certo?

24

REECE

Bati minha mão no saco de pancadas no ginásio. Gelado, quente, suor e desinfetante se fundiram em um cheiro que só quem viveu em um lugar onde as pessoas jogavam pesos pesados todos os dias, mas o lugar estava vazio agora. O calor aumentou, mas não foi o suficiente para aquecer o espaço quando ele estava vazio.

Cada soco que eu pousava ecoava nas vigas de aço com tinta branca descascada acima da minha cabeça. Fazia alguns segundos que deixei o pai dela fora. Eu nunca quis tanto bater meu punho no rosto de alguém. A maneira como ele falou com ela, como poderia um pai falar com sua filha assim? Meus pais e eu tivemos nossos argumentos, mas cada palavra que saiu da boca do pai de Seph era uma escavação para ela, outra coisa que ela estava fazendo de errado aos olhos dele.

Como ela ainda consegue pensar que poderia fazer algo certo com alguém assim constantemente repreendendo e menosprezando tudo o que ela fazia? Seph era dez vezes mais forte do que qualquer homem na minha equipe. Claro, todos nós tínhamos treinadores gritando conosco, fazendo-nos treinar até vomitarmos, mas nunca foi porque eles pensaram que não podíamos fazer isso. Eles estavam sempre tentando nos construir. Depois de algumas horas ao redor do pai dela, eu admirava que ela tivesse tido a chance de sair.

Meus dedos doíam e latejavam. Imaginei o rosto de seu pai no centro do saco. O árbitro tinha jogado a bandeira no dia anterior, quando eu carreguei um dos defensores, veio quando eu soltei apenas um décimo da raiva ainda pulsando em minhas veias.

Ela ficou lá e deixou que ele falasse assim com ela. Até sua mãe parecia com medo de fazer um movimento errado. A maneira às vezes embaraçosa e exagerada como que meus pais estavam juntos não parecia mais tão embaraçosa, e a reação de Seph na casa deles por um copo derramado fez muito mais sentido agora, o modo que ela olhava para mim quando o mundo estava prestes a explodir. Eu queria envolver meus braços em torno dela e garantir que ela soubesse que tudo ficaria bem.

Como teria sido crescer na casa dos pais dela? Não é à toa que ela era tão cautelosa e não sabia como interagir com as pessoas. Como

poderia quando você estava preocupado que a cada segundo poderia cometer um erro?

Eu não me importava se ele era o pai dela ou não, mas enfrentá-lo não ia me fazer ganhar nenhum ponto em seu livro. Meu pai e eu nem sempre nos vimos olhos nos olhos, mas nunca houve uma dúvida em minha mente que ele queria que eu fosse feliz. Foi por isso que ele me deixou jogar futebol depois de anos de me dar um retumbante não.

Uma das portas duplas para o ginásio se abriu, rangendo como ela nunca tivesse encontrado uma lata de óleo em sua vida. Ela fechou e eu voltei a dar um soco - e não era uma jogada inteligente considerando todo o meu futuro repousava em manter minhas mãos protegidas.

— Quer falar sobre isso? — Nix agarrou o saco, pendurado quando eu dava mais cinco socos.

— Na verdade não. — O suor escorria pelo meu rosto.

— É isso ou estragar suas mãos para o jogo na próxima semana.

Dei outro soco, mas ele afastou o saco, fazendo-me errar e tropeçar para frente. — Que diabos, homem?

— Você está estranhamente quieto desde o Dia de Ação de Graças. Você disse que estava indo jantar com Seph, deixando de lado o time, e então você está no ônibus na manhã seguinte parecendo que quer morder a cabeça de alguém. Conhecer os pais não foi bem?

— Não. — Usando os dentes, rasguei o velcro na base da luva de boxe na minha mão. O rasgo satisfatório encheu o ar. Enfiando a luva entre as minhas pernas, eu agarrei a outra, tirando-a também.

— Você vai ter que me dar mais do que isso.

— Por quê? — Eu me virei, jogando minhas luvas no chão. — Por que eu tenho que lhe dar alguma coisa? Você mal está por perto. Você continua desaparecendo. Eu não sou o único com segredos. — Agarrando minha toalha, eu apertei minhas mãos em volta dela.

— O meu não está afetando o meu jogo.

Corri a toalha sobre o meu rosto. — Sempre o jogador perfeito. — Eu joguei no banco e passei por ele, batendo em seu ombro. Ele viveu a vida que a maioria das pessoas sonhava. Ele seria escolhido na primeira

rodada e tinha uma lenda como pai, um homem que tinha três anéis de campeonato e ainda mais registros em seu nome.

Ele agarrou meu braço e me puxou de volta. — Foda-se, cara. Eu vim aqui para ajuda-lo, permitir que você desabafe com alguém fora do campo para que você não estrague o futuro pelo qual está se matando, por quantos anos? Mas se você quer ser um idiota sobre isso, isso é com você.

Girando nos calcanhares, ele se afastou.

— Espere. — Eu chamei, e meus ombros caíram quando me sentei no banco de treino. — Apenas espere.

Ele parou e se virou, voltando para mim. Arrastando um supino, ele sentou perto de mim.

— Sinto muito, ok. Eu fui para o dia de Ação de Graças na casa de Seph com seus pais.

— Acho que as coisas não foram bem.

— Se você chama quase dar um soco no rosto de seu pai e sair furioso, então sim. Foi um desastre.

— O que aconteceu?

—Ele estava sendo um idiota, constantemente a diminuindo. Tudo o que ela fazia era errado. Cada movimento que fazia deveria ter sido mais rápido ou mais lento. Eu disse a você sobre o que aconteceu na casa dos meus pais quando ela derrubou o copo de vinho.

Ele assentiu.

— Cara, a forma como seu pai a tratou quando ela derramou vinho branco em cima da mesa, estou surpreso por ela não ter saído direto da casa.

— Tão ruim, hein?

Eu dei um soco na minha mão aberta. — Pior. Foi horrível, e eu sabia que se eu não saísse de lá, as coisas estavam indo para todos os lados. Eu acabei saindo. Saí da casa furioso e a deixei lá.

— O que você deveria fazer?

— Ela correu atrás de mim e me olhou como se fosse tudo normal. Pedi que ela viesse comigo.

— Acho que ela não veio.

Eu balancei minha cabeça. — Não, e eu saí.

— Quando se trata de família, as coisas ficam complicadas. Você sabe tão bem como qualquer outra pessoa. Todos nós temos nossos problemas quando se trata de família, alguns piores que outros. Alguns podem fugir, e outros não podem. — Seus lábios apertados em uma linha sombria.

— Eu tenho certeza que ela me odeia por abandoná-la assim. — Passando minhas mãos sobre o rosto, eu soltei um grunhido. Eu deveria ter jogado ela por cima do meu ombro e a levado para longe de lá. Poderíamos ter voltado para o meu quarto de hotel, tomado um banho, tomado as bebidas do mini bar, e assistindo a filmes juntos. — Provavelmente ela se sente como se eu a tivesse abandonado com seu carrasco.

— Ela não sente. — Ele colocou a mão no meu ombro.

Minhas sobrancelhas franziram. — O que te faz dizer isso?

— Porque ela estará aqui em cerca de dois minutos. — Ele abriu um sorriso. Ele tinha isso na manga todo esse tempo.

Eu levantei do banco. — O que?

— Ela me mandou uma mensagem e eu disse que eu ajudaria a encontrar você. Quando eu vi você aqui, eu disse a ela onde você estava. — Ele me deu um tapinha no ombro. — Você pode me agradecer mais tarde.

— O que você faria se eu deixasse você sair antes?

Ele encolheu os ombros. — Deixaria você chafurdar na sua miséria um pouco mais.

Eu joguei minha toalha suada em sua cabeça. — Idiota.

A porta para o ginásio se abriu. Seph entrou com as mãos entrelaçadas na frente dela contra o casaco na altura da panturrilha. Ela puxou seus polegares, mordendo os lábios dos quais fui privado por vários dias.

— Vou deixar vocês dois sozinhos.

— Obrigado. — Eu disse distraidamente, toda minha atenção concentrada em Seph.

Nix saiu pela porta, parando ao lado dela. — Eu disse que iria encontrá-lo para você. — Ele lançou um olhar por cima do ombro.

— Eu agradeço.

Ele saiu. Seu olhar se voltou para o meu, e ela ainda mordiscava o lábio inferior. Quando o soltou por entre os dentes, ficou mais cheio e brilhava à luz. Eu queria passar meus dedos por ele.

Seu cabelo estava meio para cima e meio para baixo. Sua coroa de tranças ainda estava lá, mas as ondas suaves se estabeleceram ao redor de seus ombros como quando eu passava meus dedos por ele, como eu queria agora.

Ela deu um passo para frente, mas parou no meio da sala como se quisesse fazer uma fuga rápida. — Eu vim para dizer que sinto muito.

Limpei o suor do meu rosto com a toalha. — Por que você sente muito, Seph? — Parecia que ela tinha passado toda a sua vida se arrependendo e pedindo desculpas por merdas que não precisava.

— Pelo dia de Ação de Graças. Eu não deveria ter convidado você em primeiro lugar. Isso foi um erro.

Isso doeu. Como um passe de noventa jardas jogado a três metros de distância, bateu direto no meu peito. — Você não me queria lá? — Por que eu soava como uma criança carente que fora desconvidada de uma festa?

— Não. — Sua voz ecoou nas vigas do ginásio e ela balançou a cabeça, dando um passo mais perto. — Eu queria ver você. Eu queria passar o feriado com você. Eu queria que fosse tão quente e convidativo quanto quando eu conheci a sua família, mas... — Seu queixo caiu. — Meu pai não facilita as coisas.

Meus punhos cerraram ao meu lado.

As luzes do teto capturaram a prata fina enrolada em volta do pescoço e desaparecendo em sua blusa. Movendo-me para a frente, levantei a mão e a deslizei debaixo da corrente. As costas dos meus dedos deslizaram ao longo de seu peito, e ela não se afastou.

Passando a mão por baixo do metal, eu levantei a corrente que eu tinha comprado para ela debaixo de sua blusa. Estava quente na minha mão, aquecida por sua pele. — Você está usando. — Fiquei olhando para a inscrição. Quando eu vi isso, comprei sem pensar duas vezes. Depois de passar o jantar com sua família, eu percebi o quanto ela precisava ouvir essas palavras.

— Eu não tirei desde que você deu para mim. — Suas palavras eram quase um sussurro.

Minha garganta se apertou. Passei meu polegar sobre a inscrição. Meus dedos roçaram seu peito na base da garganta.

Ela engoliu em seco, o oco de sua garganta pulando. — É o melhor presente que eu já ganhei. Obrigada. — Sua mão cobriu a minha, tão suave e delicada, longa e fina, refinada como ela. Elas se contrastavam com minhas mãos ásperas e excessivamente grandes para pegar a bola. Nós éramos opostos de muitas formas, mas nos encaixamos.

— É cem por cento verdade, o tempo todo.

Sua cabeça caiu. Meus lábios fantasiavam contra a testa dela enquanto ela falava. — É difícil de acreditar quando você nunca foi o suficiente, quando não importa o quão duro você tente, sempre está faltando. — Suas palavras sussurradas enviaram aquela velha raiva pulsando em minhas veias, mas que ficou em segundo lugar para fazê-la ver a verdade.

Eu inclinei a cabeça e olhou em seus olhos. — Você é a pessoa mais incrível que eu já conheci.

Ela apoiou as mãos no meu peito, seus polegares traçando um pequeno círculo sobre minha camisa suada, que se agarrou ao meu corpo.

— Você só está dizendo isso porque eu sou a única pessoa que você já conheceu que publicou um anúncio para o sexo. — Ela inclinou a cabeça para o lado, e o canto de sua boca levantou.

— Você está certa. Eu não consigo imaginar que encontrarei alguém assim na minha vida. — Eu coloquei uma mecha de cabelo atrás da orelha e segurei sua bochecha.

O que teria acontecido se eu tivesse atrasado cinco minutos? Se o treinador tivesse marcado a reunião em outro café ou a pessoa de

relações públicas estivesse cinco minutos adiantada? Engoli o nó do tamanho e uma bigorna na minha garganta. Ela era a primeira coisa em que pensava na parte da manhã e a última coisa na minha mente quando eu fechava os olhos, esperando que meus sonhos fossem preenchido com seus beijos viciante e toque suave.

A queda foi longa e difícil, tão difícil que eu teria hematomas nos joelhos há meses, mas ela ainda estava saindo no final do ano escolar. O tempo que tínhamos passava segundo após segundo. Eu capturei seus lábios com os meus em vez de dizer as palavras que ameaçavam fazer uma aparição na superfície: *Eu estou apaixonado por você*.

Suas mãos apertaram minha camisa, me puxando para mais perto, não querendo quebrar nossa conexão. Tentando respirar, nós dois estávamos no meio da sala de musculação, ofegando.

— Estou todo suado e nojento. Dê-me três minutos e eu vou tomar um banho, então podemos ir.

Um pequeno sorriso apareceu em seus lábios. — Estarei esperando.

25

SEPH

Nós irrompemos pela porta da sua casa, e Berk veio para a frente com uma sobrancelha levantada. Reece subiu os degraus de dois em dois, puxando-me atrás dele.

— Oi, Berk! Tchau, Berk! — Eu consegui espremer as palavras antes que ele desaparecesse de vista, quando chegamos ao topo da escada.

— Divirtam-se, crianças loucas. — Ele gritou lá de baixo.

Reece abriu a porta e me puxou para dentro. A fechadura mal tinha clicado antes que suas mãos estivessem em mim, afundando no meu cabelo, trança cuidadosamente feita desenrolando quando seus dedos afundaram no meu couro cabeludo, passando através da pele sensível. Sua boca marcou seu toque escaldante na minha pele e meu corpo vibrava com desejo.

— Eu senti sua falta. — Seus dedos brincaram com o fim da minha trança. Trabalhando como se ele tivesse todo o tempo do mundo e meu corpo não estava prestes a entrar em combustão com seu toque, ele soltou meu cabelo. Fios caíram na frente do meu rosto, cobrindo meus olhos como uma cortina. Seu toque suave fez tanto para mim como as pontas ásperas de seus dedos raspando pela minha pele.

Ele agarrou o cabelo na base do meu pescoço e olhou nos meus olhos. Meu cabelo caiu em torno de meu rosto, recém solto da trança. — Eu gosto de ver você ser desfeita. — Ele enfiou a mão debaixo do meu queixo e beijou meus lábios até que eles estavam pulsando e inchados. O volume da televisão aumentou no andar de baixo, vibrando no chão.

— Eu acho que Berk está se sentindo um pouco ressentido. — Ele riu contra os meus lábios e me puxou para longe da porta para a cama.

Afundando de joelhos, eu desabotoei sua calça jeans. Ele me olhou da cama como se eu fosse um ladrão pedindo para segurar sua carteira. Ele levantou seu quadril e eu arrastei pelas pernas. Seu pau saltou, batendo contra seu estômago.

Eu não tinha visto isso de perto e pessoalmente antes. A luz de fora veio através das cortinas. Eu corri minha mão para cima e para baixo de seu comprimento, espalhando pré-goço em sua grossa ponta de cogumelo. Seus dedos afundaram na colcha. Ele se amontoou e respirou fundo.

Revelando a sensação suave e sedosa de sua pele e a reação a cada movimento meu, eu me inclinei mais perto.

— Seph. — Meu nome era um sussurro rouco que falava de sua contenção e proximidade com o seu ponto de ruptura. Minha cabeça nadou com o poder e prazer saltando entre nós.

— Não se preocupe, eu li muito sobre isso.

Ele soltou uma gargalhada. — Só posso esperar que isso acabe melhor do que a nossa aventura no bilhar. — Sua última palavra foi cortada quando eu passei meus lábios ao redor da ponta e rodei a língua ao redor da base da cabeça.

Ele gemeu e jogou a cabeça para trás. — Porra, você poderia ter me avisado. — Seu corpo estremeceu.

Respirando pelo nariz, eu engoli mais dele. Minha boca se esticou ao máximo para pegar tudo dele. Eu senti falta dele também. O cheiro da primavera em sua pele fresca do chuveiro roçou na lateral do meu rosto. Ele atirou para a frente, curvado. Enrolado em cima de mim, seu peito roçou o topo da minha cabeça, ele afundou seus dedos no meu cabelo, puxando as raízes cada vez que eu passava minha língua na cabeça de seu pau. Seu comprimento duro pulsava contra minha língua.

Seus gemidos roucos causaram arrepios na minha espinha. — Pare, Seph.

Mas eu não queria parar. A suavidade sedosa do seu eixo, juntamente com a urgência de seus dedos em meu couro cabeludo, me fez sentir como eu estivesse voando. Minha boceta apertou com cada puxão no meu cabelo.

— Eu vou gozar. — Seu sussurro áspero fez meu estômago revirar.

Apertando os lábios, eu esvaziei minhas bochechas e afundei o mais fundo que pude. Ele gritou e seu pau pulsava em minha boca. Jatos de gozo derramaram na minha garganta e eu engoli tudo dele.

Lentamente, ele levantou minha cabeça longe de seu pau. A ponta saiu livre da minha boca com um pop e ele estremeceu. Sua respiração ofegante juntou com os sons de minhas inspirações profundas.

— Isso foi seriamente a sua primeira vez? — Seus olhos estavam arregalados enquanto seu peito subia e descia. Ele manteve as mãos nas minhas bochechas, segurando os lados do meu rosto.

A preocupação surgiu no fundo da minha mente. — Eu disse que li sobre isso. Foi tudo bem, certo?

Ele segurou meu queixo entre os dedos e levantou meu rosto para ele. — Se você acha que foi a apenas ok, da próxima vez você pode explodir meu cérebro na parte de trás do meu crânio. — Seus lábios encontraram os meus de uma maneira suave, quase reverente.

Minhas mãos corriam ao longo de suas pernas. Seus músculos se agruparam sob o meu toque. Envolvendo os braços em volta de mim, ele me levantou do chão e me puxou para cima da cama ao lado dele, nunca deixando meus lábios. Ele mergulhou entre meus lábios entreabertos, roubando um pouco mais da minha respiração até que ele era o ar que eu precisava.

Suas mãos trabalhavam febrilmente, levantando minha camisa por cima da cabeça e arrastando minha calça pelas minhas pernas como se estivessem em chamas.

— Sonhei com você todas as noites, e se eu ainda estou sonhando, eu não quero acordar. Eu preciso de você. — Esse foi o único aviso que recebi. Ele se ajoelhou na cama. O peso de seu pau ereto se projetava na frente dele. Seu tempo de recuperação era nada menos que espetacular com base no que eu tinha lido. Olhando para o meu corpo, seus olhos correram sobre mim.

— Eu preciso de você também. Mais do que a minha próxima respiração, eu preciso sentir você.

Exposta e aberta para ele, eu nunca me senti mais viva. Ele abriu minhas pernas, deixando meus joelhos se abrirem. Separando minha boceta com os dedos, ele pressionou um beijo contra o meu clitóris e chupou em sua boca. Um prazer elétrico pulsante percorreu meu corpo. Minhas costas arquearam para fora da cama e eu gritei. Tocando minha boceta com a língua, ele deslizou dentro de mim. Eu bati minha mão na cama ao meu lado. Meus orgasmos bateram em mim em rápida sucessão.

— É injusto o seu gosto, Wild Child. Fazendo-me a escolher entre comer toda a noite e ver você me montar é quase muito cruel. — Ele agarrou um preservativo do bolso da calça jeans e rasgou-o com os dentes. Enrolando-o em seu comprimento, ele enganchou as pernas atrás dos joelhos e descansou em seus ombros. — Mas eu tenho que ter você agora.

Ele passou o pau ao longo da minha abertura encharcada, me provocando com um toque suave de sua cabeça contra o meu clitóris. Peguei um punhado de cobertores debaixo de mim. Aproximando-se de joelhos, ele mergulhou em mim, um movimento longo, lento, para a frente, me alongamento a cada centímetro.

Com minhas pernas sobre os ombros, eu estava incrivelmente aberta para ele. Seu meio golpe parecia nunca terminar até as frentes de suas coxas se acomodassem contra as minhas. Eu me contorcia contra ele, ofegando e chupando em respirações curtas contra sua deliciosa invasão.

Ele baixou a cabeça, quase apoiando-a na minha. Eu nunca pensei que ser torcida como um pretzel pudesse ser tão bom.

— Você está bem? — Ele engoliu em seco e olhou nos meus olhos, a conexão entre nós me puxando para a frente como se um laço estivesse em volta do meu coração.

Eu balancei a cabeça. Nenhum som inteligível saiu da minha boca.

— Bom, porque eu quero que você goze no meu pau. — Se inclinando mais longe, empurrando mais profundo do que antes, ele beijou a ponta do meu nariz antes de iniciar sua retirada. Minhas paredes apertaram em torno dele, não querendo que ele saísse, golpes lentos e constantes com nossos olhares presos no ápice das minhas coxas onde estávamos unidos.

— Mais, Reece. Me dê mais.

Ele olhou para mim, as sobrancelhas franzidas em concentração profunda. Segurando meus joelhos, ele bateu seu quadril em mim.

Eu gritei, pelo menos eu tinha certeza que sim. As janelas sacudiram. Ele fez isso de novo e de novo, cada golpe fundo me arremessado em direção à beira do orgasmo que eu estava me equilibrando. Meus dedos dos pés se curvaram e eu bati meus calcanhares em suas costas. O orgasmo correu para mim como um

touro aventureiro, e se eu já não estivesse de costas, eu estaria na minha bunda. Eu bati minhas mãos em cima da cama, tentando segurar enquanto Reece me fodia com mais força. Meus dedos apertados ao redor dos lençóis e eu os levei comigo quando seu avanço interminável roubava o meu fôlego. A cabeceira bateu contra minha cabeça e meu quadril disparou do colchão quando ele bateu no meu clitóris a tempo de seus impulsos.

O segundo clímax brutal rasgou através de mim, meus músculos se apertando como eu estivesse presa a um fio ao vivo. Minhas paredes se apertaram em torno dele. Ele gritou, seus dedos cavando em minhas coxas. Seu pau se expandiu na prisão do látex, provocando outro orgasmo que me fez bater minhas mãos contra a cabeceira. Meus olhos se fecharam e eu tentei lembrar meu próprio nome. O casulo quente do meu orgasmo e o corpo de Reece fizeram minha pele zumbir.

Caindo para a frente, ele me enjaulou embaixo dele. Salpicando beijos suados e meio delirante no meu rosto. — Eu já te disse que eu senti sua falta?

— Pelo menos uma vez. — Passei a mão ao longo da parte de trás do seu pescoço. O suor grudava meus cabelos. — Eu estou suada depois do banho.

— A qualquer momento, Wild Child. A qualquer hora. — Ele sorriu para mim.

Eu o puxei para outro beijo. Eu não tinha nada para beber, mas eu estava definitivamente bêbada com ele, e eu estava mais do que feliz em beber tanto dele quanto eu precisava pelo tempo que eu pudesse, para sempre. Meu coração gaguejou. E se nós não pudéssemos ser para sempre? Ele tinha sido claro sobre o que isto era e o que não era. Ele seria convocado no final do ano – e então? Mesmo se eu ficasse, isso não significava que ele poderia.

Ele pulou da cama e se livrou do preservativo antes de mergulhar de volta ao meu lado.

Os ruídos de TV do andar de baixo se transformaram em um grave que vibrava na cama. Vozes soaram no corredor.

— Você está tendo uma festa hoje? — Apoiei minha cabeça na minha mão.

Ele jogou o braço sobre o rosto. — Não, mas isso não significa que não há ninguém lá embaixo. Não temos que participar. Eu vou trancar a porta e eles vão nos deixar em paz.

— Você não quer ir? — Eu não quero que ele perca uma festa por causa de mim. Eu queria ir para lá, mas as antigas inseguranças voltaram, as que se infiltravam sempre que estávamos perto de pessoas que ele conhecia. Será que eles olham para nós e se perguntam como diabos isso aconteceu? Haveria olhares e risadinhas? Devo chupá-lo e sair de qualquer maneira? Eu pensei que eu deveria adicioná-lo à minha lista; então eu poderia me sentir realizada por fazer isso e me dar a desculpa para não dar a mínima para o que os outros pensavam. — Nós podemos ir, se quiser. Eu não estive em muitas festas, quaisquer outras festas como a última que teve aqui.

Ele se sentou na cama e olhou para mim— Nunca? O churrasco que fizemos no quintal foi a primeira festa que você foi? — Suas sobrancelhas se ergueram.

Eu balancei a cabeça. — Eu não conto eventos acadêmicos com pessoas de quase quarenta anos mais velhas do que eu como festas, por si só.

— E sobre suas festas de aniversário?

— Eu nunca tive nenhuma. Não era como se eu tivesse amigos para convidar. Minha mãe fazia a minha refeição preferida e às vezes, um bolinho, mas era isso. — Eu levantei os lençóis sobre meu peito, me sentindo ainda mais nua do que apenas no aspecto físico. As crianças na rua sempre amarravam balões em volta de suas caixas de correio ou os colavam nas suas portas dianteiras sempre que havia uma festa. Eu sentava na poltrona na sala de estar, meus joelhos afundando nas almofadas de couro duro enquanto os observava entrar e sair das casas, rindo, brincando e perseguindo um ao outro.

Reece atacou, me prendendo embaixo dele. — Você nunca teve uma festa de aniversário? — Ele disse como eu tivesse dito a ele que eu nunca tinha respirado ar.

Dei de ombros. — Elas não eram realmente uma prioridade na casa dos Alexander. — Eu repito as palavras do meu pai.

Ele puxou os lençóis de cima de mim. — Então estamos participando de todas as festas que pudermos. Vamos, Wild Child. Se vista. — Pegando nossas roupas do chão, ele as empilhou na cama. Eu

me inclinei para trás no colchão e o observei. Sua bunda musculosa e bronzeada desapareceu sob o jeans azul escuro. *Vergonha.*

Olhando por cima do ombro, ele olhou para mim com seus jeans desabotoado. — Há algo no meu jeans? — Ele girou em um círculo, tentando verificar a sua própria bunda.

Eu segurei minha risada, sorrindo largamente para ele. Eu rastejei através da cama e puxei-o para frente pelas presilhas do cinto. — Não, eu estava admirando a vista. A única melhor é quando você os tira.

Ele sorriu e me deixou ir com ele, pisando na beira da cama. Erguendo-me de joelhos, tracei meu dedo ao longo de seu abdômen, arrastando para baixo. Ele pegou meu pulso e levantou-o, beijando-o por dentro.

— Vista-se. Estou exibindo você. — Ele apertou minha camisa e calças contra meu peito.

— Eu realmente não acho que estas roupas estão me exibindo. — Eu as coloquei na frente do meu rosto.

— Isso é o que você pensa. — Ele sorriu e puxou sua camisa sobre a cabeça.

Eu balancei minhas roupas, tentando encontrar a peça que faltava. — Onde está minha calcinha?

— Você não gostaria de saber? — Ele piscou e bateu seu pulso nu. — Tique, Taque.

26

REECE

Correndo o mais rápido que pude, me afastei da linha de luta. Restavam dois segundos no relógio. A cabeça de Nix girava para frente e para trás, procurando uma maneira de acabar com isso. Nós caímos por três. Eu pulei, agitando os braços no ar enquanto eu corria pelo campo.

Keyton, algumas jardas à minha frente do outro lado do campo, tinha metade do número de defensores atrás dele. O olhar de Nix travou com os meus. Atacantes correram para mim e eu levantei meus braços, acenando para esquerda. *Passe para Keyton! Ele está bem aberto!* Nix sacudiu a cabeça e lançou para mim.

A bola voou pelo ar. O estádio estava morto, em silêncio, milhares de pessoas em pé e nenhum som em todo o lugar. Seria quase assustador se o sangue pulsando em meus ouvidos não tivesse sido um rugido. A bola voou através dos dedos do defensor, quase me derrubando. Eu me recuperei, girando para trás e evitando outro defensor, e a bola bateu no meu peito com um tapa satisfatório.

Empurrando a grama ainda escorregadia do campo, eu bombeei minhas pernas. Meus músculos se contraíram e eu me esquivei. Girando em torno de um outro, virei, mudando de direção e corri para a zona final. O silêncio da multidão transformou em um rugido ensurdecedor que sacudiu o chão sob meus pés.

Toda a equipe se amontoou ao meu redor, empilhando em cima uns dos outros. Keyton correu, seu sorriso largo, mesmo sob o capacete.

— Eu tentei levar esse para você. — Eu lhe dei um tapa nas ombreiras.

Ele sorriu mais e deu de ombros. — Não se preocupe com isso. Uma vitória é uma vitória.

Corremos para fora do campo, os fãs cantando o meu nome. Era isso o que eu sempre quis, mas nesta noite, algo estava faltando.

— Mais dois jogos! — As vozes e gritos ricochetearam nas paredes do túnel fechadas no caminho para o vestiário enquanto eu seguia o resto dos meus companheiros de equipe em direção à porta. Eu queria tudo pronto para a surpresa de Seph. Ela tinha aulas particulares para fazer esta noite, mas prometeu que veria o último jogo antes do final da temporada. Havia um bilhete no escritório com o nome dela.

— Michaels, o que você está fazendo? — O treinador olhou para mim como se eu tivesse crescido uma segunda cabeça.

Minhas sobrancelhas se contraíram.

— Coletiva de imprensa.

Eu balancei minha cabeça. — Certo, desculpe treinador. — Eu corri atrás dele. Nix já estava na porta da pequena sala da coletiva. Minha perna saltou debaixo da mesa enquanto os repórteres faziam suas perguntas.

— Foi um bom jogo, um bom esforço de equipe. Keyton poderia ter feito esse toque tão facilmente quanto eu.

As cabeças de todos, em ambos os lados, giraram. Um alfinete caindo teria soado como uma bomba explodindo na sala. Eu abaixei minha cabeça e esperei pela próxima pergunta.

— Você participará do treinamento de escoteiros antes do campeonato?

— Ele estará lá. — O treinador se inclinou em seu microfone, o feedback enviando um grito ricocheteando no pequeno espaço.

Conseguimos passar o resto da coletiva de imprensa com o mínimo esforço de mim. Os repórteres tiveram que fazer todas as perguntas duas vezes. Eu corri através da lista de verificação na parte de trás da minha cabeça. Eu queria que esta noite fosse perfeita para ela. Ainda mais do que a noite na casa da piscina, eu queria fazer isso por ela, para mostrar que não era só eu quem se preocupava com ela. Ela precisaria disso quando eu me fosse, quando ela se fosse. Havia menos de seis meses até o final do ano letivo, até que tivéssemos que dizer adeus.

Eu congelei no meio do vestiário e Keyton bateu em mim.

Ele agarrou meu ombro, me firmando. — Ei, cara, você está bem?

Eu balancei a cabeça, empurrando-me para fora da paralisia temporária que havia tomado conta de mim. O resto do vestiário vibrava com a energia que sempre vinha depois de um jogo, especialmente depois de uma vitória. O que ela faria em Boston? Encontrar algum outro super gênio? Eles examinariam equações e teoremas juntos e ririam de piadas estranhas relacionadas à matemática.

Ou talvez ela se identificasse com alguém que tocasse em uma orquestra e eles criariam música juntos. O relógio ficava mais alto quanto mais tempo eu passava com ela, e eu não sabia como retardá-lo. Às vezes eu acordava à noite, passava meus dedos por suas curvas, e a observava dormir até ficar muito difícil de respirar. Então eu teria que fechar meus olhos e deixar sua respiração estável me acalmar.

— Porque você está tão quieto? A coletiva de imprensa não foi tão ruim. — Nix sentou ao meu lado e esfregou uma toalha contra seu cabelo. — Nervoso sobre esta noite? — Ele puxou a camisa sobre a cabeça.

Eu assenti. Melhor isso do que deixar tudo correndo pela minha cabeça explodir em cima dele. — Eu acho que ela vai gostar.

— É claro que vai. Se você ainda não percebeu, ela gosta muito de você. Se você planejasse um show de fantoche, ela participaria. — Ele riu e pegou suas coisas.

Todas as minhas preocupações sobre ela ficar muito apegada e eu era o único encontrando dificuldade para recuperar o fôlego quando pensei em nunca vê-la novamente. Saindo de lá, eu mandei uma mensagem aos caras para garantir que tudo estava pronto.

Subindo os degraus do apartamento dela, eu tentei acalmar os nervos que ricocheteavam no meu estômago. Bati na porta e saltei de um pé para o outro.

Dan abriu a porta e me deixou entrar. Ele parecia um cara agradável, mas com base nas respostas de Seph, as coisas não tinham descongelado entre ela e sua colega de quarto.

27

SEPH

Reece parou em frente de sua casa. A rua era tranquila. As finais, os estudos, e o tempo finalmente levaram todos a entrar em casa para hibernar.

— Eu espero que você tenha deixado espaço para a sobremesa.

Ele pegou minha mão no console central e entrelaçou os dedos nos meus, beijando as costas dela. A forma como seus lábios dançaram na minha pele enviou um arrepio pela minha espinha. Ele me olhou nos olhos, a luz da rua pegando o redemoinho verde e marrom deles. Soltando os braços para os meus lados, eu enrolei meus dedos nos lados da minha perna para me beliscar.

Ele passou a mão pelo meu braço e segurou meu pulso, trazendo-o até sua boca. Seus lábios pressionando a pele fina, enviando meu pulso através do telhado. Ele deixou cair um beijo na palma da minha mão aberta e eu cobri sua mão com a minha. Se este era um sonho, eu não quero acordar.

Ele era todo malícia e doçura, como um doce segurando uma deliciosa surpresa.

— O que há com você hoje?

— Nada. — Seu sorriso aumentou, e eu não tinha nenhuma dúvida de que ele estava tramando algo. — Deixe-me abrir a porta para você. — Dentro do silêncio de seu carro, tentei descobrir como eu tinha chegado aqui. Ele correu na frente do veículo. Sua camisa de botão se encaixava perfeitamente, como se tivesse sido feita sob medida. As mangas estavam enroladas até os cotovelos, e seu jeans abraçava a cintura fina e coxas fortes.

O ar de dezembro estava fresco e gelado. Toda vez que eu saía, parecia que eu estava tentando um mergulho polar.

Fechando a porta do carro, ele sorriu para mim. — O que?

Nós subimos os degraus para a varanda. A casa estava totalmente escura. — Será que estamos sozinhos em casa? — Meu estômago virou.

Com ele vive com três caras, não foram muitas vezes tivemos a casa para nós, e meu apartamento não era exatamente o mais convidativo.

Ele lançou um olhar por cima do ombro. — Eu amo o jeito que você pensa.

A palavra fez meu coração disparar. Ele não estava dizendo isso de verdade, mas se eu olhasse um pouco mais, eu poderia imaginar que ele tivesse. Enfiando sua chave na fechadura, ele abriu a porta e me deixou entrar primeiro.

Formas e sombras moveram do outro lado da sala de estar e eu recuei, imaginando se alguém havia entrado. Meu pulso disparou.

— Surpresa! — Um coro do que parecia ser uma centena de vozes gritou ao mesmo tempo e os meus olhos se ajustaram à luz. Havia pelo menos cinquenta pessoas dentro da casa. Flâmulas do arco-íris pendiam no teto. Balões foram colocados nas paredes e cobriram o chão. Todos tinham pequenos chapéus de festa com elásticas debaixo do queixo.

LJ e Berk estava na porta da cozinha, equilibrando um bolo enorme entre eles. Era um unicórnio branco com uma crina de arco-íris e estrelinhas saíam do chifre do unicórnio. Voltei a olhar para Reece. Ele passou os braços em volta de mim por trás e me levou para a frente, sem deixar ir. Marisa ficou ao lado deles com um soprador de festa que se curvava e disparava reto com um assobio.

— Feliz aniversário, Wild Child.

Se o meu coração já não pertencesse a ele, teria sido embrulhado com um arco e apresentado a ele em uma bandeja de arco-íris naquele momento. — Mas não é meu aniversário. — Eu sussurrei por cima do meu ombro.

— Não importa. Você merece uma festa. — Ele mordeu minha orelha e enterrou a cabeça no meu pescoço, acariciando a minha pele. Eu ri, inclinando a cabeça para escapar de seu ataque de cócegas.

— Vem soprar suas velas, Seph. Esta coisa é mais pesada do que parece. — Alguém pegou um isqueiro e acendeu algumas estrelinhas e as velas na frente. A maioria das luzes foram apagadas novamente. Houve uma contagem regressiva e todos cantaram “Parabéns” em uma confusão em forma de coro, mas eu nunca ouvi nada mais doce. Como eu deveria deixar tudo isso no final do semestre? Meus primeiros

amigos de verdade, a primeira vez que eu senti que pertencia a um lugar.

Piscando para conter as lágrimas, eu soltei um suspiro e ri do cha, cha, cha que Berk adicionou no final de cada linha. O brilho das velas iluminou a sala e eu absorvi tudo. Todo mundo estava lá por mim, bem, talvez não apenas eu. Eu tinha certeza de quando Reece pediu às pessoas para vir a uma festa, não havia escassez de quem quisesse vir, mas ainda assim, ele planejou isso para mim.

Colocando um pouco de cabelo solto atrás da minha orelha, me inclinei e fechei os olhos. Um desejo não veio à mente, porque eu já tinha conseguido. Eu soprei as velas, e a sala irrompeu em aplausos.

Os caras colocaram o bolo em cima da mesa e entregaram a faca para fazer o primeiro corte. Aparentemente o bolo era mais difícil de cortar do que parecia. Reece cobriu minha mão com a sua e me ajudou a cortar o primeiro pedaço, seu corpo contra minhas costas. Olhei para todos ao redor da sala, à espera de alguém começar a fazer perguntas como *que diabos vocês dois estão fazendo juntos?* Levantando-o para fora, havia camadas de doces crocantes de arroz, cobertura de chocolate, e as camadas de arco-íris.

— Uau, você fez tudo para mim. — Peguei um garfo e dei uma mordida. O chocolate era pesado e rico, tão expressivo que eu precisava de um copo de leite.

— Nix pegou na padaria onde eu peguei os cupcakes, Bread & Butter.

— Onde está Nix? — Estiquei o pescoço, examinando a festa.

Reece deu de ombros.

Como se na sugestão, a porta da frente se abriu e uma rajada de ar frio soprou com o homem em questão. Nix fechou a porta atrás dele, desligando a tela brilhante de seu celular. Ele tirou o casaco antes de se juntar ao resto de nós na festa.

— Obrigado pelo bolo, Nix. — Eu o puxei para um abraço.

— Não foi um problema. Eu consegui um bom negócio, já que o assistente do meu pai os usa muito para eventos de caridade e corporativos.

Metal caiu no chão e eu virei. Berk estava a dois passos, com a boca aberta, prato na mão e garfo no chão. — Ele recebe um abraço e eu não? Eu acho que deveria estar ofendido. — Ele inclinou a cabeça para o lado deixando cair o queixo no ombro com um suspiro dramático, mordendo os nós dos dedos. Os chapéus de arco-íris e unicórnio que todos haviam descartado foram adicionados à cabeça de Berk, então ele tinha uma juba de chapéus de festa pontudos em volta do rosto.

— Você pode querer lhe dar um abraço ou ele vai entrar em colapso completo de bebê.

— Sinto muito, Berk. Pode me perdoar? — Estendi meus braços e ele largou o prato, correndo para mim em câmera lenta. Levantando-me em seus braços, ele me girou.

— Feliz aniversário, Seph. Você gostou do unicórnio? — Ele me colocou para baixo. — Essa foi a minha sugestão. — Claro que foi.

— É o melhor bolo de aniversário que eu já comi.

— Você não está dizendo isso só porque é o seu único? — Reece me tirou do controle de Berk e eu descansei minha mão em seu peito.

— Não, não por ser meu único. Quaisquer outros que eu tenha depois desse terão muito o que fazer. Obrigada a todos. Eu não posso dizer o quanto isso significa para mim. — Minha garganta apertou e eu pressionei meus lábios juntos. Eu havia perdido pessoas como eles na minha vida antes, mas agora que eu sabia qual era a sensação de ter amigos, não havia como voltar atrás.

— Chega do material sentimental. Vamos brincar de prender o rabo no burro. Se você perder, você tem que tomar uma dose. — LJ levou as mãos ao redor de sua boca e transmitir as regras para a festa.

— Eu tive que cancelar com a ameaça de cabelo rosa novamente, — Nix resmungou e massageou o ombro.

— Você bateu no rosto dela com suas bolas. — Reece deu de ombros.

Minha cabeça disparou.

A boca de Nix afinou em uma linha de aborrecimento. Ele virou para mim. — Bola singular. Uma bola de futebol. Não que eu tenha apenas uma bola ou algo assim. — Suas bochechas brilharam como se

ele tivesse estado na praia o dia inteiro e tivesse esquecido protetor solar.

— Foi no início do primeiro ano. Eu pedi desculpas um milhão de vezes.

— Talvez ela queira que você faça isso de novo. — Reece riu e seus braços se apertaram ao meu redor.

Nix tirou o celular do bolso e se afastou.

Eu envolvi minhas mãos em torno do braço do Reece e enterrei meu rosto em seu ombro. — Então você tinha algo na manga. — Sorrindo, eu o puxei para um beijo.

Ele enfiou a mão ao longo da parte de trás do meu pescoço. — Eu tenho que ter alguns segredos.

— Chega de chupar vocês dois. Você é o primeiro. — Berk acenou para nós.

Alguém aumentou a música e todos cavaram as pizzas na cozinha. A festa de aniversário da pizza completa com brincadeiras de festa infantil, um delicioso bolo e o cara que roubou o meu coração – nunca foi apenas uma noite.

Berk jogou um garfo para Nix, que levantou os olhos do celular. — Saia do celular, homem. Você está colado a essa coisa desde que entrou. Você nem sequer pegou bolo.

Eu cortei um pedaço de bolo para Nix, que manteve seu olho treinado no celular como se isso pudesse fazer uma pausa para a porta. Andando até ele, eu estava na sua frente.

Sua cabeça apareceu e eu me sentei ao lado dele, dando-lhe o prato e o garfo.

Ele pegou o prato da minha mão e enfiou um pedaço do bolo em sua boca com os olhos ainda treinados em sua tela do celular.

— Está tudo bem?

Sua cabeça se levantou e ele me encarou. — Sim. Estou esperando por alguém responder, e eu não quero perder a mensagem.

— É alguém que você está vendo? — Inclinei a cabeça e olhei para suas mãos.

Ele apertou suas coxas um pouco acima dos joelhos e uma perna saltou para cima e para baixo. O celular balançava de um lado para o outro.

— Não, mas eu não sou o tipo dela.

— Ela tem um coração?

Ele soltou uma risada e olhou para mim. Um pouco da tensão nele relaxou.

Nix era lindo como num filme faculdade, um tipo estrela estereotipada. O resto dos caras foram mais jogado juntos, incluindo Reece, enquanto Nix foi montado. Ainda assim, cheirei as marcas da pressão que uma pessoa está sofrendo quando sente que precisa sempre parecer de uma determinada maneira. Passei a mão ao longo da trança espinha de peixe pendurada no ombro.

— Última vez que verifiquei, sim, ela tinha um coração. — Ele colocou o celular no bolso. — E ela me odeia.

— Traga seu traseiro aqui, sou eu e LJ contra você e Berk pelo bear-pong — Reece acenou para ele entrar na sala de jantar que virou uma zona de torneio.

Nix saiu do sofá e caminhou até eles. — Você sabe que ele perde de propósito só para beber mais.

— Eu jogo melhor quando eu estou tonto. — Berk bebeu seu copo.

— Se eles não fossem gostosos e amáveis, eles seriam irritantemente detestáveis. — Marisa se encostou na parede ao lado do sofá, sacudindo o gelo em seu copo.

— Você acha LJ gostoso? — Eu nem sequer tentei reprimir meu sorriso assustador.

Seus olhos se arregalaram e ela cuspiu. — O que? N-Não, ele não. Eu quis dizer os outros caras. — Ela ergueu seu copo, engolindo o conteúdo.

A multidão de pessoas assistindo ao jogo aplaudiu, e a barulho satisfatório da bola bater no lado do copo entrou na sala de estar.

— Quero dizer, eu o conheço desde a primeira série. Ele tentou roubar minha tesoura, e eu posso ter esfaqueado ele com ela para lhe ensinar uma lição. Ele ainda tem a cicatriz. Somos os melhores amigos desde então — Ela deu de ombros.

— E você o seguiu para a faculdade.

— O que? Não, eu só estou aqui por causa de uma situação de ajuda financeira e esse lugar sempre encontra uma maneira de FU. — Ela balançou pompons imaginários em suas mãos. — Você quer outra bebida? Deixe-me pegar outra bebida. — Sem esperar por uma resposta minha, ela arrancou o copo da minha mão e correu para a cozinha.

Outras pessoas na festa continuaram me desejando feliz aniversário, eu me senti um pouquinho pior por Reece mentir para elas. Mas, com o riso, a música e dança ao meu redor, as pessoas saindo e se divertindo, não acho que elas se importassem com outra razão para ter uma festa.

Marisa voltou da cozinha, equilibrando de dois copos e duas pratos empilhadas com mais bolo. Meu estômago estava perto de estourar, mas eu não recusaria.

— Seph, eu tenho que levá-la para minha casa. Você pode conhecer minha companheira de quarto, Liv. Ela é demais. Talvez eu possa cozinhar o jantar.

— NÃO! — O grito veio de todos os caras na sala de jantar e Marisa pulou, quase derramando as bebidas e bolo. Todos os quatro correram para a porta, balançando a cabeça e cortando os dedos na frente de suas gargantas.

Marisa se virou e todos eles olharam para o teto, assobiando antes de voltar ao jogo. Ela sentou ao meu lado e entregou a minha bebida e um prato. Reece me chamou a atenção e murmurou, *não faça isso*.

Eu ri em meu copo e estremeci com a vodca pura com um pouco de suco de cranberry.

— Como está a bebida? Espero que seja forte o suficiente.

— É totalmente bem. — Minhas palavras saíram metade chiado e metade tosse. Reece fez outra dose e olhou para mim. Ele piscou e meu estômago virou. Ainda faltava cinco meses para ele sair ou eu, ou ambos. Como eu passaria o dia em que eu conheci um homem que

acendeu fogo na minha alma, estava lá fora no mundo e eu o deixei para trás? Como eu pegaria os pedaços do meu coração partido quando ele me deixasse?

28

REECE

A neve caiu cobrindo as ruas, transformando a sujeira da cidade em um cartão de Natal vivo. O campus estava tranquilo agora que as aulas e a maioria dos exames haviam terminado. Os ônibus do campus para o aeroporto estavam funcionando sem parar enquanto os quadriciclos, dormitórios e apartamentos esvaziavam-se.

— Alguém tem meias? Eu tenho cerca de oito tamanhos e cores diferentes e nenhum resultado. — Berk se inclinou para fora de sua porta, balançando no batente da porta.

Abrindo minha gaveta de meias, eu sorri, pegando um punhado das meias perfeitamente emparelhadas. A grande guerra das meias no último ano terminou com nós cinco, Marisa, sua colega de quarto, Liv, e Seph dividindo em equipes para uma batalha que viu muitas baixas, principalmente qualquer coisa quebrável na casa e uma perna prejudicada quando Marisa tropeçou em LJ subindo as escadas antes ser acertada com uma meia direto no olho. Nós deixamos nossas armas pobres para trás porque não tínhamos o suficiente para todos. Uma viagem de compras estava em ordem. Eu passei por nosso esconderijo escondido em um cesto de roupa no corredor.

— Da próxima vez. — Abaixando ao virar da esquina, eu pousei ao lado de LJ.

— Aqui. — Eu joguei três pares para ele e ele desapareceu de volta para seu quarto. — Da próxima vez proteja sua artilharia melhor.

— Nem todos podemos ter um especialista tático do nosso lado, — Berk resmungou baixinho, referindo-se a Seph e sua riqueza de conhecimento histórico.

Folheei a pilha de roupas recém lavadas em minhas gavetas e tirei o que eu precisava para os próximos dias. Arrumar as malas para jogos fora de casa sempre foi um pé no saco, mas por mais que eu lutei com ela, método de dobrar de Seph me ajudou a manter tudo organizado. Ela até me comprou um cesto para colocar as minhas roupas sujas, para não deixar um rastro de roupas sujas quando eu as levo para a máquina de lavar e secar roupa.

Até estudar era mais fácil com ela por perto. As recompensas por terminar meu trabalho eram muito melhores do que a satisfação de um trabalho bem feito quando seus braços estavam em volta do meu pescoço. Eu resisti à tempestade final e saímos praticamente ilesos, embora não era como se alguém se preocupasse com as minhas notas desde que eu continuasse apto a jogar. O treinador nos faz exercícios e estuda fitas, tentando nos manter longe de problemas, agora que ele nos possuía 24/7 na preparação para o final da temporada. Quando o próximo semestre começar, nós seremos como campeões ou como o time aquém.

Era hora para a viagem de ônibus para o nosso último jogo antes do campeonato. Eu sentiria falta dos caras. Haveria outras equipes, mas não como eles. Mais dois jogos para consolidar o meu futuro. Dormir no ônibus geralmente é péssimo, mas eu faria tudo o que pudesse para me impedir de me concentrar demais no jogo. Pensar demais levava a erros, e os erros perdem a final.

Enfiei os fones de ouvido em minha mochila quando uma notificação apareceu no meu celular. Mergulhando na cama, peguei e destravei a tela para ler o alerta sobre uma venda de tênis no shopping. Eu virei para os meus textos. Minha última mensagem para Seph de algumas horas atrás, ainda mostrou como não lida.

Eu: Eu gostaria que a temporada já tivesse terminado. Vou sentir saudades suas.

Nós não nos víamos muito desde que o treinador decidiu que ele precisava ditar tudo em nossas vidas na semana que antecedeu ao jogo. Ele também estaria montando em nossas bundas após esta vitória. Eu nem me permitia pensar que não era uma possibilidade. Mais duas semanas e a panela de pressão iria finalmente ser desligada. Mais duas semanas para me tornar uma escolha de primeira rodada.

— Precisamos chegar ao ônibus em vinte minutos ou o treinador nos esfolará vivos. — LJ gritou do outro lado do corredor.

— Ou talvez apenas você. — Nix gritou. Berk desceu os degraus como uma criança correndo atrás do caminhão de sorvete agitando uma nota de vinte roubada da carteira de seu pai. A porta da frente se abriu, enviando uma rajada de ar de inverno subindo as escadas. Jurei que vi flocos de neve girando no ar.

— Feche a porta, idiota. Espere até que estejamos todos aí em baixo, — Nix gritou depois dele.

— Ok, muito engraçado. Quem escreveu isso? — Berk gritou do final da escada. — Este é o segundo que eu recebi.

Coloquei a cabeça para fora da porta do meu quarto. — Quem escreveu o quê? E segundo o quê?

Berk subiu os degraus com um pedaço de papel roxo dobrado e um envelope verde na mão. Seus olhos examinaram o papel e ele tropeçou no último degrau, quase batendo o rosto no patamar. Estendi a mão para ele e agarrei seu braço.

— Você pode não quebrar a sua cara antes do jogo de amanhã? O que é isso?

Ele olhou para o pedaço de papel que segurava em suas mãos, como se tivesse um buraco.

— O que é isso e por que você acha que escrevemos? — Eu puxei o canto do papel colorido.

Ele pegou de volta. Suas bochechas estavam vermelhas, e não era dos dez segundos no frio. Agora eu tinha que ver o que realmente fez Berk corar.

— Ê... é uma carta de amor. — Ele disse as palavras como se fossem estrangeiras e ele as testava em sua língua. — Quem está fodendo comigo?

— Parece que alguém quer transar com você, se é uma carta de amor.

— Uma carta de amor? — Nix saiu com sua mochila no ombro. — Deixe-me ver. — Ele pegou o papel da mão de Berk.

Os olhos de Nix se arregalaram e seu rosto ficou vermelho enquanto ele olhava através das palavras. Berk agarrou o papel, mas Nix plantou sua mão no centro do peito dele, mantendo-o para trás.

— O que diz? — Eu me mudei para bloquear Berk e tentei dar uma olhada na borda superior da carta.

— Cara, se você acha que isso é uma carta de amor, me sinto mal por seus netos quando eles encontrarem as suas velhas cartas de 'amor' escondidas em uma caixa velha em seu sótão. — Nix estendeu para mim. A mão de Berk agarrou as bordas do papel.

Seu nome foi cuidadosamente escrito na parte superior. Letra feminina rabiscada no papel, perfeitamente reta, mesmo que não estivesse alinhada, detalhando a cena que queria fazer com Berk.

Você afundaria entre as minhas coxas, batendo seu pau em mim, e eu ficaria tão molhada para você. Meus gritos seriam a única coisa a abafar o som de nossos corpos batendo um contra o outro. E seus gemidos ficando mais difíceis do que você jamais imaginou ser possível.

Minhas sobrancelhas se ergueram e minha boca estava aberta. O resto da carta entrou ainda mais detalhes. A parte de trás do meu pescoço esquentou. Nix bloqueou Berk no topo da escada, não o deixando passar.

LJ saiu de seu quarto. — Vocês estão prontos? Eu não preciso do treinador montando minha bunda por estar atrasado. — Eu entreguei a carta para ele.

Ele largou a mochila e pegou o papel da minha mão com um olhar suspeito em seus olhos. Olhando para o papel, ele começou a ler. Ele chegou na metade caminho, em seguida, respirou fundo, sufocando na própria saliva.

— Por que diabos você acha que um de nós escreveu isso? — LJ acenou na frente de Berk, que ultrapassou o bloqueio de Nix e agarrou a nota de LJ, em seguida, a colocou de volta no envelope.

— Eu fui pego de surpresa. Isso é tudo. Nenhum de vocês escreveu isso, sério? Ou pediram para alguém escrever? — Ele se concentrou em cada um de nós como se ele pudesse nos quebrar sob seu escrutínio.

— Eu não quero nem pensar em você e em algumas dessas palavras na mesma frase, muito menos combiná-las em uma carta como essa, mas este é o Brothel, por isso sabemos que as pessoas têm algumas ideias fodidas do que acontece aqui.

— Você está certo. Provavelmente é alguma louca que vai tentar pular em mim na próxima festa. — Berk não jogou a carta no lixo, mas a colocou no bolso de trás antes de correr para o andar de baixo.

Bati meu celular contra o lado da minha perna. Alguém atrás de mim roncava e provavelmente precisava procurar um médico para verificar isso. Também poderia haver um nevoeiro no ônibus, que estava

cheio do cheiro familiar de equipamentos de jogos, comida de microondas de uma loja de conveniência e refrigerante. A maioria dos caras usava fones de ouvido, tocava em seus celulares ou tentava dormir. Vencemos outro, mais um passo para o campeonato. Apenas mais um jogo pela frente, mas a vitória ficou em segundo plano.

Olhei para o corredor na rodovia fora da rampa. Nós estaremos de volta no campus em breve. Seph não respondeu a nenhuma das minhas mensagens. Minha perna saltava para cima e para baixo. Ela nunca foi um fantasma nas mensagens. Era sempre uma resposta rápida, logo que apareceu *Lido* abaixo da mensagem, mas nenhum dos meus textos foi lido desde que eu tinha saído na quinta-feira.

Dois dias de agonia, tentando descobrir por que ela não respondeu. Não era como eu pudesse chamar sua colega de quarto. A festa de aniversário foi demais? Ela estava chateada que eu estava viajando muito? O final da temporada sempre era um pouco mais intenso com os treinos, viajar, e jogos. Eu ia fazer as pazes com ela.

Eu fiquei tentado a ligar para Marisa e pedir que ela investigasse Seph, mas parecia um pouco furtivo. Não era como se sua colega de quarto a deixasse morrer no meio do chão... *deixaria?*

— Matthews, não se esqueça que os batedores estão vindo treinar amanhã. — O treinador se inclinou sobre o assento na minha frente no ônibus, apoiando as mãos no encosto do banco.

LJ ficou tenso ao meu lado, apertando a mão ao redor de seu celular. O brilho da tela iluminou seu rosto.

O olhar de treinador disparou para ele e sua tela. Os vincos em sua testa se aprofundaram. — LJ. — Seu nome pode muito bem ter sido uma equipe rival da forma como o treinador disse. — Eles estarão lá às dez. Certifique-se de que você não esteja atrasado. — Ele puxou a aba do chapéu e voltou ao seu lugar.

— Há alguma chance de que ele seja atropelado por um ônibus no próximo ano? Se não, eu estou ferrado quando se trata de ser observado. Eu subo no banco mais do que no ônibus.

— Você disse a Marisa sobre ele descontar tudo o que está acontecendo entre eles em você?

Ele olhou para mim como se eu tivesse enlouquecido. — Ela tem o suficiente para lidar. O que eu devo falar? Sim, Risa, eu sei que ele

abandonou você e sua mãe quando você era pequena, mas que tal você se dar bem com ele por causa da minha carreira?

— Parece razoável.

Ele olhou para mim como se eu tivesse sugerido que ele se incendiasse e corresse ao redor do campo para chamar a atenção dos olheiros.

— Você não sabe como é para ela.

— Ela sabe como é para você? — Eu levantei meu queixo em direção ao nosso treinador, que estava agachado algumas linhas para cima, conversando com outro dois idosos. — Você tem um ano restante. É hora de fazer ou quebrar. Se você não está no campo e você não está sendo visto por olheiros, nada disso importa, a menos que você não queira ir para o profissional.

— Claro que sim, mas ela é minha melhor amiga.

— E um melhor amigo não quer o que é melhor para você?

Ele se recostou no banco e olhou para o celular. Sem outra palavra, ele arrastou seus fones de ouvido sobre sua cabeça e olhou pela janela.

Era o que acontecia quando você colocava as pessoas à frente de sua carreira. Essas foram os tipos de escolhas difíceis que eu fiz o meu melhor para evitar, até Seph. Eu passei meus dedos pelo cabelo. Eu nunca a esperava. Por que ela não respondeu? Aconteceu alguma coisa com ela? Nós nunca ficamos tanto tempo sem nos falar.

Dez minutos até chegarmos ao campus. Eu nem estava parando em casa primeiro. Eu entrei direto no meu carro e fui para seu apartamento. E se ela precisasse de mim e eu não estivesse lá por ela? Merda, eu já era um caso perdido e nem percebi. Eu a amava, e isso me assustou muito, mais do que eu pensava ser possível.

29

SEPH

— Nós sabemos que você pode ir a qualquer lugar que escolher, mas nós gostaríamos que você soubesse que a oferta para o programa de doutorado ainda está de pé. Há um monte de trabalho empolgante que estamos fazendo aqui, e achamos que você seria uma grande adição para a equipe.

O escritório com painéis de madeira no departamento de matemática não me fez sentir como eu estivesse andando em uma cova, como alguns fizeram em Boston. Essa sala parecia cheia da história daqueles que vieram antes de mim, repleta das possibilidades de que eu poderia fazer no futuro. Talvez fosse porque era algumas centenas de quilômetros de distância do peso das expectativas e exigências rígidas que eu vivia lá em cima.

— Eu agradeço por suas amáveis palavras, e terei uma decisão no início do novo semestre. Isso seria tarde demais? — Quando eu chegasse em casa para as férias de Natal, eu diria a pai, de maneira incerta: ou ele fazia as coisas do meu jeito em Boston, ou eu ia ficar na Filadélfia.

Reece foi para outro jogo fora. O último antes do final do campeonato. Era uma pena que ele estava fora, mas eu acompanhei a pontuação online.

Virando a esquina, eu bati em alguém. Terra para Seph, preste atenção. Nós dois estávamos esparramados no chão. Levantando minha cabeça, eu me encolhi. Graham.

Ele se levantou do chão e ofereceu sua mão.

Eu hesitei.

— Não se preocupe. Eu não vou morder. Você não é a primeira garota a me jogar fora e não será a última.

O encolhimento se intensifica. — Me desculpe por não ter retornado suas mensagens. — Deus, eu era uma idiota.

— Você estava... ocupada. — Sua voz é leve e nem um pouco cortante, como eu me preparei.

Assentindo, eu cruzei meus braços sobre o peito antes de passar para o quadril, em seguida, os deixei de lado. O que são as mãos, de qualquer maneira, e por que é tão difícil descobrir o que fazer com elas em situações embaraçosas.

— Eu não posso dizer que estou surpreso. Tenho certeza que você não está entediada vagando pelos museus com ele.

Meu queixo caiu e eu o fechei. — Eu não estava entediada.

— Você estava praticamente sonâmbula. — O canto de sua boca se elevou. — Eu tenho aula, mas estou feliz que você tenha encontrado o que estava procurando. Você parece feliz.

Sorri largamente como uma idiota. — Eu estou.

Ele apertou meu ombro enquanto passava e uma pontada que eu nem tinha percebido que estava lá no meu peito foi liberada. Idiota.

Meus dedos coçaram para verificar a pontuação do jogo. Eu enterrei meu celular na minha bolsa para garantir que não atendessem acidentalmente uma ligação do meu pai. Eu precisava esclarecer como eu iria quebrar isso com ele e mamãe. Ela estava ansiosa para eu voltar para casa, mas eu não poderia viver sob o mesmo teto com ele novamente. Ninguém deveria precisar.

Ela deixou que ele fizesse todas as escolhas, deixou que ele controlasse completamente sua vida e ela não estava feliz. Como ela poderia ser? Era como se ela pensasse em estar com ele como a maneira do universo de puni-la. Que era assim a maneira de viver sua vida.

Neve rangia sob as botas na caminhada de volta para o meu apartamento. Quanto tempo eu poderia aguentar sozinha? Eu nunca vovi completamente sozinha, e quando o fiz, ele levou a coisas como o anúncio de sexo. Eu tinha encarregado Reece de me ajudar a navegar a vida universitária normal, e meu único guia desapareceria.

Tirando a neve branca das minhas botas, eu abri a porta do apartamento.

Alexa gritou e caiu do sofá, puxando sua camisa de volta sobre os seios.

Eu dei uma olhada dupla. Esse não era Dan fechando seus jeans como se eu fosse um pai irritado voltando para casa para encontrar sua filha transando na sala de estar.

— Você poderia bater. — Ela zombou.

— Este apartamento também não é meu? Eu tenho certeza que pago metade do aluguel. — E talvez se você estiver traindo seu namorado, você pode querer ser um pouco mais discreta sobre isso. Eu balancei a cabeça, peguei uma caixa de comida chinesa da geladeira, e entrei no meu quarto. Depois de enfiar uma garfada na minha boca, vesti meu pijama. Faz um tempo desde que eu tinha ficado na minha própria cama. O padrão era dormir no Brothel. Essa não era uma frase que eu pensava que eu ia dizer, mas aquele lugar me fazia sentir muito mais em casa do que este apartamento. Olhei em volta para as paredes nuas e sensação estéril.

O que Reece estava tramando na estrada? Provavelmente desfrutando de fãs e adoradores gritando seu nome. Eu caí na minha cama, meu estômago enjoado. Ele amava a vida no centro das atenções. Ele prosperou com isso. Mesmo se eu quisesse que fôssemos algo mais depois do final do ano letivo, como eu poderia competir?

Eu me dobrei, segurando minha barriga. Meu estômago estava em um torno e não parava. A única coisa pior do que morrer naquele momento seria sobreviver. Eu achava que a comida era um pouco mais velha do que eu pensava. Deitada na minha cama, eu apertei meu estômago e rezei para que acabasse logo, seja minha doença ou minha vida. Meu estômago apertou novamente. Eu queria gritar para o céu, *não tenho mais nada para dar*, mas não consegui, minha cabeça enterrada demais na lata de lixo.

— Você está bem? — Dan abriu a minha porta.

— Ela está bem. Vamos lá. Seu vomitar está me dando nos nervos.

Sempre o tipo maternal de carinho. Eu nunca quis vomitar em alguém na minha vida inteira. Se eu pudesse ter me arrastado pelo chão até ela, eu teria.

— Ela não parece tão bem. — A preocupação em sua voz me fez sentir ainda pior. Como uma pessoa amável como ele terminou com ela? Minhas reflexões mentais sobre como as pessoas acabam em

relacionamentos com pessoas de merda foram interrompidas por outra rodada de vômito. Enfiei minha cabeça no lixo. Neste ponto, eu estava seriamente preocupada de não sobreviver ao longo do dia.

Sentando na minha mesa de cabeceira, peguei a garrafa de água e esguichei um pouco em minha boca. A porta se fechou e eu abaixei minha cabeça, descansando minha bochecha contra a colcha fria.

— Você só vomita quando estou em seu apartamento?

Eu pulei, quase caindo da minha cama. Reece atravessou a sala e me agarrou, me ajudando a voltar para a cama.

Eu gemi. — Por que você está aqui? — Eu o empurrei e rolei pelo meu colchão.

— O ônibus da equipe acabou de voltar ao campus. Você não atendeu o celular, e eu estava preocupado. — A cama afundou e ele descansou a mão na minha testa. — Você está queimando. — O colchão mudou de novo. Seus passos desapareceram e o som de água corrente encheu o quarto.

Ele voltou e colocou uma toalha fria na minha testa.

— Há quanto tempo você está assim? — Ele passou outro pano sobre meu pescoço e ombros.

— Um ou dois dias. Eu não sei, eles estão meio que correndo juntos. — Eu fechei meus olhos e rolei de lado, descansando contra ele. Ele passou a mão pelo meu cabelo. Lentamente, os dedos desfizeram o que restava das minhas tranças.

— Por que você não me contou?

— Enquanto você estava dois estados de distância? Não havia nada que você pudesse fazer. — Eu abri um olho e dei a ele o melhor sorriso que pude reunir, em algum lugar entre uma careta e um estremecimento.

Ele olhou para mim e tirou o cabelo suado do meu rosto, movendo o pano frio para um local diferente. — Não se preocupe, Wild Child. — Ele deu um beijo na minha testa. — Durma agora. Estou aqui.

A dor no meu estômago diminuiu e meus olhos se fecharam. Reece estava aqui, e tudo ficaria bem.

Abri meus olhos lentamente. Meus músculos doíam como se eu estivesse correndo a noite toda. Eu levantei os cobertores e olhei para o meu corpo. Pijamas limpos substituíram os pijamas encharcados de suor. Reece se mexeu debaixo de mim, seus braços se apertando ao meu redor. Ele esfregou a mão no nariz e virou a cabeça no travesseiro. Ele ainda estava aqui. Sentando, me preparei para a tontura e a dor no estômago. Nenhuma veio.

Havia uma tigela vazia com uma colher na mesa de cabeceira. Flashes de Reece me alimentando com sopa de macarrão com frango e chá quente voltaram para mim. Em um momento, eu lhe disse para ir, mas ele respondeu: — Eu vou ficar até que você esteja melhor. Supere isso. — E esse tinha sido o fim dessa conversa. Eu coloquei minhas mãos sobre o meu rosto. Tanto vômito.

Olhando por cima do meu ombro, eu senti uma vibração no meu estômago, mas desta vez não era o ataque implacável de intoxicação alimentar. Sua mandíbula estava coberta de pelos, e eu resisti à vontade de passar meus dedos pelo cabelo desgrenhado. Ele tinha que se barbear depois de cuidar de mim por... quanto tempo tinha passado?

Um celular tocou. Eu procurei ao redor do quarto. Eu não tinha ideia de onde meu celular estava. A luz brilhante da tela era um farol, mas era o celular de Reece. A luz desligou antes que eu pudesse ver quem tinha chamado. Mordi meu lábio. Acordá-lo e deixá-lo saber ou deixá-lo dormir?

Avistando meu próprio celular, eu me arrastei e agarrei-o da beira da cama, liguei e carreguei completamente. Cerca de quarenta e oito horas desde que eu fui atingida pela praga.

Havia mensagens e chamadas perdidas do meu pai, minha mãe e tia Sophie, juntamente com um convite de Marisa para sair para dançar com ela e sua companheira de quarto. Eu respondi a minha mãe, a tia Sophie, e Marisa. O convite da minha primeira noite de garotas.

Eu: Estou de volta dos mortos e eu estou dentro.

Marisa: Incrível!

Mandei uma mensagem para minha tia e minha mãe, respondendo à pergunta do meu pai pela última vez. Quanto mais tempo eu colocar

entre nossa pequena conversa, melhor. O celular de Reece tocou novamente.

Braços fortes me envolveram por trás e ele enterrou a cabeça no meu ombro. — Você está acordada.

Inclinando-me contra ele, eu absorvia seu calor. — Como você está?

— Aliviado. Você me assustou. — Ele me virou em seus braços. Seus olhos procuraram meu rosto enquanto seus dedos afastaram os cabelos do meu rosto.

— Desculpa.

— Se você não tivesse começado melhor esta manhã, eu estava levando você para o hospital. Tem certeza de que está se sentindo bem?

— Melhor do que bem. Eu sinto que eu dormi por um mês. Meus músculos estão doloridos, mas fora isso, eu me sinto de volta ao normal.

O celular de Reece vibrou sobre a mesa ao lado da minha cama.

— Essa é a terceira chamada que você recebeu desde que acordei. Você pode querer verificar.

Ele gemeu e me soltou, inclinando-se para trás para pegar seu celular na mesa. Desbloqueando, ele passou o dedo na tela. Seus olhos se arregalaram e ele se levantou da cama. — Merda! Que porra há de errado comigo? — Agarrando seu jeans dobrado da minha cômoda, ele enfiou as pernas neles. — Sinto muito, Seph. Eu esqueci completamente sobre o treino de escoteiros esta manhã.

Meu estômago caiu. — Que horas que começa? — Eu verifiquei a hora. Eram nove e quarenta e sete.

— Dez. — Ele enfiou os pés nos tênis.

— Des... — O pedido de desculpas morreu na garganta quando seus olhos se estreitaram.

— Não diga isso. — Ele passou a mão na parte de trás do meu pescoço e me segurou. — Você precisou de mim. Isso era tudo o que importava, mas eu tenho que ir agora. — Seus lábios pousaram nos meus, famintos e doces ao mesmo tempo. Meu peito arfava e minha

cabeça girava. — Eu vou voltar logo que acabar. Eu a... — Seus olhos se arregalaram e ele congelou. — Estou feliz que você esteja se sentindo melhor.

— Que tal se eu o encontrar no Brothel? Eu preciso sair deste lugar depois de ficar presa dentro de casa esses dias.

— Ok, me envie uma mensagem quando você chegar lá. — Ele abriu a porta do quarto. — A chave está dentro da luz ao lado da porta da frente. — Seu olhar passou por cima de mim e ele correu de volta, beijando-me na testa antes de desaparecer como que se ele não fizesse isso rápido, ele não seria capaz de ir.

Esticando meus músculos doloridos, eu saí do meu quarto para o corredor. A porta de Alexa abriu e ela olhou para mim. — Oh, você está viva. Eu tive que ficar com Dan porque você quase me fez vomitar.

— Desculpe o transtorno, — Eu resmunguei sob a minha respiração. Ela seguiu atrás de mim enquanto eu caminhava para o banheiro, ainda gritando sobre algo.

Virando quando eu entrei, fechei a porta em sua cara com os olhos arregalados com um sorriso na minha. A adrenalina subiu por minhas veias. Droga, isso foi bom. Entrando no chuveiro, eu descansei minha cabeça contra os azulejos frios. Eu não teria pensado que Reece seria o tipo de cara para segurar o cabelo de uma menina, mas eu o tinha subestimado desde o início. Ele era muito mais do que a maioria das pessoas achava que ele era. Ele era um protetor, leal a seus amigos, aceitando-me com todas as minhas falhas e capacidade de causar problemas a mim e a ele, e falou com meu corpo, acendendo um fogo que eu ainda não havia descoberto. Era de se admirar que eu tivesse perdidamente apaixonada por ele?

30

REECE

Suas pernas saltaram na cama, os dedos dos pés dançando com alegria enquanto ela pegava o último sorvete de chocolate no fundo da tigela.

Agarrei-a e levantei sua camisa, soprando em seu estômago. Ela gritou me empurrou, derramando um pouco de seu sorvete no meu ombro.

— Pare com isso, você está fazendo uma bagunça. — Eu flexionei meus dedos ao longo de seu estômago.

Ela se contorceu e tentou empurrar minhas mãos. — Você vai fazer eu fazer xixi – pare de me fazer cócegas!

Eu soprei em seu estômago novamente e ela soltou uma risada sem fôlego. Seus olhos brilhavam com um amor que eu nunca tinha experimentado antes, do tipo que eu fugia para longe, mas com ela eu queria tudo. Eu queria ainda mais, e isso me assustou e ainda me assusta muito.

Descansando meu queixo em seu estômago, eu olhava para ela. Ela equilibrou sua tigela de sorvete derretido em sua mão. O chocolate cobriu os dedos e estava espalhado por toda sua camisa.

— Provavelmente devemos tirar isso para que não manche. — Eu juntei sua camisa na minha mão, levantando-a mais e expondo mais de sua pele.

— Esse era o seu plano o tempo todo? Tirar minhas roupas de novo? — Ela colocou a tigela na mesa de cabeceira e deslizou um de seus dedos em sua boca, lambendo o sorvete.

Levantando minha cabeça, eu assenti. Por que mentir? — Eu manteria você fora de suas roupas até o fim dos tempos, se pudesse.

— Você continua me alimentando assim e é apenas uma questão de tempo antes de eu não ter nenhuma roupa e as pessoas começarem a perguntar quando o bebê vai nascer. — Ela riu e rolou.

Um balde de água gelada percorreu minha espinha. Minha boca ficou seca e meu coração tentou sair com força bruta para fora do meu peito. Flashes do final do ano passado me bombardeado: as acusações, os olhares presunçosos de tantas pessoas como estivessem esperando que eu estragasse, os sussurros inevitáveis, mesmo depois de ter sido justificada.

Nem uma única palavra quando meu nome foi limpo. Nem um único pedido de desculpas quando descobriram que Celeste era uma cadela garimpeira. Eu não podia passar por isso novamente. Minhas mãos ficaram dormentes e era difícil me concentrar. As luzes se apagaram, piscando dentro e fora enquanto o sangue subiu à minha cabeça.

— O que?

Eu levantei, minhas costas batendo contra as cortinas da janela. Elas tremeram e sacudiram com um barulho estridente. Tudo ao meu redor era muito alto, como se tivesse sido a primeira vez que a acusação foi lançada contra mim, microfones entraram no meu rosto com as pessoas questionando o que eu planejava fazer e se eu iria cuidar das minhas responsabilidades.

— Foi uma piada. — Seus olhos se arregalaram e ela se sentou, limpando as mãos na calça do pijama. — Tenho certeza que minhas roupas ainda cabem. Vou ficar com estes - eles têm algum espaço. — Ela puxou a cintura de suas calças, sorrindo para mim.

— Eu preciso ir. — Eu empurrei minhas pernas no meu jeans, tentando não olhar para ela. Eu não podia ficar. Tudo o que eu podia ver era Celeste. Eu precisava sair de lá. Onde o inferno estão os meus tênis? Eu girei em um círculo em seu quarto, olhando para o chão. O lugar inteiro era um borrão.

— Ir aonde? Nós estávamos indo assistir a um filme.

— Eu tenho que ir. Esqueci que preciso estar em algum lugar. — Um traço de vermelho chamou minha atenção. Abaixei-me e peguei meus tênis de debaixo da sua cama, meus dedos dormentes soltando-os duas vezes antes de finalmente recuperá-los com sucesso.

— Eu posso ir com você. — Ela jogou as pernas para o lado da cama.

— Não. — A palavra saiu com muita força.

Ela pulou e congelou, na metade da cama. Eu não estava tentando assustá-la.

Eu balancei a cabeça e me sentei na beira de sua mesa, enfiando meus pés nos tênis.

— Reece, fale comigo. — Sua mão pousou no meu braço. Eu deixei cair meu ombro para que sua mão se soltasse e peguei minha camisa da cadeira. Estava ficando mais difícil respirar.

Nós sempre usamos proteção, mas e se Seph engravidasse? O que então? Não foi isso que me assustou; não era isso que estava me fazendo correr. Era que *não* me assustou. Eu tinha vinte e dois e era muito jovem para ter filhos. Eu seria convocado e ficaria longe dela e do nosso filho. Meus lábios se apertaram a uma linha sombria.

Pare de falar sobre seus filhos hipotéticos.

Pare de pensar sobre o quanto seria péssimo ficar longe dela e deles quando você estiver na estrada.

Pare de pensar isso é mais do que nós dois concordamos que seria.

Meu pai estava fodido, e seu pai era além de fodido – como eu saberia como ser um pai? O mesmo pânico de escurecer a sala e difícil de respirar bateu no meu peito. Antes, com Celeste, eu sabia que era besteira, mas com Seph, era diferente. E se ela engravidasse? Eu quase caí de joelhos. Não tínhamos ideia do que era necessário para ser pais. O pai psicopata de Seph teve medo de cometer um único erro. Meu pai me fez sentir invisível. Eu precisava sair de lá.

— Isso tudo é demais. Nós estabelecemos regras básicas no início. Você está indo embora no final do semestre. Estou indo para o profissional. — Minha cabeça latejava enquanto o sangue corria por minhas veias e tornava difícil me concentrar. Eu abotoei minha calça e agarrei meu casaco na parte de trás de sua porta. — Agora não é o momento para me distrair.

Um suspiro percorreu seus lábios entreabertos e ela recuou. — Você... você está terminando comigo? — Sua voz falhou.

— Eu só acho que nós dois ficamos tão envolvidos em tudo, na sua lista e nos divertindo que não estamos pensando de forma clara e racional.

— Você soa como eu. — Sua risada não tinha nenhum humor e não poderia cobrir o aperto em sua voz.

— Eu tenho o jogo do campeonato e então é o profissional. Eu sonhei com isso a vida toda - jogar em uma equipe profissional, ganhar um campeonato e ser desviado só vai estragar tudo. Eu não vou deixar nada ficar no caminho dos meus planos.

— Inclusive eu. — Ela estava no centro do quarto, com os braços em volta da cintura.

Eu queria recuperar tudo o que eu disse com a dor aguda em seus olhos. Cada fibra do meu ser gritava que eu deveria envolvê-la em meus braços e dizer que estava arrependido, a mesma voz me dizendo isso era um erro e que eu era um idiota. O que isso importava? Os estádios, os fãs, o profissional. Isso foi o que havia impedido meu pai de morrer. Eu não ia viver uma vida de arrependimento. Eu não poderia fazer isso comigo mesmo, e eu não podia fazer isso com ela. Isso foi o melhor. Isso foi o que nós dois decidimos no início.

Seus lábios se apertaram em uma fina linha branca, toda a cor saindo deles. Aqueles lábios rosados e macios que eu passei meu polegar tantas vezes, os mesmos que eu provei como se fossem a minha última refeição na terra.

Ela piscou, olhando para mim como se estivesse me vendo com novos olhos, talvez pela primeira vez.

Eu apertei minhas mãos em punhos ao meu lado para não alcançá-la.

— Certo. — Ela balançou a cabeça como se ela pudesse tirar os pensamentos de sua mente, os pensamentos tolos sobre mim e ela. Estendendo a mão por trás do pescoço, ela puxou a corrente de prata pendurada sobre suas clavículas, as mesmas que eu tinha nos meus lábios minutos atrás. — Você deveria ter isso de volta.

— Seph, não. Eu dei isso a você. — Eu dei um passo para frente, pegando sua mão.

Ela recuou, fugindo do meu alcance. Eu engoli o caroço na minha garganta. Ela abriu o fecho e deixou cair a corrente e o pingente na mão dela.

— Mantenha-o. — Eu disse suavemente.

Olhando nos meus olhos, suas lágrimas pegaram seus cílios como chuva. — Por que eu iria querer mantê-lo quando não é verdade? — Sua voz falhou.

— É claro que é verdade. — *Foda-se*. Isto não era sobre ela. Se fosse, eu nunca teria deixado sua cama, mas eu não quero acordar em dez anos ressentindo porque eu me segurei para estar com ela. Será que o pai já se sentiu assim? Não, mas como ele poderia não sentir isso? Como você poderia desistir de algo que trabalhou durante toda a sua vida só para estar com alguém?

Ela empurrou o metal ainda quente na minha mão. — Você pode ir agora. — Sua garganta subiu e desceu, apertando como ela estivesse segurando em um grito.

Tudo o que eu pensei que era, tudo o que me convenci de que não, havia evaporado. — Seph... — Estendi a mão para ela. Ela passou por mim, indo até porta e abrindo.

— Por favor, vai. — Sua voz tremeu e eu apertei meus olhos, abaixando minha cabeça.

Virando-me para ela, eu fechei a distância entre nós. — Eu não quis que isso acontecesse.

— E eu estava apenas procurando uma primeira transa, lembra? — Ela empurrou a porta, batendo-a no meu ombro até que estava completamente trancada. A trava clicou enquanto ela a fechava completamente.

Sua companheira de quarto estava na cozinha. O tilintar de sua colher de encontro ao lado de sua caneca passou cada segundo, um olhar presunçoso em seu rosto enquanto o peso do que eu tinha acabado de fazer afundou meus ombros. Era mais pesado do que qualquer broca, qualquer equipamento, qualquer perda.

Eu soltei uma maldição. Era exatamente por isso que eu precisava acabar com tudo, por que eu não podia me desviar. Eu bati meu punho em sua porta e sai correndo do apartamento. Eu ia para o profissional. Ela estava indo para Harvard. Era simples assim. Quem sabia onde diabos eu ia acabar? O profissional pode me mandar para Seattle ou Miami.

Dentro do meu carro com as mãos em volta do volante, o metal frio pressionado contra minhas palmas. Eu precisava me concentrar,

receber o pagamento e viver a vida que meu pai deveria ter vivido. Então, por que eu me sinto como se eu estivesse à deriva? Como se eu estivesse caindo em um abismo que nunca seria capaz de sair? Eu descansei minha cabeça no volante e tentei lembrar o que era respirar, o que era viver uma vida sem Seph.

31

REECE

Eu arrastei uma cadeira para o canto da garagem e olhei pela porta aberta para a neve à deriva ao chão. Dois dias até o jogo do campeonato. Dois dias até o que eu tinha pensado que era o momento mais importante da minha vida, mas eu nem retornei as chamadas de nenhum dos agentes que me contataram. Fazia nove dias desde a última vez que falei com Seph. Eu escapei da vigilância que parecia uma prisão que o treinador tinha todos nós e estava na casa dos meus pais. O rosto da minha mãe ficou esmaecido no segundo que ela entrou na garagem e me viu.

— Está tudo bem? Está todo mundo bem? — Ela pulou para fora do carro e agachou-se, descansando a mão no meu rosto.

Meus lábios se apertaram.

— O que está acontecendo com você?

— Nada.

— Você não pode me dizer nada quando anda por aqui desde ontem como se alguém tivesse matado o seu cachorro e nós nunca tivemos um cachorro.

— Deixe-me ajudá-la com as compras. — Coloquei em meus braços sacolas e as levei para a cozinha. Mamãe sussurrou com o papai na sala de estar antes de deixar cair a mão em seu braço e desaparecer no andar de cima.

— Reece, eu posso falar com você por um minuto?

Depois de colocar todas as sacolas no balcão e mesa, entrei na sala de estar. Papai passou a mão para cima e para baixo no braço. — Sua mãe disse que você estava na garagem olhando para o nada. Está tudo bem? — O canto de sua boca se elevou. — É sobre o futebol?

— Não, mas é claro que você quer algo esteja errado. Você adoraria que eu estragasse isso, não é? — Eu pulei do meu lugar no sofá e virei para ele. — Você não pode suportar que eu estou indo para o profissional. Vou ficar o máximo que eu puder, não vou deixar que

ninguém atrapalhe isso – deixando que alguém me distraia de ser o receptor do jogo não está acontecendo.

— Isto é o que você pensa? Que eu quero que você estrague tudo?

— Por que mais você não compareceu a nenhum dos meus jogos? Você nem queria que eu jogasse em primeiro lugar. Se eu não tivesse falsificado seu nome em boletos de permissão, você teria me deixado jogar?

— Absolutamente não. — Sua voz era dura, e havia uma vantagem para o brilho em seus olhos.

Eu joguei minhas mãos para cima. — Exatamente. Você saiu porque você não conseguiu invadir. Você sentiu falta da mamãe e desistiu da glória para quê? Para ser um empurrador de lápis no escritório do vovô? Eu não estou fazendo isso. Eu não vou viver a minha vida lamentando e impedindo meus filhos de viverem a vida que eles merecem.

Ele baixou a cabeça. Passando a mão ao longo de seu pescoço, e apertou. A luz da lâmpada refletia em seu anel de casamento. — É isso que você acha?

— É o que eu sei.

Sua cabeça se levantou como se tivesse um peso de cem kilos ao redor de seu pescoço. De pé, ele se aproximou e parou na minha frente.

— Eu não parei de jogar por causa de sua mãe. — Papai apertou a mão sobre o meu ombro. — Não só por causa dela, eu nunca quis impedi-lo de viver o seu sonho, mas eu não quero que você cometa os mesmos erros que eu.

— Você não precisa se preocupar com isso. Tenho a certeza que não. — A tristeza nos olhos de Seph quando ela me devolveu o colar que eu tinha dado a ela brilhou em minha mente.

— E pelo olhar em seus olhos e pela maneira que você está deprimido por aqui, você pode ter perdido a melhor coisa que já aconteceu com você. — Ele me deu um daqueles olhares irritantemente sábio que meu pai tem.

Um surto de raiva se libertou. — Como se você não desejasse não ter saído e jogado mais uma temporada.

— Eu não aguentava mais um golpe, Reece. — Seu tom foi envolvido em tristeza.

— Ninguém gosta de ser atingido.

— Não estava sendo retirado apenas por um defensor. Talvez eu não tenha sido tão rápido quanto você, mas os golpes aconteciam com frequência e, quando minha campainha tocava, ela tocava. Na última temporada que joguei eu tive três concussões. Não foi até a última que eu descobri o preço alto.

— Mas você está bem. — Ele não estava? Ele era saudável como um cavalo, correndo oito quilômetros na maioria das manhãs antes de ir para o escritório.

— Estou bem agora, mas... — Ele balançou a cabeça e segurou o punho à boca.

O medo arrepiou a parte de trás do meu pescoço.

— Eu não estava rápido o suficiente, e eu não era inteligente o suficiente para sair, enquanto eu estava à frente.

— Pai, você está me assustando. — Eu procurei em seu rosto por respostas.

— Eu quase perdi todos vocês. Na última temporada comecei a perder memória. Os médicos disseram que era temporário, que tudo iria se endireitar e, talvez, se eu não tivesse sido atingido, teria, mas eu fui.

Ele olhou para mim com lágrimas em seus olhos. Ele segurou no meu ombro e apertou.

— Perdi seus primeiros três anos, tudo, desde que sua mãe me disse que estava grávida, — ele estalou seu dedo — Se foi. Eu não lembro de descansar minha cabeça em seu estômago como eu fiz com Ethan ou segurar a mão dela na sala de parto... a primeira vez que eu segurei você em meus braços... você esmagou seu rosto no cupcake sem açúcar que ela fez em seu primeiro aniversário.

Uma lágrima escorreu pelo seu rosto.

— Todas as suas estreias foram apagadas. Os treinadores queriam que eu continuasse. Os médicos estavam dispostos a aceitar que eu voltasse a jogar, mas eu não podia correr o risco. Fiquei tão envergonhado que até pensei nisso, mas fiquei me perguntando o que

mais eu iria perder. Eu não queria perder mais de você, sua mãe, ou Ethan, então eu parei. Saí do escritório do treinador e fui embora. Eu não olhei para trás, e eu nunca me arrependi dessa decisão por um segundo.

— Quando você quis jogar foi difícil para mim. Eu sabia que você ia ser uma estrela. Não havia dúvida em minha mente. Você amou o jogo e amou as multidões, mesmo quando você estava na escola, mas eu não sabia, se tivesse essa escolha, você faria aquela que não se arrependeria pelo resto de sua vida. Às vezes, memórias são tudo o que temos, e não há nenhuma quantidade de dinheiro no mundo que pode recuperá-las.

Meu pai olhou para mim com lágrimas nos olhos. Sua mão se fechou no meu ombro. Suas narinas dilataram. Muitas das coisas que meu pai tinha dito finalmente se encaixaram.

— Os álbuns de fotos? — Olhei em seus olhos lacrimejantes. Ele nunca olhou para os meus álbuns de fotos da infância. Ethan e Rebecca, ele aparecia de vez em quando e olhava, mas o meu acumulava poeira na estante.

Ele empurrou de volta. — Você percebeu isso?

O peso pressionando contra meu peito se intensificou.

— Depois das primeiras vezes que eu os olhei, não havia nada, nem mesmo o menor tremor. A culpa era demais. Olhando para eles me lembrou do que eu tinha feito. Minha estupidez me roubou aquele tempo com você. De vez em quando eu verificava o de Ethan e Rebecca como um teste para mim, para ter certeza de que não tinha progredido e se tornado ainda pior. Para você, eu estava determinado a construir novas memórias que eu adoraria.

— Você me fez pensar que você não acreditava em mim. — Eu pulei, batendo a mão no meu ombro. — Por anos, eu queria que você apenas me observasse jogar, e se você recusou. — As ondas esmagadoras de tristeza que me dominaram agora deixaram um raio de sol romper a tempestade.

— Eu não pude assistir, mesmo por você. Eu amo você e saber que você pode passar pelo que eu passei... Eu tentei salvá-lo disso.

— Por não me contou? Mentiu para mim? Você poderia ter me dito. — Lágrimas queimaram a parte de trás dos meus olhos. Todo esse tempo, eu achava que ele não acreditava em mim ou ele estivesse com

ciúmes do que eu podia fazer. — Eu só queria você estivesse lá para me apoiar e ser o meu pai.

Ele se levantou e passou os braços em volta de mim, segurando meus ombros. Eu enterrei minha cabeça em seu ombro, e a onda de emoções saiu.

— Eu sei, meu filho. Eu sinto muito. Eu errei, mas eu sempre tive orgulho de você. — Ele me sacudiu com suas palavras. — Eu nunca estive mais orgulhoso, e eu sinto muito que eu fiz você se sentir assim. Eu vou fazer melhor. — Ele me segurou firme, me dando tapinhas nas costas.

Com um suspiro, eu o soltei. Minha cabeça latejava e eu usei a minha camisa para secar meu rosto.

Meu pai colocou a mão no meu ombro. Ele apertou, olhando para mim com os olhos vermelhos. — Que tal eu te dar uma fatia de torta de chocolate? — Os cantos de sua boca se elevaram.

— Você acha que pode melhorar tudo com uma fatia de torta?

Ele encolheu os ombros. — Que tal duas?

Eu balancei a cabeça para ele. — Feito. — Tudo o que eu conhecia no mundo foi virado de cabeça para baixo e eu não sabia como fazer nada certo, mas eu começaria com a torta. Suas memórias de mim e da família foram a coisa mais importante. Ele desistiu da fama e da glória para manter as que ele tinha e fazer novas. Se alguém tivesse me contado que todas as memórias que tinha de Seph seriam apagadas amanhã e eu não fosse mais sábio, eu nem teria brincado com a ideia.

Eu estava tentando lutar contra o que ela significa para mim, e só agora que eu a perdi a verdade veio à tona. Eu descobriria sobre torta de chocolate. Eu não podia deixar as coisas como estavam. Eu não podia deixá-la acreditar que eu não me importava, não podia deixá-la acreditar que eu não a amava.

Meu olhar correu sobre a multidão e parou no casaco vermelho em um mar de marinho. Seu cabelo estava preso no chapéu de malha vermelha, soprando no vento. Meu coração doía como se estivesse preso em um torno.

Corpos bateram em mim, desta vez em comemoração. O Gatorade despejado sobre a minha cabeça me cegou por um segundo. Limpando a bebida açucarada dos meus olhos, eu peguei o vermelho desaparecendo pelos degraus do estádio e pelo túnel enquanto todo mundo comemorava. Ela estava saindo.

— Treinador, eu tenho que ir. — Tirando minha camisa, eu a joguei no chão de concreto do túnel. Os gritos e rugidos de todos e alguns idiotas com uma buzina quase estourou meus tímpanos.

— O que, meu filho? — Ele se inclinou.

— Eu tenho que ir. — Eu puxei as minhas ombreiras e as deixei cair, movendo-me junto com a multidão à medida que nos empurravam em direção ao vestiário.

— Está maluco? Nós acabamos de ganhar! Todo mundo vai estar lá fora esperando para falar com você. Você me deu nos nervos nesta temporada com o seu exibicionismo, mas você se saiu bem, garoto. — Ele passou os braços em volta do meu pescoço e me puxou para perto.

— E agora eu tenho um lugar para estar.

— Onde poderia ser mais importante do que aqui? — Alguém o agarrou e levou embora.

— Nós fizemos isso! — LJ pulou em minhas costas, quase me derrubando. O treinador olhou para ele antes de sair.

Eu deixei a celebração me arrastar em direção ao vestiário. Correndo para dentro, eu fui para o meu armário. O lugar estava um caos. Metade da equipe estava lá dentro, perdendo suas mentes. Ombreiras, camisas, toalhas, equipamentos e todas as pessoas imagináveis estavam amontoadas no pequeno espaço cheio de pessoas muito grandes.

Meu nome foi chamado em todas as direções, mas eu estava determinado. Não há tempo para um chuveiro. Tirei minhas chuteiras e abri o meu armário. *Porra*. Meus sapatos desapareceram. Isso não importava. Abrindo o armário ao lado do meu, eu olhei para as monstruosidades cinzas.

Quando eu puxei minha camisa sobre a cabeça, ela agarrou-se ao suor no meu corpo. *Dane-se*. Agarrando meu jeans, eu pulei nele, mergulhei nos sapatos de Berk, e os puxei. Abotoando minha calça

jeans, eu segurei minhas chaves entre os dentes e abri caminho através da multidão.

Estourando para fora do vestiário, eu dei uma cotovelada nos repórteres, colegas de equipe, fãs e qualquer outra pessoa no meu caminho. Eu envolvi minhas mãos em torno de uma longa barra de metal que atravessa a porta de aço no final do corredor e a abri. Uma rajada de vento tão frio me atingiu no segundo que saí que meus dentes doeram. Meus pés escorregaram e deslizaram nos sapatos de merda de Berk.

Abrindo a porta do meu carro, eu liguei o motor e dei a marcha à ré. O tráfego na estrada conspirou contra mim no caminho para o apartamento dela.

32

SEPH

Saudei o entorpecimento, preferi a dor crua, serrilhada e não consigo pensar em detonar no peito. Reece se afastou - inferno, ele não andou, ele *fugiu* no segundo que eu falei ainda que de brincadeira algo perto de um futuro. Essa era a minha resposta, então por que eu estava neste táxi? Por que eu estava me submetendo a esta tortura?

— Eles querem que você comece o seu curso durante o verão, as formalidades para iniciar o programa de PhD. — A voz do meu pai ecoou no alto-falante do meu celular.

A parte de trás do táxi estava ainda mais fria que do lado de fora.

Inclinando a cabeça contra no encosto, olhei pela janela, o céu azul claro que se estende para sempre acima de mim. Como poderia o resto do mundo continuar como se nada tivesse acontecido? Eu estava acordando com o ar aprisionado em meus pulmões, agarrando os lençóis enquanto eu tentava respirar fundo.

Esta chamada me fez querer saltar do táxi, deixar meu celular para trás, desaparecer na cidade e me tornar outra pessoa, alguém que não sabia o que era sentir suas carícias e sussurros doces.

Foi muito mais difícil tentar me manter depois de fechar a porta para Reece. Foi como fechar a porta sobre a possibilidade de um futuro diferente de qualquer um que eu pudesse ter imaginado para mim.

Quando eu apareci no escritório de chamadas e dei a eles meu nome, achei que não haveria uma multa para mim e poderia me consolar com o fato de ter tentado cumprir minha promessa, mas a mulher havia pedido para ver minha identificação através do alto-falante. Enfiei-a no pequeno espaço e ela deslizou de volta para mim com um único bilhete.

Os fãs se aglomeraram ao redor da entrada do estádio e eu encontrei o caminho para o meu lugar, logo atrás do banco do Trojan, algumas fileiras ao fundo. A equipe saiu correndo para o campo e todos estavam de pé. Eu usei o corpo dele para me proteger, caso ele visse,

mas ele estava focado no jogo, dando tudo de si, como ele faz com tudo. Era a minha primeira vez assistindo ele em campo. Eu tinha seguido os jogos on-line com as estatísticas de texto, mas eu nunca me sentei para vê-lo jogar pessoalmente. Era agrídoce, muito do seu trabalho lá fora para todo mundo ver.

No último trimestre, eu torci junto com os fãs nas arquibancadas. Eu pulei para cima e para baixo como a energia cinética do edifício sem teto explodiu de alegria quando a bola saltou duas vezes nas mãos de Reece antes que ele a apertasse contra o peito. No próximo passe, Nix parecia pronto para jogar para ele novamente, mas em vez disso ele jogou para o número 52, Keyton em letras maiúsculas nas costas do jogador. Essa pegada foi limpa, sem um salto, e quando ele cruzou a linha na zona final, o lugar explodiu, o barulho era tão alto que eu fiquei tentada a tapar os ouvidos, com medo de sofrer perda auditiva real. A alegria era avassaladora. Eu nunca estive em um mar de pessoas tão focadas em um objetivo juntas.

Sentada no meu lugar, eu assisti Reece se amontoar perto de Keyton e fugir ao longo da fileira até chegar ao corredor. Ele jogou melhor do que qualquer um no campo. Eu não tinha ideia sobre as regras, mas ele tinha dado tudo ao jogo. Não era de admirar que ele escolhesse isso ao invés de mim.

Voltando para o meu apartamento em um táxi, eu pisquei as lágrimas. Por um segundo pensei que ele tivesse me visto, mas, em seguida, voltou a comemorar com o resto da equipe. Ele coloca bem colocado no campeonato e com um touchdown no jogo vencedor ao lado de seu nome.

O apartamento estava em silêncio. Caminhando para o meu quarto, vi as travas prateadas brilhante debaixo da minha cama. Peguei o estojo e abri. O mesmo estojo que eu não tocava há semanas.

Peguei meu violino agora que eu podia sentir os meus dedos novamente. Essa era uma das coisas que os estádios não tinham: ótimo aquecimento. Mesmo entre milhares de fãs gritando, o frio da noite cortou meu casaco e luvas, ou talvez fosse um frio que não veio dos elementos, mas sim que deixou de estar em seus braços.

Meu arco correu pelas cordas. Fechando os olhos, eu balançava junto com a melodia que eu tinha tocado mil vezes, ainda a sentindo profundamente em meus ossos. Esta história de amor perdido era real agora. Antes de terem sido posições dos dedos nas minhas cordas;

agora elas eram notas na minha alma. Mergulhei no ritmo e melodia, tentando me manter no controle. Eu estava me desgastando mais e mais a cada dia, mas estava me mostrando que podia suportar a pressão. Eu não estava indo para Boston no próximo ano. Eu ia ficar em Philly, mesmo que eu estivesse sozinha. Eu fiz uma vida para mim, e mesmo que estivesse desmoronando, eu poderia fazê-la novamente. Não seria a mesma.

Haveria sempre duas partes da minha vida: AR e DR. Depois de Reece seria um pouco menos brilhante, mas eu poderia fazê-la. Eu iria para Boston e diria a minha mãe exatamente o que eu planejava fazer. Talvez eu traria tia Sophie como reserva. Minha mãe não tem que viver sob a mão de ferro do meu pai também.

Ele não merecia outra palavra minha, nem um único pensamento, mas eu faria tudo o que pudesse para que a minha mãe visse o mesmo para ela. Nós duas devemos ser livre. A porta do meu quarto se abriu. Eu pulei, girando ao redor.

— Estou em casa agora. — Alexa estava na porta com a mão na maçaneta, fechando a porta.

Ergui o violino de volta para o meu ombro.

— Você não me ouviu? — Ela abriu a porta totalmente.

— Eu ouvi você, eu simplesmente não me importo. — Eu estava cansada de ceder aos valentões.

— Você poderia ser um pouco mais respeitosa. Nós moramos juntas.

Eu coloquei meu violino na cama e me virei.

Ela pareceu entender isso como eu cedendo e fechou a porta.

Eu a abri, e ela bateu na parede enquanto saía para o corredor.

— Você é uma pessoa vil que só pode se sentir melhor quando menospreza outras pessoas. Você não conversa com amigos assim. — A tensão vinha crescendo nos últimos quatro meses e não havia como parar isso agora.

Ela cruzou os braços sobre o peito e olhou para mim. — Pelo menos eu tenho amigos.

— Você? Parece que todos eles fugiram do país para ficar longe de você. Tudo que você faz é intimidar Dan e agir como uma cadela nuclear comigo. Tudo o que eu queria era ser sua amiga.

— Você veio aqui com esse violino e com a porra de suas roupas de bibliotecária, e eu vejo a forma como você olha para Dan.

Olhei para ela e finalmente percebendo. — Você está com ciúmes.

— De jeito nenhum.

— Uau, você está realmente com ciúmes de mim. Todo esse tempo eu pensei que talvez fosse apenas uma peculiaridade da sua personalidade, mas você está realmente com ciúmes de mim. — Era estúpido que isso não tivesse me ocorrido como uma possibilidade antes, mas quando estive por perto de garotas más antes? Viver com Alexa foi um curso intensivo para dinâmica hierárquica do sexo feminino. Suas narinas se alargaram.

A porta da frente se abriu e Dan entrou. Seu olhar saltou de mim para ela.

— Você vai deixá-la falar assim comigo, Dan? — Ela se virou, olhando para ele.

Dan recuou com uma caixa de pizza na mão. — Seph?

— Pare de chamá-la assim. O nome dela é Persephone.

— Meus amigos me chamam de Seph. — Eu me aproximei. Não havia como recuar dessa vez. O intervalo do semestre seria em alguns dias, e eu não deixaria que ela me atacasse mais e me tratasse como merda. Era ela ou eu, e com certeza não seria eu quem recuaria primeiro. Meu próximo semestre seria livre de bruxas.

— Ah, então vocês dois são amigos agora? — Ela olhou para mim. — Você está tentando roubá-lo de mim.

Eu joguei minhas mãos no ar. — Eu não quero Dan, sem ofensa.

Ele encolheu os ombros.

— Mas você também não, certo? — Seus fins de noite com amigos de pijama sem camisa, no meio da noite, não gritavam exatamente *eu estou em um relacionamento sério e comprometido*.

O rosto dela caiu e seu olhar correu de mim para Dan. — Você não sabe o que você está falando. — Ela disse entre dentes.

— O quê? — Ele deixou a pizza no balcão e deu um passo ao lado dela. — O que ela está falando?

— Ele merece saber. É o mínimo que você pode fazer para provar que você não é uma pessoa completamente horrível. — Era como cauterizar uma ferida. Isto o prejudicaria, e Dan parecia tão gentil. Eu não queria infligir isso a ele, mas ele tinha o direito de saber.

— Não é da sua conta. — Ela ferveu como uma cobra de olho em sua presa, mas eu não estava com medo dela.

— O que não é da sua conta? O que você fez, Alexa? — Sua voz se elevou e lágrimas brilhavam em seus olhos. Não queria que isso acontecesse, mas era melhor isso acontecer agora do que mais tarde, e a rapidez com que ele pulou de uma coisa que eu disse para acusa-la me deixou saber isso não foi do nada.

— Não é nada... apenas um erro que eu cometi. — Ela se virou e passou as mãos sobre o peito.

Dan deu um passo para atrás, olhando para ela como se a estivesse vendo pela primeira vez. — Um erro. Outro. — Seu pomo de Adão subia e descia. — Você prometeu que nunca mais aconteceria. — Sua voz falhou.

— Você tinha que enfiar o nariz no meu negócio. — Alexa virou para mim, cuspir seu veneno como se eu tivesse chamado aquele cara ao apartamento e a obrigado a fazer o que ela tinha feito com ele.

Dei de ombros. — Eu acho que sim, porque eu estou cansada, cansada de pessoas como você criticando pessoas boas, porque elas são muito legais e suportam seu comportamento de merda.

— Estivemos juntos desde a nona série. Não há nada que você pode fazer para nos separar. Você nunca vai encontrar alguém que possa lhe dar o que eu posso. — Ela agarrou o braço de Dan, tentando passar o dela pelo dele, mas ele se afastou, dando outro passo para trás.

— Você mentiu para mim novamente. — Lágrimas brotaram nos olhos dele. — Quem era?

— Não importa. — Ela balbuciou, como se uma voz doce pudesse apagar a dor de sua traição.

— Quem? — Sua voz falhou.

— Chad.

Eu agarrei o meu casaco. Eles precisavam descobrir isso por conta própria. Suas vozes ficaram mais altas e corri para o meu quarto para pegar minha bolsa. Foi horrível empurrá-los para este ponto, mas eu esperava que isso o ajudasse a poupar os anos de abuso emocional que ela tinha sobre ele. Talvez a levasse a ver o erro de seus caminhos, ver que tratar as pessoas como merda não era uma maneira válida de viver sua vida.

Saí do meu quarto e ele estava perto da porta da frente. Alexa alternando entre acalmá-lo e estalar com ele, contando as mentiras horríveis que a levaram tão longe.

Com a mão na maçaneta da porta, eu olhei para ele por cima do meu ombro. — Você merece o melhor, Dan. Você merece alguém que o ame e nunca faça você se sentir como se não fosse suficiente. Ela está lá fora para você.

Seu olhar se voltou para o meu. Alexa empurrou seu ombro, quase o derrubando. Eu tentei fazê-lo acreditar com os meus olhos. *Você consegue. Eu não posso fazer isso por você.*

Ele assentiu e abriu a porta. Alexa deu um pulo para trás, para que a porta não pegasse seu rosto em cheio na madeira, e Dan fez um sinal para eu passar primeiro. — Você está certa. — Ele saiu e fechou a porta atrás dele. Um forte estrondo nos seguiu na saída, mas eu não me importei. Se ela destruir o resto das minhas coisas no apartamento, pelo menos eu ajudei Dan ver a luz do dia, e se eu podia ajudá-lo, talvez eu pudesse ajudar a minha mãe também. Então, talvez em algum momento eu seja capaz de me ajudar. A distração da dor no meu coração tinha ajudado. Talvez fosse isso o que eu pudesse fazer para evitá-la, para evitar pensar Reece – continue avançando e ajudando outras pessoas, e então eu não precisaria parar e pensar em como eu ainda não tinha sido capaz de me ajudar.

33

REECE

Eu joguei meu carro no estacionamento perto do prédio dela depois de parar no primeiro lugar que vi. Meu carro estava pendurado no meio do caminho, mas eu pegaria um para-choque quebrado se isso significasse chegar até ela mais rápido. Meu coração batia contra as minhas costelas. Eu saí da maior coletiva de imprensa da minha vida até agora, e isso era apenas um pontinho no meu radar. Essa vitória sem ela lá para comemorar comigo era um poço vazio. Eu queria que ela corresse para o campo e me abraçasse, quis dar um beijo em seus lábios e olhar em seus olhos. Eu a queria.

As palavras de meu pai bateram no centro do meu peito. A carreira profissional vai até meu corpo começar a falhar, mas o seu amor... era para sempre, pelo menos teria sido se eu não tivesse estragado tudo

Ela saiu do edifício, mas ela não estava sozinha. Dan estava ao lado dela, parecendo que tinha caminhado por um campo minado. Ela o virou e descansou a mão em seu braço, em seguida, seu ombro. Ele assentiu com o que ela estava dizendo.

Eu não podia ouvir as palavras, mas esta não era uma conversa sobre o que eles gostaram na pizza. Esta era uma discussão íntima. De pé na ponta dos pés, ela colocou os braços ao redor de seu pescoço, e ele se agarrou a ela como ela se fosse uma tábua de salvação em uma tempestade. As mãos dele enrolaram o casaco nas costas.

Engolindo a bile na minha garganta, eu cerrei meus punhos nos bolsos e respirei fundo. Os meus tênis trituravam a fina camada de gelo no chão.

Seph o soltou e sorriu, a expressão gentil que ela tinha para qualquer um que importava. O gelo rachou sob os meus pés e eu desejei estar em um lago que pudesse me engolir. Eu prefiro sentir os punhais gelados da água gelada de inverno do que vê-la com outra pessoa.

Sua cabeça se virou e ela me viu. Eu sabia porque seu sorriso vacilou e depois caiu. O buraco no meu estômago cresceu.

Dan se virou para seguir o olhar dela e seus olhos se arregalaram. — Você não acabou de ganhar o campeonato? O que diabos você está fazendo aqui?

Eu levantei meu queixo, projetando-o para frente. — Estou aqui para falar com Seph.

O olhar de Dan saltou de mim para Seph e de volta para mim. — Eu vou deixar vocês dois conversar. Obrigado por tudo, Seph. — Ele enfiou as mãos nos bolsos e caminhou até seu carro, olhando por cima do ombro antes de entrar.

Ficamos parados na calçada congelante, olhando um para o outro. Os sopros de ar de seus lábios flutuaram sobre meu rosto quando me aproximei.

— Você foi ao meu jogo. — Eu tinha deixado um bilhete lá caso ela aparecesse.

— Eu prometi que iria. — Ela encolheu os ombros. A incerteza em seus olhos me matou.

— Há muitas maneiras que eu posso dizer que sinto muito, mas eu pensei em te mostrar. Você me deixa?

Ela mordeu o lábio inferior, como sempre fazia quando estava nervosa ou tentando decidir o melhor curso de ação. Não era um não, então eu ia levá-la.

— Não vai demorar muito. — Eu estendi minha mão. — A dez minutos de carro.

Ela olhou para minha mão e passou por mim. Meu coração despencou. Eu fechei os olhos e abaixei minha mão. Eu realmente fodi as coisas.

— Vamos ou não?

Eu me virei. Ela estava ao lado do passageiro do meu carro. Correndo para ela, eu derrapei no gelo. Ela abriu a porta antes que eu pudesse chegar até ela e entrou.

Apoiando as mãos no teto do meu carro, eu olhei para o céu. *Por favor, não me deixe foder isso.*

Dirigimos em silêncio. Eu tive que tomar algumas ruas laterais para evitar todas as celebrações pós-campeonato. As pessoas tomavam as principais ruas com bandeiras e banners pendurados em seus carros, aplaudindo e cantando.

Seph esticou o pescoço para verificar todos. — Você está perdendo toda a diversão.

— Eu estou exatamente onde eu quero estar. — Eu olhei para ela. Meus dedos coçaram para estender a mão e pegar a dela entrelaçar nossos dedos e levá-los até a minha boca. Eu queria beijar nossos dedos entrelaçados em uma promessa de eternidade.

Carros pontilhavam o lado dos visitantes no estacionamento do estádio. A maioria das pessoas da equipe perdedora sabia sair da esquiva. Saindo do carro, eu não pude deixar de observá-la. Suas bochechas brilhavam com um rubor de inverno. Fios de cabelos escaparam do chapéu vermelho de malha que ela sempre usava. Seu cabelo estava trançado por baixo? Eu descobriria mais tarde? Será que algum dia eu passaria meus dedos pelos cabelos dela novamente, enquanto ela estava deitada no meu peito, dormindo?

Ela olhou para mim com uma sobrancelha levantada. Isso me tirou do devaneio, querendo esticar esse momento caso fosse o último e superá-lo com ela ao meu lado.

Fui até uma das portas do estádio e bati. Ganhar um campeonato tem suas vantagens, principalmente os seguranças do campo que quebravam as regras para mim só desta vez para eu entrar. Os amplos corredores estavam estranhamente silenciosos. Foi como entrar em sua casa de infância depois que seus pais arrumaram tudo para uma mudança. Era exatamente como nas suas lembranças e ainda assim estranho. Não parecia o mesmo lugar que eu estive algumas horas atrás.

Seph acelerou, roçando meu braço. Eu diminuí a velocidade, navegando nas voltas e reviravoltas do lugar que eu passei meus últimos quatro anos, e isso me atingiu: esta seria uma das últimas vezes que eu estaria aqui.

— Para onde estamos indo? — Ela acelerou para ficar na minha frente.

— Aqui. — Eu a guiei para fora do túnel. Balançando para a esquerda, subimos alguns degraus e me sentei no segundo lugar na

primeira fila, bem na linha das cinquenta jardas. Bati o assento de plástico duro ao meu lado, segurando-o para ela se sentar.

Ela olhou para mim e depois para o campo antes de se sentar e olhar para a frente. — Porque estamos aqui?

Eu me inclinei para a frente, descansando os braços sobre as grades de aço que cobriam o perímetro da primeira linha.

— Eu jogo futebol desde que eu tinha dez anos. Era de bricadeira, mas mesmo assim havia pessoas sussurrando sobre o quão bom eu era. Eu tenho certeza que existem milhares de crianças em todo o país que recebem o mesmo tratamento, mas meu pai era um ex-jogador da NFL, então era diferente.

Apertei a barra. Logo haveria um anel de campeão no meu dedo, tinindo contra o metal frio.

— Mas meu pai nunca me viu jogar. Ele nem queria que eu jogasse. Durante muito tempo, eu pensei que era porque ele não acreditava em mim ou ele estava preocupado com o fato eu ser melhor que ele, com medo de superar suas realizações.

Nossa conversa repetiu na minha cabeça.

— E agora? — Ela se inclinou para frente, seu ombro roçando minhas costas.

— Agora eu sei que ele estava apenas tentando me proteger. Era a única maneira que ele poderia me deixar fazer o que ele viu que eu precisava fazer. Me parar seria como me pedir para parar de respirar, então ele fez o que precisava fazer para me deixar jogar.

Ela sentou ao meu lado em silêncio. O barulho distante de pessoas limpando o estádio saltou pelo campo.

Eu respirei fundo, trêmulo. Virando completamente no meu lugar, eu peguei a mão dela na minha. — E eu desistiria de tudo por você.

Pegando sua mão da minha, ela pulou. Seus pés bateram contra o concreto duro e meu coração despencou. Ela olhou para mim como se eu tivesse dito a ela que eu estava indo para a lua. — Você está maluco, porra?

Minha cabeça virou para trás. — É verdade.

— Se isso for verdade, então você provavelmente precisará fazer uma tomografia computadorizada. — Ela arrancou seu chapéu da cabeça. Seu cabelo ficou preso quando a aderência estática o sobrecarregou. — Por que você diria algo assim? É isso que você acha que eu quero de você? Eu vi você lá esta noite. Você é indescritível. Como você pode sequer pensar por um segundo jogar fora todo esse talento? Para quê? Por nada? Para provar um ponto?

Eu me levantei e apoiei as mãos em seus ombros. — Não seria por nada, Seph. Seria por você.

Ela olhou para mim e cruzou os braços sobre o peito. — Não, isso seria por você. Então você começa a fazer esse grande sacrifício e daqui quinze anos que você olha para mim como uma estranha que roubou algo de você.

— Não passaria um dia sem você que eu não sentiria aquela sensação interminável de perda, sabendo que eu desisti de algo que nunca poderia voltar, sabendo que eu sacrifiquei estar com a pessoa que eu amo por fama e glória a estranhos que nunca poderiam significar tanto para mim quanto você.

— Você não está desistindo de nada. — Ela enfiou a dedo no centro do meu peito. — Eu não vou deixar você segurar isso na minha cabeça.

Os cantos de minha boca levantaram. — Isso significa que eu estarei por perto para não segurá-lo sobre sua cabeça?

— Estou com medo. — Ela mordeu o lábio inferior.

Eu a arrastei para meus braços. — Eu também estou com medo, Wild Child, mas com o seu cérebro e minha capacidade atlética, podemos ser mais espertos ou superar qualquer problema que enfrentarmos. — Passando meus dedos pela nuca, eu a segurei firme. Seu cheiro de lavanda e biblioteca era um perfume que eu usaria qualquer dia, se isso significava que eu a seguraria. — Pelo menos por mais alguns anos até que meus joelhos cedam.

Ela empurrou contra o meu peito e eu a afastei como um portão rangente que precisava de óleo. Eu nunca tomaria isso como garantido novamente.

— Eu não vou voltar para Boston. — Ela olhou nos meus olhos.

— Eu não me importo se você estiver indo para Timbuktu: nós descobriremos quando chegar a hora.

Suas sobrancelhas franziram e ela puxou os botões do meu casaco. — Você acabou de dizer que me ama?

Eu esperei o surto ou a vontade de recuar, mas não havia um. Havia apenas o brilho de seu sorriso e o calor da minha mão na dela. — Pode apostar sua bunda, e eu vou dizer isso todos os dias para o resto de nossas vidas. — Passei a mão na lateral do rosto dela e mergulhei a cabeça.

Seus lábios se separaram no convite mais doce, e eu derramei meu amor naquele beijo. A faísca eletrizante entre nós cresceu até que eu precisava levá-la para a superfície plana mais próxima imediatamente.

Um grito alto ricocheteou dos alto-falantes, seguido por alguns gritos e aplausos. Olhei para cima e vi que nós dois estávamos no telão.

Seph olhou para cima e suas bochechas ficaram vermelhas. Ela abaixou a cabeça, segurando a frente do meu casaco.

Ela virou a cabeça para trás. — O que diabos aconteceu com seus sapatos? — Ela olhou para eles como se fossem algo que rastejou para fora do fundo do mar.

Olhei para as monstruosidades cinzentas em meus pés e ri. — Depois do jogo, eu não conseguia encontrar o meu, então eu roubei o de Berk.

— Se você tivesse me mostrado isso, nem precisaríamos de todo o seu discurso. — Ela deu um rápido beijo nos meus lábios, rindo e balançando a cabeça. — Como vocês usam o mesmo tamanho, talvez você precisa deixá-lo ter um par. Isso aqui é o que, um buraco?

O lado do meu dedo mínimo do pé espreitou por um rasgo logo acima da sola de borracha desgastada do tênis. Eu balancei minha cabeça. — Ele está em pânico, sem esperança. — Eu segurei os dois lados do rosto dela e descansei minha testa contra a dela. — Vamos para casa.

— E onde exatamente é isso? — Ela puxou as bordas do meu casaco.

— Onde quer que estejamos. — Eu gemi. — Haverá uma festa louca na nossa casa – inferno, em todo o campus. Ela provavelmente continuará até a próxima semana.

Ela bateu o dedo ao longo de seus lábios. — Eu posso ter um lugar.

— Onde? — Ela se virou e caminhou, segurando minha mão. Corri para acompanhá-la enquanto ela dizia, — Você vai ver.

34

SEPH

Felicidade e buzinas soaram por todo o campus. As multidões itinerantes de líderes de torcida saqueavam cada esquina. A batida do tambor tocando a canção de luta da escola se aproximou. Esquivando-nos atrás de alguns arbustos, nos escondemos quando a banda improvisada passou, carregando um quinto do rum e seu próprio liquidificador movido a bateria em uma carroça eles rebocavam atrás deles.

A segurança do campus passou e cumprimentou eles. Se você não pode vencê-los, junte-se a eles, certo? Provavelmente não havia blocos de notas suficientes para dar advertência a cada pessoa em todo o campus.

Empurrando os arbustos úmidos e escorregadios para o lado, voltamos para o caminho.

— Não que eu esteja reclamando nem nada, mas onde no campus você acha que vamos encontrar um lugar que não está ficando louco agora?

Puxei-o para a frente, virando a esquina. Ele olhou para o prédio de pedra e sua cabeça inclinou para o lado.

— Confie em mim.

Entramos pelas portas automáticas duplas. Havia papéis espalhados por todo o chão, mochilas abandonadas e copos de café órfãos em todas as mesas. Parecia um filme de apocalipse zumbi. O balcão de circulação estava vazio e havia um sussurro tranquilo no interior.

— Eu disse que ia encontrar um lugar.

Ele balançou sua cabeça. — Eu deveria saber que você tem a trilha interna no local mais silencioso do campus.

— Onde eu estudo, é assim o tempo todo, não no pós-apocalíptico, as pessoas simplesmente desaparecem no meio do que eles estavam fazendo, e mais mais ninguém esteve aqui durante anos.

— O que exatamente você quer que façamos quando chegarmos a este local calmo? — Seus dentes raspam a pele no lado do meu pescoço.

— É um bom lugar para conversar. — Eu deixei escapar um suspiro trêmulo enquanto ele chupava meu ponto pulsante. Apertando minhas coxas juntas, tentei focar no que eu estava dizendo e fazendo. Muitos dias se passaram sem sentir seu toque.

— Tudo o que você quer fazer é conversar? — Ele apertou seu braço em volta de mim, correndo o polegar sobre meu ombro. Mesmo através do meu casaco, eu podia sentir cada toque.

Lambi meus lábios e assenti. — Você precisa me dizer sobre o seu Natal.

— Claro, eu tenho uma apresentação de slides no meu celular, eu posso mostrar a você. — Ele me soltou e pegou minha mão.

— Mesmo?

— Infelizmente sim. Minha mãe e meu pai montam uma todos os anos, como uma pequena revisão de final do ano. Eles enviam por e-mail para nós e depois analisamos no dia de Natal. Eu sempre achei estranho, mas agora faz mais sentido.

— Por quê? — Eu procurei em seu rosto a resposta.

Ele apertou minha mão. — Eu vou te dizer mais tarde.

— Eu quero ver o slide. Eu tenho certeza que é incrível. — Eu peguei o celular dele.

Ele o ergueu bem alto. — Nós não estamos vendo meu slide de Natal de família. Leve-me ao seu covil vou seguir o seu caminho. — Reece passou o braço em volta de mim, beijando o lado do meu rosto.

O elevador estremeceu, as portas se abriram como se estivesse dormindo por cem anos.

— E se fizermos uma aposta? — Eu bati meu dedo no meu queixo.

Ele apertou os olhos e olhou para mim pelo canto dos olhos. — Se isso me deixar nu novamente, eu sou a favor. — Seu sorriso era tão infeccioso quanto um bocejo.

— Depois a apresentação.

Ele resmungou ao meu lado.

O elevador roncou e tremeu, nos levando para o terceiro andar. Elevadores antigos era o que tinha em bibliotecas como essa. As costas da sua mão roçaram na minha, minha necessidade por ele florescendo profundamente no meu estômago se espalhando por todo o meu corpo. Puxando-o para fora, saboreamos a necessidade de nos aprofundarmos como mergulhar de cabeça em uma onda.

— Aqui está o acordo.

— Eu estou ouvindo. — Ele cruzou os braços sobre o peito. Seu casaco se estendia firmemente pelo corpo musculoso.

— Quem chegar a minha sala de estudos primeiro decide o que fazemos lá.

— Você quer correr comigo. — Ele balançou a cabeça como se eu tivesse feito uma aposta em um cavalo que eles colocariam após a corrida.

Eu estiquei a minha mão. — Combinado?

Seu sorriso preguiçoso era uma emboscada sexual. Meu coração deu um pulo e ele enfiou a mão na minha, as pontas dos dedos roçando o interior do meu pulso. — Feito, Wild Child.

Um chiado de prazer rolou pela minha espinha quando ele disse isso. Eu poderia ser selvagem com ele.

As portas do elevador se abriram. Eu puxei minha mão livre de seu aperto e disparei, abrindo as portas em retirada antes que elas estivessem totalmente abertas.

— Mas eu não sei onde é sua sala de estudos! — Ele me chamou.

Olhando por cima do meu ombro, eu ri ao ver a expressão de olhos arregalados no rosto de Reece. — Eu sei!

Seus lábios se curvaram em um sorriso predatório e feliz quando ele saiu atrás de mim.

Abaixei-me em um dos corredores com fileiras. Nosso jogo de gato e rato foi o lançamento que precisávamos. Onde mais poderia fazer isso do que em uma biblioteca deserta? Minha própria casa.

O baque pesado de seus passos silenciados no tapete maçante enviou um arrepio pela minha espinha. Eu escorreguei pela extremidade de uma prateleira e andei na ponta dos pés mais para trás em direção a minha sala de estudo. Vi sua sombra passar pelas lacunas dos livros nas prateleiras enquanto eu me abaixava.

Meu coração batia forte no meu peito e eu bati meus lábios para não rir. Deslizando meu casaco, eu o joguei na próxima fileira de livros para distraí-lo e saí na direção oposta.

Seus passos bateram atrás de mim. — Tudo o que você está conseguindo fazer é se vestir menos para mim. — Ele declarou em uma voz cantada.

Eu andei pelas fileiras, amaldiçoando meu senso de direção. Eu estava no lado errado da ampla passagem entre as duas metades da sala. Espreitando a partir do final da linha, fiz uma pausa. Eu cheguei na metade do corredor com a porta da sala de estudo à vista.

Talvez eu fosse cruel, mas o pensamento de começar a levar o meu tempo folheando o slide da família enquanto ele saía de sua pele ao meu lado fez a perseguição valer a pena. Seria tão difícil para mim quanto para ele, mas quem não amava um pouco de gratificação atrasada?

Em poucos segundos, como um assassino em série em um filme, ele me agarrou e me levantou do chão. Eu gritei e tentei fazer uma pausa para a sala de estudo. Ele jogou nossos casacos no chão. O zumbido da iluminação fluorescente era nossa única companhia além dos livros nas prateleiras, mas uma nova chegada se deu a conhecer, pressionada contra minhas costas.

— Eu disse que ia pegar você. — Ele me virou, levantando minhas mãos e fixando-as acima da minha cabeça.

Sua mão serpenteava entre nós e puxou a minha camisa, expondo a minha pele para o ar fresco da sala e seu toque aquecido. Minhas mãos pressionaram contra as prateleiras frias de metal. Meus dedos roçaram as lombadas dos livros. Um arrepio percorreu meu corpo quando a mão de Reece mergulhou na parte de trás da minha calça, segurando minha bunda.

— Imaginei que uma vantagem ajudaria.

Tirou a mão e trabalhou rapidamente, desabotoando e abrindo minhas calças e empurrando-as pelas minhas pernas. Eu comecei a sentir arrepios quando a brisa gelada da sala deslizou pela minha pele. Não tinha absolutamente nada a ver com as quantidades loucas dos hormônios que corriam pelo meu corpo ou com o jogador de futebol americano que me despia em público.

— Não quando você é o prêmio.

Seus dedos deslizaram ao longo do meu estômago, enviando arrepios de prazer através do meu corpo. Ele empurrou a frente da minha camisa para cima e sobre os meus seios, expondo o meu sutiã. Dando um beijo no topo de cada um, ele olhou para mim como se eu fosse o altar e o culto estava prestes a começar.

Olhei para a porta fechada da minha sala de estudo. Estávamos perto.

— Você não vai conseguir. Este lugar está deserto. Que tal adicionar outra primeira vez a sua lista?

— Qual? — Lambi meus lábios secos.

Ele apertou o botão do seu jeans, e o baque abafado no chão enviou ondas de prazer passando pela minha boceta.

— Você vai descobrir.

Soltando a mão do meu pulso, ele segurou minha bunda, levantando minhas pernas ao redor de seu quadril. O empurrão duro e insistente de seu pau contra a minha fenda enviou um arrepio através de nós dois. Meu corpo estava em chamas e eu me apoiei contra ele.

Nós congelamos no segundo que sua cabeça grossa empurrou dentro de mim.

— Oh merda. — Eu gemia e segurei as prateleiras atrás de mim.

Ele se agachou, enquanto me segurava e sacudiu a carteira do bolso de trás da calça jeans no chão. Ela caiu no chão quando ele libertou um preservativo a partir dos limites de couro. Rasgando-o com os dentes, ele o rolou, me segurando com um braço. Ele era força bruta e muscular, e eu estava mais do que feliz em ter um lugar na primeira fila para sua próxima demonstração de talento atlético.

Em um impulso suave e sólido, ele se incorporou em mim, me esticando ao meu limite e roubando meu fôlego. Reece assobiou quando apertei minhas pernas em volta dele e fazia pequenos círculos.

Passei meus braços em volta do seu pescoço, segurando-me freneticamente pelo orgasmo que ocilava à beira. As prateleiras tilintaram e sacudiram atrás de mim.

Ele apertou e massageou minha bunda, nunca deixando nossos corpos separados por mais de um segundo. O suor escorria na minha pele. Mergulhando os joelhos, suas estocadas mudaram de direção e ele esfregou o local dentro de mim que me iluminou como uma queima de fogos de Ano Novo. Mordi seu ombro. Minha boca se encheu com o sabor salgado de sua pele. Meu grito abafado foi enterrado em seu ombro e ele continuou me batendo com seu pau grosso. Ele pressionou o rosto contra o meu pescoço e gemeu. Ele expandiu dentro de mim, provocando outra onda de prazer que fez meus olhos revirarem.

Ofegante, ele nos abaixou no chão. Nossos casacos constituíam um ninho improvisado para nossa recuperação. Ele colocou o casaco em cima de mim e me deitou em seu peito.

— Eu acho que ainda não descobri qual é a nova adição para na minha lista. — Eu passei meu dedo pelo peito dele.

Ele riu, seu corpo vibrando debaixo de mim. — Eu vou ter que continuar tentando até você descobrir então.

Eu levantei minha cabeça. Sua respiração desacelerou e ele se recostou com os olhos fechados. Passei a ponta dos meus dedos sobre suas bochechas e pálpebras.

Ele colocou a mão atrás da cabeça e olhou para mim. — Eu tenho uma coisa para você.

— A apresentação de slides?

Ele balançou a cabeça com a esperança escorrendo da minha voz. — Apenas espere até que você ter que passar por isso no próximo Natal. Então você vai se arrepender.

Próximo Natal. Eu mal podia esperar. Ele me mudou para o outro lado e alcançou debaixo dele. — Eu precisava devolver isso para você. — A corrente de prata com o pingente balançou para frente e para trás, enquanto pendia de sua mão.

Minha garganta se apertou e meus olhos se encheram de lágrimas. Piscando para longe, eu me sentei. Ele a colocou em torno do meu pescoço, fechando o fecho e beijando a parte de trás do meu ombro. — Sempre foi sua e isso sempre foi verdade, e eu queria que você tivesse isso. — Olhei por cima do meu ombro e beijei. Afundando aquele beijo, eu estava pronta para a segunda rodada.

Houve um leve toque. Nós dois nos separaram e olhamos um para o outro.

— Isso foi... — O barulho estridente da porta velha se abrindo confirmou o meu pior medo. Nós nos esforçamos para colocar as nossas roupas de volta, o barulho abafado de passos se aproximando a cada segundo.

Com minhas calças abotoadas, eu enfiei meus braços em meu casaco, e Reece agarrou o invólucro do preservativo no chão, enfiando-o no bolso. De mãos dadas, nós caminhamos pelo corredor lateral em direção ao elevador e quase corremos para o único outro cara em todo o campus que achava que agora era o melhor momento para ir à biblioteca.

Ele pulou e quase derramou seu café. Eu ri, enterrando a cabeça no ombro de Reece, e corremos para o elevador. Eu podia sentir os olhos do cara em nós enquanto andávamos rapidamente para sair de lá. Uma vez lá dentro, ele olhou para mim.

— Você sabe que o seu casaco está do avesso, certo?

Olhei para o forro do meu casaco, que estava, de fato, no avesso. Empurrando seu ombro, eu dei de ombros e virei para o lado direito. — Por que você não me contou?

— Eu estava feliz que ele não viu sua calcinha saindo do meu bolso. — Ele puxou a borda azul brilhante de renda saindo da calça jeans.

Alguém colocou um lança-chamas nas minhas bochechas. Reece beijou o lado da minha cabeça. — Vamos, Wild Child. Temos algumas celebrações a fazer.

EPÍLOGO

REECE

Sentei no banco com meus cotovelos apoiados nas pernas. Não poderia ter havido uma primeira temporada mais perfeita nos profissionais. O estádio vibrou ao nosso redor. As arquibancadas eram um organismo vivo alimentado pelas jardas conquistadas no campo, um mar de verde e ouro. O suor escorria da ponta do meu nariz. Examinando a multidão, eu os vi. Ninguém queria os bilhetes caixa do céu; eles queriam estar certos na ação.

Seph era fácil de identificar, em seu casaco vermelho, um movimento ousado em uma multidão toda vestida de verde. Ela estava com o cabelo preso em uma coroa de tranças eu mal podia esperar para soltar mais tarde. Desarrumá-los e deixá-los soltos, fios de caramelo passando pelos meus dedos era um ritual pós-jogo que eu nunca quero ficar sem.

Mamãe e papai sentaram-se ao lado dela, com seus braços em volta um do outro. Depois de uma longa conversa com o meu pai, nós finalmente começamos a consertar a brecha que estava lá desde que eu peguei uma bola de futebol. Eu tive sorte que eles não estavam se beijando. Eles vêm a cada jogo em casa nesta temporada.

Piscando de volta umidade nos meus olhos, eu acenei para eles.

Um grito afiado, alto mesmo sobre o frenesi da multidão, chamou a minha atenção. Com as mãos em concha ao redor da boca, Nix gritou para mim, sua voz carregada apesar do alvoroço. — Demorou três jogos para fazer seu primeiro touchdown. Estou muito desapontado. — Seu sorriso largo mostrou que ele não estava.

— Por que você não traz seu traseiro aqui, então?

Ele deu de ombros e jogou para trás, — Eu vou deixar isso para os profissionais.

— Desculpa.

O jogo terminou com mais uma vitória para nós. Se mantivéssemos este ritmo, pode ser uma temporada de estandartes com hóquei e futebol, cada um conquistando um campeonato para Philly. Entrei e saí

do vestiário o mais rápido que pude, nenhuma coletiva de imprensa para mim. Se eu tivesse que fazer de novo, ainda seria muito cedo.

Meus pais, Seph, e Nix esperavam por mim no corredor.

— Você está pronta? — Enfiei minha mão na dela. Trazendo até minha boca, eu beijei as costas de sua mão.

— Sim, minha mãe me mandou uma mensagem dizendo que eles estão quase no hotel. Eu gostaria que eles tivessem conseguido um voo mais cedo para vê-lo jogar.

— Há muito tempo para isso, e nós vamos estar em Seattle no final da temporada. Posso fazer com que estendam o tapete vermelho para eles.

— Apenas certifique-se de não comer qualquer um dos assados que a tia Sophie trouxe esta noite. — Ela alertou a todos.

— Querido, você foi maravilhoso. — Mamãe me beijou na bochecha e me apertou.

— Grande jogo, filho. — Meu pai me abraçou e me deu um tapinha nas costas. — Continue jogando assim e eu terei um fornecimento estável de tortas chocolate para você em casa.

— Eu sinto que você está tentando me engordar.

Ele riu e passou o braço em torno do ombro da minha mãe.

— Ele está tentando tirá-las de casa. Ele está estressado, então já tem dez na geladeira – não que eu esteja reclamando.

Meu olhar se voltou para ele e ele disse: — O problema é meu, não seu. Continue fazendo o que você está fazendo. Eu estou orgulhoso de você. — Ele piscou como se tivesse algo em seus olhos e apertou a mão em volta do ombro da mamãe.

Suas palavras me atingiram bem no peito e eu assenti.

— Todo mundo pronto para comer? — Nix esfregou as mãos.

— Agora você parece o Berk. — Nós caminhamos para fora do estádio. Dividindo entre os carros, chegamos ao restaurante. Coloquei a mão nas de Seph no console central. Ela tirou os olhos da estrada e sorriu para mim.

Não importa quantas vezes ela tenha feito isso, era como a primeira vez, uma sensação de raios de sol atingindo meu rosto depois de um dia triste. Eu amei essa mulher mais do que eu jamais pensei ser possível.

— O que está acontecendo? — Ela apertou minha mão. Esse gesto tranquilizador me deixou saber que ela estava lá para mim e seria sempre lá para mim.

— Nada, felizmente as aulas terminaram, então você tem que vir ao meu jogo.

— Quem teria pensado que eu estaria mais ocupada do que você este ano, Sr. Jogador de futebol profissional?

— Você tem sorte que eu mantenho a casa limpa e sou um excelente cozinheiro.

— Eu sou tão sortuda.

SEPH

Chegando ao restaurante, vi minha tia Sophie imediatamente, e dei uma olhada dupla quando eu olhei para a pessoa ao seu lado. *Mãe!* Foi uma transformação completa. O cabelo de tia Sophie estava tingido de um verde claro, quase um verde azulado, e cabelos castanhos geralmente da minha mãe eram de um vermelho forte e ousado.

Eu nunca entendi *tudo isso é coisa da sua mãe ou sua irmã*, mas eu não ficaria surpresa se as pessoas pensassem que eu era a mãe dela do jeito que ela estava. Quando tia Sophie e eu fomos juntas à minha casa, eu não sabia se minha mãe viria conosco. Eu mal tinha convencido Reece ficar para trás no hotel e por mal, quero dizer que eu não tinha. Ele esperou no carro fora da casa para o caso de haver quaisquer problemas.

Eu entrei pela porta da frente. — Mãe? — Eu fiquei no meio da entrada, chamando por ela, que eu nunca tinha feito antes. Tia Sophie ficou ao meu lado.

A corrida apressada, mas sem som de sua descida pelos degraus era o único som em toda a casa, além do tique-taque do relógio de pêndulo na sala de estar.

— Seph, o que há de errado? Você está bem? — Ela olhou para mim com os olhos arregalados como se ela esperasse me encontrar com um membro do meu corpo pendurado. — Sophia, o que você está fazendo aqui?

— Eu estou aqui para fazer o que eu deveria ter feito anos atrás. Estamos indo.

— Onde vocês duas estão indo? — Seu olhar saltou entre nós e torceu as mãos na frente dela.

Dando um passo à frente, agarrei o braço dela gentilmente. — Não eu e tia Sophie, mãe – nós três. Eu vou ficar em Philly. Eu revi tudo com o Dr. Huntsman. Vou me formar no final do próximo ano e terminar meu doutorado lá.

Mãe olhou por cima do ombro. — Mas o seu pai

— Não tem voz no que eu faço, ou no que você faz. — Deslizei minha mão pela dela. — Venha com a gente, mãe. Ele não tem poder sobre você, e eu não vou mais deixá-lo arruinar nossas vidas.

— Helen, que barulho é esse? — Meu pai apareceu na entrada, e cada músculo do corpo de minha mãe se contraiu como uma gazela presa na mira.

— Olá, Arthur.

— Sophia. — Minha mãe pulou em seu desdém.

— É assim que você cumprimenta sua cunhada, seu idiota insuportável?

Os olhos de meu pai se arregalaram e seu rosto ficou vermelho como beterraba. — Saia da minha casa.

— Com prazer. Helen, vamos embora. — Tia Sophie abriu a porta da frente.

— Helen. — Como se o tom de aviso em sua voz que tinha sido triturado em nossos cérebros não fosse suficiente, ele baixou a mão na parte de trás de seu pescoço. Ela respirou fundo e eu soltei a mão dela.

Canalizando cada palavra áspera, comentário desdenhoso, e memória de contusões, eu plantei minhas duas mãos no centro do seu peito e o empurrei. Ele cambaleou para trás e bateu as costas contra o

relógio. — Você nunca mais fará isso. Você nunca mais vai colocar a mão sobre ela ou sobre mim novamente. Na verdade, depois de hoje, eu nunca mais quero falar com você.

Ele olhou para mim como se eu fosse uma estranha, que era exatamente o que eu queria que ele fosse para mim.

— Mãe, eu te amo. Eu te amo tanto e eu não quero ver você infeliz. Eu não quero que você tenha que pisar em ovos em sua própria casa. Por favor, venha conosco. Não há mais nada para você aqui. — Eu estendi minha mão, com lágrimas brotando nos meus olhos. O contorno dela ficou embaçado e o caroço no meu peito ficou mais pesado.

Ela olhou para o meu pai. Ele se afastou do relógio.

— Helen. — O tom não era mais um aviso, agora uma ameaça.

— Helen, nós podemos fazer isso juntas. — Tia Sophie estendeu a mão ao lado da minha.

A garganta de mãe se apertou e ela deu um meio passo para a frente. A mão de meu pai disparou e envolveu seu pulso.

— Arthur, eu juro, eu vou enfiar meu sapato tão profundo na sua bunda que você experimentará cânhamo¹⁷ para o resto de sua vida. Tire suas mãos dela. — Eu nunca pensei que tia Sophie tivesse levantado a voz, mas o fogo líquido escorria de cada palavra dela.

O rosto de meu pai empalideceu e ele a soltou.

— O que você diz, Wild One – pronta para outra aventura? — Os olhos e voz de Tia Sophie suavizaram, e mamãe pegou ambas as nossas mãos.

As lágrimas caíram pelas minhas bochechas como um alívio correndo por mim.

Abrimos a porta da frente e Reece parou de andar na calçada de tijolos. Seu olhar disparou para o meu choro e voltou para a porta aberta. Os músculos do pescoço dele se contraíram. Quando tia Sophie e mamãe saíram depois de mim, todo o seu corpo relaxou.

¹⁷ É uma espécie de planta palmatinerva, que é cultivada tanto por causa da haste que fornece excelente fibra têxtil, como pelos frutos que dão óleo.

Ele colocou seu braço em volta de mim. — Você precisa que eu pegue alguma coisa lá dentro?

Mamãe olhou para a casa. — Não, eu tenho coisas mais importantes aqui mesmo. — Ela apertou minha mão e a da tia Sophie, e esse foi o seu novo começo. Foi o meu novo começo também.

Eu nunca tinha visto esse lado dela, mas eu adorava conhecê-la novamente como sua própria pessoa.

— Querida. — Ela me envolveu em um abraço enorme. Tia Sophie também se juntou, e qualquer um que assistisse pensaria que fazia anos desde que nos vimos, não apenas um mês.

Tentei ignorar Berk flertando com a minha mãe e tia durante o jantar. Cabeças se viraram quando risos explodiram de nossa mesa, e eu não me importava nem um pouco. Todos os olhos no lugar estavam em nós, e como eles não poderiam estar quando um dos queridinhos do futebol da Philadelphia estava sentado na nossa mesa?

O jantar virou bebida após o jantar, e nós dançamos na pequena pista de dança em frente da banda que estava tocando. O braço de Reece estava em volta da minha cintura, e a outra mão segurava a minha.

Ele teve um outro jogo de parar o coração. Vê-lo em campo, eu não sabia como ele poderia ter pensado em fazer qualquer outra coisa.

— Você está dura de repente. Em que pensamentos profundos que está se metendo?

Abri a boca, mas depois a fechei. Talvez eu não queria saber a resposta.

— Fale. — Ele me virou e me puxou em sua direção.

Lambi meus lábios e respirei fundo. — Depois de passar metade da temporada nos profissionais, você acha que realmente poderia ter desistido? Como se enlouquecesse e dissesse que eu não queria que você jogasse e queria que você apenas me seguisse aonde eu quisesse fazer o meu doutorado, você realmente faria isso?

Ele passou a mão ao lado do meu rosto, segurando minha bochecha. — Num piscar de olhos. O futebol não vai durar para sempre. Nós somos para sempre. Você me mostrou isso. E se eu tivesse jogado sem você, eu estaria vazio. Tudo o que eu teria era o jogo, e

então um dia isso iria embora e eu saberia exatamente o que eu perdi. Colocar um contrato profissional contra estas mãos... — Ele pegou minha mão na sua. — Esses lábios... — Inclinando-se, ele capturou meus lábios com os seus, saboreando meus beijos. — Este cérebro... — Ele fez cócegas na minha nuca. — Não é nenhuma competição. Você é mais do que suficiente. Você é perfeita.

FIM